

A AFLIÇÃO MENTAL E A DEPRESSÃO

Timothy Rogers



CASUÍSTICA
PURITANA

A AFLIÇÃO MENTAL E A DEPRESSÃO

Um Tratado Sobre a Angústia da Mente e a Doença da Melancolia

Em Três Partes.

Escrito para o auxílio daqueles que estão, ou já estiveram, afligidos pelas mesmas enfermidades.

Por Timothy Rogers
(Mestre em Artes), que durante muitos anos sofreu intensamente com ambas.

Acrescido de
Cartas de diversos ministros e teólogos
relacionadas ao mesmo assunto.

Edição em Português

Traduzido, Editado, Revisado e Diagramado por Casuística Puritana

Ano de publicação: **2026**

Instagram: [@casuisticapuritana](https://www.instagram.com/casuisticapuritana)

Site oficial: Casuística Puritana

Nota Editorial

Esta edição em português foi cuidadosamente traduzida, revisada e modernizada para o leitor contemporâneo, buscando preservar a fidelidade teológica, histórica e literária da obra original de Timothy Rogers, publicada originalmente em 1691.

A tradução e a revisão deste volume contaram com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial, empregadas como suporte técnico no processo editorial, incluindo assistência linguística, padronização textual, verificação estilística e revisão auxiliar.

O objetivo desta edição é tornar acessível ao público de língua portuguesa uma das mais importantes obras puritanas sobre aflição espiritual, sofrimento psicológico e consolação cristã.

Fonte do Texto Original

Texto original digitalizado a partir da edição inglesa de 1691:

[University of Michigan – EEBO Text Creation Partnership](#)

Edição moderna em inglês formatada e anotada por William H. Gross (2021).

Sumário

ESBOÇO BIOGRÁFICO	5
Prefácio do Editor	9
Esboço Biográfico.....	13
DEDICATÓRIA.....	17
O PREFÁCIO	21
CARTAS DE DIVERSOS TEÓLOGOS	41
CARTAS AOS PARENTES.....	50
PARTE I	59
INTRODUÇÃO	59
CAPÍTULO 1 A Ira de Deus para com Seus Servos.....	63
CAPÍTULO 2 A Ira de Deus para com Seu Povo é Breve	68
CAPÍTULO 3 As Vantagens da Ira de Deus	78
CAPÍTULO 4 O Grande Amor de Cristo ao Sofrer a Ira de Deus	93
CAPÍTULO 5 Iras Prolongadas são Irrazoáveis.	102
CAPÍTULO 6 O DEVER DE SENTIR A IRA DE DEUS	119
CAPÍTULO 7 O que fazer se você pensa que Deus está irado com você.	133
CAPÍTULO 8 Sobre a Fé em Cristo	147
CAPÍTULO 9 Atos Diretos de Fé.....	159
CAPÍTULO 10 Pessoas em Angústia não devem buscar Convicção, mas o Pecado	169
CAPÍTULO 11 Uma Consciência Angustiada não é sinal de Reprovação	180
CAPÍTULO 12 Os fins de Deus em longas aflições	190
CAPÍTULO 13 O Dever daqueles libertos da Melancolia	209
PARTE II	225
CAPÍTULO 1 A vida que desfrutamos pelo favor de Deus.....	225

CAPÍTULO 2 Sobre o céu e o inferno	240
CAPÍTULO 3 O Favor de Deus deve ser Buscado Diligentemente.....	258
CAPÍTULO 4 Acautele-se para não perder o favor de Deus.....	269
CAPÍTULO 5 Sobre a Segurança	289
CAPÍTULO 6 Como podemos saber que temos o Favor de Deus	299
CAPÍTULO 7 Como preservar o senso do favor de Deus.....	315
CAPÍTULO 8 Os privilégios daqueles que têm o favor de Deus	328
PARTE III.....	335
CAPÍTULO 1 As muitas misérias desta vida mortal.....	335
CAPÍTULO 2 A queda de Adão foi a causa de nossas misérias	346
CAPÍTULO 3 Os bons cristãos têm ocasiões únicas para chorar.....	353
CAPÍTULO 4 Que apreensões terríveis tem uma alma desamparada..	366
CAPÍTULO 5 Respondendo a algumas Objeções	381
CAPÍTULO 6 Por que as pessoas melancólicas e perturbadas amam a solidão	389
CAPÍTULO 7 A alegria que enche a alma quando o favor de Deus retorna	399
CAPÍTULO 8 A alegria que vem após um longo desamparo	412
CAPÍTULO 9 Os fins que Deus tem nas Aflições.....	424
CAPÍTULO 10 Conclusão de todo o Tratado.....	430

ESBOÇO BIOGRÁFICO

Timothy Rogers (1658–1728) foi um ministro não-conformista inglês. Filho de John Rogers (1610–1680), nasceu em Barnard Castle, Condado de Durham, em 24 de maio de 1658. Educou-se na Universidade de Glasgow, onde ingressou em 1673, e posteriormente estudou sob a orientação de Edward Veal em Wapping.

Rogers iniciou sua carreira no ministério dissidente como conferencista noturno em Crosby Square, Bishopsgate. Algum tempo depois de 1682, foi acometido por uma forma de hipocondria, da qual se recuperou em 1690, tornando-se então assistente de John Shower. Shower era ministro da congregação presbiteriana em Jewin Street e mudou-se em 1701 para a Old Jewry Meetinghouse.

A hipocondria de Rogers retornou e, em 1707, ele deixou o ministério. William Ashhurst e Thomas Lane, dois políticos do partido Whig de Londres, auxiliaram Rogers em sua condição, agora identificada como uma forma de depressão clínica; e a congregação de Old Jewry concedeu-lhe uma pensão. Retirando-se para Wantage, Berkshire, Rogers faleceu em novembro de 1728; foi sepultado no cemitério da igreja em 29 de novembro.

Timothy Rogers descreve a depressão (melancolia) como algo causado por um problema de pecado: "Um senso de pecado e grande tristeza por ele", "um senso da ira de Deus e medo do inferno", "terrores da alma", "perturbação de consciência", "terrores de consciência", "ansiedades da alma", "temores profundos e culposos", "senso de tormento", "dor excruciante, a perspectiva imediata da morte e, junto a isso, uma apreensão do desagrado de Deus e o medo de ser expulso de Sua presença

gloriosa para sempre", "angústia e aflição", "febre ardente", "falta de sono", "miséria real com a qual são atormentados", "medos e terrores que sobrecarregam nossas almas", "enche-os de angústia e tribulação".

Ele descreve como a mente pode adoecer o corpo: "Se um homem perturbado em sua consciência procura um ministro, pode ser que este olhe inteiramente para a alma e nada para o corpo; se ele procura um médico, este considera o corpo e negligencia a alma. De minha parte, eu jamais desejaria que o conselho do médico fosse desprezado, nem o trabalho do ministro negligenciado; porque, habitando juntos a alma e o corpo, é conveniente que, assim como a alma deve ser curada pela Palavra, pela oração, pelo jejum ou pelo consolo, também o corpo seja trazido a algum equilíbrio por meio de remédios, dieta, distrações inofensivas e meios semelhantes". Rogers nos adverte a não culpar o diabo por esta depressão: "Não atribuam os efeitos de uma mera doença ao diabo".

O *Discurso* de Rogers é uma exposição clássica da melancolia em sua estrutura religiosa. Desde sua dedicatória inicial a Lady Mary Lane, passando pelo prefácio de conselhos "aos parentes e amigos de pessoas melancólicas" e ao longo de seus 31 capítulos, o contexto e a explicação para o sofrimento baseiam-se na queda da humanidade do paraíso e na consequente distância da graça de Deus — uma percepção que está presente até mesmo em alguns relatos aparentemente menos religiosos sobre a melancolia que surgiram a partir do século XVIII. Como ministro não-conformista, Rogers estava claramente atento a essa estrutura; mas o que torna seu relato e conselho mais do que apenas doutrinários é o fato de estarem enraizados na experiência pessoal. Seu ministério foi em Londres, mas a contínua "perturbação mental" forçou sua mudança para uma

área mais rural, Wantage, em Berkshire. Até mesmo a gratidão pela recuperação expressa no *Discurso* provou-se prematura, pois os períodos de melancolia de Rogers persistiram por toda a sua vida. A experiência do sofrimento, entretanto, não apenas autentica suas descrições e informa sua compaixão, mas torna seus conselhos resolutamente práticos, indicando uma capacidade lúcida de observação e análise, mesmo enquanto passava pelos sofrimentos que recorda.

"As instruções detalhadas de Rogers sobre como cuidar de pacientes que sofrem de 'perturbação mental', especialmente da 'melancolia' de tipo religioso, são particularmente valiosas porque foram escritas a partir da experiência pessoal; como mostra o trecho, muitos de seus conselhos ainda podem ser aplicados utilmente pelo psiquiatra e pelo enfermeiro psiquiátrico hoje. Parece, por sua biografia prefixada à terceira edição de seu livro (Londres, 1808; uma segunda edição apareceu em 1706), que ele vinha de uma família na qual vários parentes próximos foram afetados de forma semelhante, 'de modo que seu caso poderia ser propriamente chamado de natural ou hereditário'. No final de seus vinte anos, ele teve seu primeiro colapso, 'uma melancolia profunda e estabelecida' que durou dois anos. Após sua recuperação, escreveu este livro como uma oferta por sua 'maravilhosa restauração', para cumprir 'o dever daquelas pessoas a quem Deus livrou da Melancolia e da angústia de suas consciências' e para mostrar 'o que se deve pensar daqueles que estão transtornados pela perturbação por seus pecados'. No entanto, ele continuou pelo resto da vida sujeito a 'um desânimo mental muito infeliz... presa de temores e apreensões sombrias', de modo que foi forçado a retirar-se para o campo, onde continuou a manifestar, 'embora em uma esfera

mais restrita, o mesmo zelo pela honra de Deus e pela salvação das almas dos homens".

Prefácio do Editor

*Por que você está abatida, ó minha alma?
E por que se perturba dentro de mim?
Espere em Deus, pois ainda O louvarei
Pelo auxílio da Sua presença. (Sl 42:5)*

Todos nós ficamos deprimidos de tempos em tempos. Mas a melancolia, ou o que hoje chamamos de depressão clínica, é bem diferente. O próprio Timothy Rogers sofreu com isso. Por essa razão, ele fala do assunto com uma familiaridade e uma compaixão que costumam faltar nos textos médicos. A solução que ele oferece não é psiquiátrica ou farmacológica; é espiritual. Ele propõe um remédio purificador, extraído inteiramente da Palavra de Deus e projetado para restaurar a ordem na alma quando ela cai em confusão.

Como? Rogers nos conduz por uma exploração do funcionamento interno da mente e das fraquezas do coração humano. Ele toca em cada parte doente e aplica ali a graça, a misericórdia e o amor de Deus, proclamando que há um bálsamo em Gileade cujo nome é Jesus Cristo. A depressão de um cristão é, com muita frequência, o resultado do esquecimento ou da descrença nas verdades fundamentais da fé. Assim, Rogers nos lembra dessas verdades extraordinárias, repetidas vezes, em diferentes contextos.

O que torna esta obra excepcional não é apenas o fato de ele estar à frente de seu tempo na análise do tema, mas o fato de sua expressão da verdade de Deus ser transmitida em uma forma poderosamente poética, rica em imagens e ilustrações. Sua afirmação de que falta eloquência ao livro não tem fundamento; achei a leitura cativante.

Sei por experiência própria que a depressão é um lugar sombrio e solitário; nela, podemos perder o senso de direção. As pessoas que sofrem com isso se afastam do convívio de amigos e familiares, ficando à deriva em um labirinto de pensamentos desconexos, medos irracionais e conflitos internos. Rogers navega por esse labirinto para o leitor, tendo encontrado o caminho de volta para a Luz.

Ele se dirige a dois públicos distintos. O primeiro é composto por amigos e familiares do sofredor. Eles querem saber como apoiar e cuidar do seu ente querido e, para isso, Rogers oferece orientações práticas. O segundo público é o próprio sofredor. Rogers pega ambas as partes pela mão e as conduz por esses corredores escuros. A vela que ele carrega é a Palavra de Deus. Ele sabe que argumentos puramente lógicos e repreensões severas adiantam pouco. Em vez disso, ele aplica o Evangelho, permitindo que ele exerça influência na mente e na alma do sofredor. Ele lembra os cristãos daquilo que já sabem e alerta os não crentes sobre o perigo à frente — mostrando que seus temores têm fundamento.

Os sofredores dividem-se em quatro categorias:

1. Aqueles que têm sido seguidores fiéis de Cristo, mas foram dominados por dúvidas e medos em relação à própria salvação;
2. Aqueles que negligenciaram os meios de graça e perderam a certeza da salvação;
3. Aqueles que, em algum momento, tiveram uma firme convicção de sua salvação, mas foram acometidos por algum pecado terrível que lhes custou a paz de espírito

— passando a duvidar de que o perdão ainda esteja disponível pela graça de Deus;

4. Aqueles que, como Jó, foram profundamente feridos por algum trauma, perda ou adversidade, o que os convenceu de que Deus é seu inimigo, e não seu amigo.

Essas quatro categorias de aconselhamento estão entrelaçadas ao longo de toda a obra.

Rogers estabelece uma base sólida para a nossa certeza da salvação somente pela graça, somente pela fé, somente em Cristo. Mais do que isso, ele nos assegura — ou melhor, nos reafirma — o amor infalível de Deus por Seu povo, especialmente diante do pecado, da adversidade, da disciplina divina e do sofrimento pessoal. Deus continua sendo nosso Pai celestial em cada provação da vida, e nós continuamos sendo Seus filhos amados. Pois ninguém pode nos arrebatar da mão de Cristo, nem da mão do Pai que nos entregou aos Seus cuidados (Jo 10:28-29). O Senhor, nosso Deus, tem um zelo constante por nós, e estamos eternamente seguros em Cristo, que morreu para nos conduzir a Deus (1Pe 3:18). Pela vontade de Deus, ninguém se perdeu ou poderá se perder (Jo 6:39). Descansemos nisso.

Adicionei um *Esboço Biográfico* baseado em diversas fontes para oferecer uma visão mais ampla deste homem e de sua vida para além do escopo deste texto. A depressão pode ser sazonal, assim como o seu alívio. Na vida de Rogers, essas fases iam, vinham e retornavam, como o *Esboço* revela.

Charles Spurgeon, que também sofria de melancolia, escreveu o seguinte:

“Sim, um filho de Deus pode passar muitos anos em desânimo profundo. Timothy Rogers foi vítima do

desalento por muitos anos e, no entanto, saiu para a luz; depois, registrou sua experiência em seu memorável livro sobre a 'Aflição da Mente', que tem sido de grande utilidade para outros em condições semelhantes."

Rogers escreve:

"Rogo a vocês que estão tranquilos agora que deem atenção a estas coisas. Pois, se caírem tão fundo, a angústia e a amargura de suas almas não permitirão que prestem uma atenção tão clara e cuidadosa ao que lhes será dito na ocasião, como podem fazer agora."

Essas são palavras de sabedoria.

Seja para aprender a ajudar aqueles que sofrem com a depressão, seja porque você mesmo está deprimido por sentir que Deus se afastou, este livro é um remédio para a sua alma, tanto preventivo quanto curativo. Se às vezes soa evangelístico, é porque o Evangelho não é apenas redentor para os perdidos, mas também restaurador para os que já foram encontrados.

William H. Gross
1 de junho de 2021

Esboço Biográfico

Timothy Rogers (1658–1728) foi um ministro não conformista inglês. Filho de John Rogers (1610–1680), ele nasceu em Barnard Castle, no condado de Durham, em 24 de maio de 1658. Estudou na Universidade de Glasgow, onde se matriculou em 1673, e depois prosseguiu seus estudos sob a tutela de Edward Veal em Wapping.

Rogers iniciou sua carreira no ministério dissidente como conferencista noturno em Crosby Square, Bishopsgate. Algum tempo depois de 1682, ele foi acometido por uma forma de hipocondria (termo usado na época para se referir à melancolia), da qual se recuperou em 1690, tornando-se assistente de John Shower. Shower era então ministro da congregação presbiteriana na Jewin Street e, em 1701, transferiu-se para a Old Jewry Meetinghouse.

A hipocondria de Rogers retornou e, em 1707, ele deixou o ministério. William Ashhurst e Thomas Lane, dois políticos do partido Whig em Londres, apoiaram Rogers em sua condição — hoje identificada como uma forma de depressão clínica —; e a congregação da Old Jewry concedeu-lhe uma pensão. Aposentado em Wantage, Berkshire, Rogers faleceu ali em novembro de 1728; ele foi sepultado no cemitério da igreja em 29 de novembro.

Timothy Rogers descreve a depressão (melancolia) como algo causado por um problema decorrente do pecado: “Uma percepção do pecado e uma profunda tristeza por ele”, “uma percepção da ira de Deus e o medo do inferno”, “terrores da alma”, “aflição de consciência”, “terrores de consciência”, “ansiedades da alma”, “temores paralisantes e de culpa”, “sensação de tormento”, “dor dilacerante, a perspectiva imediata

da morte e, junto com isso, a apreensão do desagrado de Deus e o medo de ser lançado fora de Sua presença gloriosa para sempre”, “angústia e aflição”, “febre violenta”, “privação de sono”, “uma miséria real com a qual são atormentados”, “medos e terrores que sobrecarregam nossas almas”, “enche-os de angústia e tribulação”.

Ele descreve como a mente pode adoecer o corpo: “Se um homem aflito em sua consciência procura um ministro, pode ser que este olhe inteiramente para a alma e de modo nenhum para o corpo; se ele procura um médico, este considera o corpo e negligencia a alma. De minha parte, eu jamais gostaria de ver o conselho do médico desprezado, nem o trabalho do ministro negligenciado; porque, habitando a alma e o corpo juntos, é apropriado que, assim como a alma deve ser curada pela Palavra, pela oração, pelo jejum ou pelo consolo, o corpo também seja reequilibrado por meio de remédios, dieta, distrações saudáveis e outras medidas semelhantes”. Rogers também nos adverte a não culpar o diabo por essa depressão: “Não atribuam os efeitos de uma simples doença ao diabo”.

O *Discurso* (*Discourse*) de Rogers é uma exposição clássica da melancolia em sua estrutura religiosa. Desde a dedicatória inicial a Lady Mary Lane, passando pelo prefácio de conselhos “aos parentes e amigos de pessoas melancólicas”, e ao longo de seus 31 capítulos, o contexto e a explicação para o sofrimento estão na queda da humanidade do paraíso e no consequente distanciamento da graça de Deus — uma percepção que se faz presente até mesmo em alguns relatos aparentemente menos religiosos sobre a melancolia surgidos a partir do século XVIII. Como ministro não conformista, Rogers estava claramente atento a essa estrutura; mas o que torna seu relato e seus conselhos mais do que meramente doutrinários é o fato de

estarem enraizados em sua experiência pessoal. Seu ministério ficava em Londres, mas a persistente “aflição mental” forçou sua mudança para uma região mais rural, Wantage, em Berkshire. Até mesmo a gratidão pela recuperação expressa no *Discurso* provou ser temporária, pois os períodos de melancolia de Rogers persistiram ao longo de toda a sua vida. A experiência de sofrer, contudo, não apenas valida suas descrições e fundamenta sua empatia, mas também torna seus conselhos firmemente práticos, demonstrando uma capacidade lúcida de observação e análise mesmo enquanto passava pelos sofrimentos que relata.

“As instruções detalhadas de Rogers sobre como cuidar de pacientes que sofrem de ‘aflição mental’, especialmente da ‘melancolia’ de natureza religiosa, são particularmente valiosas por terem sido escritas a partir da experiência pessoal; como o trecho demonstra, muitos de seus conselhos ainda podem ser aplicados com proveito por psiquiatras e enfermeiros psiquiátricos hoje. Consta em sua biografia, incluída na introdução da terceira edição de seu livro (Londres, 1808; a segunda edição foi publicada em 1706), que ele vinha de uma família na qual vários parentes próximos eram afetados de maneira semelhante, ‘de modo que seu caso poderia ser classificado como natural ou hereditário’. No final de seus vinte anos, ele teve seu primeiro colapso, ‘uma melancolia profunda e persistente’ que durou dois anos. Ao se recuperar, escreveu este livro como uma oferta de gratidão por sua ‘maravilhosa restauração’, para cumprir ‘o dever daquelas pessoas a quem Deus libertou da melancolia e da angústia de suas consciências’ e para mostrar ‘o que se deve pensar daqueles que estão desorientados pela aflição de seus pecados’. No entanto, ele continuou pelo resto da vida sujeito a ‘um desânimo mental

muito infeliz... presa de medos e apreensões sombrias', de forma que foi forçado a se retirar para o interior, onde continuou a manifestar, 'embora em uma esfera mais limitada, o mesmo zelo pela honra de Deus e pela salvação das almas dos homens''".

DEDICATÓRIA

*À muito honrada e respeitada Senhora,
A Senhora Mary Lane.*

Madame,

Vossa Senhoria tem um direito muito justo a esta Dedicatória; e sob o seu patrocínio, este livro pode aventurar-se ao público com boa segurança. Vossa Senhoria, mais do que qualquer outra pessoa, inquiriu-me a respeito do seguinte tratado e frequentemente me instou a imprimi-lo. Foi do seu agrado honrar-me, durante minha longa aflição, com suas gentis visitas; e, embora eu estivesse grandemente aflito, em graus que vão além do que é comum aos homens, ainda assim Vossa Senhoria me reanimou, e não pouco, por suas palavras compassivas e gentis, e pelas esperanças caridosas que nutria de meu livramento, embora frequentemente me tenha ouvido dizer que eu jamais seria liberto. Pensei que jamais teria descanso em meu corpo dolorido, nem qualquer esperança ou quietude em minha alma perturbada. Mas aquele Deus que é onipotente, e que ouviu as suas orações e as orações de muitos outros em meu favor, operou uma dupla salvação para mim. Aquele que é o Senhor da Natureza curou meu corpo; e Aquele que é o Pai das Misericórdias e o Deus de toda Graça deu descanso à minha alma cansada. Ninguém tem motivo para ser presunçoso ao considerar quais misérias senti por um longo tempo e como fui sobrecarregado com as mais profundas tristezas por muitos meses fúnebres seguidos. Tampouco alguém tem motivo para desesperar. Ninguém pode estar em estado mais baixo, mais próximo da morte e do inferno do que eu julgava estar. E, no entanto, eu vivo, e não estou sem alguma esperança revigorante da aceitação de Deus. E posso dizer com o Profeta: *Espere Israel*

no Senhor, pois no Senhor há misericórdia, e com Ele há copiosa redenção (Sl 130:7).

Vossa Senhoria jamais foi afligida, de fato, com aquela enfermidade e aquelas ansiedades de alma que trato no livro a seguir, e oro fervorosamente para que jamais seja. Pois a Melancolia é a pior de todas as doenças; e aqueles temores profundos e culposos que ela traz consigo são indescritivelmente terríveis. Mas sei que Vossa Senhoria passou por múltiplas aflições e teve várias perdas muito grandes. Vossa Senhoria perdeu, há alguns anos, um pai que era, de fato, em todos os aspectos — por sua santidade, seu temperamento equilibrado e seu espírito público e caridoso — digno de ser amado. E tenho certeza de que Vossa Senhoria o amou grandemente, como ele a amou, até o fim. Vossa Senhoria perdeu uma mãe a quem todos os que a conheciam valorizavam muito pela habilidade e experiência que possuía em questões de religião, e especialmente por seu admirável conhecimento das Sagradas Escrituras. E embora, na última parte de sua vida, ela não visse a luz deste mundo, sua alma foi recriada com uma luz espiritual e divina. E a perda de sua visão foi abundantemente recompensada pelas visões mais claras que teve de Deus e de uma vida futura. E para não mencionar outras perdas: Vossa Senhoria perdeu vários filhos, nos quais havia toda a doçura da juventude, todo aquele bom temperamento e aquelas aparências florescentes de esperança que poderiam tornar tais plantinhas desejáveis. Mas Vossa Senhoria suportou até mesmo uma perda tão grande com uma paciência submissa e cristã, sabendo que não tem tanto motivo para lamentar por aqueles que se foram, quanto para se alegrar por aqueles que ficaram, e que são um grande consolo para Vossa Senhoria — e que o sejam por muito tempo.

Como tive, por algum tempo antes disso, a honra de residir em sua família, sempre observei em Vossa Senhoria aquela mansidão e bom temperamento, aquela afabilidade e condescendência para com seus inferiores, que tornavam sua conversa exemplar e tornavam fácil e agradável para qualquer pessoa estar em sua casa. Se todas as damas e mulheres no mundo chamadas de "boas" fossem de um temperamento tão feliz quanto o de Vossa Senhoria, que mundo silencioso e pacífico teríamos então! O amor mútuo em que Sir Thomas e Vossa Senhoria vivem torna, de fato, o estado matrimonial excelente e honroso.

Pensei, ao chegar a descrever minhas perturbações interiores, que as descreveria com muito mais amplitude. Mas não ousei revisá-las com pormenores, temendo que os próprios pensamentos sobre elas pudessem novamente, em alguma medida, sobrecarregar-me. E, de fato, terrores interiores são coisas que podem ser tristemente sentidas, mas não podem ser plenamente expressas. Ter o senso de uma dor atormentadora e excruciante, a perspectiva imediata da morte — e, junto a isso, uma apreensão do desagrado de Deus e o medo de ser expulso de Sua presença gloriosa para sempre — isso foi parte do meu caso. E quem pode descrever aquela angústia e tribulação que tais apreensões causam em uma alma desolada e enlutada! No tratado seguinte, eu disse tanto quanto será, suponho, acreditado por aqueles que jamais estiveram em estado tão lamentável. E se eu tivesse dito mais, isso poderia, talvez, afundar algumas pobres almas que já estão em nível baixo o suficiente. E se eu não puder ajudá-las, o que é meu objetivo, certamente farei o possível para não piorar sua situação.

Madame, eu poderia dizer muitas coisas excelentes sobre Vossa Senhoria, as quais, na opinião de todos os que têm a

felicidade de conhecê-la, não seriam lisonja. Mas sei que suas virtudes são ilustres e evidentes por si mesmas, sem que eu me esforce para colocá-las sob uma luz mais aberta. Peço que desculpe a ousadia desta Dedicatória na qual, para falar sinceramente, tenho muito de egoísmo. Pois não duvido que, por meio do seu nome, este livro terá mais alcance público e, assim, será mais útil às pessoas sob longas e graves aflições, das quais este mundo miserável está repleto. Desejo a Vossa Senhoria uma continuação das bênçãos do céu junto às da terra, que possui em grande abundância; e que a lâmpada do Senhor brilhe constantemente sobre sua habitação, sobre Sir Thomas, sobre Vossa Senhoria e sobre todos os seus filhos.

E desejo que tenha a certeza de que não há ninguém que ore mais fervorosamente por seu bem-estar presente e eterno do que,

Honrada Madame,
O mais grato servo de Vossa Senhoria,

TIMOTHY ROGERS.

Londres, 8 de Set. de 1691.

O PREFÁCIO

*Contendo Vários Conselhos aos Parentes
e Amigos de Pessoas Melancólicas.*

Há uma diferença muito grande entre aqueles que estão apenas sob perturbação de consciência e aqueles cujos corpos estão grandemente enfermos ao mesmo tempo. Um senso de pecado e uma grande tristeza por ele podem, em algumas pessoas, não alterar em nada o seu estado anterior de saúde. E a misericórdia de Deus pode aliviá-las tão prontamente que não sofram declínios visíveis em sua constituição, mas tenham a felicidade de possuir mente e corpo sadios, ambos de uma vez. Não é em relação a esses que escrevo este Prefácio, mas para aqueles que estão sob uma melancolia profunda e enraizada. E aos seus amigos, julgo muito necessário dar os seguintes conselhos.

I. Primeiro, olhem para seus amigos angustiados como estando sob uma das piores moléstias às quais esta vida miserável está sujeita. A Melancolia apodera-se do cérebro e dos espíritos, e os incapacita para o pensamento ou para a ação. Ela confunde e perturba todos os seus pensamentos e, inevitavelmente, enche-os de angústia e aflição. Não há semelhança disso em nenhuma outra enfermidade, a menos que seja a de uma febre ardente. Considero como certo, e creio verdadeiramente, que não digo nada senão a verdade. Quando este humor maligno está profundamente fixado e espalhou sua influência perniciosa sobre cada parte, é tão vão lutar contra ele quanto lutar contra uma febre, uma pleurisia, a gota ou cálculos renais. Estas coisas são muito penosas para a nossa natureza e não podem ser remediadas pela determinação, nem pela força do vigor e da coragem. Alguém ficaria feliz em se livrar de coisas tão

opressoras; mas todo o nosso esforço não as fará desaparecer. E, de todos os inconvenientes da Melancolia, a falta de sono, que ela costuma trazer consigo, é um dos piores. É muito revigorante para um homem que sente dor o dia todo pensar que dormirá à noite. Mas quando ele não tem perspectiva nem esperança disso por várias noites seguidas, oh, que confusão então se apodera dele! Ele é como alguém no *rack*, cuja angústia não o deixa descansar. Por este meio, as faculdades da alma são enfraquecidas e todas as suas operações são perturbadas e nubladas; o pobre corpo definha e definha ao mesmo tempo.

Esta doença é mais formidável do que qualquer outra, porque comumente dura muito tempo. Leva muito tempo até chegar ao seu auge e, geralmente, o mesmo tempo antes de declinar novamente. E toda essa longa estação de sua continuidade é cheia de medo e tormento, de horror e choque. É, em todos os aspectos, triste e esmagadora. É um estado de escuridão que não possui raios de luz discerníveis. É como uma terra de trevas sobre a qual sol nenhum parece brilhar. De fato, ela geralmente começa no corpo e depois transmite seu veneno para a mente. E se algo pudesse ser encontrado que mantivesse o sangue e os espíritos em seu devido temperamento e movimento, isso obstruiria seu progresso posterior e, em grande medida, manteria a alma límpida. Não pretendo dizer-lhes quais remédios são adequados para removê-la, pois não conheço nenhum. Deixo que consultem os que são instruídos na profissão da Medicina e, especialmente, que recorram àqueles médicos que eles mesmos já a sentiram. Pois é impossível compreender plenamente a natureza dela de qualquer outra forma que não pela experiência. E essa pessoa deve ser muito valorizada, cujos esforços Deus abençoa para a remoção desta doença obstinada e violenta. Como diz o velho Sr. Greenham, há uma grande dose

de sabedoria necessária para considerar tanto o estado do corpo quanto o da alma:

Se um homem perturbado em sua consciência procura um ministro, pode ser que o ministro olhe inteiramente para a alma e nada para o corpo; se ele procura um médico, este considera o corpo e negligencia a alma. De minha parte, eu jamais desejaria que o conselho do médico fosse desprezado, nem o trabalho do ministro negligenciado, porque, habitando juntos a alma e o corpo, é conveniente que, assim como a alma deve ser curada pela Palavra, pela oração, pelo jejum ou pelo consolo, também o corpo seja trazido a algum equilíbrio por meio de remédios e dieta, por distrações inofensivas e meios semelhantes — desde que isso seja feito sempre no temor de Deus, para não pensar em sufocar ou escapar de nossas tribulações por esses meios comuns, mas usá-los como preparatórios pelos quais nossas almas possam tornar-se mais capazes para os métodos espirituais que devem seguir-se depois.

II. Segundo, olhem para aqueles que estão sob esta terrível doença da Melancolia com grande piedade e compaixão. E compadeçam-se deles ainda mais ao considerar que vocês mesmos estão no corpo e sujeitos à mesma tribulação. Pois, por mais vigorosos, por mais otimistas e por mais alegres que sejam, ainda assim podem encontrar aquelas cruces pesadas, aquelas aflições longas, dolorosas e agudas que podem abater o seu espírito. Muitos que estão longe de serem naturalmente inclinados à Melancolia foram acidentalmente sobrecarregados por ela devido à perda de filhos ou por algum desapontamento súbito e inesperado que arruinou todos os seus projetos e planos anteriores. Oh, que cada gemido que ouvirem de pessoas tão

aflitas afete profundamente os seus corações; e nunca olhem para elas senão com um olhar compassivo e preocupado; nunca olhem para elas senão para tirar este proveito para si mesmos: *O homem, em seu melhor estado, é pura vaidade*. Que isso os desapegue do mundo quando virem que, por uma doença como esta, um homem é rapidamente retirado de todos os seus negócios e tornado incapaz de gerir seus assuntos ou de prosseguir em seu trabalho anteriormente mais prazeroso. A Melancolia é uma complicação de angústias violentas e graves. É cheia de misérias; é, em si mesma, uma aflição feroz, e traz para nossos pensamentos e nossos corpos um mal após o outro, rapidamente.

Qualquer outra moléstia pode nos perturbar, mas esta nos assombra e confunde. Oh, olhem para seus amigos neste caso com grande ternura. Pois, infelizmente, eles estão feridos tanto na alma quanto no corpo; e em todo o mundo não há ninguém, no momento, em estado tão fúnebre quanto eles. Eles costumam caminhar como se estivessem no meio de fogo e enxofre; e, mui frequentemente, sob as próprias dores da morte e os suplícios do inferno — em grande perigo físico e em não menor calamidade espiritual. O fardo deles é, muitas vezes, mais pesado do que o seu gemido. Seus suspiros são profundos, seus corações estão afundados, suas mentes estão em chamas e eles caíram muito baixo. Estão pensando no que é triste e assustador, e não conseguem banir aquelas ideias que são tão terríveis. Se vocês vissem uma pessoa ferida, dilacerada e esquartejada em uma estrada, a visão de objeto tão deplorável os encheria de compaixão. A visão de seus amigos sob esta doença de que falo agora deveria comovê-los muito mais. Pois, a cada momento, ela os despedaça; a cada momento ela ataca seus órgãos vitais; eles estão continuamente morrendo — e, no entanto, não podem

morrer. Quando visitarem uma pessoa melancólica, façam esta reflexão: "Este meu amigo, há pouco tempo, regozijava-se no amor de Deus, assim como eu. Ele se reunia comigo em assembleias santas e cantava os louvores do Altíssimo com uma fisionomia tão agradável e um coração tão alegre quanto o meu. E agora ele está em desespero, horror e luto. Agora seu semblante e sua linguagem mudaram, e ele está todo dissolvido em amargura, lágrimas e dor. Oh, que coisa vã é o homem! Quão terrível é cair nas mãos do Deus Vivo! Meu pobre amigo, sob o senso do desagrado de Deus, jamais come ou bebe com prazer. Ele está coberto de tristeza, enquanto eu me alegro nas bênçãos da providência. Por este exemplo, aprenderei a valorizar minhas próprias misericórdias e a ter uma grande ternura por aqueles que foram trazidos a um nível tão baixo".

Se (como disse o Sr. Peacock em sua angústia) vocês sentissem a dor deles por apenas uma hora, teriam grande compaixão por eles. Cada uma de suas lágrimas e suspiros possui esta linguagem na qual o pobre e aflito Jó falou aos seus visitantes de coração endurecido: *Compadeçam-se de mim, compadeçam-se de mim, ó vós, meus amigos, pois a mão de Deus me tocou!* (Jó 19:21).

III. Terceiro, não usem discursos rudes com seus amigos quando eles estiverem sob a doença da Melancolia. Isso pode irritar, deixar perplexo e enfurecê-los mais, mas jamais lhes fará o menor bem. Alguns, de fato, os aconselharão a repreender e censurá-los em todas as ocasiões; mas ousou dizer com confiança que tais conselheiros jamais sentiram esta doença. Pois, se tivessem sentido, saberiam que, por tal método, apenas lançam óleo na chama e atiram e exacerbam suas feridas, em vez de curá-las. O Sr. Dod, devido ao seu espírito brando, manso e misericordioso, era considerado uma das pessoas mais aptas

para lidar com pessoas assim aflitas. Jamais houve ministro mais terno e compassivo, como descobrirão aqueles que lerem o relato do Sr. Peacock e da Sra. Drake, que foram muito reanimados por intermédio dele. Se vocês desejam ser úteis a tais pessoas, não devem afligi-las com discursos ásperos e rigorosos. Isso faz com que muitas pobres almas estimulem e escondam suas perturbações para seu maior tormento, porque encontram um tratamento muito rude por parte daqueles a quem começaram a explicar o seu caso. Nosso bendito Senhor e principal Médico foi manso e humilde, e não quebraria a cana esmagada, nem apagaria o pavio que fumeja. A primeira visita que o mencionado Sr. Dod fez ao Sr. Peacock em sua angústia foi para lembrá-lo da bondade de Deus, da qual lhe mostrou quatro partes:

- (1) Receber as pequenas coisas com bom humor,*
- (2) Releva as enfermidades,*
- (3) Ser facilmente exortável,*
- (4) Ser exortável para as maiores coisas.*

Vocês devem usar de muita prudência e gentileza com tais pessoas, não as contrariando e contradizendo em cada ocasião. Podem fazer-lhes muito bem com amor, mas com ira, nenhum. Se forem severos em suas falas, elas jamais se convencerão de que isso é feito por bondade e, assim, não darão importância alguma ao que vocês dizem. Não, suas palavras afiadas perfuram os corações delas como se fossem adagas e tornam aquela febre interior que as queima ainda mais quente e abrasadora.

Mas, de todas as pessoas, os ministros são especialmente dignos de culpa quando encontram pobres pecadores sobrecarregados com um senso de culpa, com os terrores de

Deus e abatidos pela Lei, e ainda assim pregam a Lei cada vez mais intensamente para eles. Isso é, de fato, lançá-los ainda mais para baixo, e não o caminho para levantá-los; é alargar e inflamar suas feridas, e não removê-las e curá-las; e é a tais pessoas que as palavras do Profeta podem ser aplicadas com muita justiça: *Não fortalecestes a fraca, nem curastes a doente, nem ligastes a quebrada, nem tornastes a trazer a desgarrada, nem buscastes a perdida; mas dominastes sobre elas com rigor e dureza* (Ez 34:4). E então a pobre alma angustiada fica mais aflita por sua linguagem dura e tende a concluir contra si mesma, dizendo: "Se os Ministros de Cristo falam tão severamente comigo, o que o próprio Cristo fará?". Isso é remexer em feridas que já estão muito doloridas e sensíveis. Tal ministro é como um anjo que agita ainda mais as águas que já estavam agitadas; não um anjo de paz para trazer boas novas a uma alma cansada. Os sofrendores não reclamariam — não mais do que vocês — se não estivessem em violenta angústia e perplexidade. Pois, como diz Jó: *Porventura zurra o jumento montês junto à relva? Ou muge o boi junto ao seu pasto?* E novamente, respondendo às expressões rudes de seus amigos, Jó diz: *Todos vós sois consoladores molestos! Porventura não terão fim essas palavras de vento? Eu também poderia falar como vós falais, se a vossa alma estivesse no lugar da minha alma; eu poderia amontoar palavras contra vós e menear a minha cabeça contra vós. Mas eu vos fortaleceria com a minha boca, e o consolo dos meus lábios abateria a vossa dor* (Jó 16:3-5). Quando suas almas já estão cheias de tristeza, um pouco mais as fará transbordar. Quando estão enfraquecidas por vários ataques, um pequeno golpe as lançará ao chão. E uma ferida que é continuamente esfregada e atritada não pode ser curada. Mas já falei sobre isso no tratado seguinte.

IV. Quarto, vocês devem ser tão bondosos com seus amigos sob esta doença a ponto de acreditar no que eles dizem. Ou, ao menos, acreditem que as apreensões deles são tais como lhes contam. Não pensem que eles estão tranquilos quando dizem que estão com dor. É um curso tolo que alguns tomam com seus amigos melancólicos, responder a todas as suas queixas e lamentos com isto: "Não passa de fantasia; nada além de imaginação e capricho". A melancolia é uma doença real, uma miséria real com a qual eles são atormentados. E se for fantasia, é, no entanto, uma fantasia doentia, uma doença tão grande quanto qualquer outra; ela os enche de angústia e tribulação. Mas essa fantasia gravemente desordenada é consequência de um mal maior, e um dos tristes efeitos produzidos por aquele humor negro que corrompeu todos os espíritos naturais. Se vocês não derem crédito ao que eles dizem, essas pessoas aflitas jamais poderão acreditar que vocês têm pena delas, ou que estão sinceramente preocupados com elas. E, verdadeiramente, acontece com frequência que, pelo fato de as pessoas melancólicas nem sempre parecerem muito doentes, ou terem apetite razoável e não declinarem muito em seus corpos a princípio, outras pessoas que nada sabem da moléstia tendem a pensar que elas se fazem de piores do que realmente são. Enquanto que, infelizmente, elas estão tão entristecidas que não precisam de mais tristeza, nem iriam simulá-la. Em todos os outros males, as pessoas aceitam o que os outros dizem e, consequentemente, solidarizam-se com eles. Mas, neste caso, as pessoas tendem a contradizer e opor-se àqueles que estão angustiados; e, enquanto o fazem, não podem compadecer-se deles como deveriam. Isso torna a dor tal que os sobrecarrega e estrangula interiormente, porque, quando a revelam, descobrem que é em vão. Apenas, neste caso, façam o que gostariam que os outros fizessem a vocês. Suponham que tenham uma dor de

dente ou de cabeça e, quando reclamam, as pessoas lhes dizem que não passa de fantasia; não achariam que o comportamento delas é cheio de crueldade? E não ficariam irritados ao descobrir que não podem ser acreditados?

V. Quinto, não instem seus amigos sob a doença da Melancolia a fazerem o que não podem. Eles são como pessoas cujos ossos estão quebrados e que estão em grande dor e angústia; e, conseqüentemente, estão incapacitados para a ação. A doença deles é repleta de pensamentos perplexos e atormentadores. Se fosse possível distraí-los inocentemente por qualquer meio, vocês lhes fariam uma grande gentileza. Mas de modo algum os pressionem a fazer qualquer coisa que exija um pensamento mais intenso; pois, ao fixarem a mente nisso, vocês os forçam a matutar e remoer ainda mais. Eles já são muito miseráveis. Ao fazer isso, coloca-os em um fermento mais ansioso, quando vocês continuamente os irritam para fazerem isto ou aquilo, para o qual eles podem não ter mais força do que um homem com uma perna quebrada tem força para correr. Não sejam barulhentos ou clamorosos com eles; mas saibam que o silêncio e a quietude são mais favoráveis à sua condição desolada. Vocês sabem que eles estão sobrecarregados de tristezas, e a dor é uma coisa muito inativa e preguiçosa. A veemência disso enfraquece os espíritos naturais, embota a alma e torna suas concepções muito lânguidas e confusas. Mas talvez vocês perguntem: "Não devemos instá-los a ouvir a Palavra de Deus?". Respondo: Se eles estão tão avançados na doença a ponto de estarem em angústia contínua e ininterrupta, não são capazes de ouvir, por causa das muitas e grandes dores que mui frequentemente têm ao mesmo tempo. Mas se a moléstia deles ainda não chegou a tal altura terrível, vocês podem, de fato, instá-los a ouvir. Mas, ao mesmo tempo, devem usar de muita prudência e não

persuadi-los com excessiva peremptoriedade (autoritarismo) ou veemência. Esforcem-se para convencê-los de seu dever pelo amor e por boas palavras. Nesse caso, o passo de Jacó com seus rebanhos é o melhor e mais seguro caminho — conduzi-los gentilmente, visto que estão grávidos de medo e perplexidade. Vocês podem ganhar muito por um comportamento brando, doce e afável com eles. E se imitarem os amigos da Sra. Drake, não farão mal. Portanto, mencionarei a prática deles, conforme a encontro na vida dela:

"O fardo com que ela se sobrecarregara era tão grande que jamais ousamos acrescentar-lhe nada, mas a alimentamos com todos os encorajamentos. Ela era propensa demais a sobrecarregar-se e a desesperar diante de qualquer acréscimo de combustível àquele fogo que já estava aceso nela. E assim, onde quer que ela fosse ouvir, dava-se aviso para que o assunto fosse gerido de modo que o Ministro soubesse que tinha uma ouvinte assim qualificada. E, por este meio, ela não recebia desânimo ao ouvir a Palavra."

VI. Sexto, não atribuam os efeitos de uma mera doença ao diabo, embora eu não negue que ele tenha participação no surgimento de várias enfermidades. A inveja e a fúria de que ele está cheio o impulsionam a perturbar a saúde e a paz dos homens. E, por permissão de Deus, sem dúvida ele traz muitas doenças sobre eles. Como sabemos no caso de Jó, ele o encheu de feridas atormentadoras por todo o corpo, o que trouxe o pobre homem a uma melancolia profunda e, por esse meio, o perturbou dolorosamente com terror e choque espiritual. Mas, apesar de tudo isso, é algo muito esmagador atribuir quase cada ação de um homem melancólico ao diabo, quando existem algumas expressões inevitáveis de tristeza que são puramente naturais e

que ele não pode evitar — não mais do que qualquer outro homem doente pode deixar de gemer e suspirar. Muitas pessoas dirão a tais indivíduos: "Por que você remói e matuta tanto, gratificando o diabo?". Sendo que é da própria natureza da doença causar tais devaneios fixos. Poderiam muito bem dizer: "Por que você está doente? Por que você não quer ficar bom?". A maturação excessiva dos sofredores provém de uma pressão violenta sobre seus espíritos, a qual eles não são capazes de remover. Alguns pensam que as pessoas melancólicas sentem prazer em sua enfermidade; mas eu creio verdadeiramente que é tão pouco quanto um homem que se deita sobre espinhos ou abrolhos, ou como alguém que é lançado em uma fornalha ardente.

VII. Sétimo, não se espantem muito com nada do que eles digam ou façam. O que as pessoas não farão quando estão em desespero? O que não dirão aquelas que pensam estar perdidas para sempre? Que ações estranhas e extravagantes vocês veem fazer aqueles que estão sob o domínio do medo! E ninguém tem tanto medo quanto essas pobres pessoas. Elas têm medo de Deus, do inferno e de suas próprias tristezas. Não devem se maravilhar muito com elas, sabendo que até mesmo um homem tão grande quanto Jó amaldiçoou o seu dia e falou sobre Deus com muito mais liberdade e ousadia do que deveria. E o próprio Senhor disse que Jó obscureceu o conselho com palavras sem conhecimento. Não achem estranho se elas reclamarem muito, pois a dor as obriga a falar. Vocês sabem que a língua fala constantemente de um dente que dói. A alma delas está profundamente angustiada. E embora seja verdade que elas não obtêm benefício algum ao reclamar, ainda assim, achando-se em caso tão deplorável, não podem evitar o lamento. Elas podem dizer com Davi: *Estou cansado do meu gemido; toda a noite*

faço nadar a minha cama; molho o meu leito com as minhas lágrimas (Sl 6:6). No entanto, não conseguem parar de gemer e chorar mais, até que seus próprios olhos se consumam de dor. Que nenhum comportamento delas os provoque à ira; que nenhuma palavra áspera delas os faça falar com aspereza. Pessoas doentes são geralmente muito irritadiças. E será uma grande fraqueza de sua parte não suportá-las ao verem que uma doença longa e grave as privou de seu antigo bom temperamento.

VIII. Oitavo, não mencionem a elas quaisquer coisas terríveis, nem contem histórias tristes em sua presença, porque elas já meditam no terror. Por cada coisa triste que ouvem, ficam muito mais aterrorizadas. Sua imaginação perturbada está preparada para fixar-se em qualquer coisa fúnebre e, por esse meio, multiplicará suas próprias tristezas. Ouvir coisas tristes causa agitações mais violentas nelas e as lança em grandes desordens. Tem nelas o mesmo efeito que tempestades e trovões têm na natureza, os quais infundem terror nos homens. Evitem cuidadosamente todo discurso sobre o que lhes é penoso. E, no entanto, vocês também não devem ser excessivamente alegres diante delas. Pois então elas pensarão que vocês desprezam suas misérias e não têm piedade. Uma mistura de afabilidade e seriedade será o que melhor se adequará à condição delas. E, se eu pudesse aconselhar, desejaria aos pais cujos filhos são naturalmente melancólicos, que não os tornem eruditos, nem os coloquem em qualquer emprego que exija muito estudo. Pois isso os envolverá em pensar demais, talvez, e ao fim serão sobrecarregados por pensamentos inquietantes.

IX. Nono, não pensem que é totalmente inútil conversar com elas. Apenas, quando o fizerem, não falem como se as tribulações delas fossem durar muito tempo. É a duração da

perturbação que as confunde — quando, após uma semana ou um mês sem sono, descanso ou esperança, a semana e o mês seguintes ainda são tão dolorosos e terríveis para elas quanto os anteriores. Muitas vezes isso as empurra a buscar a autodestruição, porque não veem limite de tempo para suas misérias. Reanimem-nas, portanto, dizendo-lhes que Deus pode criar o livramento em um momento; que Ele já o fez com outros; que Ele pode curar rapidamente a doença deles e mostrar-lhes Sua face reconciliada e amável. Digam-lhes que pode ser que em pouco tempo seus gemidos se transformem em louvores, e que Deus os satisfará cedo com Suas misericórdias, e os alegrará conforme os dias em que os afligiu, e os anos em que viram o mal (Sl 90:14-15).

X. Décimo, fale a eles sobre outras pessoas que já passaram por tamanha angústia e sob o peso de enfermidade tão terrível, e que ainda assim foram libertas. É realmente muito difícil convencer uma pessoa sob intensa dor e angústia, com uma percepção da ira de Deus e medo do inferno, de que alguém já tenha estado tão desorientado quanto ela antes. Geralmente, essas pessoas pensam que são piores que Caim ou Judas, ou qualquer uma das pessoas mais perversas do mundo — achando, por exemplo, que seus pecados têm agravantes maiores e que, conseqüentemente, serão mais miseráveis.

Mas você pode apresentar a elas diversos exemplos do tratamento gracioso de Deus para com outros, depois de terem sido afligidos por muitos meses e anos. Eu poderia indicar algumas pessoas que estão vivas hoje e que passaram muito tempo aflitas com perturbações mentais e melancolia, como o Sr. Rosewell e o Sr. Porter, ambos ministros. O último deles foi oprimido por seis anos por essa enfermidade; e agora ambos se alegram na luz da presença de Deus. Eu próprio passei quase

dois anos com grandes dores no corpo e dores ainda maiores na alma, sem qualquer perspectiva de paz ou ajuda. E, no entanto, Deus me restabeleceu em Sua soberana graça e misericórdia.

Além disso, no passado, houve várias pessoas profundamente perturbadas com grandes aflições internas e externas, às quais Deus confortou maravilhosamente depois. O Sr. Robert Bruce, ministro em Edimburgo tempos atrás, passou vinte anos sob terrores de consciência e, mesmo assim, foi liberto posteriormente. Você também pode direcioná-las às biografias da Sra. Brettergh, da Sra. Drake, do Sr. Peacock e da Sra. Wight, onde verão um dia muito alegre retornar após uma noite escura e tempestuosa, e perceberão que o desfecho de suas aflições foi mais glorioso do que o conflito foi doloroso. Eles saíram chorando; semearam com lágrimas, mas depois colheram uma colheita de alegrias maravilhosas.

No *Livro dos Mártires*, escrito pelo Sr. Fox, há o exemplo do Sr. Glover. Ele esteve tão desgastado e consumido pela aflição interior pelo período de cinco anos que não encontrava consolo em sua comida, nem descanso em seu sono, nem qualquer prazer na vida. Ele estava tão perturbado que era como se estivesse no abismo mais profundo do inferno. No entanto, por fim, esse bom servo de Deus, após provações tão severas e fortes ataques de Satanás, foi liberto de toda a sua aflição, sendo por meio disso moldado a uma profunda abnegação. Ele se tornou como alguém já estabelecido no céu, levando uma vida inteiramente celestial e rejeitando em sua mente todas as coisas profanas.

Há também o exemplo notável de imensa alegria no Sr. Holland, um ministro que, no dia anterior à sua morte, enquanto meditava no capítulo 8 de Romanos, exclamou de repente:

“Parem a leitura. Que brilho eu vejo!”. Disseram-lhe que era a luz do sol. “Não”, disse ele, “é o brilho do meu Salvador. Agora, adeus mundo, e seja bem-vindo, céu; a Estrela da Manhã do alto visitou meu coração. Oh, falem sobre isso quando eu partir, e que seja pregado em meu funeral: Deus trata o homem com proximidade e ternura. Sinto Sua misericórdia; vejo Sua majestade. Se no corpo ou fora do corpo, Deus sabe; mas vejo coisas indizíveis”.

Na manhã seguinte, ele encerrou sua abençoada vida com estas benditas palavras: “Oh, que mudança feliz farei, da noite para o dia, das trevas para a luz, da morte para a vida, da tristeza para o consolo, de um mundo conflituoso para um estado celestial! Oh, meus queridos amigos, sinto pena de deixá-los para trás. Mas lembrem-se do que sinto agora. Espero que descubram, antes de morrer, que Deus de fato trata os homens com proximidade e ternura. E agora, carruagem de fogo que desceu para buscar Elias, leve-me ao meu feliz refúgio; e todos os santos anjos que acompanharam a alma de Lázaro para levá-la ao céu, carreguem-me — oh, carreguem-me para o seio do meu Amado. Amém, Amém. Vem, Senhor Jesus, vem depressa”. E, assim, ele adormeceu.

XI. Décimo primeiro, a próxima bondade que devem mostrar aos seus amigos melancólicos é orar fervorosamente por eles. Que seus olhos chorem por eles em particular, e ali deixem suas almas se derreterem em fervorosas e santas orações. Eles não são capazes, de maneira composta ou vigorosa, de recomendar seu próprio caso a Deus. Vocês sabem que ninguém, senão o próprio Deus, pode ajudá-los. Pois, como diz o Sr. Greenham:

"Se nossa assistência fosse como um exército de soldados armados; se nossos amigos fossem os príncipes

e governantes da terra; se nossas posses fossem tão vastas quanto o espaço entre o oriente e o ocidente; se nossa comida fosse como o maná do céu... e, no entanto, nossas mentes estivessem aterrorizadas com os julgamentos de Deus, então todas essas coisas não nos trariam qualquer ajuda ou consolo".

E vocês devem lutar com Ele em favor deles. Devem pleitear que o poder e a bondade de Deus serão mais ilustres se Ele salvar aqueles a quem ninguém, exceto Ele mesmo, pode salvar.

XII. Não apenas orem por eles, mas peçam a outros cristãos sérios que também orem por eles. Quando muitas pessoas boas unem seus pedidos, o clamor é mais aceitável e prevalecente. Eu mesmo fui grandemente ajudado pelas orações de outros, e agradeço sinceramente a todos os que dedicaram dias específicos para lembrar solenemente minha condição angustiada. Bendito seja Deus, que não rejeitou a oração deles, nem afastou de mim a Sua misericórdia.

XIII. Lembre seus queridos amigos da graça soberana de Deus em Jesus Cristo. Recorde-lhes com frequência que Ele é misericordioso e compassivo; que, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim os Seus pensamentos são mais altos do que os pensamentos deles — Seus pensamentos de misericórdia e amor estão muito acima dos pensamentos de autocondenação e de culpa deles. Ensine-os, tanto quanto puder, a olhar para Deus por meio do Grande Mediador, em busca de graça e força, e a não ficarem analisando excessivamente suas próprias almas, onde há tantas trevas e incredulidade. Procure evitar que eles se desgastem tentando decifrar os decretos secretos e ocultos de Deus, e esforce-se para ajudá-los a crer em

Cristo, o que é um dever inquestionável deles. Mostre-lhes quais grandes pecadores Deus já perdoou e como Ele é misericordioso porque quer ser misericordioso — encontrando motivos para ajudá-los em suas próprias misérias e na natureza graciosa de Deus.

Descobri que agiram dessa maneira com a Sra. Drake. Ocultando seu nome, ela escrevia a vários ministros para perguntar se uma criatura nessas condições — sem fé, esperança, amor a Deus ou ao homem, obstinada, sem afeto natural, que havia rejeitado todos os meios e não conseguia se submeter a eles — poderia ainda ter alguma esperança de ir para o céu? E eles respondiam que tais pessoas, e outras bem piores (até mesmo tão ruins quanto Manassés), poderiam, pela misericórdia de Deus, ser recebidas em favor, convertidas e salvas. Isso aliviou muito a sua aflição. “Pois”, disse ela, “a fonte de toda a minha miséria foi que busquei na Lei o que eu deveria ter encontrado no Evangelho; e busquei em mim mesma o que só poderia ser encontrado em Cristo”.

Isso é o que considere necessário dizer a vocês. E verão que o caminho que mencionei, ao ser adotado com seus amigos, não lhes trará prejuízo algum. Não falo apenas com palavras emprestadas neste assunto, nem sem alguma experiência. Sei muito bem que descobrirão que a abordagem mansa e gentil é a melhor; e o caminho da rispidez e da severidade apenas agravará e aumentará o sofrimento deles. E desejo que vocês, que ainda têm saúde e alegria, aproveitem bem sua saúde. Pois, se essa enfermidade algum dia os acometer, vocês não conseguirão fazer nada por suas almas ou corpos. Vocês podem até ter tempo, mas a angústia será tamanha que não conseguirão realizar nada de produtivo nesse período.

Este livro tem uma relação específica com as aflições da mente. Quanto à dor física que tive junto com minha aflição interior, expus amplamente como ela foi em meus *Discursos Práticos sobre a Doença e a Recuperação* (*Practical Discourses on Sickness and Recovery*), publicados há cerca de um ano. E expliquei em meu tratado sobre a *Religião na Juventude* (*Early Religion*), publicado recentemente, que grande bênção é ter nossas aflições santificadas e suportar o jugo em nossa mocidade, o qual é voltado especialmente para os jovens. E se Deus abençoar essa obra para o bem deles, isso poderá ajudá-los a evitar os terríveis temores sob os quais tantos outros gemeram.

Acredito que eu poderia ter demonstrado um pouco mais de rigor na redação do livro a seguir se tivesse me dedicado obstinadamente a isso. E, dessa forma, ele poderia ter sido mais agradável para o leitor. No entanto, isso não teria servido tão bem ao meu propósito. Afinal, segundo o antigo ditado, *aeger non quaerit medicum eloquentem sed sanantem* (o doente não procura um médico eloquente, mas sim um que o cure), um médico capaz de eliminar a enfermidade é mais bem-vindo ao doente do que aquele que sabe falar belamente sobre ela, mas não lhe traz melhora alguma. E se a cura for realizada, pouco importa se a poção não foi extremamente adoçada. Evitei propositalmente qualquer pretensão de um estilo excessivamente polido, porque os ouvidos de pessoas em profunda aflição não são tão sensíveis e delicados quanto os daqueles que gozam de boa saúde.

Sei que a época em que vivemos é muito meticulosa e crítica; que a língua inglesa foi bastante refinada e aprimorada nos últimos anos; e que a religião merece as melhores palavras que pudermos encontrar para expressar nossos pensamentos. Em *Eclesiastes 12:10* diz-se: *Procurou o Pregador achar palavras*

agradáveis; pelas quais suponho que ele queira dizer palavras que fossem tanto graciosas quanto proveitosas. Espero que o leitor não encontre pomposidade nem desleixo em minhas expressões; e se nelas não há uma beleza perfeita (como de fato não pretendo que haja), que ao menos não sejam de todo disformes.

Seja o que for que alguns possam dizer, considero meu dever expressar meus pensamentos não de forma totalmente descuidada e negligente, desde que com simplicidade e clareza, de modo que sirvam para a edificação. Embora no livro a seguir eu não tenha fornecido um relato tão detalhado de minhas aflições como talvez os leitores esperem, peço que observem que, sempre que eu falar de angústia interior como se fosse em terceira pessoa, estarei falando daquilo que eu mesmo senti.

É uma observação comum entre os leitores de Cipriano que, em todos os seus escritos, quase todas as palavras respiram o martírio. Suas expressões são cheias de vigor e sentimento, como se as tivesse escrito com seu próprio sangue, transmitindo a angústia de seus sofrimentos para seus textos. Se eu possuísse o discernimento e a caneta de alguém tão eloquente, poderia ter descrito muito melhor a tristeza do meu caso. Mas estou certo de que nada no mundo poderia expressá-la plenamente, pois ela era terrível demais.

E a imensidão do perigo exalta a misericórdia de Deus, meu libertador, a cuja graça e maravilhosa salvação devo minha paz e esperança atuais, e a quem dedicarei todos os meus humildes esforços. Que as reflexões que utilizei no tratado a seguir possam servir para a glória Dele, para o proveito de vocês, para o alívio de seus amigos melancólicos e de tantos outros, e também para o meu próprio bem, é a oração de

Seu conselheiro sincero,

TIMOTHY ROGERS

Londres, 10 de setembro de 1691.

CARTAS DE DIVERSOS TEÓLOGOS

CARTA 1. Henry Lukin

De Matching-Hall, Essex, 21 de novembro de 1690.

Caro amigo,

Aproveitei a primeira oportunidade para ler o seu excelente livro; e, além das muitas coisas úteis que se podem aprender ali em detalhes, o propósito geral e a ocasião dele me afetaram profundamente, em parte com gratidão, em parte com um temor reverente — com a primeira, ao considerar como as coisas poderiam ter sido comigo; com o segundo, ao refletir sobre como elas ainda podem ser. Vejo no sofrimento dos outros o que eu próprio poderia ter sofrido; e quem sou eu para que Deus me poupasse do destino de pessoas melhores do que eu?

É provável que, agora que tudo passou, você tenha motivos para dizer que todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade; e os consolos que você experimenta com o retorno da manhã, depois de uma noite semelhante à daqueles que vivem nos polos, podem mais do que compensar todas as suas tristezas e dores. Com isso, Deus o capacitou a amparar e consolar a outros a partir de sua própria experiência.

Ainda assim, é um grande favor ser livre de tais dores e terrores. Aqueles que descem ao mar em navios e fazem negócios em grandes águas veem as obras do Senhor e as Suas maravilhas nas profundezas. Pois Ele ordena e levanta o vento tempestuoso, que eleva as ondas do mar; eles sobem aos céus, descem novamente aos abismos, suas almas se derretem de angústia e eles perdem o juízo. (Sl 107:23-27) De modo que muitos teriam medo de adquirir experiência a um preço tão alto,

ou de se aventurar no mar durante uma tempestade, embora pudessem relatar suas aventuras com prazer depois que o perigo passasse.

Alguns têm um caminho suave e plano pelo mundo, enquanto outros são como aqueles que atravessam a Planície de Salisbury, ou algum lugar semelhante, onde às vezes têm uma visão clara da cidade e do caminho até ela quando estão em um terreno elevado; mas, ao descere ao vale, perdem-na completamente de vista e temem nunca mais encontrar o caminho. Alguns, por meio de um *refúgio de fé* (*fiducia perfugii*), mantêm um passo constante e suave em direção ao céu, e nunca vivenciam as alegrias arrebatadoras nem os terrores assustadores de outros, que ora são elevados ao céu por consolos extraordinários, ora são lançados ao inferno por medos e pavores.

Mas, embora pela misericórdia de Deus eu tenha tido uma jornada segura e tranquila pelo mundo até aqui, não sei com quais tempestades poderei me deparar antes de entrar no porto. Lembro-me de que aquele grande homem, o Sr. Marshal (de quem falávamos há pouco), disse-me, pouco antes de morrer, que pela misericórdia de Deus desfrutava de muita paz e quietude em sua própria mente, embora não conhecesse as alegrias arrebatadoras que outros sentiam. No entanto, ele não sabia como seria com ele antes de morrer. Ele dependia de Deus e estava à Sua mercê, não apenas para a sua salvação, mas para o conforto e a certeza dela.

Muitos acusam as doutrinas da certeza da salvação e da perseverança dos santos de conduzirem à libertinagem e de encorajarem os homens a pecar. Mas, mesmo que não houvesse mais nada a ser dito sobre o assunto, os terrores sob os quais

podem cair aqui mesmo aqueles que têm a certeza de ir para o céu são suficientes para conter a audácia e a presunção dos homens. Se eu tivesse a certeza de que o que como não me mataria imediatamente, mas soubesse que muito provavelmente me causaria gota ou cálculo renal, eu evitaria esse alimento.

Embora Deus possa não nos enviar ao inferno, Ele pode trazer o inferno até nós e nos fazer sentir as antecipações dele em nossa consciência; pois quem conhece o poder da Sua ira? (Sl 90:11) Ou quem pode suportar os Seus terrores se Ele investir contra nós como um gigante, agarrar-nos pelo pescoço e nos despedaçar? Precisamos orar para que o caminho não seja um terror para nós no dia do mal. Estamos sempre à Sua mercê e dependemos Dele tanto para o consolo e a evidência da graça quanto para o cultivo e a prática dela. Se Ele dá quietude, quem pode causar perturbação? Mas, se encobre o rosto, quem O poderá contemplar? (Jó 34:29)

Às vezes, estive em uma montanha, nos arredores dos Alpes, onde em um momento o sol brilhava intensamente e, logo em seguida, surgia uma nuvem, deixando-nos em meio a uma névoa espessa, sem conseguirmos enxergar um passo à nossa frente. Deus, quando Lhe apraz, pode nos segurar como se estivéssemos sobre o abismo, da mesma forma que alguns seguram crianças sobre um lugar perigoso apenas para assustá-las. Ele pode manter nossas mentes focadas em nosso pecado, de modo que ele esteja sempre diante de nós. Ele pode permitir que a nossa capacidade de discernimento fique tão obscurecida que tenhamos percepções tão sombrias das coisas a ponto de considerar as evidências de fé que guardamos para o dia mau como autoenganos e ilusões. Ele pode libertar Satanás contra nós para nos despojar de toda a nossa esperança com seus argumentos. Ele pode tornar nossos corações vulneráveis, de

modo que nossos temores e aflições nos causem uma dor profunda, como um fardo pesado sobre as costas já machucadas. Ele pode levar nossas almas à sepultura e nossas vidas aos destruidores, colocando-nos nas próprias fronteiras da eternidade, de tal forma que não consigamos nos aliviar adiando o dia do mal.

E assim Ele lida, às vezes, com aqueles que Lhe são como a menina dos Seus olhos. Ele exerce Sua soberania tanto na distribuição de consolos quanto de terrores. Contudo, uma submissão humilde e a entrega de nós mesmos à Sua boa vontade e ao Seu querer serão o melhor meio de evitar tais tempestades ou, ao menos, a melhor postura em que elas nos poderão encontrar.

De seu amigo sincero,

Hen. Lukin

CARTA 2. J. Hussey

De Sissafernes, Hertfordshire, 4 de novembro de 1690.

Caro Senhor,

Li seu *Practical Treatise upon Sickness and Recovery* e folgo em encontrar um senso tão universal e profundo da bondade de Deus. Espero que a graça, a misericórdia e a verdade o guardem e preservem vivas as fagulhas de zelo em sua alma. Se o Senhor brilhar mais clara e influentemente sobre o senhor após nuvem tão negra, não duvido que a Luz de Seu Semblante compensará a escuridão sob a qual estive. As tempestades mais violentas jamais podem afastar a benevolência do Senhor de um dos Seus, ainda que, por vezes, nas águas profundas, toda a esperança de salvação pareça ser retirada. Bendito seja o Senhor,

que lançou uma tábua para salvá-lo em tempo de necessidade e o firmou confortavelmente em terra seca quando o senhor não pensava em nada senão em naufragar. O senhor encontrou uma Rocha onde temia um abismo. Sem dúvida Deus o vestiu com a veste da salvação, para que o senhor possa encorajar outros a revestirem-se de Cristo, embora o inferno esteja nu diante deles. Rejubilo-me abundantemente por Ele ter inclinado os ouvidos à oração em seu favor, quando o senhor pensava que Ele havia armado o Seu arco como um inimigo. Em uma palavra, alegro-me de que o Senhor nos tenha dado tão boas esperanças pela graça, de que o senhor está selado para o Dia da Redenção, o senhor que outrora expressou de forma fúnebre, em meus próprios ouvidos, que estava selado para o negro Dia da Ira.

CARTA 3. Ralph Ward

Caro Irmão,

Assim como as notícias de sua enfermidade afetaram minha alma e levaram meu coração a fazer súplicas a Deus por você, também as novas de seu livramento da tribulação, confirmadas por uma demonstração tão evidente quanto sua aparição tanto no púlpito quanto na imprensa, muito me afetaram com alegria e gratidão ao Senhor. Em seu livro, leio sobre a sabedoria e a bondade de Deus em Seus tratos mais severos com Seus servos aflitos, cumprindo o que Jó diz: *Que, tendo-o Ele provado, sairia como o ouro* (Jó 23:10). Você não esteve na fornalha em vão, mas para ser humilhado e provado, e para o seu bem final. Oh, como Deus é bom! Bom em Si mesmo, bom e gentil para com todas as Suas criaturas, mas especialmente bom para Israel. Você teve uma experiência abundante disso. Ele o sustentou quando caía e o levantou quando estava abatido; e *converteu o seu pranto em dança; tirou*

o seu cilício e o cingiu de alegria, para que a sua alma cante louvores a Ele e não se cale (Sl 30:11-12). E você fez bem em fazer um reconhecimento tão público de sua gratidão a Deus — para que, assim como o livramento foi concedido a pedido de muitos, também por meio de muitos que se preocuparam com você, graças sejam dadas ao Senhor em seu favor. Estou convencido de que o Senhor lhe ensinou a verdade daquele ditado: que a Escola da Cruz é a Escola da Luz. Você não teria conhecido tão bem nem a sua própria vaidade, nem a vaidade da criatura e de todo auxílio humano, nem a maravilhosa benevolência do Senhor em intervir tantas vezes entre a ponte e a água para o seu socorro, se não tivesse aprendido essas coisas na Escola da Aflição.

Sinto-me encorajado a acreditar que o Senhor o preservou e o restaurou para que, por Sua graça, você possa ser grandemente instrumental para a glória do nome d'Ele, convertendo muitos à justiça. Os servos mais eminentes na obra do Senhor foram preparados para ela por múltiplas tentações. Nosso bendito Redentor mesmo foi tentado *para que pudesse socorrer os que são tentados* (Hb 2:18); e o Senhor consola Seus servos em todas as suas tribulações, *para que possam consolar os outros com a mesma consolação com que foram consolados por Deus* (2Cor 1:4). O Senhor o trouxe das profundezas da angústia para que você seja o piloto mais habilidoso a guiar outros através das ondas e vagas que eles temem que os devorem. Agora, querido irmão, o que o Senhor exige de você, senão o que Paulo apresenta ao jovem Timóteo? *Sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza* (1Tm 4:12). Seu discurso são, sua conversa santa, seu amor servil e sua mente espiritualizada — melhorando retamente os dons espirituais, tanto na profissão sincera quanto

na publicação da verdade e na pureza imaculada de vida — serão uma regra viva para os outros, adornando tanto sua pessoa quanto sua profissão, de modo que parecerá que você esteve com Jesus e que a Vida de Cristo brilha em você.

Seu indigno, mas afetuoso irmão no serviço do Evangelho,
RALPH WARD.

York, 6 de Nov. de 1690.

CARTA 4. S. A. Bold

De Steeple, Dorsetshire, 1 de maio de 1691.

Meu Caro Amigo,

Eu esperava, quando estive pela última vez em Londres, ter tido a satisfação de uma conversa livre e ampla com você, e ter discorrido sobre alguns assuntos específicos; mas fui infelizmente frustrado. Estou agora a uma distância grande demais para usar de tanta liberdade com você. No entanto, embora não julgue apropriado solicitar satisfação por carta sobre algumas coisas que seriam de grande utilidade para mim, eu ficaria feliz se pudéssemos manter uma correspondência por escrito às vezes. Bendigo a Deus de coração por Seus tratos graciosos para com você e pelo bem que espero que Ele tenha me feito por meio do que você publicou ao mundo. Senti-me obrigado a ler frequentemente seu livro; e quanto mais o leio, mais sou afetado por ele. Desejo sinceramente que o povo inglês se torne tão sensível à sua grande importância, que você tenha encorajamento para publicar o que sinalizou em seu Prefácio. É o que anseio ver, e o que estou convencido de que seria de utilidade singular se as pessoas fossem um pouco despertadas de sua enfermidade letárgica.

Seu Amigo Afetuoso, S. BOLD.

CARTA 5. George Nicholson

Caro Sr. Rogers,

SENHOR, agradeço-lhe por seus *Discourses on Sickness and Recovery*. Confio que Deus, que lhe concedeu (por assim dizer) uma ressurreição dentre os mortos, designou-o para um trabalho mais do que comum em sua geração. Seu livramento e salvação foram extraordinários; e é mais do que provável que assim deva ser seu trabalho posterior. Desejo ver logo aquilo que você insinuou em sua epístola, sobre seu conflito espiritual sob sua aflição física. Será, espero, de utilidade para todas as consciências ternas e aflitas.

Desejando-lhe toda saúde e felicidade neste mundo e, no próximo, a felicidade eterna.

Seu sincero bem-quente e servo, GEO. NICHOLSON.
De Hudleskeugh, Cumberland, 17 de Abr. de 1691.

CARTA 6. Thomas Whitaker

Caro Senhor,

Foi sua felicidade singular estar profundamente gravado nos corações de muitos dos servos de Deus que oram, quando, em sua própria percepção, você parecia como se tivesse sido expulso do coração de Deus. Ouvi alguns, quando você estava em seu ponto mais baixo, expressarem sua fê e esperança de que Deus estava apenas preparando-o por aqueles métodos aflitivos para um serviço mais eminente. Ministros, acima de todas as pessoas, precisam estabelecer-se sobre um bom estoque de experiência — experiência espiritual e útil! E nenhuma escola é mais adequada para nos aperfeiçoar nesse sentido do que a Escola da Aflição — o que fez Lutero dizer certa vez que a

aflição, a tentação e a oração eram as três coisas que faziam um ministro.

Um escriba não pode ser melhor instruído para o Reino de Deus do que quando sentiu em si mesmo o que encontra nos outros. Quando fomos trazidos à boca do poço e ali estivemos conscientes dos pensamentos, medos e operações de nossos próprios corações, podemos melhor saber como ministrar aplicações adequadas a outros em condição semelhante. Nosso Bendito Senhor mesmo aprendeu a experiência pelas coisas que sofreu. Um Deus sábio e santo o esteve lapidando nas montanhas escuras; e espero que tenha sido para torná-lo um pilar mais perito e polido em Seu santuário.

Ele nos lança na fornalha, como chumbo ou ferro, e por um longo tempo ninguém pode dizer o que Ele fará de nós. Às vezes, Ele parece que vai nos consumir e dar um fim total a nós. E, no entanto, por fim, Ele nos traz como ouro. Entramos no fogo leves, tolos e fúteis; e quando Ele nos derrete e prova, traz-nos como almas sérias, santas e graciosas. Quando pensávamos que perderíamos a vida, a alma e tudo, não perdemos nada exceto nossa escória e impureza, para nos tornar mais refinados para o serviço no Templo.

Seu afetuoso companheiro de trabalho na obra do Evangelho,
THO. WHITAKER.

Leeds, 25 de Nov. de 1690.

CARTA 7. John Worth

SENHOR,

Retorno agora, finalmente, meus sinceros agradecimentos pelo seu livro. Foi para mim um livro tanto oportuno quanto adequado. Se eu fosse dar um relato de minha visitação, ela

corresponderia em muitas coisas à sua. Estive por alguns anos sob um hábito corporal hipocondríaco maligno, que teve muitos sintomas graves; a saber, vertigem, convulsões, efeitos paralíticos, com uma febre considerada hética. E, com isso, tive um langor universal e declínio dos espíritos, junto com tentações terríveis, nuvens, confusões e terrores de alma, etc. De modo que não havia esperança ou ajuda a ser esperada, senão do céu, em resposta a muitas orações. É um ditado verdadeiro: *tranquillus Deus, tranquillat omnia* [Deus tranquilo, tudo tranquiliza].

Seu Amigo e Servo, Joh. Worth, Jr.
Daventry, 10 de Março de 1690/1.

CARTA 8. De um Jovem Estudante de Teologia.

Caro e muito respeitado Primo,

A longa experiência prova, além de mil argumentos, que aqueles que escolheram a Deus para sua felicidade não devem esperar nenhuma aqui. É uma contradição esperar o céu na Terra. Quando os outros são desenfreados em suas práticas, somos limitados à regra santa da Palavra; nossa vida deve ser uma vida de abnegação, mortificação e desprezo pelo mundo. Caro Primo, que tipo de homens devemos ser, você e eu, que somos designados para um trabalho tão especial! Desejo participar dos louvores por seu maravilhoso livramento. Peço interesse em suas orações, para que Deus me guarde da Melancolia, à qual sou inclinado.

Seu Primo muito amoroso, THO. BARNS.
Rauthmell, Yorkshire, 17 de Novembro de 1690.

CARTAS AOS PARENTES

CARTA 1. A um Parente do Autor

De alguém que esteve por muito tempo sob Melancolia, de um ministro que por vários anos esteve sob essa doença.

Minha querida amiga cristã,

Como Cristo me deu um coração de misericórdia, não posso senão compadecer-me de você em sua aflição de alma e desassossego de espírito, sendo grandemente oprimida por Satanás, aquele espírito malicioso e ativo que a odeia por amor à verdade. Portanto, ele faz tudo o que pode para esconder o conhecimento disso de você, obscurecendo sua mente, escurecendo suas evidências por suas próprias sugestões maliciosas contra você e também despertando todo tipo de pecado em você — mas especialmente a incredulidade, o pecado dos pecados, seu primogênito, a mãe de todas as abominações na alma.

Rogo-lhe, portanto (Querida Irmã, e que o próprio Senhor opere isso em você!), desvie sua mente de todas as sugestões maliciosas, enganosas e mentirosas do Adversário. Volte-se (de fato, que o Senhor o faça por você e em você) dele para o seu Salvador, que não a acusará perante o Pai, como Satanás faz; mas está pleiteando Seus sofrimentos e apresentando Seu sangue e expiação feitos por você. Olhe para Ele (querida irmã), olhe para Ele, a quem você encontrará como a verdadeira Serpente de Bronze para sua alma doente de amor.

O Senhor mesmo, sim, nosso Senhor Jesus Cristo, opere esta mesma coisa em você e faça com que você retenha firme sua confiança até o fim. Ele não virá apenas para o Julgamento no último dia, mas virá a você no Espírito e julgará por sua alma

contra seus inimigos, para livrá-la de tudo, inclusive do pecado (que é um fardo tão grande para você).

Seu muito afetuoso Amigo e Irmão em Cristo,

GEORGE PORTER.

21 de Fev. de 1688/9.

**CARTA 2. Escrita a um parente do autor por alguém que
estivera sob Melancolia.**

Sra. Rogers,

Se você ousa acreditar em alguém que esteve em seu caso, você tem muito de uma enfermidade corporal. E embora, por causa de suas nuvens, você não possa esperar alívio, saiba que nada é difícil demais para Deus fazer; use ambos os meios [espirituais e naturais] e olhe para Deus o melhor que puder em busca de uma bênção. Aqueles que estiveram em Melancolia profunda não tiveram apenas pensamentos rudes sobre si mesmos, mas pensamentos rudes e pecaminosos sobre Deus, como se Ele se deleitasse na morte do pecador (embora Ele tenha jurado o contrário). Cherish [nutra] essa esperança que você tem, a qual o diabo gostaria que você descartasse; pois, se você não tivesse nenhuma, não pediria a ninguém que orasse por você.

Conheci alguém que estava em condição tão desesperadora que nem sequer fazia isso. Por fim, ele foi convencido a usar um *tratamento com ferro* e a beber as *águas*, além de outros meios que, pela bênção de Deus, fizeram bem. E à medida que a enfermidade corporal desaparecia, mais clareza vinha à mente e a esperança retornava. Embora a pessoa ainda tenha nuvens, ela pode responder: "Eu sou instável em meu estado; Deus é imutável em Suas Alianças". O Senhor

resplandeça sobre sua alma e lhe permita ver que tudo o que Ele faz é em amor e fidelidade.

24 de Julho de 1689.

CARTA 3. A um Parente do Autor.

Minha muito gentil e querida amiga,

Regozijo-me que sua alma esteja em descanso, regozijando-se em Cristo como o Senhor sua justiça, paz e vida. O Senhor se manifeste a você cada vez mais e a encha com abundância de paz e alegria no crer. Embora o Pai das Luzes e o Deus de toda Consolação estivesse com você, mesmo quando você não O percebia, agora vejo que Ele estava pronto para conceder luz e alegria quando o Seu próprio tempo determinado chegou. Ele passou por toda a nossa incredulidade, impaciência e irritabilidade, e visitou nossas almas pecadoras em Sua terna misericórdia. Portanto, magnifiquemos Seu nome juntos.

Londres, 8 de Fev. de 1689.

Seu mais Afetuoso Amigo e Irmão no Senhor,
GEORGE PORTER.

CARTA 4. A uma Parente do Autor.

Sra. Rogers,

Li sua fúnebre carta, na qual a senhora expressa a angústia mental sob a qual trabalhou ultimamente. Foi, de fato, uma triste incompreensão de Deus e de sua própria condição. No entanto, isso não é nada além do que tem acontecido a muitos queridos servos de Deus, que geriram a mesma objeção contra si mesmos e trabalharam sob os mesmos pavores. A senhora compensa isso com o relato confortador que dá da grande misericórdia de Deus em acalmar essas ondas e tempestades. Regozijo-me com a

senhora nisso e oro para que Deus se agrade em confirmá-la e estabelecê-la no senso de Seu amor. E para que a senhora possa seguir adiante em seu atual estado pacífico, eu a aconselharia a cuidar devidamente de seu corpo e a reduzi-lo à ordem. Sei bem que a senhora é naturalmente melancólica, e pode estar certa de que o diabo tirou proveito disso para despertar seus temores angustiantes. Se não tomar cuidado para remover essa vantagem, ele poderá (a menos que Deus maravilhosamente o impeça) despertar perturbações pela segunda vez. Não me é possível, a tão grande distância, dirigi-la neste assunto. Somente os médicos do local, que a veem e podem ocasionalmente ajustar ou alterar as prescrições, estão aptos a aconselhá-la. Sendo isso cuidado, porei em sua mente apenas algumas coisas que gostaria que a senhora estabelecesse em seu pensamento; são pontos que uma revisão de suas apreensões em sua perturbação anterior a ajudará a compreender.

Primeiro, lembre-se de que terrores tão terríveis quanto os que a senhora teve não devem ser entendidos como evidências certas de que Deus rejeita aqueles que são assim aflitos; embora a senhora tenha concluído isso contra si mesma. A paz atual que Deus, em Sua grande misericórdia, lhe deu é suficiente para lhe dizer que a senhora estava equivocada quando pensou assim. O caso de Hemã e os exemplos de muitos outros de seu próprio conhecimento podem satisfazê-la abundantemente de que essas coisas podem sobrevir aos preciosos servos de Deus.

Segundo, observe também que uma pessoa verdadeiramente convertida pode ser levada a tal ponto que negue todas as evidências de graça que anteriormente possuía e condene a si mesma como hipócrita; enquanto, ao mesmo tempo, essas evidências são visíveis aos observadores e brilham através da nuvem negra de seu terror.

Terceiro, deve-se notar ainda que as falas tristes que tais homens proferem e as conclusões desesperadas que tiram são pouco mais do que os discursos daqueles que estão transtornados. Deus não os levará rigidamente em conta como pecados da natureza que imagináramos ser. Deus, em Sua misericórdia, considera nossa angústia e passará mais gentilmente por tais extravagâncias do que podemos prontamente acreditar.

Quarto, a senhora deve também lembrar que a senhora e outros, neste caso, aventuram-se ousadamente a determinar aquilo que nem a senhora nem qualquer outro homem pode saber — como o fato de que foi cortada, reprovada, feita para ser destruída, que não lhe restava tempo de misericórdia, etc. Esta foi uma conclusão para a qual a senhora não tinha autorização, nem poderia provar. Se concluiu que seu estado presente era ruim, não deveria ter tomado para si o direito de pronunciar que o propósito de Deus seria contra a senhora no futuro. Quem conhece a mente de Deus?

Quinto, também penso que a senhora possivelmente teve alguma desvantagem por certa escuridão mental sobre a natureza da fé. Algumas expressões em sua carta (onde a senhora se queixa de que "não podia crer") dão a entender que a senhora pensava que a fé deve ser a crença de que nossos pecados já estão perdoados. Não insistirei muito nisso, pois posso estar enganado. Mas, se a senhora teve tal equívoco em sua mente, não é de admirar que dissesse que "não podia crer". Fixe o contrário em sua mente e chegue, o mais plenamente que puder, a estas conclusões:

1. Deixe que a natureza amável e compassiva de Deus seja profundamente impressa em sua mente; medite

seriamente que Deus é Amor, que Ele não se deleita na morte dos pecadores e que deseja salvar.

2. Valorize a probabilidade, ou mesmo a possibilidade de salvação, mesmo quando a segurança da fé estiver ausente; é um grande apoio nutrir esperança a esse respeito.
3. Convença-se de que o decreto de Deus não é regra para a senhora seguir, e que deve interpretar o decreto d'Ele por Suas promessas; pois é certo que Seu decreto não contradiz Sua promessa.
4. Assegure-se de que, se Deus sinceramente inclina seu coração a aceitar a Cristo como sua justiça e legislador, Ele indubitavelmente cumprirá Sua promessa de paz e perdão para a senhora.
5. Não pense que lhe falta fé porque não possui segurança plena; a fé é tal crença na oferta de salvação por Cristo no Evangelho que nos torna dispostos a aceitá-la nos termos de Deus.
6. Não dê ouvidos às sugestões severas e malignas de Satanás contra a misericórdia de Deus; se tais pensamentos vierem, expulse-os imediatamente.
7. Esteja agradecida e contente com a medida de paz que Deus lhe deu. Não espere mais do que deve, mas espere pacientemente em Deus até que Ele a amplie com alegria.
8. Viva diligentemente. Lamente as falhas diárias e faça as pazes com Deus diariamente; espere o melhor, mas considere a promessa misericordiosa de perdão de Deus.

Deus, que a tirou do poço horrível, espero que a preserve de angústia semelhante.

Seu amigo seguro, RICH. GILPIN.

Newcastle, 28 de Jan. de 1689.

CARTA 5. Escrita a outro parente do autor por um cristão antigo e experiente.

Meu caro Amigo,

Não gostaria que uma diferença de opinião criasse uma distância entre nós. Que o Espírito de Amor entre os cristãos fosse revivido, o que honraria mais a Cristo do que toda a nossa Conformidade ou Não-conformidade! Pois o Reino de Cristo não reside em formas e opiniões, mas em poder, santidade e alegria no Espírito Santo.

Eu estive sob profunda melancolia e muitas tentações e bofetadas de Satanás; muitos passaram por mim como o levita fez com o homem ferido no caminho de Jericó. Tive conflitos com Satanás e abalos de espírito maiores do que os que tive em minha primeira conversão. Estive pronto para dar tudo por perdido; contudo, tudo foi para que houvesse manifestações mais claras do amor eterno. O que quer que Deus tenha feito comigo, sinto que, assim como os céus estão acima da terra, os pensamentos d'Ele estão acima dos meus. Deus estendeu Seu braço de poder e me buscou no poço mais profundo.

Ouçó que o Senhor se agrada em mantê-lo sob a vara e exercitá-lo com as enfermidades de um corpo que desfalece, assim como faz comigo. Ouçó que você está sob Melancolia, assim como eu, embora não em grau tão elevado. Satanás pode usar isso para levantar estranhas tempestades e trevas na alma — embora Cristo tenha transformado tudo em bem. Levantemos

nossas cabeças com fé; nossa redenção se aproxima. Em breve estaremos fora do alcance de Satanás, do pecado, da melancolia e da enfermidade.

Seu companheiro de milícia e sofrimento, T. L.

CARTA 6. Enviada a um Parente do Autor.

Amigo Cristão,

O Senhor me tornou sensível à sua condição desconsolada. Lemos em Jó 33:23-24 que Deus fala por meio de aflições e, às vezes, envia um mensageiro para mostrar ao homem a sua retidão. Espero que Deus não tenha o desígnio de manifestar Sua ira a você, mas de lhe dar evidências de sua sinceridade. Pois, se você não amasse a Deus, não lamentaria a ausência d'Ele como faz.

Você pode estar, e não duvido que esteja, enganado quanto à sua condição, como esteve a Sra. Honnywood, a quem Deus convenceu por um milagre. Pedro, embora tenha negado seu Senhor, Jesus manifestou-se primeiro a ele. Cristo é um Sumo Sacerdote misericordioso e fiel; Ele considera nossas enfermidades. Não dê crédito a Satanás, que gostaria de fazê-lo crer que Deus não está disposto a se reconciliar. Se fizermos o nosso melhor, não podemos depender de nossa própria justiça, mas devemos confiar na misericórdia de Deus em Cristo.

Seu Amigo Compassivo, G. D.

A AFLIÇÃO MENTAL E A DEPRESSÃO

PARTE I

(Sl 30:5)

Porque a sua ira dura só um momento; no seu favor está a vida; o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã.

INTRODUÇÃO

As misérias sob as quais toda a raça humana tem gemido por muito tempo, e sob as quais ainda geme, devem-se à Queda do Homem. O dia em que nossos primeiros pais cederam à tentação do diabo foi um dia lúgubre para eles e, em seus efeitos, não menos triste para nós. Ele encheu seus corações, outrora puros e quietos, de perturbação e desordem, tornando-os incapazes de pensar em seu grande Criador com deleite. Interceptou aqueles raios alegres e confortáveis de Seu amor, que lhes eram mais satisfatórios do que todas as glórias do paraíso terrestre. Pois, embora após a Queda o lugar ainda abundasse com todos os mesmos refrigérios naturais — os mesmos rios, ervas, árvores e flores — ele já não era um paraíso

para eles. Música alguma poderia deleitar seus sentidos quando ouviam a voz terrível de Deus, convocando-os a responder por seu crime; objeto algum poderia agradar seus olhos quando viam as nuvens se adensando sobre suas cabeças e os cenhos franzidos e temíveis na face de seu poderoso Juiz. Todas as criaturas nada podiam ministrar para sua tranquilidade ou segurança quando o grande Criador estava contra eles. De sua apostasia podemos derivar todas as nossas misérias — tanto as dores e enfermidades que afligem nossos corpos, quanto os medos e terrores que sobrecarregam nossas almas. Nossos corpos estão sujeitos a mil calamidades que podem ser longas e agudas; mas, por mais longas e agudas que sejam, elas não nos causam uma dor tão sensível e viva quanto aquela que sentimos quando estamos sob angústias de consciência e sob o senso da ira de Deus que nos é devida pelo pecado.

Há muitas pessoas que se esforçam, por todas as regras da arte, para dar alívio e ajuda contra os males que acompanham nossos corpos, os quais, após toda a sua arte, descerão à sepultura. E há tantos outros que, pelo dever de seu ofício e pelo caráter que ostentam, são obrigados a imitar seu Salvador: *a pregar boas novas aos mansos e a curar os quebrantados de coração; a proclamar liberdade aos cativos e a abertura da prisão aos presos* (Is 61:1). Mas, muitas vezes, eles se veem perdidos sobre quais remédios aplicar a essas doenças interiores e espirituais. E são sempre incapazes de tornar suas aplicações bem-sucedidas, a menos que o próprio Deus, por Seu poder onipotente, crie a paz e transforme aquele caos e aquelas confusões sob as quais uma pobre alma perturbada está enterrada na alegria e na luz do dia. Apraz ao Deus sábio, que pode nos fazer servir a quaisquer propósitos que julgue mais convenientes para o bem do universo e o bem-estar da Igreja, permitir que

alguns de Seus servos sintam a amargura do pecado e os terrores de Sua espantosa ira; que sejam sobrecarregados com o medo do inferno e, por uma longa estação, sintam-se como se estivessem no próprio inferno; para que, quando forem libertos, possam alertar aqueles que estão tranquilos para que se guardem do pecado, para que este não os traga também a um estado tão pavoroso e terrível; para que, a partir de sua própria experiência, possam, com ternura e compaixão, empenhar-se mais fervorosamente em assistir e ajudar aqueles cujas consciências estão em chamas e que estão cheios de angústia e tribulação; para que, tendo escapado do laço do passarinheiro, possam lutar para desembaraçar aqueles que ainda estão em dificuldade. E, sendo eles mesmos curados de seu horror e espanto, possam conduzir seus irmãos ainda feridos àquele Médico bondoso, àquele Jesus amoroso com cujo sangue suas feridas foram limpas e curadas.

Quanto a mim, tendo estado em longa aflição e grande angústia de consciência por muitos meses, e sob um contínuo medo e apreensão do desagrado de Deus; e agora, por Sua graça inexpressível, não estando sem alguma esperança de Sua aceitação, sendo liberto de tristezas violentas e esmagadoras, eu daria de muito bom grado todo o conselho e ajuda que puder àqueles que ainda pranteiam sob deserções e se queixam de que Deus Se retirou e não Se lembra mais deles. Após as muitas ondas e vagas que passaram sobre mim, pela grande bondade de Deus, agora desfruto de uma calma. E tenho piedade, e gostaria de ajudar aqueles que ainda labutam nas profundezas. E para eles, particularmente, escrevo este tratado no qual, embora existam muitas coisas menos exatas do que um leitor crítico possa esperar, há algumas nas quais espero que uma alma

angustiada encontre alívio. O método que pretendo seguir nesta Primeira Parte é este:

1. Mostrar o que se entende pela ira de Deus; e por que Ele Se ira com Seus próprios servos.
2. Quais obrigações temos para com a paciência, a humildade e diversas outras graças quando estamos sob o senso de Seu desagrado.
3. Por que Sua ira para com Seu próprio povo dura apenas um curto espaço de tempo.

CAPÍTULO 1

A Ira de Deus para com Seus Servos

Sobre a ira de Deus e por que Ele às vezes se ira com Seus próprios servos.

I. Devemos saber que a infinita majestade do céu não está sujeita àquelas paixões inquietas às quais nossa natureza fraca e frágil está exposta. Ele não é às vezes o que não era antes; Ele é sempre em Si mesmo o mesmo; Sua essência é imutável. Mas Ele Se agrada em Se inclinar à nossa fraqueza e reveste Suas intenções com palavras que possam transmitir mais adequadamente às nossas mentes o conhecimento daquilo que Ele projeta. Em Sua natureza puríssima e bendita, há uma calma e tranquilidade perpétuas; nem sofre Ele qualquer daquelas comoções e desordens que existem em homens irados. Sua ira é Sua resolução ou Sua vontade de punir Suas criaturas pecadoras; ou, às vezes, relaciona-se aos próprios males que os pecadores suportam, tais como dor, medo, tristeza, guerras, fome, peste e calamidades semelhantes. Diz-se que Ele está satisfeito conosco quando somos obedientes, quando Sua face brilha sobre nós de maneira confortadora e graciosa; e quando aceita nossas pessoas e nossos deveres, e refrigera nossos corações com as esperanças revigorantes da glória por meio de Jesus Cristo. Mas Ele está irado quando retira as influências alegres e os movimentos vivificadores de Seu Espírito Santo. Também quando oramos e Ele fecha os ouvidos à nossa oração, deixando nossas pobres almas definharem sob desespero ou incredulidade; e quando não encontramos em nós mesmos nenhuma vida espiritual e celestial. Pode-se dizer também que Ele está irado quando envia longas e graves aflições e angústias aos nossos corpos e às nossas almas, e retém Sua bênção de todos os métodos que são

usados com o intuito de nos dar auxílio. E quando Ele procede a uma execução terrível de Suas ameaças, este ato é chamado de vingança, como em *(Sl 99:8): Tu foste um Deus que lhes perdoaste, ainda que tomaste vingança das suas invenções.*

II. Deus às vezes Se ira com Seu próprio povo; trata-se, de fato, de uma ira paternal e castigadora que Ele envia sobre eles, mas não de uma fúria destruidora. Assim, diz-se que Ele Se irou com Moisés, Arão e Miriã. *(Sl 74:1): Ó Deus, por que nos rejeitaste para sempre? Por que se acende a tua ira contra as ovelhas do teu pasto?* Assim Hemã se queixa, *(Sl 88:7): Sobre mim pesa a tua ira; afligiste-me com todas as tuas ondas.* Assim a Igreja se queixa em *(Lm 1:12; 2:1; 3:1)*. As razões para isso são tais como estas:

1. **Porque os pecados deles possuem uma agravação maior do que os pecados de outros.** Eles pecam contra Deus quando já provaram de Sua bondade — quando Ele lhes ofereceu uma luz mais clara e mais experiência de Seu amor do que ao restante dos homens. Quando Ele é ferido na casa de Seus amigos, Ele ressentirá tais injúrias e afrontas. E eles costumam pecar contra movimentos mais frequentes de Seu Espírito Santo; e, após terem se comprometido a ser d'Ele, quebram seus votos e esquecem suas alianças. Uma vez que descobriram que o Seu trabalho é uma recompensa, e que Ele é um excelente Mestre, evidenciado pela paz de suas almas e pela esperança do céu que lhes deu, eles se tornam negligentes em Seu serviço. E não os punirá Ele por essas coisas? Que métodos mais adequados pode Ele tomar do que fustigá-los por sua ingratidão e comportamento impróprio para com um amigo tão bondoso como Ele tem sido para com eles o tempo todo? Ele tem mais

custos e despesas com os filhos de Sua própria família do que com os outros. E assim, se O desobedecerem, devem sentir o Seu desagrado e o aguilhão da vara. *De todas as famílias da terra só a vós vos tenho conhecido; portanto eu vos punirei por todas as vossas iniquidades* (Am 3:2).

2. **Para advertir outros e para limpar quaisquer calúnias que possam ser lançadas sobre Sua Santidade.** Ele Se ira com os Seus para deixar que o mundo profano veja que Ele não faz acepção de pessoas — e que o pecado, onde quer que exista, não ficará impune. Ele coloca alguns na fornalha ardente para deixar que aqueles que estão tranquilos saibam o que eles também mereceram e o que podem esperar se não se arrependerem e se converterem prontamente. Algumas eras sentem os golpes mais pesados de Sua mão e são visitadas com julgamentos severos para ensinar as gerações futuras a serem mais cuidadosas em observar Suas leis e fazer Sua vontade. *(Dt 29:22, 24): E a geração vindoura, vossos filhos... dirão quando virem as pragas desta terra e as suas enfermidades... Por que fez o Senhor assim a esta terra? Por que o ardor desta grande ira?* Ele torna alguns países desolados para que suas desolações mostrem mais eficazmente o mal do pecado e puguem o arrependimento aos seus vizinhos ao redor. Ele põe alguns em chamas para que sirvam de faróis para alertar os demais sobre o perigo que se aproxima. Ele às vezes Se ira para manter a honra de Suas leis e a justiça de Seu governo. Lança alguns em leitos de dor para que outros aprendam por meio deles a conhecer sua própria fragilidade e se preparem para

provações semelhantes. Alguns Ele deixa em trevas, angústia e tribulação para que outros aprendam a valorizar a luz, para que não venham a cair na mesma calamidade. Ele atira Suas setas nas almas de alguns de Seus servos para que todos os que contemplam Seu procedimento severo e justo tremam diante dele e aprendam a temer a Aquele que é um Deus tão santo e justo; para que não ousem aventurar-se naqueles pecados sob cujos efeitos lúgubres veem seus semelhantes gemerem tanto. E deve ser, de fato, um malfeitor endurecido aquele que continuará a praticar seus antigos crimes ao ver outro ser açoitado ou executado por crimes da mesma espécie. Assim, a visão e o relato de Seus julgamentos têm uma tendência natural de reformar o mundo, de purificá-lo e torná-lo melhor — assim como o trovão e o relâmpago limpam o ar e o tornam mais saudável. Quão maligno é este mundo atual, apesar dos múltiplos exemplos de Sua justiça? E quão muito mais maligno seria se Ele permitisse que o pecado ficasse sempre impune? Seus melhores servos são excessivamente seguros e descuidados, esquecidos d'Ele e de si mesmos, até que Ele os desperte por algum golpe severo sobre eles ou sobre outros; e Ele os torna mais diligentes e sérios quando veem as nuvens se formarem e a noite se aproximar. E por Sua ira, Ele planeja ensinar a todos nós a dar um valor mais alto ao amor de Cristo; e a nos fazer saber quão elevada foi a natureza de nossa ofensa, visto que Seu único Filho suportou tanto de Sua ira antes que pudéssemos obter o perdão. E quando nos ferimos sob o Seu desagrado, Ele projeta nos fazer admirar para sempre a bondade de nosso Salvador, que sofreu livremente tanto dano e dor por nós.

3. **Ele Se ira com os Seus para ensiná-los a valorizar o Seu favor mais do que jamais o fizeram.** Se não sentíssemos a amargura de Sua ira, não teríamos um sabor tão doce de Seu amor. Se Ele não Se retirasse às vezes, não considerariamos Sua presença tão confortante quanto ela é. Se não houvesse às vezes o inverno, a tempestade e o tempo gélido, não teríamos tanto prazer na estação do verão. Oh! quão prazerosos são os sorrisos de Deus, quando estivemos por muito tempo sob o terror de Seus cenhos franzidos! Quão prazeroso é, de fato, descobri-lo como nosso amigo, quando por muito tempo pensamos ser Ele nosso inimigo! Quão prazeroso é ter a esperança do céu, quando um homem por muito tempo tremeu às próprias portas do inferno! Quando estivemos errantes por nossas loucuras, como em uma terra estranha, quão prazeroso é voltar para casa novamente! Depois de estarmos entre nossos inimigos, vir ao nosso Pai celestial para que Ele nos receba com palavras de encorajamento, nos envolva em Seus braços, nos banqueteie em Sua mesa, nos chame de Seus filhos, esqueça todas as nossas injúrias passadas e esteja em paz conosco! Como correremos para debaixo de Sua asa em busca de abrigo, quando descobrimos que inúmeros perigos nos alcançaram enquanto Ele retirava o Seu cuidado! Como esperaremos n'Ele com obediência e amor, e Lhe prestaremos serviço fiel em tudo o que ordena, quando nos lembramos de quais dores nossa antiga desobediência nos trouxe! Ele Se ira conosco para curar nossas indulgências, nossa leviandade e orgulho. E quando nossas tolices nos abateram, daremos as mais sinceras boas-vindas ao primeiro romper do dia, ao primeiro brilho de Sua face. E embora antes déssemos

pouco valor aos Seus mais altos favores e Seus maiores banquetes, agora valorizaremos um vislumbre de luz tanto quanto valorizávamos o sol inteiro anteriormente; e participar de apenas as migalhas que caem de Sua mesa nos parecerá tanto uma honra quanto um privilégio. Após muitos dias de tempestade e escuridão, é ainda mais prazeroso ver o sol; até mesmo os pássaros cantam com uma nota mais doce quando o céu está limpo; e os sulcos dos campos se regozijam após uma longa seca ao serem revigorados com a chuva temporã e a serôdia. Quando um país foi por muito tempo assolado por confusões, tumultos e guerras sangrentas, quão delicioso é o retorno da paz!

Quando uma alma pranteou por muito tempo em medo e perturbação, quão delicioso é ouvir a voz de seu Deus dizendo: *Tem bom ânimo!* Como Suas promessas, como o orvalho do ventre da manhã, fazem seus pobres espíritos abatidos reviverem! (Is 12:1).

CAPÍTULO 2

A Ira de Deus para com Seu Povo é Breve

A ira de Deus para com o Seu povo é apenas por uma curta temporada; por que Lhe apraz ordenar que seja assim.

1. **Sua ira é apenas por um momento, se comparada com a eternidade de felicidade que Ele projeta para eles.** Suas tribulações e aflições terão um fim, mas sua glória jamais cessará. Eles choram por um pouco, mas se alegrarão para sempre. Estão desconsolados por alguns anos na terra; mas

quão pequenos e insignificantes são estes diante das vastas durações da eternidade!

2. **Sua ira é apenas por um momento, se comparada com a continuidade de Seu amor.** *No seu favor está a vida*; isto é, geralmente as maiores porções de nossa vida estão carregadas de Seus benefícios. Temos mais penhores de Seu amor do que mensageiros de Sua ira. Temos mais misericórdias do que cruces. Temos mil bênçãos suaves para cada aflição aguda. Seu desagrado traz uma tempestade, mas Seu favor brilha quando esta já se foi e passou. Temos muitas estações agradáveis para cada dia escuro e sombrio. As razões pelas quais Sua ira é apenas por um momento são estas:

(1) **Ele Se lembra da estrutura de Seu pobre povo**; pois, se Sua ira fosse longa e contínua, eles certamente sucumbiriam e pereceriam. (*Sl 103:14*): *Pois ele conhece a nossa estrutura; lembra-se de que somos pó*. Um único franzir de testa nos faz abater e tremer; o que fariam, então, Seus múltiplos cenhos e desagrados? Ele conhece nossa fragilidade: com quais inclinações malignas nossa natureza está corrompida; quão propensos somos ao pecado; e como, se Ele fosse rigoroso em marcar o que fazemos de errado, teria de destruir continuamente as obras de Suas próprias mãos e não restaria ninguém para servi-Lo aqui na terra. Ele Se lembra de quais fraquezas somos diariamente cercados e compadece-Se de nós como um pai Se compadece da fraqueza de seu filho. Ele poderia nos matar em um minuto e tirar o nosso fôlego; quão rápido pode Ele espalhar um pouco de pó e despedaçar nossa frágil constituição! Pois somos tão incapazes de resistir à Sua ira quanto o pó é incapaz de resistir ao vento. Ele sabe que somos tão fracos que, se Ele nos deixasse sós, logo pereceríamos; e que a força de Seu braço

e a grandeza de Seu poder não são necessárias para esmagar vermes como nós. Como disse Davi: *Após quem saiu o rei de Israel? Após uma pulga?* (1Sm 24:14). Assim podemos, em nossas angústias, dizer a Deus: "Por que Te armas com ira contra nós, a quem uma só palavra de Tua boca pode lançar ao chão ou enviar à sepultura?". Não é com Ele como com os grandes opressores do mundo, que usam seu maior poder para pisotear aqueles que têm força desigual. Não, Ele deleita-Se em ligar o que está quebrado, em curar o ferido e consolar os que pranteiam. (*Is 57:16*): *Porque não contenderei para sempre, nem me irarei continuamente; porque o espírito perante a minha face desfaleceria, e as almas que eu fiz.* Tais são a impaciência, a incredulidade e o comportamento inadequado de Seu povo que eles Lhe dão motivos suficientes para estar sempre irado. Mas Ele não procede com o máximo rigor de Sua Justiça. Ele perdoa livremente o que, por direito, poderia exigir. (*Sl 78:38-39*): *Ele, porém, sendo misericordioso, perdoou a sua iniquidade e não os destruiu; antes, muitas vezes desviou deles a sua cólera e não despertou toda a sua ira. Porque se lembrou de que eram carne, um vento que passa e não volta.* E quando nossas extremidades são tão grandes, e nosso senso de Seu desagrado é tão premente que não sabemos o que fazer, podemos pedir a Ele que Se lembre de Sua própria grandeza e de nossa fragilidade — que somos obra de Suas mãos; e que não somos mais capazes de resistir ao Seu poder do que somos de mudar nossas próprias naturezas e ser Seus iguais. (*Jó 13:25*): *Porventura atormentarás uma folha arrebatada pelo vento? E perseguirás a palha seca?* Lembre-se, rogo-Te, de que *como barro me formaste* (*Jó 10:9*).

(2) Uma segunda razão pela qual Sua ira para com o Seu povo é apenas por um momento é porque Ele está obrigado a isso por Sua Aliança. (*Sl 89:31-33*): *Se profanarem os meus*

estatutos... então visitarei a sua transgressão com a vara, e a sua iniquidade com açoites. Mas não retirarei totalmente dele a minha benignidade, nem faltarei à minha fidelidade. Ele está obrigado pela Aliança da Graça a ser o Deus deles e a usar todos os métodos que Sua sabedoria infinita vê serem necessários para sua felicidade final. E se Sua ira e as aflições deles contribuírem para isso, embora sua carne doa e seus corpos sofram, Ele não deixará de usar essas severidades. Seus mais queridos servos podem, pela tentação e por sua falta de vigilância, ser alcançados por seus inimigos espirituais; podem ferir-se e machucar-se, e ocasionar a partida d'Ele. E assim, para incitá-los a uma devida consideração de sua loucura, Ele os deixará por uma temporada. Seus pecados são objeto de Seu horror; e Ele pode enviar perturbações muito graves sobre eles (embora elas venham em uma missão graciosa) para promover o bem-estar futuro deles — ainda que, na angústia de suas almas, eles possam concluir que estas são a marca de Sua ira eterna. Ele não poupará Suas varas, nem, por uma indulgência cega, permitirá que sigam seu próprio curso. Pois um pai, como sabem, corrigirá seu próprio filho, embora não se preocupe com aqueles que são estranhos à família. A ira de Deus por seu pecado pode privá-los de seus confortos mais queridos, de seus parentes mais gentis, de seus filhos mais amados, de seus bens, de sua saúde e de sua tranquilidade. E, no entanto, em tudo isso, Ele pode ter o desígnio de torná-los mais cheios de santidade e trazê-los para mais perto de Si. Esta é uma disciplina ordinária com a qual Ele treina todos aqueles que conduzirá à glória — embora a razão deles, e seus pensamentos sombrios, possam julgar que é para um propósito totalmente contrário. Ele prometeu que todas as coisas cooperariam para o nosso bem; e Ele é fiel quando nos impõe os golpes mais severos, porque eles despertam nossa graça adormecida e purificam nosso pecado.

(3) A razão de Sua ira para com o Seu povo ser apenas por um momento é que, quaisquer que sejam Suas dispensas atuais, Ele jamais renunciará à relação de Pai para com o Seu povo; elas não tornam nula a bondade e a graça pelas quais Ele os adotou inicialmente como Seus. Um pai, quando franze o cenho e quando corrige, continua sendo um pai; e suas simpatias aumentam quando a rebelião e a desobediência de seu filho O obrigam a ser severo. Embora gemamos e choremos pela amargura de nossa dor, ainda assim Ele não muda Seu cuidado paternal — assim como Cristo, quando era um homem de dores, foi declarado por Deus como Seu Filho amado. (*Sl 103:13*): *Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece dos que o temem.* Nenhum de nossos amigos terrestres pode ter o coração mais terno do que Ele, com apenas esta diferença: que eles curariam nossas feridas quando elas comesçassem a arder, enquanto Ele, sendo mais perito, faz nossa cura avançar por graus lentos. Ele nos priva deste ou daquele prazer que amamos ternamente porque vê ser necessário para nossa salvação; como muitas vezes é conveniente cortar uma parte gangrenada do corpo para salvar nossa vida. Ele nos separará de nossas iniquidades, em vez de permitir que elas façam uma separação entre nós e Ele. E não há nada senão um amor mais terno em tudo isso. (*Jer 31:20*): *Não é Efraim meu filho querido? Não é criança das minhas delícias? Porque, depois que falei contra ele, ainda me lembro dele sollicitamente; por isso se comovem por ele as minhas entranhas; deveras me compadecerei dele, diz o Senhor.*

Se houvesse quaisquer caminhos mais brandos e gentis que promovessem igualmente o nosso bem, Ele os usaria com a maior prontidão — se nossa própria necessidade absoluta não exigisse que Ele trouxesse julgamentos sobre nós. Tampouco

usaria Ele, de modo algum, aqueles métodos que parecem rígidos e severos. Aqueles que são o Seu povo estariam em tanta tranquilidade quanto os outros homens, e ririam e se regozijariam tanto quanto eles, exceto pelo fato de que Ele deseja nos ensinar, por Seu desagrado, aquele conhecimento de Si mesmo, aquela fé e aquela paciência, e aquelas outras graças que jamais conheceríamos sem Suas correções oportunas. É mais gratificante para Ele sorrir do que franzir o cenho, recompensar do que punir. (*Dt 5:29*): *Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem, e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos para sempre!* Quando vagamos, Sua bondade e Seu amor não permitirão que Ele nos veja correr para a miséria. Sua ira nos alcançará para nos deter em nosso curso apressado e nos restringir ao caminho correto. Ele nunca golpeia senão por razões justas, embora, no presente, elas possam estar muito envoltas em Seu próprio decreto. Há muitas pessoas com as quais nos iramos e as quais repreendemos, a quem, não obstante, amamos mais sinceramente nesse ínterim. E Cristo nos disse, em (*Ap 3:19*): *Eu repreendo e castigo a todos quantos amo.*

(4) A ira de Deus é apenas por um momento porque Ele Se deleita na misericórdia. (*Sl 103:8*): *Misericordioso e piedoso é o Senhor; tardio em irar-se e grande em benignidade.* Ele não repreenderá sempre, nem reterá Sua ira para sempre. Ele demora a punir; e é com pressa que vem em nosso auxílio quando nos arrependemos, e muitas vezes até antes disso. No meio da ira, Ele Se lembra da misericórdia; Ele não inflige sempre o que merecemos, mas considera o que é mais adequado para Ele nos impor e o que somos capazes de suportar. E, portanto, Ele nos concede algumas mitigações em nossa taça mais amarga. Ele é chamado o Pai das Misericórdias e o Deus de todo Consolo.

Embora o castigo proceda d'Ele, bem como a ternura e a afeição, Ele não é chamado em lugar algum de "Pai dos Julgamentos". A misericórdia brota de Sua própria Natureza, e Ele Se deleita nela. (*Mq 7:18*): *Ele não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na benignidade*. Diz-se que Sua ira está reservada em taças de ouro (*Ap 15:7*); isto é, ela não flui de uma vez, mas por graus; contudo, Sua misericórdia é comparada a um rio e a um ribeiro que transborda (*Is 66:12*); ao óleo de alegria, ao cheiro de mirra, aloés e cássia. É uma glória para este Deus socorrer o miserável e ajudar Seus servos quando todo o poder e força deles se esvaíram. E Ele encerra a controvérsia com eles quando ainda há causa suficiente do lado deles para que Ele prosseguisse na contenda. Quando Ele nos conduz a um deserto, ainda assim providencia alguma água, algum refrigério para nós ali. É uma das grandes maravilhas de Sua providência que Ele sustente aquelas pobres almas que não têm luz de evidência, nem senso de Seu amor, nem esperança, nada exceto os medos da ira e da desolação. E, no entanto, o fato em si e nossa própria experiência nos dizem claramente que é assim. Seus braços eternos estão por baixo, e Seu poder mantém nossa vida quando dizemos que Ele Se esqueceu de ser gracioso. Ele engarrafa nossas lágrimas quando choramos e ouve nossos gemidos quando lamentamos, e proporciona as tribulações que envia para que não sejam longas demais, nem violentas demais. (*Jer 30:11*): *Não te consumirei de todo, mas castigar-te-ei com medida, e de todo não te terei por inocente*. E aquelas aflições que o Seu povo sofre não são, em todos os aspectos, punições propriamente ditas, porque Sua ira está misturada com brandura e mitigada pelas intercessões de um mediador. (*Lm 3:31-32*): *Porque o Senhor não rejeitará para sempre. Pois, ainda que entristeça a alguém, contudo se compadecerá segundo a multidão das suas misericórdias*.

(5) Que Sua ira seja apenas por um momento é por amor do Seu próprio Nome. Sua natureza é sumamente inclinada a nos fazer o bem. Portanto, o profeta Elias disse àqueles idólatras mencionados em *(1Rs 18:24)*: *O Deus que responder por meio de fogo, esse será Deus.* E Ele escolheu esse elemento acima dos demais para significar quão cedo teremos misericórdia; ela vem como que sobre as asas do vento; é tão veloz quanto os raios de luz. *(Os 11:9)*: *Não executarei o furor da minha ira; não voltarei para destruir a Efraim, porque eu sou Deus e não homem.* Um homem, quando é grandemente provocado por seu inimigo, não se satisfaz em tê-lo feito sentir sua ira uma única vez, mas leva sua vingança a graus posteriores e só cessa a perseguição com a morte daquele a quem atacou primeiro. Mas o Grande Deus, embora seja capaz de conquistar aqueles que O opõem com uma derrota e ruína totais, ainda assim permite que respirem e vivam, para que se arrependam e para que Ele faça Sua bondade brilhar com um brilho maior para o mundo. Ele poderia desferir um golpe após o outro, com uma sucessão de novas e maiores misérias, mas Ele refreia Sua ira por amor de Si mesmo. E pode ser um grande consolo para as pobres pessoas aflitas considerar que, quando pecaram, têm de lidar com Deus, e não com homens. Não têm de lidar com homens cheios de fúria e crueldade, mas com um Deus que é gracioso e cheio de misericórdia; não com homens que podem acariciá-los hoje e odiá-los amanhã, mas com um Deus que é imutável. E mesmo quando estão no fogo ou na água, o amor d'Ele por eles continua sendo exatamente o mesmo. Os homens pensam ser uma desonra poupar seus inferiores se estes não testemunharem sua dor por seus crimes por meio das mais baixas submissões. Mas o Grande Deus está tão acima de todas as Suas criaturas que Ele pode, quando quiser, considerá-las abaixo de Sua indignação e magnificar Sua bondade ao poupá-las e perdoá-las quando mais

merecem morrer. (*Is 48:9*): *Por amor do meu nome retardarei a minha ira, e por amor do meu louvor me refrearei para contigo, para que te não venha a cortar.* É o Seu poder que modera a Sua ira. Aquelas pessoas que possuem a menor força, seja de razão ou de coragem, são as mais apaixonadas e inclinadas à vingança. Nas punições, Ele mostra o Seu domínio sobre as Suas criaturas, mas o Seu poder sobre Si mesmo — quando perdoa grandes injúrias e é tardio em punir grandes afrontas. E o Seu poder nesses atos de graça é muito grande e ilustre. Ele é Deus, e não homem. Há mais compaixão e mais piedade real n'Ele do que no homem mais compassivo ou de coração mais terno que já conhecemos. Ele é Deus, e não homem. Aquele a quem ofendemos e que pode nos destruir começa primeiro a buscar uma reconciliação conosco. Este não é o modo e o caminho dos homens, que pensam que aqueles que os ofenderam é que devem dar os primeiros passos para reparar a brecha. Não há atributo na exibição do qual o Grande Deus Se glorie tanto quanto neste de exhibir misericórdia; e é por este que Ele deseja ser conhecido (*Êx 34:6-7*).

(6) Que Sua ira seja apenas por um momento é porque Ele deseja diferenciar entre o justo e o ímpio. As aflições que Ele envia sobre os justos são para prepará-los para o céu e a glória. Mas aqueles açoites que Ele usa para com os ímpios e impenitentes são apenas o começo de suas dores, os lampejos daquelas chamas que os consumirão para sempre. As angústias dos justos são breves, assim como o são as prosperidades dos ímpios. Os justos estão chorando aqui, mas se regozijarão no porvir. Os ímpios têm o seu céu agora, tal como ele é, e depois partem para um inferno eterno; e ali devem chorar e uivar, enquanto os bons e santos terão todas as suas lágrimas enxugadas. Uns descobrirão que Ele foi um Pai amoroso em

todas as suas provações e calamidades; e os outros descobrirão que Ele foi um inimigo, e que assim permaneceu, embora tivessem tido muitas coisas boas no tempo de sua vida presente. Aqui, os justos têm doçura e misericórdia misturadas com suas tristezas; mas ali, os ímpios terão ira pura, sem mistura e intolerável. Aqui, nos golpes mais pesados, os servos de Deus, de vez em quando, encontram algum pequeno conforto; mas Seus inimigos, naquele mundo, não terão sequer uma gota para lhes refrescar a língua, nem refrigério ou apoio algum para sempre. O mesmo Sol que acalentará os justos com Seus raios eternos, queimará os ímpios e os encherá de uma fúria e raiva inexpressíveis. Deus os lançará de todas as suas alturas, silenciará todos os seus discursos altivos e arruinará todos os seus planos de vanglória. *(Dn 4:17): Esta sentença é por decreto dos vigias, e esta ordem por mandado dos santos, a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens* — isto é, pelas petições dos anjos, que não podem suportar que o império de Deus seja obscurecido pelo orgulho dos homens. Além do terno respeito que Ele tem para com Sua própria glória, Ele é constantemente apresentado com as solicitações dos anjos para punir os orgulhosos da terra, que obscurecem a glória de Sua majestade. É necessário para o resgate de Sua honra, e necessário para a satisfação de Seus ilustres atendentes, que pensariam ser uma vergonha para eles servirem a um Senhor que estivesse sempre indiferente às rebeliões de Suas criaturas e que sofresse passivamente aqueles que desprezam o Seu trono. Sua ira para com Seus servos é com misericórdia e dura apenas um momento; mas para com Seus inimigos, será uma ira severa e permanente.

CAPÍTULO 3

As Vantagens da Ira de Deus

Sobre as diversas vantagens que Deus planejou para Seus servos ao Se irar com eles apenas por um momento; juntamente com as obrigações sob as quais eles estão por tal dispensa misericordiosa de Sua providência; e os diversos proveitos que devemos tirar disso.

Inferência 1. Nenhum do povo de Deus tem motivos para concluir que, pelo fato de Ele estar irado com eles no presente, eles estejam, portanto, em um *estado de condenação*. Nosso senso e percepção de coisas que são muito amargas, somados ao conhecimento que temos de nossa culpa e de nossos inúmeros pecados, frequentemente corrompem nossa razão e obscurecem nossa fé. E, pela severidade de Suas dispensas atuais, tendemos a dizer: "Ele Se esqueceu de ser gracioso". (*Jz 6:13*): *Se o Senhor é conosco, como disse Gideão, por que nos sobreveio tudo isto? E onde estão todas as suas maravilhas que nossos pais nos contaram?* "Ele não será mais favorável". Mas esta é a linguagem de nossa incredulidade equivocada. (*Is 49:14-15*): *Mas Sião diz: O Senhor me desamparou, e o Senhor se esqueceu de mim. Porventura pode uma mulher esquecer-se tanto de seu filho que cria...? Todavia ainda que esta se esquecesse dele, contudo eu não me esquecerei de ti.* (*Is 40:27*): *Por que dizes, ó Jacó, e falas, ó Israel: O meu caminho está escondido ao Senhor, e o meu juízo passa despercebido ao meu Deus?* Nossos pecados, de fato, podem fazer com que Ele retire as manifestações de Seu amor, de modo que não sentiremos consolo em nossas orações, nem em Seus ordenamentos, nem em Suas palavras. Cada ameaça nos ferirá profundamente e nenhuma promessa nos trará quietude. E, no

entanto, apesar de tudo isso, Ele pode retornar com Suas influências vitais. E, embora não tenhamos visto nem o sol, nem a lua, nem as estrelas por muitos dias e noites, uma luz gloriosa pode suceder-se depois.

Nas aflições graves, nosso senso de dor, o medo que acompanha nossa culpa e a malícia do diabo podem nos levar a conclusões desesperadas e injustificáveis. E a pessoa abandonada pode dizer: "Sou abominado pelo Senhor; Ele me considera Seu inimigo; Ele é cruel comigo; Ele Se afastou de mim; Ele não me responde. Vou aos Seus ministros, e eles não me dão alívio. Vou à Sua Palavra e ela é amarga ao meu paladar; enche-me de fel e absinto". Procuro-O em minhas solidões e nas assembleias de Seu povo, mas não O encontro. Ele me deixou; Ele me rejeitou. *O consolador que deveria restaurar a minha alma está longe de mim. Edificou contra mim; cercou-me, para que não possa sair; agravou os meus grilhões. Ainda quando clamo e grito, ele exclui a minha oração. Foi-me como urso de emboscada, como um leão em esconderijos* (Lm 3:7-10).

Este é um caso triste e fúnebre e, no entanto, aquele que sofre tudo isso não deve dizer que não há socorro futuro, pois Deus pode ser gracioso. E Sua ira, embora muito terrível e perplexa, é apenas por um momento. Nenhum crente deve concluir que, por estar sob o desagrado de Deus no presente, seja ele, portanto, um filho da ira. Nem deve ele, a partir de seu sentimento atual, ousar afirmar sua reprovação; isso é usurpar aquele julgamento que não pertence aos homens e uma determinação positiva de algo que não podemos saber. Podemos muito bem concluir que, quando o sol se põe, ele nunca mais nascerá; ou que, quando nuvens espessas escurecem o ar, nunca mais haverá tempo bom. Jamais devemos esquecer o caso de Jó. Nunca houve homem coberto por um monte maior de misérias, nunca houve homem

mais aparentemente abandonado por Deus e fustigado pelo diabo do que ele. Jamais alguém proferiu queixas mais lúgubres do que as que ouvimos do pobre homem em sua pesada provação, como em (*Jó 10:16-17*): *Caças-me como a um leão feroz; e tornas a fazer maravilhas contra mim. Renovas contra mim as tuas testemunhas, e multiplicas contra mim a tua ira. (Jó 19:6, 10, 11): Sabei agora que Deus é que me transtornou, e com a sua rede me cercou... Todo me destruiu, e eu me vou; e arrancou a minha esperança, como a uma árvore. E acendeu contra mim a sua ira, e me reputou para consigo como um de seus inimigos.* E, no entanto, que livramento glorioso o pobre homem teve depois de tudo isso! Não devemos dizer que, por sermos miseráveis no presente, seremos sempre assim; ou que, por Deus estar agora irado, Ele jamais voltará a Se agradar. Não, devemos antes lembrar que é apenas por um momento. E, embora a mão bondosa de um amigo possa nos causar dor, Deus sonda nossas feridas apenas visando a cura. Ele não envenenará nossas chagas, nem, como um inimigo, terá prazer em nossos tormentos.

Inferência 2. Temos grandes motivos para sermos pacientes em todos os sofrimentos que são efeitos do desagrado de Deus, vendo que é apenas por um momento. (*Mq 7:9*): *Sofrerei a ira do Senhor; porque pequei contra ele, até que julgue a minha causa.* Não há nada a que estejamos mais sujeitos sob o senso do desagrado divino do que à irritação e ao descontentamento. Como disse Davi: *Eu dizia na minha pressa: Estou cortado de diante dos teus olhos* (Sl 31:22). E deveríamos, com todo o cuidado imaginável, estar fortificados contra isso. Esta graça da paciência é algo de que todos nós teremos muita necessidade durante os múltiplos males deste mundo miserável. Teremos necessidade disso como homens; pois, como tais, nascemos para

a tribulação. E precisaremos disso muito mais se formos cristãos verdadeiros; pois, como tais, devemos esperar mais problemas da corrupção de nossos corações, do mundo e do diabo. Pois, se o diabo nos vê indo para aquele céu do qual ele está excluído para sempre, sua fúria o incitará a nos dar moléstia contínua em nosso caminho para lá. Para que possamos, portanto, estar preparados para resistir aos seus ataques sutis e violentos e para suportar aquelas provações longas e graves que podem ser o nosso quinhão, tenhamos estas coisas diante dos olhos:

1. **Se formos impacientes quando Deus Se ira conosco, provocaremos Sua ira ainda mais**, fazendo-O dobrar os golpes de Seu braço, que no momento já são pesados o suficiente para suportarmos. Se as primeiras correções não nos trouxerem a um estado maleável e terno, Ele será forçado (se planeja o nosso bem) a enviar muitas outras sobre nós. Nossa rebeldia e impaciência acrescentarão mais dor e aguilhão às varas que já estão sobre nós e darão um fio mais cortante à nossa tribulação. E assim, aquilo que a princípio era apenas um golpe único, se multiplicará em muitos outros. E, por meio disso, faremos do mal de nossa aflição, que é planejada para o nosso *bem*, o nosso pecado — carregando assim aquela inconveniência para nossas *almas*, que, com um estado quieto e submisso, teria apenas ferido nossos *corpos*. Por este meio, perdemos todas as bênçãos confortáveis de uma cruz santificada e bem aproveitada; e fazemos com que aquele jugo nos fira, quando, de outra forma, ele poderia repousar com suavidade sobre nossos pescoços (*Mt 11:29*).
2. **Lembre-mos de que de modo algum somos injustiçados quando estamos sob longas aflições; e**

que, aconteça o que acontecer conosco, Deus é sempre muito justo. *Ele não sobrecarrega o homem mais do que é justo* (Jó 34:23). Um pai terrestre, no calor e ardor da ira, pode corrigir as loucuras de seu filho de maneira severa demais. Mas aquele Deus que conhece a nossa estrutura — o que é adequado para Ele fazer e o que somos capazes de suportar — proporcionará Suas correções às necessidades de nosso caso e não permitirá que nossas tribulações durem um dia sequer além do necessário para realizar aqueles fins excelentes para os quais foram planejadas. Ele pode, em Sua ira, nos derrubar e nos tornar desolados; mas não sabemos que estrutura atraente Ele pretende edificar a partir dessas ruínas. Pode ser que a escuridão que nos assusta seja o prenúncio de um dia eterno e glorioso. Seus caminhos são muito superiores aos nossos. Tanta grandeza, sabedoria e bondade quanto há n'Ele deveriam produzir paciência e resignação em nossos corações, mesmo que não saibamos qual termo Ele pretende colocar em Seus atuais planos sombrios e inescrutáveis. Embora estejamos sofrendo, Ele ainda é fiel; e, embora não satisfaça nossa curiosidade, nem permita que nossos olhos cegos penetrem nas profundezas de Seus conselhos, ainda assim mantenhamos esta verdade como certa: que o Senhor é justo e reto em todos os Seus caminhos. Ele pode nos dizer, como Cristo disse a Pedro: *O que eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois* (Jo 13:7). Sua justiça deve silenciar nossas queixas murmurantes; e Sua fidelidade, nossos desânimos e desfalecimentos. Ele jamais nos aflige sem motivo; Ele nunca o faz senão com o desígnio de nosso bem final. A espada que nos fere traz consigo um

bálsamo; ela abre uma passagem para deixar sair nossas corrupções e, então, cura e fecha a ferida novamente. *(Is 30:18): Por isso, o Senhor esperará para ter misericórdia de vós; e por isso se levantará para se compadecer de vós, porque o Senhor é um Deus de equidade; bem-aventurados todos os que por ele esperam.*

3. **Para que possamos suportar Sua ira com paciência, consideremos quais misericórdias Ele nos deu, e quão pior poderíamos estar do que estamos agora.** Pode ser que Ele franza o cenho para nós, mas esse cenho poderia ter sido nossa sentença final; e aquela ira que agora se acende contra nós poderia ter sido incêndios eternos. E, embora Ele fale conosco por coisas terríveis, ainda assim poderia ter dito: *Apartai-vos de mim, malditos* (Mt 25:41). As gotas que caem sobre nós poderiam ter sido um dilúvio e uma tempestade de furor; e a fornalha ardente na qual somos lançados para consumir nossa escória poderia ter sido o nosso inferno. *(Lm 3:39): De que se queixa, pois, o homem vivente? Queixe-se cada um dos seus pecados.* Oh, como nosso Deus gracioso, mesmo em nossas provações mais dolorosas, lida conosco muito melhor do que merecemos! Multiplicamos nossas dores em uma vasta conta; mas, se as comparássemos com nossos pecados, o número delas pareceria ser muito pequeno. Se colocássemos nossas cruzes e nossas iniquidades na mesma balança, veríamos rapidamente que diferença imensa existe entre elas. Será um motivo considerável para a paciência considerar o que merecemos.

Lamentamos a perda do senso do amor de Deus e, infelizmente, não o valorizamos como deveríamos! Queixamo-nos de que Ele nos desamparou, mas quem de nós valorizou Sua presença na medida em que poderíamos ter valorizado? Dizemos que Ele não ouve nossas orações, que Ele está surdo ao nosso pedido; e quantas vezes oramos como se *não* orássemos? Quantas vezes Ele buscou entrar em nossos corações e nós O repelimos? Quantas vezes Ele chamou e nos convidou a vir a Ele e não obedecemos ao Seu chamado? Temos razão, então, para estarmos impacientes por Ele nos ser um estranho, quando lembramos como Ele teria habitado conosco, mas nós O excluímos? — ainda que tenha sido nossa ignorância que nos traiu a isso, e *não soubéssemos o que fazíamos*. Contamos nossas noites de trevas, quão longas elas são e quão fúnebres. Mas esquecemos como Ele nos deu muitos dias brilhantes e claros, muitas horas de paz e alegria, para cada uma de dor e tribulação. Merecemos ser miseráveis todos os dias de nossas vidas, pois todos os dias pecamos. Temos muitas estações saudáveis, bem como tempos de enfermidade — ao passo que Ele poderia ter tornado nossa passagem inquietante e perturbada nas águas profundas, desde o útero até a sepultura.

Sabei, portanto, que *Deus exige de ti menos do que merece a tua iniquidade* (Jó 11:6). Sofremos justamente por nossos pecados. Se Deus fosse inquirir a multidão, a hediondez e todas as agravações de nossos pecados, teríamos uma multidão maior de cruzes. Cessemos, pois, de ser impacientes; pois Ele lida conosco com grande ternura e misericórdia. Nossas tribulações podem ter sido agudas e longas, mas poderiam ter sido mais pungentes, mais amargas e mais violentas, e estendidas a uma duração mais formidável. Mas agora, porque não foi assim, Ele nos visitou em Sua ira; *entretanto ele ainda não puniu na sua*

ira, nem se importou muito com a arrogância (Jó 35:15). Ele não despertou todo o Seu furor, nem nos espantou com todo o trovão de Seu poder. Não sejamos como os israelitas em (*Sl 106:7*), que O provocaram e não se lembraram da multidão de Suas misericórdias.

1. **Considere que Ele não usa outros métodos com você, quando está irado com você, senão os que usou com Seus servos mais queridos antes de agora;** e isso pode tender a acalmar seus espíritos sob provações longas e graves. Você é melhor do que Moisés, do que Jó, do que Hemã, do que Davi e Asafe, e muitos outros homens excelentes e santos com os quais Ele Se desagradou e que sentiram Sua ira, embora tenha sido apenas por um momento? Somos mais zelosos e obedientes do que eles foram? Não merecemos os castigos de nosso Pai celestial tanto quanto eles mereceram? Sim, *de fato*, e muito mais. Se temos o espírito e o privilégio de filhos, não deveríamos murmurar se temos nossa parte na disciplina da família. Gostaríamos que o curso da providência fosse invertido e mudado por nossa causa? Podemos imaginar que seremos sempre poupados, quando tantos grandes santos sofreram sob o desagrado de Deus por seu pecado? Tendemos a pensar que *não há dor como a minha dor, que veio sobre mim, com que o Senhor me afligiu* (Lm 1:12). Mas não inquirimos sabiamente sobre este assunto; pois, se rastrearmos os passos dos homens santos de outrora, descobriremos que inúmeras e mui graves calamidades foram a porção deles tanto quanto a nossa. Ouvimos falar das angústias e da paciência de Jó; das dores de seu corpo e das perturbações de sua alma; e quando nossos corpos ou nossas almas estiverem mais

aflitos do que os dele estiveram, então será tempo suficiente para começarmos a murmurar. E se não o fizermos até lá, seremos tão notáveis por nossa paciência quanto ele foi. *Não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse* (1Pe 4:12). *As mesmas aflições se cumprem entre os vossos irmãos no mundo* (1Pe 5:9).

E isto deve ser devidamente meditado; pois não há nada de que Satanás faça maior uso para nos deixar perplexos em nossa hora de tentação do que a duração e a agudeza de nossas provações. É como se Deus fosse, portanto, nosso inimigo porque nos aflige; ou que não somos Seus filhos porque somos aflitos por tanto tempo. Assim o espírito maligno sugerirá e dirá:

"Se você fosse um amigo de Deus, que é tão compassivo e tão tardio em irar-se, Ele o perseguiria com brecha sobre brecha, com um golpe após o outro, e deixaria Sua mão pesar sobre você dia e noite? Ele sustenta, conforta e refrigera todos os Seus servos. Mas você não tem refrigério algum, nada além de angústia e aflição. Portanto, você não é d'Ele".

Mas, pela fé, devemos apagar esta seta inflamada e saber que o fruto de nossa aflição pode ser muito doce, embora no presente seja muito amargo; e que estamos sob a condução daquela sabedoria que pode ordenar até mesmo esta cruz para o bem. E quaisquer névoas que aquele espírito invejoso possa levantar diante de nossos olhos, lembremo-nos ainda de que *Sua ira é apenas por um momento*; que outros que temos certeza de que Deus amou passaram por tribulações semelhantes; e que Seu próprio Filho amado ainda era Filho quando foi um homem de dores; e que Suas aflições foram de grande extensão, desde a manjedoura até a cruz. Se Deus deseja que sejamos conformados

a esta Pessoa bendita, a ponto de não termos descanso de provações até que estejamos quietos na sepultura, então não deveríamos desconfiar de Sua bondade, nem murmurar contra ela.

1. **Comparemos nossos sofrimentos e aflições atuais com aquela felicidade que está por vir.** Sua ira é apenas por um momento, mas Seu amor será para sempre. Ele franze o cenho por um momento, mas lhes mostrará Sua face satisfeita para sempre. Ele os corrige e eles choram por um momento, mas Ele os abraçará e eles se regozijarão para sempre. *O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã* (Sl 30:5). E não sentimos nossos corações começarem a saltar dentro de nós quando consideramos que estamos em dor por um momento, mas estaremos em tranquilidade para sempre? Não são estas boas novas para aqueles que temem a Deus e, no entanto, estão aflitos? Levantai vossas cabeças, vós que pranteais, vós, prisioneiros da esperança; é apenas por uma pequena temporada. Não permitam que seus corações desfaleçam. Sei que dirão:

"Oh, eu poderia suportar qualquer coisa, menos a ira de Deus. Ele está irado com a minha alma; Ele nega uma resposta às minhas orações; Ele não me dirige uma única palavra de consolo. Olho para os Seus céus e eles são como bronze. Corro aos Seus ordenamentos e ouço Sua Palavra nas assembleias de Seu povo. Mas, enquanto outros estão molhados com o orvalho do céu, eu permaneço seco e negligenciado como estava. Pareço ser como os *montes de Gilboa; não caia sobre mim orvalho nem chuva* (2Sm 1:21). Pareço estar sob a maldição de Deus. E porque anteriormente não aproveitei os meios da graça, Ele parece dizer de mim como da figueira estéril: *Nunca mais nasça*

fruto de ti. E pode me dizer para onde devo ir e o que devo fazer em um caso como este?"

Você deve ainda, em submissão humilde, esperar no Senhor. Ele Se detém em relação ao seu auxílio atual por um desígnio mui gracioso. Ele engarrafa suas lágrimas e conhece suas dores; e aquela ira que agora o curva até o chão será removida em pouco tempo; e sua fé e sua esperança não serão em vão. Há milhares de alegrias preparadas para encontrá-lo quando você estiver um pouco mais purificado e preparado para elas. *(Is 54:7-8): Por um pequeno momento te deixei, mas com grandes misericórdias te recolherei. Com um pouco de ira escondi a minha face de ti por um momento; mas com benignidade eterna me compadecerei de ti, diz o Senhor, o teu Redentor.* Nada pode ser menor do que um momento; é a menor parte do tempo; e, no entanto, todas as nossas tribulações aqui são uma coisa tão pequena quanto essa, se comparadas àquela eternidade sem fim que está por vir. Assim, se suas aflições externas e seus medos espirituais durassem a vida inteira — e ninguém pode lhe dar garantia do contrário — ainda assim toda esta vida não passa de um momento, mas de um nada em comparação com aquele estado de bem-aventurança que vem depois. Nem são os graus de suas dores aqui proporcionais aos graus de sua glória que se aproxima. Pois *a nossa leve aflição, que é só por um momento, produz para nós um peso eterno de glória mui excelente* (2Cor 4:17). Este grande Apóstolo chama suas aflições de "muito leves"; e, no entanto, jamais houve alguém que sofreu mais tribulações por causa da malícia do mundo do que ele, como se pode ver em *(2Cor 11:25-26)*. O que é um momento comparado a um dia, e um dia comparado a um ano? E, no entanto, tais e infinitamente menores são nossas aflições mais longas aqui, comparadas àquela eternidade. Como diz um autor:

"O que é um grão de areia diante de todos aqueles vastos montes de areia que há em todo o mar? O que é uma gota de água diante das vastas coleções dela que há no grande oceano? O que é um pequeno mosquito para todo o universo? Assim é toda a aflição desta vida que passa, quando comparada com a glória que está por vir. E, no entanto, um grão de areia é alguma coisa em respeito à terra inteira; e uma gota não é totalmente nada, embora comparada com o oceano. Pois, pelo empilhamento contínuo de grão sobre grão, seria possível fazer um globo tão grande quanto a terra; e o oceano poderia ser esvaziado de sua água. Mas a eternidade não pode ser diminuída; ela não sofre mudanças. Após milhões de anos em felicidade, ela será tão doce e tão confortável quanto foi no primeiro momento. É a duração de nossas tribulações e de nossa dor que as torna mais penosas. Como quando não dormimos, a noite parece muito longa, e as horas fúnebres de nossa enfermidade parecem mover-se a um passo muito mais lento do que as de nossa saúde prazerosa".

Assim Jó discorria como se o seu tempo, estando sobrecarregado de misérias, parecesse uma eternidade. (*Jó 7:15-16*): *Pelo que a minha alma escolheria antes a estrangulação; e a morte, antes do que os meus ossos. Abomino a minha vida; não quereria viver para sempre; deixa-me, pois, porque os meus dias são vaidade.* Ele estava cansado de estar em dor por tanto tempo e pensava que sua vida aflita jamais teria fim. Contudo, *para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada* (Rm 8:18). Estamos próximos de uma mudança bendita. E quem não se submeteria aos perigos de uma viagem perturbada por um mês, se soubesse que retornaria para casa carregado de grandes tesouros e viveria em esplendor para sempre? Que prazer é para aqueles que estão sitiados saber que certamente serão socorridos

em pouco tempo! Isso os faz, embora pressionados muito de perto por seus inimigos, retomar o fôlego com nova coragem e animarem-se uns aos outros. Assim deveria ser com todos os crentes. O dia da vinda de seu Senhor se aproxima, e então Ele porá em fuga todos os seus inimigos e recompensará sua diligência e perseverança. O inimigo de nossas almas está cheio de fúria. Mas o que o enche de furor pode nos render consolo, porque sabemos que *o seu tempo é curto* (Ap 12:12). *E o Deus de paz esmagará em breve a Satanás debaixo dos vossos pés* (Rm 16:20). Oh, que palavras confortáveis são estas! Aquele inimigo que nos enche de aflição, e cuja malícia é tanto grande quanto constante, em pouco tempo não molestará nem interromperá mais nossas satisfações.

Suas lágrimas que você derrama por suas ofensas agora são muito justas. É o que devemos a Deus por termos pecado tanto contra Ele. Mas em breve estaremos com Ele e nunca mais nos queixaremos de Sua ausência. Quando um homem é açoitado por tempestades e não vê perspectiva da costa, é muito fúnebre; mas não é assim conosco, que temos o nosso porto à vista. E se nossas tribulações continuassem por vinte ou trinta anos? Isso seria muito esmagador para o nosso senso; e, no entanto, é *nada* quando comparado com uma eternidade de alegrias nas alturas. Quão logo isso acabará? E quanto tempo aquilo permanecerá? Lança um grande desânimo sobre todas as coisas debaixo do sol o fato de serem insatisfatórias e mui breves. Por mais prazerosas que nos sejam, elas partirão. Nossos amigos e todo o deleite de sua conversa — nossas riquezas e todo o respeito e serviço que nos angariam — desaparecerão. Nossos amados corpos, que mantemos com grande despesa e cuidado, nos deixarão e devem ir para a sepultura. Mas nossa felicidade será para sempre. É a Felicidade Eterna; nossos pensamentos

não podem compreender, nem nossas palavras expressar o que ela é. Saberemos então o que é, quando estivermos em posse real dela. *E assim estaremos sempre com o Senhor* — que encorajamento isso confere à nossa paciência e resignação! Estar com Ele, que é a nossa porção e o nosso tudo; estar com Ele e estar sem o nosso pecado que O provocou à ira e entristeceu nossos espíritos — que céu será este!

Assim como esta vida, por suas aflições tediosas, parece uma eternidade para aqueles que estão em angústia, as delícias daquela vida imperecível nos parecerão apenas um momento, de tão prazerosas que serão. E estamos próximos disso. Embora as dores que precedem nossa partida provem ser muito agudas, em um momento a morte, quando quer que venha, terá passado. Em um momento veremos a face de Deus que nos esteve oculta aqui; seremos mudados num abrir e fechar de olhos. E quando estivermos naquela eternidade, diremos então que limpamos nossos corações em vão? Não veremos então que não tínhamos motivo para murmurar ou nos queixar? Todas as nossas faculdades serão gratificadas com objetos adequados e empregos apropriados; tudo será coberto e engolido por uma alegria rápida e viva. Oh! quão benditas são as lágrimas que nos levarão a tal alegria! Bendita é a cruz que produzirá tal fruto para nós. E bendito seja aquele Deus que nos concederá tal recompensa. Quando chegarmos lá, cantaremos em consideração àquelas mesmas aflições que nos fizeram suspirar e gemer enquanto estávamos na terra. *É bom estar lá*; e quão livremente permitiríamos que nossos pensamentos habitassem sempre neste tema prazeroso, se não fosse pelo fato de que nossos negócios seculares e os assuntos necessários da vida nos chamam para longe do Monte da nossa Transfiguração? No entanto, não esqueçamos que estas são as verdades de Deus, que

Ele mostrou aos Seus servos e que em breve se cumprirão. E elas estão mui próximas também e devem ter uma influência adequada sobre nós.

Como os mártires de outrora se regozijavam quando viam o dia em que deveriam sofrer! Como eles se abraçavam e encorajavam uns aos outros, dizendo: "Falta-nos apenas uma hora ou duas para o céu. Temos apenas mais um combate a terminar e estaremos com Cristo. Jantamos com ervas amargas, mas cearemos com Ele. Antes que a multidão que veio nos ver morrer se disperse, estaremos com Deus e com inúmeros anjos e os espíritos dos justos". Com que calmaria os benditos sofredores disseram *adeus* a este mundo, proclamando:

"Adeus sol, lua e estrelas, e bem-vindas, luzes melhores. Adeus esposas e filhos, amigos e conhecidos. Adeus, prazeres enganadores do mundo. E agora bem-vindas, vós, alegrias do paraíso; bem-vinda, doce cruz de Cristo; e bem-vinda, morte, que nos conduzirá até lá".

E assim suas almas foram conduzidas em carros de fogo para a casa de seu Pai. Se há música na revolução das esferas celestiais, como alguns filósofos imaginaram, não sabemos. Mas é mui provável que a alma separada do cristão paciente e triunfante tenha aqueles anjos que se regozijaram em sua conversão à espera para carregá-la ao seu lar bendito, para apresentá-la ao trono de Deus com louvores alegres e aleluias uníssonas. Assim devemos admirar e imitar a paciência dos santos, cuja vida começou com trevas e tristeza, mas terminou com luz e prazer — começou com um combate, mas concluiu com a vitória. E então a alma que, momentos antes, estava desconsolada, terá motivos para dizer naquele dia: *Ó Senhor, eu te louvarei! Porque, ainda que te iraste contra mim, a tua ira se retirou, e tu*

me consolaste. Eis que Deus é a minha salvação; ...o Senhor Jeová é a minha força e o meu cântico, e se tornou a minha salvação (Is 12:1-2).

CAPÍTULO 4

O Grande Amor de Cristo ao Sofrer a Ira de Deus

Sobre o grande amor de Cristo ao sofrer a ira de Deus em Sua alma; o qual é tanto mais admirável por Ele tê-la suportado por nós, e não pelos anjos caídos; e porque Ele está agora, por Sua própria experiência, mais qualificado para nos socorrer sob todas as nossas tentações.

Inferência 1. Quão grande motivo temos para valorizar Jesus Cristo, que, ao sofrer a ira de Deus em Sua própria pessoa, angariou este privilégio para os crentes: que a ira de Deus para com eles dure apenas um momento? Não fosse por Sua satisfação imaculada, a Justiça Divina teria flamejado perpetuamente contra nós; e Ele não estaria irado conosco apenas agora, mas para sempre. Ele nos livrou da ira vindoura.

Aquilo que é fácil para nós por meio de nossa fé foi comprado por Ele a um preço mui caro. Ele derramou Seu próprio sangue para obter paz e misericórdia para nós. Oh, quão grande foi o fardo daquela pesada cruz que Ele carregou por nós? Quão terrível e espantosa foi aquela ira que Ele sentiu em Suas agonias amargas e fúnebres, quando não viu um único sorriso na face de Seu Pai; quando houve para Ele uma hora de trevas espessas; e quando, sob a dor do que sentia e a visão do que ainda haveria de sentir, disse: *A minha alma está cheia de tristeza até à morte?*

— e quando as agonias de Sua alma afetaram o Seu corpo e O fizeram suar, por assim dizer, gotas de sangue, mesmo em uma estação fria? Que tempo sombrio foi aquele quando Ele caiu sobre Sua face em postura de dor e, com fortes clamores e lágrimas, orou: *Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice?* Que ira flamejante foi aquela que O queimou quando Ele proferiu aquelas palavras terríveis: *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?* O Anjo disse a Maria que uma espada traspassaria o seu filho (*Lc 2:35*) — que tratamento injurioso a alma dela deve ter encontrado; mas quão muito mais afiada foi a espada que traspassou a alma do próprio Cristo? A ira que Ele suportou teria sobrecarregado e destruído totalmente anjos e homens, tivessem eles unido suas forças. Não houve ninguém senão Ele capaz de sustentar tal combate e suportar tal carga. Oh, onde estaríamos nós, criaturas culpadas, não tivesse Ele morrido por nós! Deus teria sido nosso inimigo e o inferno o nosso quinhão. Sua santidade não Lhe permitiria ser gracioso conosco sem uma satisfação por ela; e não houve ninguém capaz de fazê-la, senão Seu próprio Filho mui amado — e esta Pessoa excelente o fez livremente.

E que motivo temos para *compreender qual seja a largura, e o comprimento, e a profundidade, e a altura* deste amor que excede todo entendimento! (*Ef 3:18*). Os anjos no céu se maravilham com isso, de tão grande que foi em si mesmo e por ter sido realizado de modo tão doloroso e custoso. E nós podemos, com justiça, estar cheios de uma alegria admirada; pois somos os mais interessados, e nosso pecado e nossa culpa nos fazem precisar dele mais do que eles. Não houve nada em nós para movê-Lo a começar ou terminar a obra bendita de nossa redenção — nada senão miséria. Ele nos viu perdidos e veio nos buscar. Viu-nos perecendo e Sua simpatia aumentou dentro

d'Ele; Sua própria piedade e compaixão O levaram a vir e nos salvar. Que punição merecíamos por nossas múltiplas transgressões? E Ele veio e suportou o castigo que nos era devido, quitando aquela dívida que jamais seríamos capazes de pagar. Quão bondoso foi Aquele que não considerou Sua própria vida nem Seu próprio sangue como algo excessivo para nós? Quem jamais expôs sua pessoa e sua vida por um inimigo? E, contudo, Ele morreu por nós quando o éramos. É um ato de misericórdia tão maravilhoso como se o filho de um Príncipe entregasse sua cabeça ao carrasco para salvar um rebelde que se levantara contra a coroa e o governo de seu próprio pai.

O que Ele exige de nós por tudo o que fez? Ele nada pede senão o nosso amor, e não Lhe daremos nossas melhores afeições, nossos mais elevados pensamentos e nossos corações, que Ele comprou tão caro? Alguma daquelas coisas às quais damos o nosso amor fez por nós o que Ele fez? Ele possui o melhor título e provará ser nosso amigo mais fiel ao final. Não fosse por Ele, jamais poderíamos ter orado a Deus com esperança, nem vivido sem uma expectativa temerosa de vingança. É por Sua morte que Deus é aplacado e que Sua ira dura apenas um momento para com aqueles que recebem o Seu Filho. Deus sentiu um aroma suave neste sacrifício e agrada-Se imensamente com ele, e agrada-Se de nós por conta disso. Ele não nos persegue com ira agora, mas nos convida a Si mesmo em misericórdia; Ele embainhou Sua espada flamejante e está pronto para nos envolver em Seus braços. E, embora não veja nada em nós para excitar Sua bondade, cada vez que olha para o nosso bendito Senhor, vê Alguém que O agradou inteiramente, que fez Sua vontade e que é o amado de Sua alma. E é por amor d'Ele que Sua ira para conosco é tão demorada; e que, quando vem, dura apenas um momento. Amemos este Redentor com todo o nosso

coração, lembrando-nos daquela sentença terrível do nosso apóstolo: *Se alguém não ama ao Senhor Jesus Cristo, seja anátema maranatha, (1Cor 16:22).*

Há duas coisas que devem nos levar a amá-Lo por ter suportado a ira de Deus:

1. Que Ele a suportou *por nós*, e não pelos anjos caídos.
2. Que, por Sua própria experiência, Ele é capaz de nos ajudar sob todas as nossas tentações e quando estamos sob o senso do desagrado de Deus.
3. **Cristo não suportou a ira de Deus pelos anjos caídos.** Eles caíram d'Ele como nós caímos, mas Ele não planeja levantá-los novamente. Eles gemeram sob a ira do poderoso Juiz e devem gemer sob ela para sempre. Nenhum raio de luz alegre brilhará em sua masmorra; nenhum mensageiro será enviado para lhes dar as boas novas da salvação. A ira de Deus os lançou fora do céu e a porta está fechada para sempre. Eles sabem que este é o seu caso fúnebre e, por isso, enfurecem-se contra Ele e contra Seus servos e Seus interesses no mundo. O que poderia mover Cristo a assumir a natureza humana, e não a dos anjos? (*Hb 2:16*) — a dizer a nós: "vive", e permitir que eles morram? A visitar nosso mundo pecador, a nos colocar em liberdade, a abrir as portas da prisão, enquanto permite que eles rujam em cadeias de ira? Como possuem maiores capacidades e naturezas mais sábias que as nossas, poderiam ter honrado seu Criador mais do que nós, tivessem sido redimidos. Mas devem prantear para sempre e nunca cantar o Seu louvor; devem sofrer enquanto nós nos regozijamos. Enquanto esperamos pelo nosso Senhor, eles tremem com medo de

Sua vinda (*Mt 8:29*). Enquanto temos a doçura da esperança, eles estão em angústia e aflição, em desespero e horror. Nós temos nossos dias de descanso, mas eles não têm repouso. Podemos chamar a Deus de nosso Pai por meio de Jesus Cristo, mas eles não O conhecem por nome tão confortante. Eles sentem o Seu poder, mas não provam o Seu amor. Eles tremem sob Sua vingança, mas todo o consolo e alegria fugiram deles para sempre. Por que estamos na luz e eles nas trevas? Por que Cristo é um médico para nós, enquanto é um juiz para eles? Verdadeiramente, nada faz a diferença senão o Seu próprio amor; e que espécie de amor é este! (*1Jo 3:1*).

4. **Foi um grande amor de Cristo suportar a ira de Deus, porque agora Seus pobres servos tentados têm Alguém a quem podem recorrer em todas as suas aflições.** (*Hb 2:18*): *Porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados.* É um grande alívio para o miserável e o aflito ser apiedado por outros; como em (*Jó 19:21*): *Compadece-vos de mim, amigos meus, compadece-vos de mim, porque a mão de Deus me tocou.* É algum alívio quando outros, embora não possam nos ajudar, parecem estar verdadeiramente preocupados com a tristeza de nosso caso; quando, pela gentileza de suas palavras e ações, suavizam um pouco as feridas que não podem curar. Mas é um acréscimo indizível à cruz quando um homem é abatido sob o senso do desagrado de Deus e vê os homens zombarem de sua calamidade, ou vingarem-se dele, ou falarem rudemente. Isso inflama e exacerba a ferida que já era grande o suficiente; e é algo difícil quando se tem um som pavoroso nos ouvidos e

cada amigo se torna um "filho do trovão". É fácil para as pessoas que estão tranquilas lidarem severamente com as que estão aflitas; mas pouco sabem elas como seus discursos severos e palavras iradas perfuram a alma até o íntimo. É fácil culpar os outros por se queixarem. Mas, se tivessem sentido por apenas um breve momento o que significa estar sob o medo da ira de Deus, descobririam que não poderiam deixar de se queixar. Qualquer pessoa fica mui inquieta e perturbada quando apreende que Deus é seu inimigo. Não é de se admirar se ela faz de cada um que vê, e de cada lugar em que está, uma testemunha de sua dor.

Mas agora é um consolo em nossas tentações e em nossos medos o fato de termos um amigo tão compassivo como Cristo, a quem podemos recorrer. (*Hb 4:15-16*): *Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno.* Não fosse por Sua mediação, a Divindade absoluta e pura teria sido gloriosa e inacessível demais para nós. Mas Cristo está revestido de nossa natureza. Embora esta tenha passado por várias alterações desde que Ele foi exaltado, temos certeza de que Ele retém um senso terno de nossas misérias. E, embora Ele esteja em um lugar mui elevado, não julga indigno de Si considerar o crente mais perturbado e entristecido. Na terra, Ele foi *experimentado nos trabalhos* [conhecido pelas dores], (*Is 53:3*). E Ele levou consigo para o céu a lembrança do que sentiu em Suas próprias tentações e do que sentiu quando Seu Pai franze o cenho para Ele. Sua própria experiência O torna mais capaz de nos ajudar;

e enche-O de piedade quando nos vê prantear, sabendo muito bem qual foi o Seu próprio caso. Deus moldou os corações de todos os homens; e alguns possuem naturalmente mais misericórdia e piedade do que outros. E então o Espírito Santo, por Sua graça renovadora, leva suas boas disposições a graus maiores, geralmente procedendo e operando conforme o temperamento de cada um. Assim também, é certo que Ele temperou o coração de Cristo e o fez de um molde mais macio do que toda a ternura de todos os homens do mundo juntos o teria feito. “Ele teve tal natureza humana, para que pudesse ser mais misericordioso do que todos os homens e anjos juntos”. Nossos gemidos e suspiros alcançam o Seu coração nas alturas. E, mesmo que Ele não venha com auxílio exatamente quando desejamos, Ele está, contudo, provendo para o nosso bem-estar. Ele nos envia alguns suportes interiores quando não temos um livramento imediato. Ele não permitirá que afundemos totalmente, embora possa nos deixar por um tempo para provar nossa fé ou para nos fazer compreender nossa própria fraqueza. Podemos pensar que nosso navio será coberto pelas ondas enquanto Ele nos guia para a costa; mesmo quando pensamos que Ele está dormindo e Se esqueceu de nós, e não Se importa se formos lançados fora. Apenas não cessemos de dizer: *Mestre, salva-nos, que perecemos!*

(2) Em segundo lugar, foi um grande amor da parte de Cristo suportar a ira de Deus, porque agora Seus pobres servos tentados têm Alguém a quem podem recorrer em todas as suas aflições. (*Hb 2:18*): *Porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados*. É um grande alívio para o miserável e o aflito ser apiedado por outros; como em (*Jó 19:21*): *Compadecei-vos de mim, amigos meus, compadecei-vos de mim, porque a mão de Deus me tocou*. É

algun alívio quando outros, embora não possam nos ajudar, parecem estar verdadeiramente preocupados com a tristeza de nosso caso, quando, pela gentileza de suas palavras e ações, suavizam um pouco as feridas que não podem curar. Mas é um acréscimo indizível à cruz quando um homem é abatido sob o senso do desagrado de Deus e vê os homens zombarem de sua calamidade, ou vingarem-se dele, ou falarem rudemente. Isso inflama e exacerba a ferida que já era grande o suficiente; e é algo difícil quando se tem um som pavoroso nos ouvidos e cada amigo se torna um "filho do trovão". É fácil para as pessoas que estão tranquilas lidarem severamente com as que estão aflitas; mas pouco sabem elas como seus discursos severos e palavras iradas perfuram a alma até o íntimo. É fácil culpar os outros por se queixarem. Mas, se tivessem sentido por apenas um breve momento o que significa estar sob o medo da ira de Deus, descobririam que não poderiam deixar de se queixar. Qualquer pessoa fica muí inquieta e perturbada quando apreende que Deus é seu inimigo. Não é de se admirar se ela faz de cada um que vê, e de cada lugar em que está, uma testemunha de sua dor.

Mas agora é um consolo em nossas tentações e em nossos medos o fato de termos um amigo tão compassivo como Cristo, a quem podemos recorrer. *(Hb 4:15-16): Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.* Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça para socorro em tempo oportuno. Não fosse por Sua mediação, a Divindade absoluta e pura teria sido gloriosa e inacessível demais para nós. Mas Cristo está revestido de nossa natureza. Embora esta tenha passado por várias alterações desde que Ele foi exaltado, temos certeza de que Ele retém um senso terno de nossas misérias. E,

embora Ele esteja em um lugar mui elevado, não julga indigno de Si considerar o crente mais perturbado e entristecido. Na terra, Ele foi *conhecido pelas dores* (Is 53:3). E Ele levou consigo para o céu a lembrança do que sentiu em Suas próprias tentações e do que sentiu quando Seu Pai franziu o cenho para Ele. Sua própria experiência O torna mais capaz de nos ajudar; e enche-O de piedade quando nos vê prantear, sabendo muito bem qual foi o Seu próprio caso. Deus moldou os corações de todos os homens; e alguns possuem naturalmente mais misericórdia e piedade do que outros. E então o Espírito Santo, por Sua graça renovadora, leva suas boas disposições a graus maiores, geralmente procedendo e operando conforme o temperamento de cada um. Assim também, é certo que Ele temperou o coração de Cristo e o fez de um molde mais macio do que toda a ternura de todos os homens do mundo juntos o teria feito. “Ele teve tal natureza humana, para que pudesse ser mais misericordioso do que todos os homens e anjos juntos”. Nossos gemidos e suspiros alcançam o Seu coração nas alturas. E, mesmo que Ele não venha com auxílio exatamente quando desejamos, Ele está, contudo, provendo para o nosso bem-estar. Ele nos envia alguns suportes interiores quando não temos um livramento imediato. Ele não permitirá que afundemos totalmente, embora possa nos deixar por um tempo para provar nossa fé ou para nos fazer compreender nossa própria fraqueza. Podemos pensar que nosso navio será coberto pelas ondas enquanto Ele nos guia para a costa; mesmo quando pensamos que Ele está dormindo e Se esqueceu de nós, e não Se importa se formos lançados fora. Apenas não cessemos de dizer: *Mestre, salva-nos, que perecemos!*

CAPÍTULO 5

Iras Prolongadas são Irrazoáveis.

Mostrando a irracionalidade de iras prolongadas entre pessoas boas; e também que os efeitos temporários do desagrado de Deus são mais lamentáveis do que a ira dos homens. Sobre a excelência da religião; e que os inimigos da igreja não têm motivos para insultá-la, por causa de seu livramento certo, e o fim fúnebre de sua própria maldade; motivo pelo qual os cristãos não têm razão para invejar a prosperidade deles.

Inferência 2. Visto que Deus Se ira apenas por um momento, quão irracionais são as iras prolongadas entre pessoas boas? *Não se ponha o sol sobre a vossa ira, nem deis lugar ao diabo* (Ef 4:26-27) — isto é, quem quer que tenha ferido ou provocado outro, deve controlar-se e buscar uma reconciliação rapidamente, certamente antes do momento da oração solene a Deus, que ocorria constantemente à noite. E assim a exortação corresponde àquela em (Mt 5:23-24): *Se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão.* É algo estranho que qualquer pessoa boa seja tão apaixonada e apressada quanto algumas são; elas se enfurecem rapidamente e são difíceis de se reconciliar. E há muitos que guardam sua ira por vários meses, ou talvez anos seguidos. Oh! quão diferente é isso daquele Deus a quem chamam de seu Pai no céu, que é tardio em irar-Se e cuja ira para com eles dura apenas um momento! E que honra e privilégio seria assemelhar-se a Ele? Se Ele não fosse mais paciente com Suas criaturas e Seus filhos do que eles são uns com os outros, de que confusões e punições fúnebres o mundo estaria cheio? *A*

ira repousa no seio dos tolos (Ec 7:9). Suas pessoas irritadiças e apaixonadas são comumente o tipo mais fraco de cristãos. E, embora os fortes devam apiedar-se de sua fraqueza e suportá-los, os fracos não devem suportar a si mesmos, mas antes orar e lutar contra isso, e não inventar desculpas para defender o que é inescusável — o que é um opróbrio para a religião e é, em si, um grande pecado. Um homem bom pode ser surpreendido subitamente e levado a um acesso de fúria. Mas estar *sempre* irritado, inquieto e descontente com aqueles que o feriram é muito inadequado ao exemplo do seu bendito e manso Salvador. Que prazer podem tais pessoas ter em ouvir que seus inimigos externos perderam a batalha, quando elas têm um inimigo pior em seus próprios peitos, que as leva cativas e as vence ao primeiro assalto? Os piores inimigos, nesse sentido, são os da própria casa de um homem. E é de se admirar que pessoas que parecem ser muito conscienciosas em outras coisas ainda se permitam cair nisso. Elas dão uma oportunidade ao diabo, e ele lança uma névoa diante de seus olhos. Embora ele não possa impedi-las de temer outros pecados, ele as engana com falsos pretextos, de modo que elas não acreditam que a ira precipitada seja um pecado, ou são facilmente levadas a cometê-lo.

Quantas divergências têm sido mantidas por muito tempo em igrejas, em famílias, entre conhecidos e amigos, cuja ira deveria ter sido como a de Deus: *apenas por um momento*? Eles não consideram devidamente o seu próprio dever, nem a enfermidade da humanidade, e como a maioria de seus erros deve ser curada de maneira amorosa e gentil. Não estamos dispostos a perdoar nossos inimigos ou as ofensas de nossos amigos, e no entanto Deus está prontíssimo a nos perdoar a todos. (Ef 4:32): *Antes sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também*

Deus vos perdoou em Cristo. Há, quem sabe, algumas iras que duraram dez ou doze anos. E que distanciamento, que separação, que esquiva existe entre tais pessoas? Isso pode ser dito para sua vergonha. Homens que receberam uma injúria dificilmente falarão bem de pessoas que talvez lhes tenham dado apenas uma leve provocação. Elas não querem comércio, nem familiaridade com elas. Mas será isso *bendizer os que vos amaldiçoam e orar pelos que maldosamente vos utilizam?* (Mt 5:44). Será isso uma imitação de nosso Deus gracioso, que nos perdoou a todos, após inúmeras provocações? Não menciono aqui os seus "valentões" que, por qualquer pequena afronta, desafiam outro para lhes dar satisfação; que são tão fracos que não conseguem concordar sem um duelo; aos quais uma falsa noção de honra empurra para aquelas empreitadas temerárias que são condenadas tanto pelas leis de Deus quanto pelas leis dos homens. E não é um homem duro aquele que tem a coragem de pisotear a autoridade de seu Criador e de seus governantes também; que ousa arriscar a condenação para preservar sua reputação e corre o risco de enviar sua própria alma ao inferno, ou a de seu amigo, apenas para evitar o rótulo de covardia na terra? Que baixo valor essas pessoas dão às suas vidas, jogando-as fora meramente para satisfazer sua própria paixão! E em que estado ou preparação está esse homem para morrer, ele que morre para satisfazer sua própria vingança? Seria mais honroso perdoar uma falta do que persegui-la de maneira tão sangrenta. (Ef 4:20): *Mas vós não aprendestes assim a Cristo.* (Tg 1:19-20): *Portanto, meus amados irmãos, todo o homem seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar. Porque a ira do homem não opera a justiça de Deus.*

Inferência 3. Visto que a ira de Deus dura apenas um momento, é melhor (quanto aos seus efeitos temporais) cair nas mãos de

Deus do que nas mãos dos homens. Podemos dizer de todos os homens perversos o que Jacó disse de Simeão e Levi: *Instrumentos de crueldade há em suas habitações. No seu segredo não entre minha alma, com a sua congregação minha glória não se ajunte... Maldita seja a sua ira, porque era forte; e o seu furor, porque era duro* (Gn 49:5-7). *Suas ternas misericórdias são cruéis* (Pv 12:10). Homens perversos são logo transportados em paixões violentas. E quando estão armados com um poder condizente à sua fúria, que efeitos horríveis isso produz! Eles são inspirados por princípios e desígnios bárbaros, por um Espírito Maligno que se deleita na maldade. E ele lhes comunica sua própria fúria; e o que é que eles hesitam em fazer? Nada suaviza ou sensibiliza seus corações cruéis.

Houve instâncias tristes dessas nos diversos massacres na *Irlanda*, em *Piemonte* e na *França*. Eles não pouparam o idoso, o fraco, o doente ou o jovem. Não houve idade ou sexo que não sentisse os efeitos fúnebres de seu furor e raiva. Eles arrancaram pobres bebês inofensivos dos seios de suas mães; outros mataram no útero; alguns cortaram em pedaços, outros submeteram a longas torturas e mortes lentas — e não se moveram em nada com os gritos hediondos de pais que morriam várias mortes ao verem seus filhos morrerem. E então, quando seus olhos haviam contemplado o triste espetáculo, os pais tinham seu próprio sangue derramado. Oh, que vasta diferença existe entre a ira temporária de Deus, quanto aos males externos, e a dos homens? Ele não mais nos vê aos Seus pés e Suas simpatias aumentam sobre nós; e Ele nos levanta com Sua mão e nos ordena que tenhamos bom ânimo. Mas esses homens cruéis deleitam-se em pisotear o pobre e o desolado. Deus ouve nossos clamores quando oramos, mas esses homens são surdos a todas as súplicas de pessoas aflitas e miseráveis. Eles se propõem a

inventar métodos de tortura para fazer aqueles que estão sob seu poder morrerem com maior dor e sofrimento. Mas Deus não aflige nem entristece de bom grado os filhos dos homens. A ira deles é desregrada e não conhece limites; não conhecem moderação; não se refreiam de nada que tenda a gratificar suas luxúrias. Mas é um consolo que nosso Deus seja de grande poder e Suas misericórdias sejam infinitas. Os homens realizam aquele trabalho que Deus às vezes lhes permite fazer com intenções cruéis de arruinar e destruir. Mas Deus tem um desígnio em todas as Suas correções: purificar, reformar e nos fazer bem ao final.

(2Sm 24:13-14): Veio, pois, Gade a Davi, e fez-lho saber; e disse-lhe: Queres que sete anos de fome te venham à tua terra? ou que por três meses fujas diante de teus inimigos, e eles te persigam? ou que por três dias haja peste na tua terra? Delibera agora, e vê que resposta darei ao que me enviou. Então disse Davi a Gade: Estou em grande angústia; caíamos, pois, nas mãos do Senhor, porque muitas são as suas misericórdias; mas nas mãos dos homens não caia eu.

Inferência 4. Que bom mestre Deus é, cuja ira dura apenas um momento. Outros mestres podem ser apressados, insolentes e difíceis de agradar; mas Ele é paciente e tardio em irar-Se. Ele nunca Se ira até que desobedeçamos à Sua voz e, por nossa preguiça em Sua obra, O forcemos a isso. E mesmo então, Sua natureza O inclina a moderar nossos açoites. Ele não acrescenta nada além do necessário para promover o nosso bem. Ele não nos trata como escravos, mas exerce para conosco um governo brando e favorável. Ele ameaça por muito tempo antes de punir. As nuvens se carregam de escuridão para nos avisar de uma tempestade que se aproxima. E o trovão de Sua ira, bem como o

da natureza, ruge antes de cair. Ele ameaça, aconselha, persiste e usa diversas admoestações afetuosas conosco antes de sentirmos a vara. E quando Ele parece ser muito justo ao reivindicar Seu próprio direito, Ele não deixa de ser muito bom ao mesmo tempo. Nós O provocamos frequentemente, e Ele está prontíssimo a perdoar. Ele não busca vantagens contra nós, nem espera por nosso tropeço. Entristece-O quando pecamos; e Ele Se ira apenas para que nos arrependamos.

Ele se deleita na paz e não na guerra; nas manifestações de Sua misericórdia e amor, mais do que nas revelações terríveis de Sua ira. Ele amola Sua espada antes de golpear, para que, nos preparativos de Seus julgamentos, vejamos o que podemos esperar e busquemos evitá-los. Ele nos convoca a nos rendermos antes de começar, por métodos mais agudos, a nos tornar sensíveis às nossas loucuras. E enquanto a vara está em Sua mão, Ele espera para ver se, mesmo então, voltaremos. E Ele não deseja punir, mesmo quando é forçado a fazê-lo — como um juiz terno que, com dor e pesar, pronuncia a sentença sobre um malfeitor. (*Os 11:8*): *Como te deixaria, ó Efraim? como te entregaria, ó Israel?* (*Sl 78:38*): *Muitas vezes desviou deles a sua cólera*. Ele a revogou, ou ordenou que Sua ira retornasse (como um autor se expressa), como se estivesse indeciso sobre o que fazer. Ele a revogou, como um homem que chama de volta seu servo várias vezes ao enviá-lo com uma mensagem indesejada; ou como um Príncipe de coração terno que treme ao assinar um mandado de morte para um rebelde que antes fora seu favorito — ele apaga seu nome novamente e joga fora a caneta. Ele seleciona aqui e ali alguns de Seus servos, quando poderia punir a todos por seus pecados; Ele fere um para que sirva de aviso aos demais. E de acordo com a doutrina dos *escolásticos*, Ele recompensa as boas obras muito acima de

seu mérito, mas pune os crimes muito abaixo do que merecem. Ele faz Sua misericórdia triunfar sobre o julgamento. Ele pune com pesar. E retém grande parte de Sua ira quando corrige, mas não guarda medida nela quando recompensa (*Sl 103:12*). As misérias dos miseráveis não são maiores que a alegria e a felicidade dos bem-aventurados.

Oh! quem não serviria a um Mestre tão gracioso e tão bom quanto Deus? Quem demora a irar-Se e logo Se apazigua novamente? Serão os comandos cruéis de Satanás, a escravidão do mundo e a contaminação do pecado preferíveis aos mandamentos brandos e puros de Deus? Quantos amaldiçoam sua loucura por aderirem a estes! Mas nenhum se arrepende de ter sido empregado no Seu serviço. Seus servos mais idosos encontram a maior honra e deleite em tê-Lo servido por muito tempo e não trocariam seu Mestre experiente e bondoso por todo o mundo. Eles sabem que Suas correções são breves, mas o Seu amor é eterno. Sua ira é por um momento, mas o céu deles será para sempre.

Inferência 5. Os inimigos da igreja de Deus não têm razão para insultar aqueles que nela estão aflitos; pois, embora Deus esteja irado por seus pecados, Sua ira dura apenas um momento. Assim trataram Davi. (*Sl 41:7-8*): *Todos os que me odeiam murmuram à uma contra mim; ...Uma doença má se lhe pegou; e agora que está deitado, não se levantará mais.* E (*Sl 42:3*): *As minhas lágrimas servem-me de mantimento de dia e de noite, enquanto me dizem constantemente: Onde está o teu Deus?* Eles pensavam que ele fora inteiramente abandonado e desamparado para sempre, fazendo-lhe estas perguntas: "O que aconteceu agora com o seu Deus em quem você costumava se gloriar? Onde está Ele agora, a quem você outrora chamava de seu refúgio e esconderijo? Onde estão o Seu poder e Sua bondade,

já que Ele o abandona em tão profunda e violenta aflição?" — uma alusão a este insulto de Simei:

(2Sm 16:6-8): E apedrejou a Davi e a todos os servos do rei Davi... E assim dizia Simei, amaldiçoando-o: Sai, sai, homem de sangue, e homem de Belial! O Senhor te deu agora o pago de todo o sangue da casa de Saul, em cujo lugar tens reinado; já deu o Senhor o reino na mão de Absalão teu filho; e eis-te agora na tua desgraça, porque és um homem de sangue.

Esse homem ousado deu uma interpretação perversa à providência de Deus. E porque Davi enfrentou tantos problemas e tal interrupção em seus assuntos antes que o Reino estivesse bem estabelecido em sua mão, ele pensou que Deus estava contra Davi. Mas Davi viveu para sentar-se com prosperidade no trono por muitos anos. E Simei teve tempo suficiente para se arrepender de suas reprovações tolas e extravagantes contra um Rei tão bom. Assim os bárbaros pensaram que Paulo fosse um assassino porque uma víbora se prendeu à sua mão; e que a vingança o perseguiria por algum grande crime, até que ele a sacudiu. Ele os ensinou a ver quão mal fundamentada era a opinião deles, e que o Deus que eles julgavam ser inimigo de Paulo o auxiliou a realizar milagres.

Quando virem alguém que esteja grandemente aflito e gemendo sob o senso da ira de Deus, vocês deveriam tremer em vez de se alegrar; chorar em vez de rir; considerar quão santo e quão justo Deus é, visto que Ele não poupará nem mesmo os Seus. Pois todos os Seus eleitos, em um momento ou outro, provarão a amargura do pecado. Vocês que nunca foram sérios têm razão para se humilharem e pensarem no que podem esperar quando os filhos d'Ele são corrigidos de maneira tão severa. Se a Sua

própria família sofre tais aflições, o que terá Ele reservado para Seus inimigos declarados? (1Pe 4:18): *E, se o justo apenas se salva, onde aparecerá o ímpio e o pecador?* (Pv 24:17-18): *Quando cair o teu inimigo, não te alegres, nem se regozije o teu coração quando ele tropeçar; para que o Senhor não o veja, e isso seja mau aos seus olhos, e desvie dele a sua ira.* Não nutram um prazer secreto na queda e angústia de homem algum, seja ele quem for. Pois esses afetos desumanos são tão desagradáveis a Deus que podem provocá-Lo a transferir a calamidade de seu inimigo para você, e assim abafar sua alegria pecaminosa com uma dor dobrada — primeiro ver seu inimigo liberto de sua tribulação e, então, ver-se envolvido nela. Não triunfem sobre ninguém na aflição, para que a taça não seja tirada da mão deles e colocada na sua.

Não censurem, como os amigos de Jó, como sendo maiores pecadores que qualquer outra pessoa no mundo apenas por causa de suas provações mais dolorosas. É como se vocês estivessem familiarizados com os segredos dos decretos de Deus e, com sua razão rasa, pudessem penetrar no fundo de Seus julgamentos insondáveis. Aqueles que estão sob apreensão do desagrado Divino sabem que é por causa do pecado. Isso é o que os perturba e aflige mais do que qualquer outra coisa. Mas vocês não devem concluir que sejam pecadores acima dos demais homens. Antes, maravilhem-se com a bondade de Deus, que é gracioso e mais favorável para com alguns, quando todos mereciam morrer. Não acrescentem aflição, por meio de linguagem ultrajante, àqueles que já estão aflitos.

(Zc 1:15): E com grande indignação estou irado contra os gentios que estão em descanso; porque eu estava pouco irado, mas eles ajudaram a agravar o mal. A Igreja estava sensível ao insulto cruel de homens

perversos sobre suas misérias quando disse: (*Mq 7:8*): *Ó inimiga minha, não te alegres de mim; ainda que eu tenha caído, levantar-me-ei; se morar nas trevas, o Senhor será a minha luz.*

Inferência 6. Quão muito mais feliz é a condição de um homem bom do que a daquele que permanece impenitente em sua maldade. Deus Se ira com um por um momento; mas com o outro Ele Se irará para sempre. Os servos de Deus nunca têm tanto motivo para prantear sob o senso da hediondez e agravação de seus pecados quanto têm motivo para se regozijar nas riquezas e gratuidade de Sua graça. Nunca têm tanto motivo para estarem perturbados com sua própria angústia quanto para cantarem à lembrança de Sua santidade. Têm motivo para chorar, sim, porque provocaram um Deus tão bom à ira; e motivo para estarem alegres porque a ira d'Ele dura apenas um momento. Têm motivo para se preocuparem por O terem feito franzir o cenho; mas motivo para se regozijarem porque Ele sorrirá para eles para sempre. Os justos têm uma taça amarga, mas como ela está misturada com amor aqui, assim os prepara para um gosto mais doce do prazer celestial. *Na mão do Senhor há um cálice, e o vinho é tinto; está cheio de mistura... mas as borras dele todos os ímpios da terra as sorverão e beberão* (Sl 75:8). Deus corrige os Seus aqui com medida; mas Suas punições aos ímpios não conhecerão limites; a ira virá sobre eles até o máximo. E quão baixo devem afundar, e que carga devem suportar aqueles que têm a Deus para puni-los, cujo ser é eterno e cujo poder é onipotente? Com os Seus, Ele franze o cenho apenas por uma temporada, e o faz para trazê-los ao seu dever; mas sobre Seus inimigos obstinados e implacáveis, Ele franzirá o cenho para sempre. Ele os abominará, expulsará de Sua

presença, pisoteará em Sua fúria e os deixará para serem as marcas do inferno e presa dos demônios.

De fato, agora não conseguimos persuadir os homens a se arrependem contando-lhes todos os terrores do Senhor, que são terríveis além da expressão — embora lhes digamos que a morte e a destruição estão próximas; embora lhes mostremos as ameaças da Escritura com exemplos de seus predecessores malignos que partiram para o seu próprio lugar. Eles continuam em seu sono, embora lhes falemos do perigo e de um abismo que abre sua boca para tragá-los; embora vejamos a ira se acumulando e as nuvens prestes a estourar, e os instemos a se apressarem em busca de abrigo antes que a tempestade chegue; embora lhes ordenemos fugir por suas vidas para fora de Sodoma — eles ainda tardam e demoram. Mas após a morte, não poderão estar seguros, ainda que o queiram. Não terão então travesseiros nos quais repousar suas cabeças, nem água para saciar sua sede, nem amigo para ajudá-los, nem Deus para ouvir seus clamores. Não poderão então tapar os ouvidos ao rugido da ira de Deus. Não poderão então estupefazer suas consciências, nem colocar o dia mau para longe.

Agora eles dão um jeito de sufocar as repreensões de suas próprias consciências. Zombam das ameaças de Deus e escarnecem de Sua mensagem. Mas, pecadores, vocês saberão tristemente que Deus pavoroso e terrível vocês provocam à ira. Todos os seus entretenimentos e diversões, toda a sua alegria e riso, todos os seus confortos carnavais e sua companhia festiva se irão, e se irão para sempre. E o que restará então? Nada senão consternação, choque e dor; nada senão angústia e tribulação. Quem falará confortavelmente a vocês? Quem os livrará quando tiverem caído nas mãos do Deus Vivo? Quando descobrirem que Deus, que é um Pai gracioso para os santos, é um Juiz severo

para vocês; quando Aquele que é a alegria dos corações deles Se afastar de vocês; e Aquele que os refrigera com os sorrisos de Sua face os matar com Seus cenhos franzidos. O que farão quando a ira plena de Deus for derramada sobre suas almas culpadas? Para onde se voltarão quando ela os queimar e abrasar, e os puser todos em chamas? Como ela os sobrecarregará quando descobrirem que todos os seus gritos hediondos, todos os seus lamentos e gemidos não servem para nada! Quando estiverem no poder de demônios cruéis e não encontrarem piedade em Deus, nem em Seus anjos ou Seus santos!

Achamos longo estar em dor por um mês ou dois, ou por um ano. Mas quão longo pensarão que é aqueles que estarão em dor por todas as durações de uma eternidade triste? Achamos longo quando não dormimos à noite e desejamos a luz do dia. Mas, oh, que longa noite será aquela — e quão desconfortável — que não terá manhã e não será sucedida por um raio de dia para sempre! Os homens agora pensam que uma hora ou duas na presença de Deus é muito tempo; acham longos os dias de jejum e os sábados. Mas, se chegarem àquela miséria, oh, quão longo e tedioso descobrirão que o inferno é! Quão insuportável ele é e quão inevitável! Ouvi, portanto, todos vós que viveis no pecado; ouvi e vivei! Oh, não se lancem naquele precipício sob o qual há um Mar de Ira e um Lago de Fogo. Oh, não firam, nem destruam, nem atormentem suas próprias almas; não levem combustível para aquele fogo que nunca se apagará; não corram para a fornalha da qual não há escape. Por amor do Senhor, e por amor de vocês mesmos, e por amor de seus amigos que gostariam de vê-los tornar-se religiosos, despertem e cada um de vocês invoque o seu Deus. Busquem-No enquanto pode ser achado, ouçam Sua voz enquanto se diz hoje, para que o Deus que sozinho pode ajudá-los não Se ria de sua calamidade; para que

Aquele que é agora tão misericordioso não tome prazer em seu castigo futuramente. Se esquecerem seu perigo e continuarem a dormir, saibam que, quando estiverem no inferno, serão forçados a abrir seus olhos, e eles nunca mais deverão ser fechados. Oh, que luz terrível e assustadora vocês verão então; quando virem que o Grande Deus é seu inimigo, o diabo é seu atormentador, as almas condenadas são seus companheiros, e o fogo eterno é seu próprio quinhão! Deus não se arrependerá então do mal; Ele não enviará mais Seus mensageiros com boas novas. O que farão no Dia do Senhor?

(Na 1:5-6): Os montes tremem perante ele, e os outeiros se derretem; e a terra se levanta na sua presença, sim, o mundo e todos os que nele habitam. Quem parará diante do seu furor? e quem subsistirá diante do ardor da sua ira? a sua indignação se derramou como fogo, e as rochas por ele foram fendidas.

Não temos nós alguma representação do terror daquele grande dia em alguns trovões mais fortes que nos fazem tremer, que com seu ruído e relâmpago assombram os habitantes desta terra? *A voz do Senhor é poderosa; a voz do Senhor é cheia de majestade. A voz do Senhor despedaça os cedros... e desnuda as selvas* (Sl 29:4, 9). Mas que estação mais terrível será aquela quando ouvirmos a voz da última trombeta dizendo: "Levantai-vos, vós mortos, e vinde para o julgamento!". Quando os elementos se derreterem com calor ardente, quando o sol se converter em trevas e a lua em sangue! Quando as estrelas caírem do céu e esta admirada terra for cheia de convulsões e agitações violentas! Quando os mares rugirem, e as sepulturas se abrirem, e o Juiz aparecer nas nuvens! Quando ouvirem os estalos e os gemidos do mundo em dissolução! Onde esconderão as cabeças, pecadores? O que pensarão então da ira de Deus naquele grande

e terrível dia? Desejarão então jamais ter nascido. Oh, quão felizes vocês se considerariam se pudessem apenas retornar à sepultura. Oh, quão felizes, se pudessem apenas morrer. Mas ela fugirá de vocês. Este é aquele inferno onde o ímpio deve viver, e viver para sempre, embora em miséria.

Oh, pouco vocês pensam o que fazem quando pecam. Vocês são como um homem bebendo na beira de uma fornalha na qual seria lançado após terminar alguns cálices. Como um malfeitor que está alegre e festivo à noite e deve ser executado no dia seguinte. *Então* verão que tudo estará bem com os justos, embora vá mal com vocês. Julguem as coisas agora como elas parecerão estar *naquele dia*. Unam-se agora àquela sociedade entre a qual gostariam de ser encontrados *então*. Julguem a religião como ela então aparecerá. Aqui ela não parece ser coisa tão amável devido às muitas aflições e tristezas que a acompanham. Mas então ela aparecerá em seu verdadeiro brilho e em sua beleza plena. Aqui vocês veem muitas vezes um verdadeiro servo de Deus levado mui baixo, queixando-se de suas iniquidades. Agora ouvem seus gemidos, mas daqui a um momento ouvirão seus louvores e suas aleluias. É noite para ele agora, mas daqui a um momento vocês o verão triunfar no dia eterno. Ele está agora em uma terra estranha, mas em breve estará com seu Deus em descanso no céu. E feliz é aquele que alcança tal bem-aventurança, mesmo que parta com um coração triste e olhos lacrimosos, e encontre ossos quebrados e muitas dispensas trêmulas em seu caminho para lá.

Que curso vocês tomarão? Qual padrão escolherão? Servirão a Deus ou às suas próprias luxúrias? Terão seu quinhão aqui, ou no mundo por vir? Estarão contentes com as aflições presentes da religião, na esperança da alegria eterna? Considerem que não devem ser julgados como os homens mais felizes aqueles que

passam bem por um momento, mas aqueles que o fazem *para sempre*. Se servirem ao seu pecado, poderão ter prazer por um tempo, mas amargura e dores ao final; sua despedida será muito terrível. Vão preferir agradar a si mesmos por um momento e arriscar uma ira eterna? Ou não prefeririam antes entregar-se a um Deus gracioso e amoroso? E então vocês *semearão com lágrimas, mas colherão com alegria*; poderão sentir a ira d'Ele por um momento, mas Ele os entreterá em Seu próprio Reino para sempre.

Inferência 7. Não temos razão para nos ofendemos com a prosperidade dos ímpios. É verdade, os justos estão agora *semearando com lágrimas, mas colherão com alegria* (Sl 126:5). Em pouco tempo será o quinhão dos ímpios prantear e estar em dor. Invejaríamos um malfeitor que estivesse jovial e prazeroso na noite anterior, sabendo que ele será levado à execução no dia seguinte? Sua punição iminente poderia justamente tirar o gosto de suas próprias iguarias. Contudo, isso não dá aos espectadores motivo algum para invejar suas alegrias ébrias, visto serem as últimas que o pobre homem provavelmente terá. Um curto espaço de tempo obscurece toda a alegria de sua aparência com uma nuvem eterna. Não é uma objeção justa contra a sabedoria da Providência Divina que os bons sejam afligidos enquanto a vara de Deus não está sobre os maus. Pois Ele dá aos bons as bênçãos da mão direita — o conhecimento de Si mesmo e de seu próprio dever. Enquanto aos outros Ele dá apenas as bênçãos da mão esquerda — riquezas, e honra, e bens semelhantes. Sendo estes apenas exteriores e para este mundo presente, não possuem valor tão grande quanto aqueles que são espirituais e se referem a uma vida futura.

Pensamos que as coisas correm bem para os ímpios porque, no presente, não os vemos derramar tantas lágrimas, nem se queixar

de maneira tão fúnebre quanto os bons muitas vezes são forçados a fazer. Mas não vemos em que correntes eles são mantidos, nem com quantos pensamentos pungentes suas mentes são fustigadas o tempo todo em que se esquecem de Deus. Não vemos as perplexidades a que são reduzidos pelos comandos contrários de diversas luxúrias. Se considerarmos que Deus está irado com eles todos os dias, e que não sabemos se em um dia ou dois eles podem ser cortados e perecer, então não teremos razão para murmurar por seu estado imperturbado presente e seu bem-estar aparente. Pois a felicidade deles não é real, mas apenas ilusória. Todos os bens que lhes são concedidos são mesquinhos e baixos em si mesmos, embora nossos julgamentos errôneos e mais cegos os considerem algo grande e considerável. Pois, considerando que pequeno momento os bens e males presentes duram — os que os homens bons sofrem e os que os homens maus desfrutam — eles deveriam ser vistos como um argumento para a sabedoria de Deus, e não como uma objeção contra Sua providência. Pois Ele compreende o valor justo das coisas e sabe que o melhor destes bens mundanos é ruim o suficiente para ser jogado fora sobre o pior dos homens. E assim Ele expressa Seu justo desprezo por estas vaidades admiradas, espalhando-as pelo mundo com mão descuidada. Pois por que haveria Ele de participar do erro da opinião popular e considerar estas ninharias a ponto de colocá-las em balanças de ouro e pesá-las para a humanidade por grãos e escrópulos? Portanto, quando virmos homens maus se regozijarem e homens bons prantearem, não censuremos, mas adoremos aquela Providência que designa para cada um porções diferentes em outro mundo. Aqueles que têm saúde não são mais amados por essa razão; nem os doentes e fracos são mais odiados por Deus por aquelas tribulações externas que agora sofrem.

Há muitos que têm seu paraíso neste mundo, e que não terão nenhum no porvir; e há muitos que estão dilacerados e esquartejados com os espinhos e abrolhos do deserto, para os quais Deus reserva um trono nas alturas. Vemos muitos navios sobre os quais o sol brilha e que navegam com vento favorável; e contudo, ao se chocarem contra uma rocha ou na areia, nunca chegam ao porto. E vemos outros que encontram apenas ondas altas e ventos contrários; e embora tenham uma viagem desagradável, apesar de tudo isso, ela é muito segura e termina com conforto ao final. Os ímpios nem sempre prosperam nesta vida. Deus às vezes os torna exemplos de Sua justiça. E se Ele não costuma fazê-lo com aqueles que são muito maus, isso nos oferece um fundamento certo para a crença que temos de um julgamento vindouro, no qual as punições e recompensas serão distribuídas de uma maneira diferente da atual. Esta máxima de nossa teologia cristã — que Deus às vezes aflige mui severamente aqueles a quem ama ternamente, mesmo quando cumprem bem o seu dever, mesmo quando Ele Se agrada deles — era desconhecida para os antigos israelitas. Esta foi uma lição acima do entendimento deles. Deus não os afligia senão quando O haviam provocado por alguma transgressão particular. Mas quando não o faziam, tinham sempre uma vida pacífica e feliz.

Não é assim conosco. Às vezes nossas aflições não são, de fato, marcas de Sua ira, mas de Seu *favor* — como quando Ele convoca os Seus para suportarem coisas muito amargas e desagradáveis para a prova de sua paciência e fé. Nenhum dos profetas conta o sofrimento entre os dons de Deus. Mas o nosso Apóstolo os estima como tais (*Fp 1:12-14*). Não ouvimos ninguém que esteja sob o Novo Testamento (que nos dá uma revelação mais clara de outro mundo) dizer como eles diziam até então: *Por que prospera o caminho dos ímpios?* (*Jr 12:1*). Mas

antes: *Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em várias tentações* (Tg 1:2).

CAPÍTULO 6

O Dever de Sentir a Ira de Deus

Do dever daqueles que nunca estiveram sob o peso da ira e dos terrores de Deus; e qual é o estado lamentável de uma alma que se percebe sob o ardor do seu furor.

I. Visto que Deus frequentemente se ira contra os seus próprios servos, que motivo vocês têm — os que o temem — para bendizê-lo por não estar irado contra vocês, e por não sentirem o peso do seu desagrado! Ele coloca outros como alvo contra o qual dispara as suas flechas. Vocês ouvem outros gemendo pela sua ausência, e ainda assim os seus corações não estão entristecidos como os deles. Os seus olhos podem olhar para o céu com esperança, enquanto os olhos deles estão cobertos por um véu de tristeza. Ele fala asperamente com eles, mas com palavras de consolo com vocês. Parece colocar-se contra eles como inimigo, enquanto trata vocês como um amigo amoroso. Vocês veem um sorriso renovador no seu rosto, e eles não conseguem perceber ali nada além de um contínuo e terrível franzir de cenho. Oh, admirem e se espantem para sempre com a Graça Soberana e Distinta de Deus! Vocês que estão em paz são melhores do que muitos do seu povo que agora são lançados numa fornalha ardente? Têm menos escória do que eles? Achem que pecaram em maior grau do que vocês alguma vez pecaram? Ele está irado com eles por causa da tepidez, por causa da apostasia — e os corações de vocês sempre arderam com amor? Os pés de vocês sempre mantiveram o caminho dele sem

declinar? Nunca vagaram? Nunca se desviaram para a direita ou para a esquerda? Certamente sim; e portanto, que misericórdia é que ele não está irado com vocês também! Vocês veem muitos cujas consciências, por causa dos seus pecados, foram transformadas em chamas, horror e perplexidade — cheias de acusações, cheias de temores culposos por terem pecado, por terem pecado contra a luz, o conhecimento, a misericórdia e o amor; e será que vocês nunca pecaram assim? As consciências de vocês também não foram manchadas? Nunca fizeram o que era mau, sabendo que era mau? Não foram muitas vezes recebidos com bondade por Deus, depois de terem fugido dele? Após grandes transgressões, não encontraram alegria e prazer no sentido da sua graça perdoadora e curadora, enquanto outros que talvez tenham sido mais fiéis não foram tão bem tratados — nem jamais tiveram um bezerro cevado morto para eles, nem tais banquetes para refrigerar as suas almas, como os que foram preparados para vocês?

Vocês nunca poderão bendizer suficientemente a Deus pela sua misericórdia. Cada dia merecem a sua ira, e ainda assim não estiveram sob o terrível temor dela por um único momento. Por que estão sentados à mesa dele, honrados com a sua presença em todos os deveres, em todos os sofrimentos, enquanto ele é um estranho para os outros, como um viajante que fica apenas por uma noite? O que faz com que ele abençoe alguns filhos da família com maior paz e conforto do que os demais? Nada além da sua própria graça e misericórdia. Alguns são atraídos com cordas de amor, e alguns têm as suas iniquidades visitadas constantemente com açoites. Alguns são alegrados com a esperança do céu, e alguns temem nunca ir para lá, e não conhecem por experiência o que significa alegria e prazer. Alguns têm os seus espíritos oprimidos, as suas almas

inteiramente cobertas por trevas densas e os seus ossos quebrados; enquanto outros estão em paz, veem a luz do rosto dele e têm saúde inalterada. Alguns caminham com passos cansados e fazem a sua peregrinação com as próprias tristezas, transformando-a num vale de lágrimas; enquanto outros percorrem o caminho dos seus mandamentos com corações dilatados. Algumas famílias estão cheias de lamentos, e outras, de canções de louvor. E tudo isso nos dá ainda maiores motivos para exaltar a sua graça e amor, pois temos um momento de sossego. Poder observar um sábado, ou fazer uma oração com esperança, merece as nossas mais profundas ações de graças e admiração.

II. Em segundo lugar, não presumam por causa de tudo isso. Pois, embora ele não esteja ainda irado com vocês, pode estar em breve. Esse foi o erro de Davi. Sl 30:6: *Na minha prosperidade, disse: Nunca serei abalado*; mas logo em seguida, no v. 7: *Escondeste o rosto, e fiquei perturbado*. O sol brilha sobre vocês agora; a luz do Senhor renova a sua morada; mas vocês podem encontrar muitas tempestades, nuvens e trevas antes de chegarem ao fim da jornada. Os discípulos ficaram muito satisfeitos com a glória da transfiguração; e durante o encantador encontro entre Cristo, Moisés e Elias, pensaram estar no céu. Mas uma nuvem veio e obscureceu a glória anterior, e então os pobres homens ficaram com medo. É verdade que a ira de Deus dura apenas um momento; mas mesmo esse momento é muito triste e terrível além de toda expressão. O choro dura apenas uma noite; mas pode ser uma noite muito amarga e lamentável mesmo assim. É uma noite como a dos egípcios: quando se levantaram, viram todos os seus primogênitos mortos, e houve um clamor e um luto universal e horroroso por toda a terra. Assim, essa noite da ira do Senhor pode destruir todos os

nossos confortos e fazer com que o primogênito da nossa força — a confiança e o prazer das nossas esperanças — entregue o espírito. Sl 77:2-4: *Na noite da minha aflição, busquei o Senhor; a minha mão estava estendida e não cansava; a minha alma recusou ser consolada. Lembrava-me de Deus, e me perturbava; meditava, e o meu espírito desmaiava. Tu seguraste os meus olhos em vigília; fiquei tão perturbado que não podia falar.*

Embora estejam em paz hoje e não sintam nenhuma aflição, nenhum desassossego, têm certeza de que será assim amanhã? Têm certeza de que nunca verão carrancas no rosto de Deus? Não presumam da força da sua graça, nem da clareza da evidência da sua salvação, pois aquela pode enfraquecer e esta pode obscurecer-se. E os que agora pensam estar à porta do céu podem ser levados ao contrário — por tudo que sabem, até às próprias portas do inferno. Embora Deus se digne atualmente a lidar com vocês com gentileza, os seus pecados podem fazê-lo enviar as suas temíveis repreensões sobre vocês. As almas de vocês estão abertas e nuas diante dele (Hb 4:13). E ele pode causar as impressões que lhe aprouver, seja da sua bondade ou da sua severidade. Não sejam seguros; pois é coisa terrível cair nas mãos do Deus vivo (Hb 10:31). Quem pode ficar de pé quando ele está irado? Quem pode suportar os seus golpes? Ou que mão pode ferir com tão duro golpe quanto a dele? Há nisto, no sentido da sua ira, coisas que podem impedir a sua segurança. E lhes direi não apenas o que vi e ouvi, mas o que experimentei e senti na minha própria alma.

Uma vez que você tenha uma apreensão séria e firme do desagrado de Deus, nenhuma criatura pode lhe dar o menor conforto. Por mais rico que seja, todo o seu ouro não pode comprar uma hora de paz e alegria. Você pode se queixar aos seus amigos, e não tem como não se queixar. Mas, ai!, eles não

podem lhe dar alívio algum. A linguagem deles é: *A menos que o Senhor ajude, não podemos ajudar*. Você pode recorrer aos seus pastores. Eles podem lhe falar com bondade, mas não podem fazer as suas próprias palavras surtirem efeito. Se os céus acima de você forem como bronze, eles não podem lhe dar chuva, nem fazer o orvalho de Deus cair sobre os seus ramos como costumava fazer. Eles podem chorar com você, mas não podem enxugar as suas lágrimas. Uma vez que você perceba que Deus está irado com você, procurará em vão por descanso em prazeres, diversões ou mudança de companhia. Pois um pensamento tão agudo como este sempre o perfurará até o fundo: *Deus é meu inimigo — e de que valem essas coisas?* O sentido da sua ira porá mesmo os seus espíritos naturais numa estranha e inquieta agitação. E depois disso, você não encontrará nem mesmo o seu próprio corpo em repouso como estava. Sl 38:2-3: *As tuas setas se cravam em mim, e a tua mão pesa sobre mim; não há saúde na minha carne por causa da tua ira, nem há repouso nos meus ossos por causa do meu pecado*. Jó 7:13-14: *Quando digo: O meu leito me consolará, o meu sofá aliviará a minha queixa, então tu me assustas com sonhos e me aterroriza com visões*.

Todas as fontes da terra nunca saciarão a sua sede, se a fonte de águas vivas estiver fechada. O seu leito não será então um lugar de descanso, nem o alimento terá sabor agradável ao seu paladar. As suas tristezas o manterão acordado toda a noite, e os seus temores o perseguirão e o atormentarão durante o dia. Jó 3:24: *Pois o meu suspiro vem antes do meu pão, e os meus gemidos se derramam como as águas*. A sua alma então aborrecerá toda comida sumptuosa, e a sua vida se aproximará do túmulo. E quando você se tiver cansado buscando descanso entre as criaturas e não tiver encontrado nenhum, deverá então se sentar

e dizer por triste experiência: "Que míseros consoladores são todos vocês." Pois por mais que você se misture a multidões de pessoas tranquilas, não encontrará tranquilidade para si mesmo. Embora o cervo ferido corra para dentro do rebanho comum, não perde a sua dor com isso, mas carrega a sua ferida consigo para onde quer que vá.

Enquanto estiver sob o sentido do desagrado de Deus, não encontrará conforto nas suas ordenanças. Cada parte da sua bendita Palavra será como uma espada cortando até a sua própria alma. Você verá cada ameaça como um dardo lançado contra você; e cada promessa cheia de consolação para outros será árida para você. As Escrituras que outrora eram o seu deleite o encherão de amargura e fel. O que antes você considerava o Livro da Vida parecerá então ser um Livro da Morte. E você terá medo de ler ali, com medo de ler a própria condenação — tanto é a mudança que o sentido do desagrado de Deus opera. As assembleias que outrora eram a sua alegria serão então terríveis para você. "Não vou ali" — diz a alma atribulada — "para encontrar um Amigo como costumava fazer, mas para ver um Inimigo — para ver outros servindo a Deus com alegria e cantando o seu louvor, enquanto eu fico em silêncio com profunda aflição e só posso chorar, enquanto eles se alegram. Que prazer é ver outros festejando à mesa dele, enquanto os meus pecados destruíram o meu apetite e não há nem uma migalha do pão da vida que me pertença? Oro e ele fecha os ouvidos ao meu clamor; não dá atenção às minhas súplicas, não alivia o meu sofrimento, nem parece se abrandar com todos os meus gemidos. Pequei contra ele e não me atrevo mais a dizer Meu Deus e meu Pai. Perdi todo o meu fervor, toda a minha confiança e toda a minha esperança na oração. Percorro as ruas à procura daquele que outrora era o meu Amado. Ajudem-me,

todos vós servos do Senhor, a encontrar meu Deus de novo. Mas por haver antes desprezado a sua presença, ele agora partiu e não o encontro. Ai de mim! Ai de mim! O que fiz? Ai de mim, por ter perdido aquele cuja perda é o inferno."

Tudo isso será acompanhado de grande angústia de espírito e grande tribulação. Jó 16:12-13: *Eu estava em paz, mas ele me despedaçou; também me tomou pelo pescoço e me sacudiu em pedaços, e me pôs por alvo*, etc. Então todos os nossos pecados vêm à nossa mente com uma lembrança nova e cortante, como se tivessem sido todos cometidos ontem. Enfileiram-se em ordem. Cada um deles, colocado diante de nós, nos dá uma nova facada e uma ferida para aumentar a dor e o sofrimento das nossas feridas anteriores. Apresentam-se com todos os seus hediondos agravantes — contra que misericórdia, que bondade, que advertências da consciência, que avisos e que movimentos do bendito Espírito foram cometidos. E quem pode suportar um espetáculo tão terrível?

Jó 13:26: *Tu escreves contra mim coisas amargas, e me fazes possuir as iniquidades da minha mocidade* — ou seja: (1) pensar nelas constantemente; (2) sentir dor e sofrimento nessa lembrança; e (3) ficar atônito com a culpa e com os temores. Então todos os nossos pensamentos a respeito do próprio Deus se tornam incômodos. Não conseguimos pensar em nada senão na sua grandeza, majestade, justiça e santidade. Como nos oprime pensar que temos contra nós um Deus tão poderoso! Nos atormenta pensar que ele está desagradado; e ainda assim sabemos que está justamente. "Se Deus estivesse do meu lado" — diz a alma atribulada — "suportaria qualquer dor e esperaria e confiaria. Mas aquele que sozinho pode me ajudar, foi embora. Aquele que sozinho poderia falar paz parece não prestar

nenhuma atenção à tristeza do meu caso. Os meus pecados me tiraram o meu Deus — e o que mais me resta?"

E quando somos inflamados pelo sentido da sua ira, quanto mais pensamos, mais nos angustiamos. Cada pensamento volta com notícias tristes e derrama óleo sobre as chamas. E que angústia sentimos quando pensamos continuamente num Deus desagradado! Não há nada na terra que se assemelhe a isso, nem palavras são capazes de expressá-lo. Então sentimos o cheiro do fogo e do enxofre do abismo infernal. Então um homem pode dizer com Davi: *Os laços da morte me cercaram, e as angústias do inferno se apoderaram de mim* (Sl 116:3). Penso que esses terrores espirituais são da mesma natureza que os sentidos por aqueles que estão agora no inferno; diferem apenas em grau e em duração. Pois um pecador que está sob o sentido do desagrado de Deus e em terror pelo seu pecado, é como se estivesse num forno ardente ou em óleo fervente; está cercado de todos os lados e atormentado de todas as formas. O sofrimento de consciência é de fato algo menor; mas o sentido da ira acesa ali é imensamente terrível. É a antessala da destruição; é o odor nauseante do abismo sem fundo. Jó 6:4: *As flechas do Todo-Poderoso estão em mim, cujo veneno bebe o meu espírito; os terrores de Deus se opõem a mim*. Qualquer coisa em que Davi pensasse, para onde quer que se voltasse, não via nada que não o enchesse de espanto. Sl 88:16: *A tua ira feroz passou sobre mim; os teus terrores me destruíram*.

O que aflige essas almas perturbadas, o temor que têm, é que esse desagrado seja eterno, como está implícito aqui: *Terá a sua misericórdia acabado para sempre? Não será mais favorável?* (Sl 77:7-8). E a Igreja: Lm 3:18 — *A minha força e a minha esperança no Senhor pereceram*. E também Sl 88:5: *Estou solto entre os mortos, como os mortos que jazem no sepulcro, dos*

quais já não te lembras. Algumas doenças são dolorosas quando não temos esperança de melhora. Essa ira não pode ser suportada quando pensamos que é precursora da ira eterna. E assim a alma atribulada raciocina desta forma:

"Deus se retirou, e pode ser que nunca mais volte. Eu o perdi no momento presente. E oh! O que será de mim se eu perder para sempre um Deus como ele? Agora não tenho nenhum raio de luz; e se eu for daqui para as trevas exteriores? E se o meu quinhão e a minha herança caírem entre os que são abominados pelo Senhor? Um dia provei quão bom ele é; e devo perder, depois disso, todo o agradável sentido da sua misericórdia? Cristo não será o meu Salvador, nem o céu será o meu lar, depois de tudo isso? Oh! O que farei? Onde aparecerei se ele disser no final: Apartai-vos de mim, porque não vos conheço? Serei colocado à esquerda de Cristo? Depois de tudo que li e ouvi, depois de toda a minha profissão de fé, dos meus esforços e das minhas orações, serei excluído daquele Reino quando outros entrarão? Como suportarei tamanha decepção? Como habitarei com as chamas eternas?"

III. Se ainda não estiveram sob a apreensão do desagrado de Deus, recebam o aviso daqueles que estão. Não ousem aventurar-se em nenhum pecado quando veem o luto e as tristezas que eles sentem pelas suas iniquidades. Vocês veem as suas lágrimas; ouvem os seus gemidos lamentosos. Veem que nada neste mundo é reconfortante ou consolador para eles. E ainda assim vão abraçar a serpente que os picou e fez com que clamassem na amargura das suas almas? Oh, parem onde estão! Não vão mais longe, para que não caiam nos abismos; para que o fogo que os queima não comece a tomar conta de vocês; para que o Deus que eles consideram seu inimigo não comece também a franzir o cenho para vocês. Aprendam obediência

pelos golpes recebidos por eles, para que não sejam também obrigados a sentir a vara que pica. Vocês veem como os que uma vez eram tão alegres, tão agradáveis e tão destemidos quanto vocês estão agora abatidos, perturbados, perplexos e não conseguem mais ser alegres como antes. O sentido do desagrado de Deus desafinará as harpas deles, de modo que não conseguem cantar os cânticos de Sião. Vocês veem como o prazer e a esperança deles naufragaram; cuidado para não encalharem na mesma pedra. Fazê-lo, depois de ver o exemplo deles, tornará vocês culpados de um crime duplo: primeiro por agir mal, e depois por agir mal após tal aviso como o que o sofrimento deles lhes deu. Jó diz que foi posto como alvo (Jó 7:20). E assim são os outros que estão na mesma situação. Eles agora recebem os disparos daquela justiça que provocaram. Mas se o castigo deles não nos fizer humilhar e nos arrepender, então poderemos ser colocados no lugar deles. Isso tornará as feridas que então recebermos mais venenosas e malignas, por não termos tomado e atendido ao aviso que nos foi dado por eles antes. Sejam atraídos pela sua bondade e pelos seus métodos gentis, para que nunca saibam o que é o seu severo desagrado. Pois Deus tem propósitos mais amplos nas aflições longas e terríveis do que a correção ou o bem da pessoa afligida. Elas fazem parte do seu governo do mundo. E ele considera o bem público naquilo que parece dizer respeito apenas a nós. Dt 17:13: *Todo o povo ouvirá e temerá, e não agirá mais de modo presunçoso.*

IV. Cuidado para não provocar a Deus; temei os começos da sua ira. Se a sua ira se acender ainda que um pouco, bem-aventurados todos os que nele confiam (Sl 2:12). Quem o provoca à ira peca contra a própria alma (Pv 20:2). E num caso assim, os espíritos malignos recebem poder para nos importunar e perturbar com as suas impuras sugestões e com temores

estranhos e inexplicáveis. Sl 78:49: *Ele lançou sobre eles o ardor da sua ira, indignação, furor e angústia, enviando anjos maus no meio deles.* E naquele momento infeliz em que o nosso pecado tiver inflamado a sua ira, não haverá nada no céu ou na terra que não se coloque do lado de Deus contra nós. E o próprio diabo tomará o mesmo partido, não por amor a Deus, mas por vingança contra nós, para executar os desígnios da sua justiça. E o mundo inteiro estará tão longe de nos oferecer o menor abrigo da sua ira, que treme diante dela (Sl 18:13-15). Sl 104:32: *Ele olha para a terra, e ela treme; ele toca os montes, e eles fumegam.* Jó 9:13: *Todos os altivos auxiliares se prostram diante dele.* Que pastor pode falar paz a tal alma, quando o Deus da Paz não o faz? Os seus embaixadores não podem trazer uma mensagem vivificante a menos que sejam incumbidos dela por seu Senhor e Mestre. Se ele fizer os céus serem como bronze, então todas as fontes de água secarão. O espírito de um homem suportará as suas fraquezas (Pv 18:14) — ou seja, suportará a sua debilidade física e a sua dor por algum tempo. Mas se ele for perseguido por golpe após golpe, e tribulações mais pesadas se acumularem sobre os males mais leves anteriores, então o seu espírito e a sua coragem começarão a falhar. Pois nenhuma vivacidade de temperamento, nenhuma força da natureza, nenhuma animação do espírito pode suportar uma única faísca da ira de Deus. Não conseguem fechar os olhos para não a ver; não conseguem dormir para esquecê-la; não conseguem perder o aguilhão que os aflige com todas as diversões e prazeres do mundo. O sentido da culpa os perseguirá e os caçará onde quer que vão.

V. Esforcem-se para estar seguros da ira eterna de Deus, daquela ira que não durará um momento, mas para sempre. Se a sua ira aqui torna os seus servos um terror para si mesmos e para os

outros, que terror terão os condenados quando estiverem cercados por uma ira pura e sem mistura, mais quente e mais abrasadora do que todas as suas irrupções aqui na terra? Enquanto veem apenas uma pequena nuvem — as menores indicações do seu desagrado — procurem fazer as pazes com Deus por meio de Jesus Cristo, para que ruína e desolação não caiam subitamente sobre as suas cabeças; para que, se demorarem um pouco mais, não haja tempo nem espaço para se arrependerem. Oh, como podem cruzar os braços e estar em paz, se o grande Deus de todo o mundo é o seu inimigo, e vocês não sabem se no dia seguinte, na próxima hora ou no próximo minuto, as suas flechas podem ser disparadas contra vocês? Jó 36:18: *Porque há ira, cuidado para que ele não te arrebate com um golpe; então um grande resgate não poderá te livrar.* O afastamento do favor e do amor de Deus, os menores eclipses da sua luz brilhante, são muito terríveis. Mas oh, quanto mais terrível seria se caísseis nos terrores de uma noite eterna! De forma alguma podem escapar da sua justiça (Sl 139:8). Recorram a Deus enquanto ele ainda trata com vocês para o seu bem. Embora a sua justiça os assuste pela culpa, mediante a submissão humilde de vocês, a sua misericórdia lhes trará alívio. É ele somente, por meio de Cristo, com quem vocês têm principalmente que lidar. A sua ira os perseguirá onde quer que vão, a menos que o encontrem com lágrimas humildes e arrependidas, e pleiteiem o sangue de Jesus; e isso apagará aquele fogo que já começou a flamar.

A salvação de vocês está em jogo; as suas almas estão em perigo. Portanto, façam as mais fervorosas súplicas a Deus, para que ele seja misericordioso para com vocês antes que seja tarde demais. Se eu pudesse lhes dizer que há uma pessoa que pretende incendiar a casa em que moram, e lhes desse informações claras

sobre o momento, depois disso não precisaria persuadi-los a estar vigilantes. O amor que têm pela própria segurança os obrigaria a frustrar o intento dele. Isso é o que não posso comunicar a vocês aqui. Mas posso falar-lhes de algo mais formidável. O diabo está tramando para destruir a paz, o conforto e a esperança de vocês. Procurem contrariar o seu desígnio malicioso, para que ele não os traia para o perigo enquanto vocês pensam que não há nenhum.

VI. Falem com bondade e compaixão com aqueles que percebem estar sob o sentido da ira de Deus. Jó se queixa: *Até quando afligireis a minha alma, e me esmagareis com palavras?* (Jó 19:2). E como homens habituados a ruminar os seus sofrimentos, ele lhes diz quantas vezes o haviam afligido. V. 3: *Já me afrontastes dez vezes; não vos envergonhais de me maltratar.* É provável que não tivessem a intenção de o afligir com as suas palavras. Pois sendo homens bons, não seriam tão bárbaros. Pregavam bons sermões, mas faziam aplicações muito equivocadas e errôneas. É fácil pisar com palavras cortantes e penetrantes naqueles que Deus e os seus sofrimentos já lançaram na lama. É fácil para os que não estão em nenhuma tribulação silenciar e repreender os que estão. Como Jó diz a Elifaz: *Terão fim as palavras vãs? O que te estimula a contestar? Também eu podia falar convosco, se a vossa alma estivesse no lugar da minha alma; eu poderia ajuntar palavras contra vós, e sacudir a cabeça em sinal de reprovação. Mas eu os fortaleceria com a minha boca, e o movimento dos meus lábios aliviaria o vosso sofrimento* (Jó 16:3-5). Quando algum dos seus amigos estiver em tribulação espiritual, devem cuidadosamente se abster de qualquer palavra ou ação apaixonada ou áspera que possa aumentar o sofrimento deles. Será algum pequeno auxílio para eles ver que vocês os compadecem, ainda que não possam lhes

dar alívio. Usem com eles todas as palavras mais compassivas e gentis que puderem, e procurem curar as suas chagas com mão delicada. Cuidado para não usar a menor sombra de aspereza, reprovação ou escárnio. Pois esses, como fizeram com Jó, afligirão ainda mais as almas deles; serão maus em vocês assim como serão desagradáveis para eles. Daí vêm essas queixas: *A afronta quebrou o meu coração, e estou cheio de tristeza; esperei por alguém que tivesse compaixão, mas não houve nenhum; e por consoladores, mas não encontrei nenhum. Eles também me deram fel por comida, e na minha sede me deram vinagre para beber* (Sl 69:20). *A nossa alma está fartíssima do escárnio dos que estão em tranquilidade e do desprezo dos soberbos* (Sl 123:4). Mas acima de tudo, abominem o pensamento de sentir internamente o menor prazer nas misérias deles. *Não deverias ter mirado o dia do teu irmão, no dia em que ele se tornou um estranho; nem te alegrado com os filhos de Judá no dia da sua destruição; nem falado com arrogância no dia da angústia* (Ab 1:12). Devemos dizer: *Por que o perseguimos, visto que a raiz da questão está nele?* (Jó 19:28)

Aspereza e severidade não é o caminho para ajudar os que estão perturbados e abatidos. É homem instruído aquele que fala uma palavra a tempo ao cansado (Is 50:4). A raridade de tal pessoa é expressa em Jó 33:23: *Se houver um intérprete, um entre mil, para mostrar ao homem a sua retidão*. Os que — sob o disfarce de embaixadores do Evangelho da Paz — nada fazem senão trovejar a lei a uma alma ferida e perturbada, mostram que são diferentes do Jesus que aparentam representar. Mostram que têm pouquíssimo preparo em tais assuntos, e nenhuma experiência alguma. Nem fazem como gostariam que lhes fizessem num caso semelhante. Há uma espécie de bálsamo nas palavras compassivas e gentis. Embora não realizem uma cura completa

nas nossas feridas, tornam a dor e o ardor menores. Ao passo que um trato áspero e amargo as exacerbará e as agravará; só derrama óleo sobre as chamas.

CAPÍTULO 7

O que fazer se você pensa que Deus está irado com você.

Mostrando o que deve ser feito por aqueles que pensam que Deus está irado com eles. E, primeiro, sobre a oração como auxílio principal contra a tribulação. E algumas objeções de pessoas tentadas respondidas.

Farei agora a aplicação para aqueles que estão sob uma apreensão da ira de Deus. Não há pessoas no mundo cujo caso exija maior piedade e para cujo alívio devamos estar mais inclinados a contribuir com tudo o que formos capazes. Enquanto estamos em liberdade, suas pobres almas estão sob a escravidão de um medo esmagador. Aquele Deus a quem servimos com esperança é terrível para elas. Elas não encontram prazer naqueles ordenamentos e naquele sábado que nos rendem doçura e refrigério, porque o Consolador, que deveria sustentar suas almas, Se retirou delas. Se em uma jornada víssemos qualquer pessoa ferida e pranteando sob suas feridas sangrentas, gritando por socorro, a compaixão que está fixada na natureza humana nos moveria a assisti-la, e não a passar direto e permitir que ela gemesse sob a dor de condição tão deplorável. E muito mais deveríamos estar prontos a ajudar nossos semelhantes em um caso muito mais triste e pavoroso, tal como este que está agora diante de nós. Há uma grande quantidade de pessoas, neste exato momento, que estão se queixando de que não têm

esperança, nem perspectiva de livramento de suas misérias e aflições atuais; que nos dizem que foram rejeitadas por Deus; que Ele as desamparou; que seus pecados estão postos em ordem diante delas; e que têm medo de que o Deus que outrora julgavam ser o seu próprio Deus não lhes seja mais favorável.

Oh! quão pouco sabemos o que fazemos quando pecamos! É fácil por um momento; rende-nos um pequeno prazer superficial e transitório. Mas deixa um aguilhão fúnebre e uma amargura duradoura para trás. Oh! o que não dariam tais pobres criaturas para que jamais tivessem pecado? Ou para que jamais tivessem pecado tão deliberadamente, tão frequentemente contra aquele Deus que outrora experimentaram ser muito bom e gracioso, mas que agora descobrem ser muito severo e muito terrível? Elas não podem olhar para baixo sem pensar que o inferno está abrindo sua boca para tragá-las. Não podem olhar para cima sem ver o grande Criador do céu e da terra como um inimigo para elas. E quem pode suportar pensamentos tão cortantes e esmagadores como estes? Ora, sendo esta uma condição na qual eu mesmo estive não faz muito tempo, e da qual a poderosa graça de Deus Se agradou em me salvar, desejo dar toda a ajuda que puder a tais almas abatidas e trêmulas. E não há ninguém entre nós, talvez, que não possa, em um momento ou outro, cair em profundezas como estas. Portanto, espero que as seguintes direções possam ser de alguma utilidade. Rogo a vocês que estão em tranquilidade agora, que deem atenção a estas coisas. Pois, se vocês caírem tão baixo, a angústia e a amargura de seus espíritos não lhes permitirão dar uma atenção tão distinta e cuidadosa ao que lhes será dito *então*, como podem dar *agora*.

Primeiro, se você está sob o senso da ira de Deus por seu pecado, ore fervorosamente a Ele para que afaste o Seu furor. Costumamos deprecar a guerra, a fome e a peste, e aqueles

outros males que, pelos danos que trazem aos nossos corpos, são muito temíveis para nós. Mas este senso do Desagrado Divino tem algo nele que é mais temível. Pois ele traz uma carga indizível de tribulação sobre a alma e fere aquela parte de nós mesmos que é capaz de ter ou uma alegria muito pura e nobre, ou uma dor e tristeza muito penetrantes. Um homem que está afundado sob um fardo pesado demais para ele carregar não pode deixar de gemer por alívio. Assim temos o Salmo 6:1-4:

Senhor, não me repreendas na tua ira, nem me castigues no teu furor. Tem misericórdia de mim, Senhor, porque sou fraco; sara-me, Senhor, porque os meus ossos estão perturbados. Até a minha alma está perturbada; mas tu, Senhor, até quando? Volta-te, Senhor, livra a minha alma; salva-me por tua benignidade.

Estes são os suspiros de alguém que é sensível a uma angústia grande e violenta. E eles nos dizem que até mesmo a nossa fraqueza e nossa condição desamparada são um argumento que podemos pleitear com Deus, como temos aqui: *Tem misericórdia de mim, Senhor, porque sou fraco.* Tua bondade, Tua glória e poder serão tornados mais ilustres ao dares algum alívio a alguém tão desolado e tão abatido como eu. Mas sei o que as pobres almas trêmulas estarão prontas a responder:

Objeção 1. Infelizmente! Não consigo orar. O Espírito que deveria aquecer minha alma e acender meus desejos não se move sobre mim como costumava fazer. Eu O entristeci e O irritei até aqui, e agora Ele me deixou para prantear e sofrer sozinho. Estou tão perturbado que não sei o que dizer. E quando me esforço para orar, não encontro fervor algum, vida nenhuma. Minhas orações tornaram-se muito penosas e inquietantes para mim.

Resposta. Admito, este é um caso triste o suficiente. É triste para criaturas tão miseráveis e tão cheias de carências como nós

não sermos capazes de derramar nossas súplicas diante do Senhor. E é ainda mais triste quando nossos pecados fizeram o Espírito Se retirar, Ele que é o único que pode nos ensinar a orar. Mas há algumas considerações que podem nos apoiar, mesmo em caso tão triste como este.

1. **Nossa angústia nos ensina a loucura do nosso pecado** e nos faz odiar o que nos custou tão caro; e é bom para nós que vejamos a odiosidade dele, mesmo que sejam o dano e a dor que nos abram os olhos. É melhor ser ferido visando uma cura do que morrer em tranquilidade e assim perecer para sempre.
2. **O Espírito não Se retirou de tal modo que não retorne diante de nossos apelos fervorosos por Sua graça.** Ele ainda paira ao nosso redor. E embora tenhamos agido mal ao excluí-Lo antes, contudo este Hóspede bendito apenas aguarda por uma oportunidade favorável para nos fazer bem novamente. Ele não Se foi inteiramente — esse senso que temos do pecado é obra d’Ele mesmo.
3. **Nossa indisposição para o dever da oração não é sinal de que estamos desprovidos de vida.** Uma pessoa acamada vive tão bem quanto uma que goza de saúde firme e agradável. Um gemido é tanto um sinal de vida quanto o riso e uma canção alegre. É muito indesejável, de fato, ter uma vida tão débil e decadente; mas o caminho para torná-la mais forte é manter nossas almas exercitadas. O movimento fraco e rastejante com que nos movemos a princípio, sendo continuado, nos capacitará a caminhar com passo mais firme, e avançaremos diversos passos em muito pouco tempo. Orando, mesmo que de maneira muito pobre, aprenderemos a orar.

Embora apenas suspiremos por Deus, ainda assim um suspiro pode nos aliviar um pouco; e, pelo uso frequente, ele se transforma em um clamor alto e prevalecente. Deus ainda é o seu Criador. E Aquele que ouve os corvos e os leõezinhos quando rugem por alimento não será surdo a você.

4. **É um estado de alma mais excelente orar a Deus e perseverar nisso quando você não tem consolo do que quando o tem.** O *consolo sensível* [perceptível pelas emoções] é uma coisa muito desejável. É como o orvalho do céu; como o maná que de lá vem; como o mel ou o favo de mel — muito agradável ao paladar. Mas a dependência e a confiança em Deus, quando Ele Se retira, é um dos atos de fé mais gloriosos. E se não for tratado com banquetes e entretenimentos esplêndidos aqui, posso assegurar-lhe — não, o próprio Deus lhe assegurou — que as coisas correrão muito bem no próximo mundo. O consolo sensível pode estar na *natureza inferior*, como dizem as pessoas místicas. Pode ser ocasionado pelo temperamento do corpo, pela harmonia das paixões ou pelas disposições agradáveis dos espíritos naturais. Mas aqueles outros atos menos prazerosos estão situados na região mais elevada da alma, no entendimento e na vontade; e, por essa conta, são mais verdadeiramente espirituais e permanentes.
5. **Aquelas pobres pessoas perturbadas que se queixam de sua letargia e incapacidade de gerir o dever da oração deveriam considerar que influência seus medos tiveram sobre seus corpos.** O medo naturalmente contrai e embota o coração; seus movimentos tornam-se fracos e lânguidos. Pensamentos

desesperadores e apreensões sobre nosso estado eterno secam nossa umidade. E, ao cortarem nossas esperanças, fazem com que tudo o que nos era prazeroso murche. É uma questão muito difícil para a alma reter seu calor e ardor quando sua querida companheira, o corpo, não a assiste como costumava fazer — quando os espíritos com os quais ela se serve em tantas e diversas ações estão estagnados em um movimento débil e quase imperceptível. Houve alguns grandes santos que, por uma espécie de santa *antiperistasis* [antiperístase], arderam em seus corações com uma chama mais vívida para Deus quando tudo estava frio e tempestuoso ao redor deles. Houve alguns que jamais tiveram mais saúde interior do que quando seu homem exterior decaía; e cujas almas pareciam manifestamente prosperar enquanto seus corpos se desfaziam. Mas, de modo geral, a vizinhança ou a proximidade de um corpo enfermo prova ser um grande entrave e obstáculo para a mente. Não há dúvida de que Deus levará em conta a nossa fraqueza. E o suspirar por Ele por parte de alguém que está sob o poder de uma doença pode ser tão gratificante para Ele quanto a oração prolongada de alguém em plena saúde. Portanto, ore a Deus, mesmo que seja com pesadume. Embora misturada com muitos suspiros amargos, será, contudo, o pagamento daquela homenagem que você deve a Deus; e você não sabe quão cedo poderá encontrar um retorno gracioso. Você pode se ajoelhar em tristeza, e Ele pode levantá-lo com alegria e dizer: "Tenha bom ânimo, os seus pecados estão perdoados". E sei que essa seria uma notícia muito bem-vinda e agradável para você — a notícia de um reino para ser seu não seria nem metade tão revigorante.

Objeção 2. Não me cabe orar. Já sou pecador o suficiente, Deus o sabe; e desejaria você que eu agravasse minha culpa? Pois tenho pensamentos errantes e um coração incrédulo. Sou uma pessoa ímpia, e *o que desvia os seus ouvidos de ouvir a lei, até a sua oração será abominável* (Pv 28:9). Portanto, com que propósito eu deveria orar? Se um homem, de fato, quebra as leis de Deus com desprezo e então pensa em prestar satisfação por suas orações, e por uma devoção externa ou pomposa, ele oferece uma afronta ao Deus que tudo sabe. Seu olho santo não pode olhar para uma ação tão criminosa sem o maior desdém e desprezo. Se um homem pragueja, amaldiçoa e condena a si mesmo em um fôlego, e então deseja que Deus o abençoe no próximo, isso seria uma pretensão ridícula de religião. Tais pessoas provavelmente encontrarão um castigo severo daquele Deus de quem abusam com tão desavergonhada confiança, e de quem falam com tão pouca reverência. Se um homem desejasse que Deus o ajudasse a roubar, saquear ou prejudicar seus vizinhos, isso seria (tanto quanto lhe fosse possível) tornar o Santo de Israel parceiro em seus crimes. Se um homem matasse outro injustamente e se fartasse de vingança e então, como alguns expressaram, dissesse a "graça" sobre seu banquete sangrento, isso seria cometer uma dupla maldade. Foi uma coisa abominável quando tantos protestantes inofensivos foram tão barbaramente massacrados na França, cantar o *Te Deum* [A Ti, Deus, Louvamos] em Roma pelo massacre de tantas pobres criaturas. Foi como se o Deus de Misericórdia tivesse sido cruel como eles; como se a fúria que veio do inferno tivesse descendido do Deus de Amor; como se um homem que vive às custas do Príncipe e é mantido à sua mesa, devesse quebrar as leis mais veneráveis de seu reino e, então, agradecer ao Príncipe por lhe dar o poder de fazer o que ele sabe que o Príncipe detesta e odeia.

Não há dúvida de que é dever de um homem ímpio orar a Deus. Suponho que não haja ninguém que pense que Simão Mago era um homem muito bom. E, no entanto, ele foi exortado, mesmo quando estava *em fel de amargura e laço de iniquidade*, a orar, para que *porventura lhe fosse perdoado o pensamento do seu coração* (At 8:22). Se vocês se consideram ímpios, não há nada que seja mais o seu dever do que suplicar pela graça de Deus — esforçar-se, bater à porta, clamar a Ele enquanto pode ser achado. Mas cuidado para não pensar que algumas falhas, mesmo em deveres consideráveis, sejam um sinal de sua total apostasia. A incredulidade está presente no melhor de nós, mas não, de fato, em seu poder dominante. Esforce-se o máximo que puder; então lamente sua fraqueza e implore o auxílio de Deus, e Ele lhe será favorável.

Objeção 3. É verdade; sei que é meu dever orar. Mas tenho orado por vários meses, e por vários anos, e ainda tenho as mesmas doenças e os mesmos temores que sempre tive. Não tenho menos dor no corpo, nem menos inquietação na alma do que tinha no primeiro momento em que comecei a orar. *Cercou-me de sebe, para que não possa sair; agravou os meus grilhões. Ainda quando clamo e grito, ele exclui a minha oração* (Lm 3:7-8). Sou exatamente como Saul quando consultou o Senhor e o Senhor não lhe respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas (1Sm 28:6). Ele não quis comunicação alguma com ele, nem tomou nota do que ele fazia. Eu também estou em tal caso. Procuro por Ele em Seus ordenamentos, mas não tenho notícias de Sua presença graciosa ali. Em lágrimas, derramo minha alma dia e noite, e oro. Mas minhas orações que envio ao céu não trazem de volta à minha pobre alma cansada notícias de conforto ou de paz. Meus olhos falham de tanto olhar para o alto; meu coração desfalece. Não posso mais suportar um dever no

qual não encontro deleite e que não me traz vantagem. Por que eu deveria esperar no Senhor por mais tempo?

Resposta. Penso que esta é uma das maiores tentações com que Satanás assalta as almas perturbadas. Ele sabe bem que, uma vez que elas soltem o seu apego a Deus, cairão em suas mãos. Elas alongam a corrente dele, amolam sua malícia e chegam ao seu alcance. E não há dever que o diabo odeie mais do que a oração, pois ela tem, muitas vezes, derrotado seus planos e feito o seu reino estremecer.

O 1º ALÍVIO GERAL

Portanto, desejo fervorosamente de vocês — pois amam suas almas, e para que não desonrem a Deus nem satisfaçam o diabo — que jamais desistam da oração. Embora você apenas chilreie como um grou, ainda assim é melhor do que estar totalmente em silêncio. Embora você apenas pranteie diante de Deus, é melhor do que resolver deixá-Lo ir; embora possa apenas dizer: "Senhor, sê misericordioso comigo, um pecador"; embora possa apenas bater no peito e olhar para o céu; embora possa apenas rastejar em Seus caminhos — é melhor do que abandoná-los. Embora possa apenas falar uma ou duas palavras em oração, é muito melhor do que não orar de modo algum. Oh, que coisa terrível é deixar de clamar a Deus; entregar-se como perdido; dizer que é *vão*, quando *nada é difícil demais* para o Poder Onipotente e a Bondade Infinita realizarem. E aí de nós quando abandonamos a Rocha das Eras e nos entregamos às ondas. Que tristezas então encontramos, e quão baixo afundamos!

Quão intolerável é ter as repreensões de nossa consciência, as afrontas de Satanás, a culpa do pecado, o medo do inferno, e não ter Deus a quem possamos ir com esperança! Não permitam que a grandeza de seus males os prive daquele apoio que se encontra

na prática deste dever. Embora não tenham uma resposta rápida para o que desejam, não se segue de modo algum que suas orações não foram ouvidas. Deus sabe melhor do que vocês qual será a estação mais apropriada para conceder a misericórdia que julgam necessária. Seus atrasos nesse sentido não são sinal de Seu horror. Ele pode permitir que caiamos em grandes agonias para que, como nosso Senhor no jardim, oremos mais fervorosamente. E nossas petições não são vãs, ainda que não tenhamos os primeiros raios de um livramento próximo e imediato. As orações da igreja primitiva pelos reis e por todos os que exerciam autoridade foram respondidas muitos anos depois, quando Constantino foi convertido à fé (312 d.C.). Acautelai-vos contra o desfalecimento sob a mão de Deus. E, no entanto, quando só conseguimos olhar para Ele como um inimigo, é quase impossível não desfalecer. Sob dores e aflições graves, devemos frequentemente olhar para Deus e implorar Sua força.

E visto que, em tal caso, não podemos realizar deveres longos ou muito regulares, devemos frequentemente renovar nossa oração, ainda que pelos mesmos desejos (Sl 142:4-5; Ef 6:18). Para esse propósito, considerem o seguinte:

Não há ninguém além do próprio Deus que possa ajudá-los; e isso deve levá-los a perseverar na oração. Somente a mão d'Ele pode curar as feridas. É comum a alma perturbada dizer: "Oh, o que eu não daria por um raio de esperança! Eu daria o mundo inteiro, se o tivesse, por uma visão prazerosa da face de Deus". Isso não se obtém por meros desejos, nem pela compra de qualquer coisa tão baixa e desprezível quanto o que há no mundo. Quando os céus são como bronze, ninguém pode fazer a chuva cair; quando o sol se põe, todos os fogos artificiais que a habilidade do homem pode produzir não renderão uma luz tão vasta e prazerosa para esta terra quanto Ele rendia. Seu retorno

afugenta as trevas e nos traz o dia bem-vindo. Em desconfiança de sua própria fraqueza, recorram a este Deus e digam com Davi: *Torna a dar-me a alegria da tua salvação, e sustém-me com um espírito voluntário... Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus* (Sl 51:12, 17). Deve ser um ato de um poder onipotente dar-lhes consolo. Nem todos os Anjos no céu, nem todos os homens na terra podem ajudá-los, a menos que Ele Se agrade em fazê-lo. Não esperem demais dos ministros mais instruídos, nem de seus amigos mais queridos. Eles são apenas cisternas que não podem render água para saciar sua sede, a menos que sejam cheios pelas nuvens do céu. Quanto à satisfação e quietude de uma alma perturbada, todos os homens são vaidade. É uma prerrogativa incomunicável da Natureza Divina aliviar certa e infalivelmente o miserável. *Eu crio os frutos dos lábios* (Is 57:19).

Outros amigos ou não conhecem suas necessidades, ou por sua própria pobreza ou distância, não estão em condições de supri-las. Mas Deus está sempre próximo, sempre cheio de bondade, e Ele conhece tudo o que precisamos ou esperamos. Se todo o mundo fosse seu amigo e Ele fosse seu inimigo, a alegria do semblante deles e o prazer de seus sorrisos não afastariam o terror dos cenhos franzidos d'Ele. A nuvem ameaçadora pairaria sobre suas cabeças e os assustaria com seus presságios terríveis por onde quer que fossem. E, ao contrário, se todas as pessoas no mundo fossem suas inimigas e Ele fosse seu amigo, o amor d'Ele adoçaria todo o ódio delas; Sua voz acalmaria todos os seus clamores; Seu braço repeliria todos os seus golpes; e, sob as asas de Sua providência, vocês poderiam deitar-se e dormir em paz. Ele pode salvá-los quando vocês mesmos já se destruíram; quando tiverem corrido até a própria porta e portões

do inferno, Ele pode puxá-los de volta. Mesmo quando estiverem morrendo, Ele pode fortalecê-los e reanimá-los. É com Ele que vocês têm principalmente de lidar. Devem, portanto, orar a Ele, porque seu socorro só pode vir d'Ele.

Quando Adão cometeu pecado, teve medo e não sentiu prazer nem mesmo no Paraíso, embora (como diz um autor) "o sol ainda brilhasse sobre sua cabeça com raios tão gentis e revigorantes quanto antes; os rios corriam tão límpidos quanto antes; os pássaros cantavam com voz tão melodiosa... Mas do pobre homem, a paz e a inocência haviam fugido. Tudo por fora estava calmo, mas ele encontrou uma tempestade surgindo em seu próprio peito, a qual não sabia como aplacar". Aqueles de nós que, por fúnebre experiência, sentimos os terrores do Senhor, sabemos que todos os conselhos de nossos amigos, todos os seus argumentos e discursos, todas as suas súplicas e orações, não nos deram qualquer alívio até que o próprio Deus Se agradasse em ordenar a salvação para nós. *Se ele dá quietude, quem então inquietará? Se encobre o rosto, quem então o poderá contemplar? seja para com uma nação, seja para com um homem só* (Jó 34:29). Quanto maiores forem nossas angústias, mais fervorosas devem ser nossas orações. E quando os ventos estiverem mais fortes, e as tormentas aumentarem e nos ameaçarem com o naufrágio e a ruína, a proximidade e a grandeza do nosso perigo devem nos levar a levantar e clamar ao nosso Deus com mais pressa. Portanto, mesmo que sinta o senso do Seu desagrado, diga: "Não há ninguém que possa me ajudar senão o próprio Deus. Ninguém pode curar minhas doenças ou perdoar meus pecados, senão apenas Ele. Portanto, enquanto eu viver, orarei e clamarei a Ele até que tenha misericórdia de mim".

Segundo, embora você esteja sob o senso da ira de Deus, você tem encorajamento para orar pelas muitas promessas e pelo ofício e nome de Cristo. Aquele Mediador que bem se lembra do que sentiu quando gemeu sob a ira de Seu Pai, também sabe com quais chamas suas almas estão sendo queimadas. Ele olha para você com um olhar mui compassivo e despertará para promover sua segurança se você apenas disser, como os pobres discípulos aterrorizados: *Mestre, salva-nos, que perecemos*. É verdade que Ele está cercado por espíritos ilustres, alguns dos quais jamais estiveram doentes assim, e outros a quem Ele curou plenamente. Mas, na multidão de Seus admiradores na corte, em meio às suas aleluias alegres e prazerosas, o coração d'Ele está preocupado com você, e Seus ouvidos estarão abertos ao seu clamor. Sua intercessão lhe dá um sólido fundamento de esperança. Ele vive para sempre para gerir essa obra gloriosa e honrosa; e, tendo um sacerdócio imutável, *pode também salvar perfeitamente [até o máximo] os que por ele se chegam a Deus* (Hb 7:25). "Até o máximo" é (como alguém observa) uma palavra excelente, colocada para o nosso conforto.

"Pois (diz ele), que sua alma seja colocada sobre o monte mais alto que criatura alguma já tenha pisado, e que ela seja ampliada para abranger e ver a perspectiva mais vasta tanto do pecado quanto da miséria, e as dificuldades de ser salvo, que qualquer pobre alma humilhada já tenha vislumbrado em si mesma. Sim, junte a estas todas as objeções e obstáculos à sua salvação que o coração humano possa supor ou inventar contra si mesmo. Erga seus olhos e olhe para o limite máximo do que você pode ver; e Cristo, por Sua intercessão, é capaz de salvá-lo para além do horizonte e do alcance mais distante de seus pensamentos, sim, 'até o máximo' e no pior caso que o coração do homem possa conceber".

Clame frequentemente a Deus: "Oh, compadece-Te de mim, um pobre pecador desamparado, por amor de Cristo. Ele suportou a Tua ira; afasta-a de mim, pois não sou capaz de suportá-la". O nome de Jesus traz consigo consolo e salvação. Ele é um Salvador perfeito em todo tempo de necessidade. O nome de Jesus Cristo lhe diz que o Seu ofício é fazer o bem ao miserável, curar os enfermos, abrir os olhos aos cegos, *pregar boas novas aos mansos, ligar os quebrantados de coração, proclamar liberdade aos cativos e a abertura de prisão aos presos* (Is 61:1). Você deve orar naquele nome que foi celebrado por todos os patriarcas e homens santos de outrora, pelos profetas e pelos sacerdotes sob a Lei, embora estivesse então envolto em tipos e representações obscuras. É o nome no qual o próprio Deus Se deleita; diante do qual os anjos se curvam com reverência e diante do qual os demônios tremem; aquele nome que é grande no céu e na terra — no qual você foi batizado e no qual deve depositar todas as suas esperanças. Nesse nome, você pode implorar assistência em todas as suas carências, e isso pode lhe fornecer uma confiança santa; pois é o nome do Filho de Deus, de Seu Filho inteiramente amado. E seria um opróbrio a este nome grande e venerável orar com pensamentos de desconfiança. Oh, que isto lhe sirva de apoio: que você pode ter acesso a Deus por este nome que tem sido caro a todos os fiéis, e deve sê-lo para você; e que tem sido o refúgio de muitas pobres almas trêmulas. Este é o nome que os santos de Deus mencionaram com grande deleite em todas as suas aflições; o nome que tinham prazer em ouvir e falar frequentemente, e que era a alegria de seus corações, e pelo qual não recusaram sofrer a morte. Alguns se deram ao trabalho de observar que ele é mencionado nas epístolas de Paulo 220 vezes, e frequentemente no evangelho de João — tão doce, tão caro para eles era o nome de Jesus.

Este é o primeiro caminho geral de alívio que aqueles que estão sob o senso da ira de Deus devem tomar; a saber, orar a Ele. Assim como em (*Jer 10:24*): *Castiga-me, ó Senhor, mas com medida; não na tua ira, para que me não reduzas a nada.* (*Sl 39:10*): *Tira de sobre mi a tua praga; estou desfalecido pelo golpe da tua mão.* Também (*Sl 85:4-7*; *38:21-22*; *138:3*; *143:2*).

CAPÍTULO 8

Sobre a Fé em Cristo

Sobre a fé em Cristo como outro auxílio sob o senso do desagrado de Deus. E as diversas tendências que ela tem para acalmar uma alma aflita sob provações longas e graves.

O 2º ALÍVIO GERAL

Este alívio consiste em que, quando você estiver sob o senso da ira de Deus por seus pecados, *exercite a fé em Deus e em Cristo*. A fé, posso bem dizer, é a mãe de todas as graças. Ela as concebe e lhes dá à luz, e cuida de promover o seu crescimento. Ela comunica vida a elas no início e faz com que prosperem e floresçam depois. Com fé, nossos serviços mais humildes encontram uma aceitação alegre e favorável; e sem ela, nem todas as devoções mais pomposas, nem todas as mortificações mais tediosas e dolorosas que pudéssemos praticar teriam qualquer valor à vista de Deus. Que coisas poderosas a fé produziu! Que triunfos miraculosos ela obteve! História alguma pode nos fornecer um relato de tantos heróis grandes e ilustres, de tantas dificuldades e de tão grandes vitórias, quanto o 11º capítulo de *Hebreus* fornece. Nem um sequer ali mencionado deixou de encontrar grandes problemas; nem um ali deixou de vencê-los. E é sempre expresso que "pela fé" eles fizeram isto

ou aquilo. Para a maioria, a fé parece ser algo fácil, por não terem visto seus pecados em sua odiosidade e agravações, nem terem refletido muito sobre a santidade, a justiça e a majestade de Deus, e sobre a lei espiritual que penetra em todas as profundezas e recessos da alma. Pensam ser uma questão pequena. Mas para um pobre pecador que está sob as repreensões de Deus e de sua própria consciência; que é despertado por ameaças terríveis e medos espantosos; que vê vastas multidões de pecados dentro de si e vê o inferno do lado de fora — não há nada mais difícil. Pois assim ele argumenta consigo mesmo:

"Pode um Deus santo suportar um pecador tão vil? Pode Ele perdoar tantas e tão grandes iniquidades? Será Ele gracioso com alguém que foi tanto Seu inimigo quanto eu fui? Será esse amor algum dia mostrado a mim, que tanto o desprezei e desvalorizei — e por cujo desprezo Deus sabe que agora pago mui caro? O Grande Governante do céu e da terra será favorável a um verme? Admitirá Ele um rebelde à Sua presença e à Sua glória?"

Não é fácil satisfazer uma mente que luta contra as múltiplas objeções que a razão carnal, os sentidos e o próprio coração de um homem levantam com tanta força e vigor aparentes. Mas há agora diversos caminhos pelos quais esta fé, tão contestada, prevalece e obtém vitória sobre inimigos tão sutis e plausíveis:

A fé aquieta a alma, direcionando-a a considerar a natureza, a promessa e a palavra de Deus. Ela retira o amargor de nossos pensamentos, pelos quais tendemos a concluir que Deus possui uma natureza furiosa e implacável; que Ele jamais Se reconciliará ou lidará com criaturas tão mesquinhas e pecadoras como nós. Ela nos revela os termos de Sua Aliança, as ofertas gratuitas de Sua misericórdia:

(Is 27:4-5): Não há indignação em mim. Quem me poria sarças e espinhos diante de mim na guerra? eu iria contra eles e juntamente os queimaria. Ou que se agarre à minha força, e faça paz comigo; sim, que faça paz comigo.

"Sua força" significa as propriedades santas de Sua natureza: Sua bondade, Sua imutabilidade, Sua fidelidade, as quais Ele graciosamente revelou com o desígnio de, por meio delas, sustentar nossos corações. A fé nos guia à visão de Suas promessas, à verdade e autoridade de Quem promete, à Sua autossuficiência e Sua prontidão em perdoar e salvar. E isso, de fato, é dificilmente aceitável: pensar que, quando estamos sob as apreensões de Sua ira, Ele esteja pronto a *perdoar*! Pois, se posso julgar os outros por mim mesmo, não é tanto o Seu *poder* que questionamos então, mas a Sua *bondade*; não é tanto se Ele *pode* (pois isso sabemos bem), mas se Ele *quer* nos dar auxílio. Ora, a fé conduz nossas almas trêmulas às promessas, que são os compromissos voluntários de Deus, pelos quais Ele Se obrigou a nos fazer o bem; as quais são produto de Seu amor e transmitem poder e virtude vivificantes à alma. Ela também nos mostra o fundamento sobre o qual todas essas promessas repousam, a saber, Jesus Cristo, em quem elas são *Sim e Amém*, isto é, são mui certas e mui verdadeiras; e *Ele é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente* (Hb 13:8).

A fé nos torna humildes e, conseqüentemente, pacientes; ela esvazia a alma de todos os pensamentos orgulhosos e altivos; vê que não possui nada próprio em que confiar e, portanto, depende somente de Deus; revela Suas relações como Criador e como Pai. E produz na mente atos que são condizentes com esses títulos confortantes. *(Sl 42:11): Por que estás abatida, ó minha alma, e por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, o qual é a salvação da minha face e o meu*

Deus. Adequado àquele título em (Is 50:10): Quem há entre vós que tema ao Senhor e ouça a voz do seu servo? Quando andar em trevas, e não tiver luz, confie no nome do Senhor, e firme-se sobre o seu Deus — isto é, quem quer que esteja sem qualquer senso revigorante do amor de Deus, sem qualquer visão de sua própria graça, e, posso acrescentar, sem qualquer esperança de livramento e salvação? Pois a menor esperança carrega consigo alguma luz, ainda que seja mui débil e quase imperceptível.

Ora, para um homem lançar sua âncora no escuro, e confiar quando não possui fundamento visível para sua fé, é um trabalho de esforço e dificuldade. O nome de Deus, neste caso, é um grande alívio; e esse nome é proclamado em (Êx 34:6): *Senhor, Senhor Deus misericordioso e piedoso, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade*, etc. De modo que, como diz o Dr. Goodwin:

"Quando uma pobre alma em angústia não é capaz de dizer: 'Vejo tais ou tais sinais, ou qualquer evidência em mim mesmo pela qual eu possa concluir que Deus é o meu Deus, ou Cristo o meu Salvador; embora nada saiba por mim mesmo pelo qual eu possa reivindicar qualquer interesse presente', ainda assim, porque *Graça e Misericórdia* é o Seu nome, e *Nossa Justiça* é o nome de Seu Filho, eu, portanto, me lanço sobre ambos para perdão e favor. Sobre estes minha alma repousa, permanece e habita, e destes não será movida.

Duas coisas concorrem para esta confiança. Primeiro, que há graça livre, boa vontade e misericórdia em Deus, e que Jesus Cristo foi designado e feito para ser nossa justiça. E, em segundo lugar, que sou capaz de, e posso vir a ter, um interesse em ambos; e que, mesmo que não haja nada em mim que possa reivindicar um interesse neles, contudo não há nada que me exclua.

Consequentemente, lanço-me sobre Deus por ambos, e ali descanso".

1. **A fé nos ajudará grandemente, pois nos dá uma compreensão correta da natureza daquelas aflições longas e severas** pelas quais tendemos a concluir que Deus está irado conosco. Ela nos mostrará que não há nada de novo ou estranho nelas. Ela levará nossas mentes para além da dor presente e mostrará a luz além da nuvem mais escura. Ela nos ensinará a julgar Deus não pelo que é presente, mas pelo que está por vir; não pelo que sentimos, mas de acordo com Sua própria promessa. Ela nos mostrará, por uma manifestação prazerosa, o termo e a conclusão do desígnio de Deus, e nos fará não julgar Suas obras pelo primeiro esboço bruto e menos amável. A fé nos mostrará que a ira e o amor podem muito bem coexistir; e que os golpes mais rudes que nos fazem gemer e suspirar podem servir para nos polir e preparar para o Seu templo celestial. Isso nos sustentará quando nossos sentidos estiverem confusos e nossos pés prestes a escorregar. Ela coloca diante de nossos olhos não apenas as primeiras correções que são dolorosas à carne, mas o fim do Senhor — *que o Senhor é muito misericordioso e piedoso* (Tg 5:11). Ela nos mostra a justiça e a equidade dos procedimentos de Deus: que não há nada neles que não seja altamente razoável e necessário, mesmo quando parecem ser severos; que são necessários para nos impedir de vagar e para evitar que durmamos o sono da morte; que aquelas cruzes pesadas que cansam e esgotam nossos espíritos podem ser enviadas para promover o nosso descanso eterno; e que

a profundidade de nossos gemidos aqui pode nos levar a cantar aleluias mais altas no porvir.

2. **A fé nos ajudará grandemente ao revelar e nos fortalecer contra o poder de Satanás e suas ciladas** — embora esses desígnios dele sejam invisíveis e tão pouco conhecidos, e, por isso, ainda mais perigosos. Naquelas tribulações fúnebres que eu mesmo experimentei, em todas aquelas reflexões terríveis e medos esmagadores, eu não era sensível a qualquer agência de espíritos malignos; mas sim que todos os meus pensamentos e temores eram produto de minha própria mente. Embora *agora* eu tenda a acreditar que alguns daqueles pensamentos estranhos que vez ou outra eu tinha de Deus, e aqueles terrores súbitos que perfuravam minha alma, deviam ter neles algo da crueldade e malícia de Satanás, pois eram mui terríveis. Creio verdadeiramente que as pessoas prejudicam muito tanto o diabo quanto as pessoas melancólicas ao chamarem os efeitos inevitáveis de sua doença de "tentações de Satanás", e a linguagem dessa doença de "uma conformidade com elas". Ambos atribuem ao diabo um poder maior do que ele possui e afligem a pessoa doente mais do que o necessário. Pois não duvido que este espírito maligno, por permissão de Deus, seja a causa de muitas enfermidades dolorosas que acometem nossos corpos. Contudo, há também muitas que são resultado de um movimento desordenado dos espíritos naturais, e nas quais ele nada tem a ver. Mas, como é costume comum de pessoas cruéis e bárbaras atacar os fracos e pisotear os que já estão prostrados, assim é muito frequente o diabo aproveitar a ocasião de nossas indisposições corporais para atacar e molestar

nossos espíritos. Pois estes estão privados até mesmo daquela força que costumavam ter quando a casa em que habitavam estava em paz e livre daquelas incapacidades sob as quais sempre estão em tais estações. Pois é então *noite* para nós. E, na noite, as feras de rapina andam à solta, elas que se mantinham em suas tocas durante o brilho do dia.

Seja como for, qualquer que seja a atuação de espíritos malignos em nossas tribulações, agindo sobre nossos entendimentos, paixões ou imaginações, esta graça da fé desvelará seus planos e frustrará todos os seus estratagemas. (*Ef 6:16*): *Tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno*. E que isso é indispensável aparece em (*Lc 22:31-32*): *Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça*. Não há nada contra o qual esse engenheiro do inferno nivele suas baterias com maior fúria, nada que possa nos expor a maior perigo do que a incredulidade total ou a fraqueza de nossa fé. A fé não exercitada é como armas de guerra deixadas de lado: elas enferrujam e não servem para nada. Pois enquanto a fé permanece em exercício, perseveramos em nossa vigília; e o Deus que a fé mostra estar observando vem em nosso auxílio em todo tempo de necessidade. E o mesmo faz aquele Redentor que venceu o diabo por Sua morte e ressurreição, e a cujo nome glorioso esses espíritos malignos tremem e se apavoram.

A fé nos ajudará grandemente sob as apreensões do desagrado de Deus, ao conduzir-nos à consideração de Cristo crucificado. É fácil, de fato, aprender a noção de fé; mas coisa de maior dificuldade é experimentar a eficácia e o poder dela. Para um homem ter a visão daquilo que, dentro de si mesmo, o condenaria e pelo que está perturbado e, ao mesmo tempo, ter a

descoberta daquilo que, fora de si mesmo, o justificará, e regozijar-se nisso, é algo que ele não é levado a fazer senão pela fé no mistério do Evangelho. Se remoermos nossas próprias qualificações, deveres, evidências e coisas semelhantes, apenas aumentaremos nossa própria tribulação por meio de uma circulação contínua de pensamentos inquietantes. A imperfeição e a falha de tudo o que fizemos, ou somos capazes de fazer, encherão nossas mentes de perplexidade e angústia. A santidade e a espiritualidade da lei de Deus aniquilarão nossas esperanças mais audazes. Portanto, nosso melhor caminho não é ficarmos sentados lamentando nossas misérias e a tristeza do nosso caso; mas levantar-nos e correr para a Cidade de Refúgio que está diante de nós. Quando estamos feridos pelo senso do pecado, com nossos olhos lacrimosos e corações entristecidos, devemos olhar para Cristo, de quem a *Serpente de Bronze* foi um tipo. Quando o fardo de nossas iniquidades nos afunda e nos faz gemer, devemos ir a Ele em quem os cansados e sobrecarregados encontram descanso, ao Evangelho que, ao mesmo tempo que revela e manifesta a abundância do pecado em nós, manifesta também nossa justiça em Cristo. Enquanto um nos aterroriza com o medo do inferno, o outro nos revigora com a esperança do céu. O Sangue de Jesus extingue a ira de Deus; e, ao mesmo tempo que nos torna seguros, também nos torna santos. Pois ele nos purifica de toda iniquidade. Este é o abrigo e a cura de uma alma que está em perigo e enferma.

Quantas almas lançaram sua âncora no escuro, quando todo o consolo lhes faltou por muitos dias? Quantas obtiveram apoio e alívio ao dizerem que, se perissem, pereceriam aos pés de Cristo? E dizendo que o Cordeiro de Deus, tão cheio de mansidão e de piedade, é gracioso demais para deixar alguém perecer ali? Como Sacerdote, Ele morreu por Seus inimigos. Ele

é um Rei manso; embora esteja em um trono de majestade e em um lugar de alegria e glória, Ele admitirá pranteadores em Sua presença. Ele é um Rei de pessoas pobres e aflitas, e um *Príncipe da Paz*. E como possui raios de majestade, possui também um coração de compaixão. Que misericórdia não poderíamos esperar de tão gracioso Mediador, que assumiu nossa natureza sobre Si para que pudesse ser gracioso? Vamos, portanto, a Deus por meio de Cristo, que satisfaz Sua justiça por Sua morte — pois, sem Ele, Deus é como um fogo consumidor para nós, pecadores. Vamos ousadamente ao Seu trono em nome de Jesus, e descobriremos que o Deus de quem tínhamos medo Se tornará nosso amigo; e experimentaremos que Ele é melhor para conosco do que jamais imaginamos que seria. Nossos corações incrédulos, enquanto forem tais, estarão cheios de trevas e perturbação. Mas, mediante a nossa fé, a tempestade cessará e a manhã começará a raiar para nós. E em vez daquela ira que temíamos (e merecíamos), descobriremos que *há misericórdia com o Senhor, e com ele há copiosa redenção* (Sl 130:7).

A primeira coisa que um pecador despertado e convencido pensa é em seu próprio perigo, e em como pode evitar a ira de Deus, e o que deve fazer para isso. Ora, isso não se realiza por serviços pomposos e cerimoniais — nem por mortificações externas, nem oferecendo o fruto de seu corpo pelo pecado de sua própria alma. Mas é pela fé em Jesus Cristo e em Sua morte, por meio da qual Deus Se tornou propício e favorável a nós. E, como diz um autor: "A primeira visão que uma alma humilde deve ter de Cristo é como Salvador — feito pecado e maldição, e sendo obediente até a morte". E Cristo deve ser considerado não apenas com respeito às excelências de Sua pessoa, mas como revestido de Suas vestes de sangue e com as qualificações de mediador e reconciliador. Isso O torna o objeto adequado da fé de um

pecador. Se pensarmos em Deus sem pensar em Cristo, Ele nos é vastamente terrível e assombroso. Mas em Cristo, e por meio d'Ele, aquelas apreensões que de outro modo seriam esmagadoras tornam-se muito prazerosas e confortáveis para nós. Honremos o amor que Deus mostrou n'Ele com pensamentos de admiração, e jamais tenhamos apreensões baixas ou mesquinhas de Sua graça. Cristo está perto de Deus e Se compadece de nós. Ele é capaz de nos ajudar e está perfeitamente disposto a fazê-lo — pois aos que vêm a Ele, Ele de modo algum lançará fora. Ele não nos repreenderá por nossas loucuras passadas; não aumentará nossa dor. Mas, uma vez que nos veja prostrados a Seus pés e lavando-os com lágrimas de humilhação sincera, Ele nos levantará e nos ordenará que tenhamos bom ânimo.

A fé removerá as tribulações que temos pelo senso do desagrado de Deus, ao nos transmitir aquela vida e força de Cristo, a qual nos capacitará a subjugar todos os nossos inimigos espirituais (Fp 4:13). A fé O trará para junto de nós. E quando Ele estiver em nosso barco, ainda que as ondas nos ameacem com um ruído terrível, temos a certeza de não sermos lançados fora. Todos os espectros que nos assombram desaparecerão se apenas O ouvirmos dizer uma vez, como disse aos Seus discípulos: "Sou eu, não temais". Esta graça nos unirá a Cristo e nos comunicará Seu poder nas diversas medidas de que necessitamos. E sem o Seu auxílio, as aflições longas e graves cansarão nossos espíritos e destruirão nossa esperança. Ele nos é necessário, pois possui um conhecimento perfeito de nossos inimigos, de sua força, de suas táticas e de seus planos. Por Seu próprio combate, Ele aprendeu a lutar e, por Sua experiência, pode nos ensinar a obter a vitória. Nem a multidão, nem a violência, nem a obstinação de

nossos inimigos podem impedir o sucesso e a glória de Seu triunfo.

Em Cl 1 :11, Paulo ora para que eles fossem fortalecidos com todo o poder, porque, como temos de lidar com diversos inimigos e estamos enfermos por diversas enfermidades, precisamos receber não apenas um ou dois tipos de força, mas muitos diferentes. Pois na natureza vê-se que a força dos corpos é distinta: um resiste a uma coisa e cede a outra; um tem a virtude de repelir a força de um elemento, mas não de se guardar de outro. De certo modo, assim é nas almas dos homens. Um homem se livra da tentação de um pecado, mas não é capaz de se defender de outro; um homem resiste às tentações da prosperidade, mas é derrubado pela adversidade; outro suporta tribulações por um tempo, mas é vencido pela extensão ou pelo tédio delas; e se um de nossos inimigos espirituais prevalecer contra nós, estaremos perdidos para sempre. Portanto, como diz o Apóstolo, precisamos recorrer a Cristo, que pode nos prover com habilidade e força para derrotar o que quer que se coloque no caminho de nossa paz ou de nossa salvação. Ter ao nosso lado Alguém que retornou do campo de batalha como vencedor é um encorajamento e um privilégio extraordinários. Tal é o nosso Senhor. Ele é um Salvador vitorioso e triunfante. Ele não deixará Suas conquistas incompletas, pois Ele sai vencendo e para vencer. E a glória de Suas empreitadas não O encheu de desdém ou desprezo pelos pobres e necessitados; pois Aquele que é o Rei de Sião, como eu disse antes, é um Rei manso e humilde.

Pela fé em Cristo, obtemos o Seu Espírito que, ao abrir nossos olhos, nos mostrará aquela fonte de águas vivas onde poderemos saciar nossa sede e lavar nossa imundície. Este Espírito retirará o aguilhão da culpa e adoçará a cruz que nos era muito amarga. E quando nosso Senhor vier em nosso auxílio, quando

soubermos que Ele Se aflige em nossa aflição, então aquele jugo que antes nos feria se tornará como um adorno em nossos pescoços. E quando tivermos o perdão de nossos pecados e a esperança da aceitação de Deus, aquela aflição que julgávamos um fardo pesado demais para suportar se tornará leve e fácil para nós. Do devorador sairá doçura. Daqueles mesmos medos que nos sobrecarregavam brotarão esperanças gloriosas; e aqueles corações que um medo escravo da ira havia contraído serão dilatados com o senso de Sua bondade e de Seu amor; e não olharemos para Ele como um inimigo, mas como um amigo; não como um juiz, mas como um pai. Is 33:24: *E morador nenhum dirá: Enfermo estou; porque o povo que habitar nela será absorvido da sua iniquidade.* Infelizmente! Quando Deus nos deixa, o menor perigo nos aterroriza; o menor dardo de Satanás causa impressão em nossos espíritos; a menor tribulação nos abate — tais criaturas insignificantes somos nós. Mas se o Senhor estiver conosco, se Cristo estiver do nosso lado, nem a lei, nem o pecado, nem a morte podem nos impedir de desafiar tudo o que se opõe a nós (1Cor 15:56-57).

A fé nos trará alívio sob as apreensões do desagrado de Deus, ou de nosso pecado, pois nos mostrará o termo e a conclusão daquelas misérias sob as quais agora gememos. Nossos sentidos nos dirão que nossas tribulações são tediosas e muito longas; mas nossa fé retificará nosso julgamento e nos mostrará que, embora tenhamos estado em angústia, é apenas por uma temporada. Nosso senso nos faz pensar que nossa noite de choro é muito longa; mas a fé coloca a manhã diante de nossos olhos. E, de fato, quando essa manhã chegar, o tempo da dor parecerá ter sido muito curto. Nosso choro não terá proporção com nossa alegria, nem nossos gemidos com nossas aleluias. O brilho de nossa coroa e as glórias de nosso triunfo nos farão esquecer o

sangue, o suor e o labor do combate, embora, enquanto estávamos aqui embaixo, o considerássemos árduo. A fé enxugará nossas lágrimas e nos fará contemplar uma perspectiva mais distante, vendo onde eles agora estão, os que outrora foram pranteadores como nós. Jó não é mais visto por seus amigos sentado sobre cinzas (Jó 2:8-13), mas brilhando com glória no mais alto céu. Hemã não está mais perturbado com terrores (Sl 88:15-16), mas infinitamente satisfeito com a visão e o desfrute de seu Deus. Há também Asafe cantando louvores a Ele (Sl 75:9), embora pensasse e temesse que Suas misericórdias tivessem se esgotado e que Ele não seria mais favorável (Sl 77:7). A fé consolará seus espíritos abatidos, fazendo-os lembrar frequentemente que, embora Deus esteja irado, é apenas por um momento; e que, embora vocês tenham apenas uvas amargas agora, elas servem apenas para prepará-los para um melhor sabor das alegrias do alto. É isto que firma nossos pés sobre uma Rocha e produz em nossas almas desfalecidas um apoio e esperança secretos de que, embora seja noite para nós no presente, não será sempre assim. Ap 3:21: *Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono.* Os perigos e angústias do caminho nos farão amar ainda mais o nosso lar. Todos os anos de nossa vida, embora gastos em graves aflições e ansiedades, serão apenas um espaço muito pequeno quando tivermos desembarcado em nosso porto de alegria e imortalidade.

CAPÍTULO 9

Atos Diretos de Fé

Sobre os atos diretos de fé, como os mais adequados para uma alma angustiada; e também sobre o esperar em Deus, com diversas considerações para reforçá-lo. E que uma pessoa em grande aflição deve esperar que as coisas melhorem para ela.

O 3º ALÍVIO GERAL

Olhe para Jesus Cristo quando encontrar as coisas perplexas e perturbadas em suas próprias almas. De fato, nos atos diretos de fé, temos objetos mais nobres com os quais conversar do que quando olhamos e remoemos nosso eu culpado. Quando olhamos para nossos corações perturbados, nada vemos além de confusão e desordem; mas podemos, ao mesmo tempo, discernir uma plenitude autossuficiente em Deus e em Cristo para suprir nossas carências. É um trabalho longo e tedioso considerar os diversos passos pelos quais devemos proceder em tal caso, tenhamos crido ou não. Nosso dever neste exato instante é crer — isto é, sob um senso penitente do que fizemos de errado, olhar para Cristo em busca de ajuda. Devemos distinguir cuidadosamente entre *justificação* e *santificação*; entre aqueles hábitos e aquelas ações santas que são os *efeitos* da fé, e a *fé em si mesma*. Nossa santificação é cheia de imperfeição; mas aquela justiça de Cristo, na qual somente devemos confiar para aceitação perante Deus, é completa e perfeita. Estas são coisas a serem consideradas por pessoas sob angústia espiritual. Mas, se você estiver sob a doença da Melancolia em qualquer grau elevado, sou sensível de que nem esta, nem qualquer outra direção será totalmente eficaz. É uma doença tão teimosa e obstinada que não pode ser vencida por métodos racionais e persuasão — não mais do que um osso quebrado pode ser colado apenas com palavras e conversa. Somente Deus conhece plenamente a natureza e a violência desta que é a pior das

enfermidades. É somente o Seu poder e Sua graça que podem afugentá-la. E todas aquelas coisas que dependem de reflexão, e que podem ter sucesso em outros casos, não têm a mesma tendência para o bem neste, porque é nossa doença sempre matutar e pensar; e é nossa miséria não conseguirmos pensar com propósito algum. Rogo-lhes que se lembrem de que o fundamento de toda a nossa paz e consolo é somente Cristo, e a fé n'Ele. Mortificação, abnegação e outras graças são a superestrutura que se edifica sobre ele. Mas, verdadeiramente, tudo o que podemos fazer em grande e profunda aflição, e em graves angústias de alma, é apenas olhar para Cristo como um homem que, ferido e sangrando, olha e clama por ajuda a alguém que passa pela estrada. E nosso Salvador e nosso Médico é tão compassivo que nos atenderá, ainda que sejamos capazes de dizer pouco mais do que isto: *Tem misericórdia de nós, Filho de Davi*. Sob a perspectiva de nossas grandes enfermidades, e a partir das múltiplas imperfeições de nossos deveres, e sob o senso de nossa própria nulidade e indignidade, recorramos humildemente a Cristo. Ele não desdenhará nem desprezará nossas aproximações a Ele, nem as deixará sem resposta, sem algumas manifestações de graça e misericórdia revigorantes.

O 4º ALÍVIO GERAL

Quando você tiver feito tudo isso, deve *esperar* até que o Senhor apareça para o seu alívio e socorro. Sl 123:2: *Eis que, como os olhos dos servos atentam para as mãos dos seus senhores, e os olhos da serva para as mãos de sua senhora, assim os nossos olhos atentam para o Senhor nosso Deus, até que tenha piedade de nós*. Embora Seus golpes sejam muito dolorosos, temos certeza de que os merecemos; embora Seus atrasos em nos ajudar sejam tediosos, nós merecemos um atraso muito maior de Suas mãos. Somos, de fato, como tantos pobres escravos sob a

servidão de nossos medos e tribulações. Mas, infelizmente! nós mesmos nos trouxemos a essa escravidão, e devemos olhar para Deus até que Ele nos liberte novamente. E embora nosso Mestre esteja irado conosco, Ele ainda é um Mestre. E essa relação que temos com Ele, esse interesse que possuímos em Sua aliança, pode ser de algum modo sustentador e confortante para nós. É algo mais fácil suportar qualquer tribulação que dure uma semana ou um mês e depois passe. Mas esta será a prova de nossa fé: se conseguirmos manter nossa dependência e confiança em Deus quando Ele nos aflige dolorosamente por muitos meses ou anos seguidos. Se não vemos sinal de socorro, nem perspectiva de livramento, devemos ainda esperar até que o tempo chegue, sim, o tempo determinado para nos favorecer. E isso deve ser feito com paciência, com uma resignação silenciosa e tranquila à Sua Vontade. É o produto de uma alma calma e quieta que está satisfeita com a justiça da providência, ainda que seja severa; com apenas esta limitação: que você tenha a liberdade e o comando de seus espíritos naturais. Pois, se eles forem apressados e postos em confusão por uma doença, então, de fato, você não poderá realizar esta nem qualquer outra ação espiritual com calma e deliberação. Mas em outros casos, onde a desordem dos espíritos não é tão grande e violenta, *aquele que crer não se apresse* (Is 28:16) — ele não é furioso nem precipitado. E, de fato, é nossa falha comum querermos que o auxílio de Deus venha exatamente quando desejamos; sermos aliviados assim que sentimos dor; chegarmos ao céu imediatamente quando não nos sentimos mais aptos para o serviço aqui na terra. Mas Deus, que não é tão zeloso de nossa carne quanto o é de nossos espíritos, permitirá que fiquemos por muito tempo em tribulação, para que todos saibam, por seu próprio sentimento, quão mau e amargo é pecar; e para que, pelos métodos que menos nos agradam, Ele possa nos fazer o

maior bem; e por nossos inconvenientes temporais, Ele promova o nosso bem-estar eterno.

Devemos possuir nossas almas em paciência (Lc 21:19), em um silêncio humilde e quieto; e aprovar todas as dispensas e obras de Deus. No entanto, como é possível para nós *não* manifestar nosso senso de dor, mesmo em expressões fúnebres, eu não sei. Quando um homem está sob um fardo que não pode carregar, ou quando está em dor aguda, é natural que gema e suspire; é algo que ele não pode evitar. Seria, como insinuei antes, um trabalho inútil aconselhar pessoas sob grande aflição e angústia espiritual a *não* reclamarem. Pois, digamos o que dissermos, elas não conseguem evitar o lamento. Pode um homem pensar que Deus é seu inimigo, e que sua alma está em perigo, e o inferno provavelmente será seu quinhão, e não estar grandemente preocupado? Não culpem as pessoas que estão sob os terrores do Senhor por reclamarem. Se suas almas estivessem amarguradas com absinto e fel, vocês reclamariam tanto quanto elas. Nosso bendito Senhor mesmo, nos dias de Sua carne, quando Seu sofrimento aumentou sobre Ele, *ofereceu orações com grande clamor e lágrimas* (Hb 5:7). E na dor de Suas agonias inefáveis na cruz, clamou com grande voz: *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?* (Mt 27:46). E no Sl 32:3: *Enquanto eu me calei, envelheceram os meus ossos pelo meu bramido em todo o dia.*

Existem algumas expressões naturais e inevitáveis de dor e tristeza que são consistentes com aquele esperar e dependência de Deus. Nem é contrário a este esperar desejar um livramento pronto e rápido; você pode licitamente orar por isso. Temos diversas instâncias disso, tais como no Sl 22:19: *Não te alongues de mim, Senhor; força minha, apressa-te em socorrer-me.* Sl 31:2: *Inclina para mim os teus ouvidos, livra-me depressa.* Sl

69:17: *E não escondas o teu rosto do teu servo, porque estou angustiado; ouve-me depressa.* Sl 40:17: *Não te detrasdes, ó meu Deus.* Você pode, imitando tão grandes exemplos, formular seus pedidos desta ou de maneira semelhante. Mas, quando o tiver feito, se o alívio não vier imediatamente, se sua angústia e aflição permanecerem, você deve ainda estar contente em esperar, e justificar o seu Criador em Seus atrasos e em Seus procedimentos para com você, mesmo que sejam mui terríveis — como no Sl 22:1-3: *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? por que te alongas do meu auxílio e das palavras do meu bramido? Deus meu, eu clamo de dia, e tu não me ouves; de noite, e não tenho sossego. Porém tu és santo, tu que habitas entre os louvores de Israel.* Aqueles que asseveram que a religião é, em todos os aspectos, uma coisa fácil, não sabem o que dizem. Se soubessem o que é estar sob o senso do desagrado de Deus e sob enfermidades violentas e dolorosas por muitos meses seguidos, e ainda assim esperar e estar satisfeito com aquela Providência que julga adequado continuar com longas dores sobre eles e terrores terríveis — eles descobririam que não é questão tão fácil ser verdadeiramente religioso. Mas para que vocês, que são exercitados com provas severas e agudas, cheguem a esta excelente disposição de serem capazes de ainda esperar em Deus, considerem o seguinte:

Consideração 1. Quanto tempo Deus esperou por você! Quanto tempo Ele bateu à sua porta! Como Ele implorou, rogou e o chamou antes de você deixá-Lo entrar! Como Ele o seguiu de dia em dia, e de sábado em sábado! Como Ele esperou por seu arrependimento um ano após o outro, dobrando e renovando Suas expostulações com você, dizendo como a Jerusalém em Jr 13:27: *Não te queres purificar? quanto tempo ainda tardará?* E se você se recusou a ouvir os chamados do

Grande Deus por tão longo espaço, pode achar duro que Ele não conceda uma resposta rápida às suas orações? Desejaria você auxílio repentino, quando fez o Eterno esperar por seu coração por tanto tempo? Lembremo-nos dessas coisas para nos humilharmos e para aumentar nossa paciência.

Consideração 2. A soberania, a grandeza e a sabedoria de Deus. Somos d'Ele, e Ele pode fazer conosco o que quiser. Sendo Suas criaturas, Ele pode nos fazer servir a quaisquer propósitos que deseje. Suas mãos são muito superiores a nós. Sua grandeza e Sua glória estando tão acima de nossos pensamentos, o temperamento mais adequado de uma criatura para com um Deus tão grande é calar-se e esperar para ver qual termo a sabedoria infinita por fim colocará naquelas dispensas de Sua providência que são tão fúnebres e terríveis para nós. Deus pode ainda fazer conosco o que desejar. Nada temos a dizer a Ele, pois somos obra de Suas próprias mãos. Nossos corações em angústias graves tendem a dizer: "Por que somos tão afligidos e por tanto tempo? Por que somos cercados por calamidades tão terríveis quando outros estão tranquilos, os quais parecem ter pecado tanto quanto nós?". Mas esses primeiros levantes de murmuração e inquietude devem ser resistidos pelas considerações da majestade e da grandeza de Deus. Ele pode colocar Suas criaturas em qualquer uso que Lhe agrade, para que Ele possa, embora com a dor delas, promover o bem de outros e o bem final delas mesmas. Embora Jó fosse um padrão de paciência, ele tinha fortes matizes de impaciência. Ele muitas vezes se queixa do tratamento de Deus como sendo duro demais e se apega muito à sua própria integridade. Mas quando Deus vem, nos últimos capítulos daquele livro, para justificar Seu procedimento para com ele, Ele não acusa Jó como um criminoso, mas o considera apenas como Seu vassalo. Ele

poderia ter encontrado falhas suficientes no comportamento de Jó e corrupção suficiente em sua natureza para ter esclarecido a equidade de Seus procedimentos como Juiz. Mas Ele não usa outro meio para convencê-lo senão a grandeza de Sua majestade e o caráter ilimitado de Sua soberania. Isso assombra tanto o homem bom que ele põe o dedo na boca e se cala em autoabominação diante d'Ele como Soberano, mais do que como Juiz.

Consideração 3. Quão grandes são as misericórdias pelas quais temos de esperar. É pelo céu e pela glória, e temos Sua promessa de que nossa fé e nossa paciência não serão em vão (Is 35:3-7). Após todos os perigos, as armadilhas, os obstáculos e tentações deste mundo, chegar à salvação por fim é uma misericórdia tão grande que certamente vale a pena esperar. Embora trabalhemos seis dias, o descanso do Sábado refrigera nossos espíritos; e após os sofrimentos desta vida mortal, assim o fará aquele Sábado eterno que será guardado nas alturas com Deus. Nosso tempo na terra é uma estação que nos prepara para essa felicidade e glória. Assim como a noite nos assusta, a manhã certamente nos trará alegria. É apenas um pouco de tempo, e nosso Senhor virá e nos salvará. Não nos entreguemos aos nossos inimigos espirituais, embora estejamos estreitamente pressionados; pois nosso Salvador está marchando para o nosso socorro. Tg 5:7: *Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia.* Seja paciente também; estabeleça seu coração, pois a vinda do Senhor se aproxima. O lavrador não dá seu grão por perdido, ainda que esteja coberto por neve e tormenta; ele espera vê-lo brotar com o retorno da primavera. Assim, não devemos desesperar de encontrar consolo, ainda que as orações que fizemos não tragam satisfação presente.

O 5º ALÍVIO GERAL

Nutra uma esperança secreta de que nem sempre as coisas serão tão tristes e fúnebres para você. Embora tenha feito diversas orações que ainda não receberam uma resposta graciosa de paz, ore ainda, e não desanime; mas, como o cego Bartimeu, clame ainda mais fervorosamente (Mc 10:46-48). Você sabe que a mulher cananea perseverou em sua assistência ao nosso Senhor, embora as palavras que Ele falou parecessem ter muita agudeza e severidade (Mt 15:22). No entanto, ela estava resolvida a não deixá-Lo nem ser negada; e, por fim, nosso Salvador elogiou grandemente aquela fé da qual Ele parecia não tomar conhecimento antes. *Bom é ter esperança, e aguardar em silêncio a salvação do Senhor* (Lm 3:26). A razão para isso é alegada nos versículos 31-32: *Porque o Senhor não rejeitará para sempre. Pois, ainda que entristeça a alguém, contudo se compadecerá segundo a multidão das suas misericórdias*. Embora tudo o que você olhe dentro de seu próprio coração o aterrisse e deixe seus pensamentos perplexos, contudo a vastidão daquela misericórdia que há em Deus — e que Ele está disposto a lhe comunicar por meio de Seu Filho — pode lhe fornecer apoio e alívio. A própria possibilidade de ajuda, por mais remota que seja, pode quietar e acalmar sua alma um pouco. Pois, embora você não veja nada no presente senão cenhos franzidos e ira na face de Deus, você não pode, não deve dizer que ela jamais voltará a brilhar. Embora Seus golpes tenham aumentado, e cada dia seja mais doloroso que o anterior, você não deve concluir então que Aquele que castiga para o seu proveito não deixará a vara de lado. Embora você esteja afundando com seus medos e não lhe reste força alguma, apegue-se à força de Deus. Ele não afastará sua mão trêmula, mas encorajará sua dependência e sua confiança n'Ele.

Você não pereceu eternamente; você ainda não recebeu sua sentença final; é possível que você escape. Há grande consolo em pensar: "Talvez eu seja salvo, ainda que pelo fogo". Embora haja mais consolo nisto: "Creio plenamente que serei salvo"; como em Sf 2:3: *Pode ser que sejais escondidos no dia da ira do Senhor*. Ou Jl 2:13-14: *Quem sabe se não voltará e se arrependerá, e deixará após si uma bênção?*. Embora você esteja aflito e açoitado por tempestades, e não consolado, há contudo a perspectiva de uma costa tranquila. Cristo não está longe com Seus consolos prazerosos e revigorantes. Aguarde um pouco mais, e sua expectativa não será em vão. A extensão da dor e a continuidade da tristeza cansam e esgotam os espíritos naturais. E a longa frequência a Deus, sem qualquer manifestação de Sua aparição para o nosso socorro, embota nossos movimentos, enerva nossas almas, arranca as rodas de nossos carros e nos tenta grandemente ao desespero e a dizer: "Porque Ele não nos ajuda, nunca ajudará". Jr 8:18, 20: *Quando eu quisera consolar-me na minha tristeza, meu coração desfaleceria em mim... Passou a sega, findou o verão, e nós não estamos salvos*. Mas esperemos ainda; pois quando estamos no ponto mais baixo, então é a estação apropriada para Deus agir. Estamos, de fato, totalmente desolados; mas n'Ele há salvação completa e adequada. É uma honra que damos à Sua promessa quando cremos nela e nela confiamos, quando todas as coisas parecem se opor frontalmente à nossa fé. Is 8:17: *E esperarei ao Senhor, que esconde o seu rosto da casa de Jacó, e a ele aguardarei*; também Sl 27:13-14.

Quando deixamos nossa esperança ir embora, abrimos a comporta; inundamo-nos de misérias e calamidades que são inexpressíveis. E, contudo, muitas vezes, após um longo desespero, aquele mesmo Deus que ressuscita os mortos dá às

nossas esperanças falecidas uma ressurreição, e faz nossos ossos quebrados se regozijarem — tão misericordioso e tão bom é Ele.

CAPÍTULO 10

Pessoas em Angústia não devem buscar Convicção, mas o Pecado

Demonstrando que pessoas sob grande tribulação e angústia da alma não devem buscar segurança ou grande alegria de forma repentina; mas, tanto quanto puderem, devem investigar as razões do desagrado de Deus para com elas e olhar para Ele por meio do Grande Mediador, não O provocando ainda mais. E também, como podem saber quando as aflições são enviadas em ira e quando são enviadas em amor.

O 6º ALÍVIO GERAL

Quando você estiver sob o senso da ira de Deus, não busque convicção e grandes triunfos da alma de modo repentino. Se você tiver suportes, já é algo grandioso; embora, como o Sr. Bayne costumava dizer: “Você não sabe o que significam festividades e júbilos espirituais. Se você tem o pão diário para manter sua vida, é o que você deve reconhecer com gratidão, mesmo que suas mesas não estejam cobertas de iguarias e você não se banqueteie deliciosamente todos os dias”. Houve apenas três dos discípulos a quem nosso Senhor admitiu à visão de sua gloriosa transfiguração. Ele não trata todos os seus seguidores com os mesmos pratos, com as mesmas alegrias e transportes. Somos suficientemente privilegiados se estivermos nos limites de sua família, se formos adotados, mesmo que haja vários que sejam mais favoritos do que nós, e a quem Ele se agrada em

colocar à sua direita e à sua esquerda. Ele pode escolher a quem quiser para serem seus discípulos amados, aos quais manifestará mais de sua presença e de seu amor, e um cuidado extraordinário.

Não pense que, por ter lido sobre alguns que tiveram o céu vindo ao seu encontro com triunfos e consolações angelicais, você deva, por isso, beber goles tão cheios dos mesmos rios de prazer, ou que eles o seguirão tanto quanto a eles neste deserto. Alguns dos eminentes servos de Cristo, que foram muito laboriosos e úteis, que foram notáveis por sua paciência, sua fé e sua abnegação, foram abençoados com um acesso mais próximo a Deus e viram mais do Senhor dos Exércitos em Sua Glória. Mas é o suficiente para servos inúteis e tão grandes pecadores como nós fomos, que busquemos a Terra Prometida. Embora não tenhamos muitos cachos das uvas do Paraíso para nos alegrar no caminho, nosso Mestre nos trata muito bem se não nos expulsar de casa. Mesmo que não nos alimentemos tão bem quanto os outros, é uma misericórdia que tenhamos apenas as migalhas que caem de sua mesa.

Este conselho é necessário porque, se buscarmos alegria e deleite extraordinários e não os encontrarmos após longa espera, estaremos prontos a desistir de nosso trabalho quando não recebermos aquele pagamento na esperança do qual nos lisonjeamos por muito tempo. Isso ocorre porque alguns, em um arrebuo, após longa deserção e duras provações, e após a longa ausência de Cristo, exclamaram: *Ele veio, ele veio! Oh, ele agora veio, a quem eu ansiava ver. Agora a salvação veio à minha casa. Agora estou plenamente satisfeito; agora estou contente em morrer. Oh, as riquezas, as profundezas, a grandeza da graça de Deus! Agora vejo que meus medos eram grandes demais, meus pensamentos sobre Ele muito baixos. Vejo que Aquele que habita a eternidade, sim, o Grande Jeová, lidará*

familiarmente com os filhos dos Homens. Eu não poderia imaginar que eu, que estava tão fraco, seria revivido; que eu, que estava tão cheio de desespero, estaria cheio de esperança; que eu, que estava tão perto do inferno, seria levado às portas do céu. Mas minha própria experiência agora me diz que é assim.

(Ct 2:3-4): *Assentei-me debaixo da sua sombra com grande deleite, e o seu fruto era doce ao meu paladar. Ele me levou à sala do banquete, e o seu estandarte sobre mim era o amor.* Esta é a linguagem daqueles a quem o Rei do céu se agrada em honrar. Estes são os vasos de ouro que ele enche com o óleo da alegria. Estes são os Elias a quem ele envia seus carros de fogo para conduzi-los ao lar. Mas este não é o quinhão de todos os seus súditos. Não é isso que devemos certamente esperar. Se formos para o céu, mesmo que por dispensações que tenham muita nuvem e escuridão nelas, ainda assim será muito bom para nós se crermos que estaremos seguros. Embora existam alguns que, com Simeão, abraçam seu Salvador nos braços e veem Sua salvação antes de morrer, devemos esperar até depois da morte para ter essa visão. A maioria dos crentes tem uma esperança confortável e revigorante, pela graça, de que chegará ao céu. Mas há poucos que estão tão seguros disso a ponto de não terem dúvidas e medos remanescentes.

Não obstante o que eu disse, devemos nos esforçar para operar nossa salvação e, pela diligência em boas obras e deveres santos, lutar para que possamos estar entre o número abençoado desses excelentes santos a quem Deus se agrada em vestir com as vestes de louvor e alegria. Os sentimentos apaixonados de alegria não são essenciais para a santidade; embora, quando concedidos, acelerem grandemente nossa obediência e alarguem nossos corações. Se aderirmos resolutamente a Deus, ele nos dará o que

for suficiente para nós. Nossos próprios medos aumentarão nosso conforto posteriormente. Pelo caminho em que menos esperávamos, a alegria e o prazer virão — como os corvos, criaturas gananciosas, trouxeram inesperadamente alimento ao Profeta (1Rs 17:6).

O 7º ALÍVIO GERAL

Investigue as causas da ira de Deus. Ele nunca está irado, como eu disse antes, exceto quando há uma razão muito grande — quando o forçamos a isso. Qual é aquela coisa maldita em nossos corações, ou em nossas vidas, pela qual Deus esconde seu rosto e franze a testa para nós? Qual desobediência particular aos seus mandamentos é essa, pela qual ele tomou a vara? (Jó 10:2): *Direi a Deus: Não me condenes; faze-me saber por que contendes comigo.* Senhor, meus problemas e minhas tristezas são muito bem conhecidos. Todo olho contempla minha calamidade, todo ouvido se espanta com o relato de minha dolorosa angústia; e todos os que me conhecem, ou ouviram falar de mim, perguntam-se por que, acima de todos os outros no mundo, sou feito um homem tão miserável, a ponto de não ter havido exemplo de uma aflição tão grande e estranha desde o princípio do mundo. Eu mesmo, que sinto essas tristezas maravilhosas, sou o mais perplexo de todos. Mostra-me por que e para que é que eu deveria ser assim.

Jó era um homem íntegro; e não estando consciente nem de pecado secreto permitido, nem de transgressão aberta, ele poderia estar em grande perda para saber a causa de sua aflição. Mas para a maioria de nós, que estamos tão distantes da graça que ele teve em sua tribulação quanto estamos das riquezas que ele teve em sua prosperidade, podemos saber logo que Deus está irado por causa do nosso pecado. E, no entanto, ao mesmo

tempo, não devemos deixar de ser solícitos em saber quais são os pecados particulares que O fizeram nos arrancar pelas raízes e nos lançar por terra como com um redemoinho. O que é que O tornou irado conosco por tanto tempo, e atrasou Sua ajuda por tanto tempo, para que, se algum mal estiver oculto em nossas almas, possamos lamentá-lo com um pesar oportuno e obter o perdão para ele. Não é o curso comum da providência de Deus cobrir seus servos com uma escuridão tão espessa quanto aquela sob a qual nossas almas atribuladas labutam no dia, ou melhor, na noite de seu desagrado. E, portanto, podemos com humildade desejar saber por que Ele procede conosco de uma maneira tão singular.

Pois é de certa forma deleitoso ao entendimento penetrar nas razões e nas causas das coisas. (Sl 74:1): *Ó Deus, por que nos rejeitaste para sempre? Por que se acende a tua ira contra as ovelhas do teu pasto?* Por mais irado que Ele esteja, devemos dirigir-nos a Ele. E vendo que ser rejeitado, ser separado Dele, é uma coisa tão terrível, Ele nos permite inquirir as razões de Seus procedimentos e debater o caso. E nosso debate deve terminar em oração e súplica, como aqui no versículo 2. É verdade que, quando um homem cai em um poço, a tarefa do pobre homem não é inquirir como caiu nele, mas como pode ser retirado e escapar do perigo que o alcançou. No entanto, neste caso do senso do desagrado de Deus, o conhecimento das causas disso pode produzir muitos bons efeitos que, embora não apareçam em nossas profundezas e tribulações, se mostrarão depois. Eles nos farão temer para sempre as mesmas coisas que trouxeram tantas misérias sobre nós.

Suponha, em outro caso, que uma mãe traga filhos para a sepultura, que apenas os vê por um tempo. E depois de toda a dor de trazê-los ao mundo, e depois de todo o cuidado com o

bem-estar futuro deles, ela os vê, um após o outro, serem arrebatados. Saber a razão de um golpe tão terrível sustentará grandemente o seu espírito. Pois suponha que seja para desmamá-la dos confortos terrestres e dar-lhe aqueles confortos que são eternos; para tirar seus filhos e dar-lhe mais de Deus; para sepultar sua querida descendência, para que suas graças decadentes tenham uma ressurreição, ou que seu conforto nos vivos seja mais tangível para ela quando houver tantos mortos. Isso acalmará sua alma e fará até mesmo uma mãe desconsolada se alegrar. Assim, quando um homem é exercitado com longas e agudas enfermidades e aflições, saber as causas disso pode ser útil para promover sua humilhação no presente e fazê-lo evitar as mesmas coisas no futuro, se ele se recuperar.

O 8º ALÍVIO GERAL

Quando você estiver sob o senso do desagrado de Deus, fuja para Sua Misericórdia e Sua Graça em Cristo. Quando seu Criador está irado, não há nada neste mundo que possa lhe dar alívio, exceto Ele mesmo. Fuja de Deus como absolutamente considerado em Sua grandeza, justiça, santidade e majestade; mas fuja para Ele como revelando-se através do Mediador. As colinas e as montanhas não podem ser um abrigo contra a Sua ira; para onde você pode ir longe da Sua presença? Onde o senso de Sua ira e seus próprios pensamentos culpados não o perseguirão? Entreguem-se a Ele. E quando pensarem Nele, pensem Nele como um Deus em quem há a maior ternura e piedade, e do qual toda a compaixão que existe na natureza humana é apenas uma fraca semelhança.

Assim como para Ele é o mesmo, em livramentos temporais, salvar por muitos ou por poucos (pois que perigos podem resistir à Sua onipotência?), assim é tão fácil para Ele perdoar mil

milhares de pecados quanto perdoar um só. Por mais indigno e vil que seja, a misericórdia não busca outra qualificação em seu objeto senão que ele seja necessitado e sujeito à ruína. E é um bom caminho fugir para Sua mera graça e misericórdia, pois nós mesmos nos destruimos. Debruçar-se sobre nós mesmos apenas aumenta nossa carga; somos propensos a dizer em nossa angústia: “Se fôssemos tão mortificados para o mundo, e nossos corações fossem tão purificados e limpos, então poderíamos nos aproximar com alguma ousadia Daquele que é totalmente santo”. Isso é verdade; e, no entanto, devemos primeiro pedir a Ele que nos torne tais que Ele possa se deleitar em nós. E enquanto lançamos dolorosamente nossos olhos sobre nossas feridas e nossas misérias, olhemos ao mesmo tempo para aquele Médico que providenciou um remédio para nós por meio de Cristo, e que pode curar todas as nossas apostasias e nos ensinar a aplicar esse remédio. Se somos as criaturas mais perversas e pecadoras da terra, ainda assim um Salvador é oferecido para nossa aceitação e nossa escolha. E se o recebermos, todas as nossas transgressões, por mais hediondas que sejam, serão apagadas.

Assim como temos um senso muito profundo do inferno e da destruição, tenhamos também os pensamentos mais amplos sobre a graça perdoadora de Deus. E a isso somos encorajados pelas revelações que Ele fez de si mesmo por meio de seu querido Filho. Seu perdão é como Ele mesmo. “É (como alguém diz) um objeto apenas para a fê, que pode descansar naquilo que não pode compreender”. E se o perdão em Deus não fosse algo além do que os homens poderiam imaginar, nenhuma carne poderia ser salva. (Is 55:8-9): *Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque assim como os céus são mais*

altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos.

Não é costume dos homens relevar transgressões multiplicadas, como Deus faz. A consideração de Sua misericórdia infinita remove todas aquelas obstruções que nossa incredulidade, ao ver a grandeza e os agravantes de nossos pecados, lança no caminho. E embora nossos pecados tenham sido inescusáveis de todas as formas, e em cada reflexão que fazemos deles, eles nos assustam e nos perturbam, contudo a misericórdia de um Deus certamente nos renderá algum alívio. Pois não há outra razão pela qual Ele faz o bem a este ou aquele pecador, senão Sua própria graça. Ele livremente escolhe, justifica, adota e renova as almas de seus eleitos. Nada disso provém do mérito deles, ou de qualquer coisa que Ele previu neles, mas do beneplácito de sua vontade (Ef 1:5-6). Tudo o que Ele faz por eles, tudo o que Ele fará por eles por toda a eternidade, será para o louvor e a glória de Sua própria graça.

Esta é a verdadeira maneira de nos humilhar quando não vemos nada em nós mesmos senão o que nos expõe à miséria. E essa é a verdadeira obediência evangélica, que é o fruto e o produto de Seu amor derramado em nossos corações. Esta é a única Rocha sobre a qual devemos construir nosso conforto quando a tempestade vier. Esta graça livre de Deus é o que os santos admiram na terra, o que revive seus espíritos abatidos, e pela qual eles se maravilharão para sempre. É um abrigo contra as acusações e os insultos maliciosos do diabo. Pois embora ele coloque nossos pecados diante de nós, com todas as suas circunstâncias esmagadoras; embora não possamos negar a acusação e creiamos que somos miseráveis em nós mesmos; contudo, resolvemos fugir para a misericórdia e o amor de Deus

em Cristo. Desprezariamos as excelências de Sua natureza e as ofertas de Sua bondade se não nos apegássemos a elas. Isso é o que alguns chamam de um *Novacianismo* natural nas consciências temerosas de pecadores convencidos. Por isso, eles duvidam e questionam o perdão por pecados de apostasia e por caírem depois de terem se arrependido.

O 9º ALÍVIO GERAL

Cuidado para não cair em mais pecados e, assim, provocar Deus a mais ira. Quando nossa esperança perece, não há nada tão mau que não nos atrevamos a fazer. Se a ajuda não vier rapidamente, somos propensos a dizer que é em vão orar; é em vão olhar para um Deus que nos rejeitou. (Jr 2:25): *Tu dizes: Não há esperança; porque amo os estranhos e após eles irei.* Você está perdido para sempre, dirá o diabo. E, portanto, dá no mesmo se você pecar ou não; você não pode estar senão perdido. Este é um de seus dardos inflamados. E se por nossa complacência permitirmos que ele se apodere de nós, ele nos aterrorizará ainda mais. Ele se alegrará com nossa queda. E por cada nova transgressão, ele colocará nossas almas em chamas muito mais violentas e abrasadoras. Que sugestões monstruosas, que pensamentos impróprios de Deus ele sugere! E, infelizmente, com que frequência os entretemos, pois eles vêm em multidão sobre nós!

No tempo do desagrado de Deus, quando o fio de sua Santa lei espiritual fere nossas almas, que vastas multidões de corrupções descobrimos então, que nunca vimos antes! Como nossos velhos pecados nos espantam, e novos surgem e brotam deles! E o que podemos fazer no transbordar do Jordão, em tão grande inundação, senão nos esforçarmos, em nossa pobre e fraca maneira, a olhar para Cristo em busca de ajuda. Peça o Espírito. Pois, como alguém diz: “Não há coração tão impuro que este

Espírito não limpe; nenhuma alma tão fraca que ele não fortifique; nenhuma tão triste que ele não console; nenhuma tão desolada que ele não faça regozijar; nenhuma tão escrava que ele não liberte; nenhuma tão doente que ele não cure; nenhuma tão morta que ele não vivifique”.

Certamente ele nos considerará. Pois ele sabe que, por nós mesmos, não podemos suportar os ventos e as ondas. E lembremo-nos sempre de que, entre tantos inimigos cruéis, é a incredulidade que lidera a vanguarda. Ela os encoraja e os atrai. E quando tivermos obtido a vitória sobre ela, todos os demais ficarão intimidados e fugirão. Pela incredulidade abrimos nossos corações e deixamos entrar todos aqueles ladrões e salteadores que nos privam de nossa paz. É a contaminação de nossas consciências por múltiplos atos de pecado que nos torna como o mar agitado que não pode descansar. “E para uma consciência que é culpada de muitas negligências... reivindicar a misericórdia de Deus é fazer como vemos os charlatães às vezes fazerem, que ferem sua própria carne para testar conclusões em seus próprios corpos, quão soberano é o bálsamo; contudo, muitas vezes eles chegam a sentir a dor de sua presunção por feridas longas e desesperadoras”. No caso até de duras aflições, tenhamos medo de pecar; pois aquele diabo que nos tenta, imediatamente nos afligirá e atormentará ainda mais por isso.

O 10º ALÍVIO GERAL

Não confunda aquelas coisas com evidências da ira certa de Deus que, talvez, não o sejam realmente. Ele pode suspender as expressões de seu amor, embora ainda nos ame — assim como José tinha a ternura de um irmão, enquanto seus irmãos pensavam que ele estava muito irado com eles. De fato, em nossos suportes secretos não estamos totalmente destituídos de

Seu cuidado, embora não saibamos como eles vêm. Como metais que jazem profundamente no solo, eles participam da influência do sol, mesmo que ele não brilhe sobre eles com sua Luz. Há poucas aflições que não tenham as marcas da bondade paternal na correção oportuna de nossas faltas, em vez das marcas do desagrado. Nenhuma perda externa, nenhum problema interno que seja apenas por um tempo, são sinais certos de ira — de fato, mesmo que sejam muito longos e muito graves; pois não foi assim no caso de Jó.

Mas como saberei (alguns perguntarão) quando as aflições são em ira? É uma pergunta a ser respondida com grande ternura e cautela. Os teólogos dizem que elas são em ira quando estas coisas são verdadeiras:

1. Quando vêm com grande violência e destroem subitamente, como no caso de Sodoma e Gomorra, e no Dilúvio. (Sl 58:9): *Antes que as vossas panelas sintam o calor dos espinhos, ele os arrebatará como por um redemoinho, tanto o verde quanto o seco.* (Na 1:9): *Ele consumirá de todo; não se levantará por duas vezes a angústia.* E, no entanto, isso deve ter algumas limitações. Pois um homem bom pode ser acometido por uma doença violenta e morrer subitamente, de quem não deveríamos dizer que morreu pela ira de Deus.
2. Quando não há misericórdia discernível na cruz (a aflição), mas apenas o que é mau.
3. Quando um mal abre caminho para outro, e nenhum é santificado (purificado).
4. Quando a aflição traz algum pecado especial à memória; e quando o próprio pecado nos priva de uma

misericórdia. Assim, quando a intemperança traz a doença, a ambição traz a desonra; a avareza e um desejo excessivo de riquezas trazem a pobreza.

Mas, por outro lado, até mesmo grandes cruzes são dadas em misericórdia (não em ira):

1. Quando Deus não apenas nos aflige, mas nos ensina ao mesmo tempo.
2. Quando podemos ser gratos por aquele conforto que perdemos; isto é, se for um conforto externo. Pois não vejo como qualquer pessoa possa ser grata pela deserção enquanto ela permanece sobre si. Pois isso seria agradecer a Deus por Ele ter partido, ou por ter restringido as manifestações de seu amor — o que nenhum homem é obrigado a fazer.
3. Quando todas as nossas perdas são compensadas por Deus e nas graças de seu Espírito [como ocorreu com Jó].

CAPÍTULO 11

Uma Consciência Angustiada não é sinal de Reprovação

Demonstrando que a presente angústia de consciência não é sinal de reprovação. Pode haver um problema grande demais pelo pecado; e quando é excessivo, experiências anteriores podem ser úteis para as pessoas aflitas. E mostrando que Deus não julgará pessoas que foram boas de acordo com o que são na terrível doença da Melancolia.

O 11º ALÍVIO GERAL

Não julgue seu estado eterno pelo que você sente agora. Pelos terrores do Senhor, você pode estar em angústia e tribulação, e estar nos próprios subúrbios do inferno, e ainda assim nunca ir para lá. Deus pode estar descontente e, no entanto, após um momento de tristeza, você pode descobrir que Ele é seu amigo gracioso e eterno. Você pode ser derrubado agora, mas a mão Dele e a promessa Dele podem rapidamente levantá-lo novamente. Através do poder de seus pensamentos sombrios, você pode concluir que é um reprovado; e, no entanto, Deus pode levá-lo à salvação por fim. Você pode jazer em terror por muitos anos, mas não pode, não deve dizer que será assim para sempre.

Eu mesmo fui tão aflito, em tão grande angústia e perplexidade, sob apreensões tão terríveis da ira de Deus, e de seu poder e grandeza que eu pensava estarem empregados contra mim, que me julguei no inferno — sabendo que este não é tanto um lugar, mas um estado. Pensei que minha alma seria reunida com os pecadores, e que eu seria encontrado à esquerda de Cristo. Pensei que estava cortado para sempre — banido das cortes e da presença do Senhor; e que nunca mais veria luz, nem conforto, nem refrigério. E, no entanto, pela graça de Deus, vocês veem que fui revivido e não estou agora sem esperança, como estive outrora. E das próprias portas da morte, da própria porta da destruição, venho dizer-lhes que, embora Deus seja justo, Ele também é gracioso. Há misericórdia com Ele, para que seja temido; e que, assim como a noite vem, a manhã também virá. Pois, embora O tenhamos provocado, o que foi nossa loucura, contudo Ele não contenderá para sempre, o que é nosso conforto.

(Sl 31:21-24): *Bendito seja o Senhor, pois me mostrou a sua maravilhosa bondade, etc. Pois eu dizia na minha pressa: Estou cortado de diante dos teus olhos. Todavia, tu ouviste a voz das minhas súplicas, quando a ti clamei. Amai o Senhor, vós todos os que sois seus santos... Tende bom ânimo, e ele fortalecerá o vosso coração, vós todos os que esperais no Senhor.*

Quando estamos em profunda e dolorosa aflição que fere e nos faz gemer, é de fato difícil crer que o que nos torna tão doentes promoverá nossa saúde; ou o que nos quebra em pedaços juntará nossos ossos novamente. Mas nosso senso e sentimento presente não devem guiar nossos pensamentos. Sentimo-nos de fato miseráveis, mas devemos crer que nossa miséria presente pode promover nossa felicidade, embora por caminhos que não vemos no momento. Não devemos julgar Deus pela escuridão de suas providências, mas pela luz de sua palavra; não apenas por seus golpes aflitivos, mas por sua promessa — que o obriga a nos corrigir por nosso pecado, mas não a nos destruir totalmente.

O 12º ALÍVIO GERAL

Lembre-se de que é algo mau estar excessivamente perturbado, mesmo pelo próprio pecado — embora este conselho não diga respeito à maioria dos homens; a maioria está segura. Eles quebram as leis de Deus e não tremem; poluem-se com múltiplas abominações e não se envergonham; pecam com olhares altivos e corações endurecidos; e praticam o mal com ambas as mãos ansiosamente. Tomam o nome de Deus em vão; profanam Seus sábados; desprezam Sua palavra; desafiam Suas ameaças; zombam de Seus mensageiros. E, no entanto, poucos ou ninguém bate na coxa e diz: “O que eu fiz?”. Eles são ousados onde deveriam temer, e se alegram onde deveriam chorar. A maior parte do mundo está em um sono profundo, em miséria e

em perigo; mas eles são insensíveis. Não sabem que o fim dessas coisas será muito amargo e vexatório.

Mas falo agora àqueles cujas consciências estão despertas com o senso da grandeza, da majestade e da justiça de Deus, e da estrita santidade de Sua Lei — e, ao mesmo tempo, têm um profundo senso de sua própria culpa e sujeição à condenação. Seus pensamentos em tais tribulações são propensos a afundar e serem sobrecarregados. E, de fato, a visão de todos os seus pecados, postos em ordem diante deles, é terrível demais para que olhem. O fardo e o peso deles é pesado demais para qualquer mortal carregar. Mas eles devem considerar que Deus não é apenas severo, mas muito bom; que Ele não está apenas irado, mas é reconciliável e disposto a estar em paz novamente. Isso nos representará o Seu amor, e é isso, e somente isso, que derreterá nossos corações com uma tristeza benigna e impedirá que nossa dor transborde seus devidos limites, como ela é muito propensa a fazer. E ela o faz em vários casos:

1. Quando nossa tristeza pelo pecado impede nosso procedimento regular nos julgamentos corretos das coisas. Sabemos que em estações escuras e nubladas não podemos perceber distintamente os diversos objetos que podemos discernir claramente em tempo bom. Assim também, quando nossas tristezas levantaram uma névoa diante de nossos olhos, obscurecemos nossa razão, enfraquecemos nossas faculdades e não vemos as coisas como elas realmente são, mas como aparecem de maneira escura e confusa. Quando não somos capazes de apreender as coisas como são em si mesmas, mas apenas como nossas aflições as representam. Esse é um meio falso pelo qual formar nossos julgamentos: quando nos fazem aumentar nossos problemas e, quem sabe, torná-

los maiores do que realmente são; e quando nos tornam totalmente desatentos àquelas direções, métodos e conselhos que são sugeridos para nossa ajuda.

2. Quando nossa tristeza pelo pecado nos afasta de Deus. A visão de nossas feridas deveria nos fazer apressar para o Grande Médico em busca de um alívio rápido. Quando contemplei minuciosamente meu pecado, o pensamento seguinte deveria ser: “Oh, que necessidade tenho de um Deus para me perdoar, de um Salvador para pleitear minha causa e do Espírito Santo para me renovar!”. E então lançar-me aos pés Daquele a quem provoquei, nos termos submissos do pobre Pródigo dizendo: *Pai, pequei contra o céu e diante de ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho*. E não porque uma vez vaguei, mas porque ainda vagueio em um país estranho, longe do meu verdadeiro lar. Nossa dor pelo pecado é grande demais quando nos faz desesperar totalmente — entregar-nos como sem esperança e perdidos para sempre. Isso nunca deveríamos fazer. Choramos demais:

— *quando não podemos ver a bondade e a misericórdia de Deus, bem como sua justiça e severidade;*

— *quando pensamos que Lhe parece bem oprimir e esmagar as obras de suas próprias mãos;*

— *quando O julgamos tirânico e cruel, como se Ele não pretendesse nada além da nossa ruína;*

— *quando dizemos peremptoriamente que Ele não ouvirá nossas orações, nem nos mostrará qualquer favor;*

— *quando não temos pensamentos adequados sobre Sua natureza amável, Sua aliança e Sua promessa;*

— *quando, pela dor da vara, questionamos tudo o que*

Ele já fez por nós;

— quando, porque Ele franze a testa, dizemos que Ele nos rejeitou;

— quando, porque Ele atrasa Sua ajuda, dizemos que Ele não será mais gracioso nem favorável para sempre;

— quando O acusamos tolamente, e ou negamos Sua providência, ou culpamos Sua conduta, porque Ele não usa um método tão gentil conosco quanto gostaríamos que usasse; ou

— quando, a partir de nossa angústia, tiramos conclusões desesperadas sobre Ele, ou sobre nós mesmos.

E, acima de tudo, quando, vendo que outros a quem consideramos pecadores tão grandes quanto nós estão em saúde e paz, enquanto nós gememos e definhamos. Somos propensos a dizer, como no (Sl 73:13), que purificamos nossos corações em vão; que é inútil ser religioso ou temer a tal Deus que permite que seus servos sejam tão grandemente aflitos, e com o tipo de tristezas que são mais espirituais e, conseqüentemente, mais amargas do que o resto do mundo conhece.

3. Estamos excessivamente perturbados por nossos pecados quando essa perturbação não apenas nos indis põe para o dever (pois, se for acompanhada de dor e angústia, será propensa a fazê-lo), mas quando nos faz omitir totalmente o dever que devemos a Deus; quando nossas tristezas amortecem nossos afetos, que são as asas de nossas almas para nos levar a Deus; quando nos faz não pensar em nada mais senão no que é triste e penoso; e quando nossa tristeza sobe a uma altura tão grande que

cobre, com suas ondas imperiosas, todos os fundamentos e bases de paz e conforto.

Não foi assim, como alguns observaram, com nosso Bendito Senhor. Pois, quando estava na Cruz, estava em extremidade, em poderosa dor e violentas agonias, e contudo estas não lhe tiraram o cuidado por sua Mãe. Assim o bom ladrão, no meio de suas dores, trabalhou para ganhar seu companheiro, e salvar sua própria alma, e glorificar a Cristo. Esses foram, de fato, exemplos extraordinários. Pois nossa enfermidade pode ser tal que tudo o que podemos oferecer a Deus é uma submissão silenciosa à Sua vontade e um desejo pelas orações dos outros. Assim, nossas tristezas pelo pecado são excessivas quando nos fazem desistir da oração, ou de ouvir a palavra, ou de deveres semelhantes; quando desafinam nossas harpas, embotam nossos louvores e nos tornam inaptos para nossa vocação.

4. Quando nossa tristeza nos leva a meios indiretos de alívio; quando depositamos nos homens aquela confiança que deveria ser depositada em Deus; quando esperamos deles a cura que somente Ele é capaz de dar; quando a buscamos em companhias vãs, em recreações ou nas coisas deste mundo. Mas se o nosso senso do desagrado de Deus for muito grande, logo saberemos que todas essas coisas não têm valor.

O 13º ALÍVIO GERAL

Traga à memória aquelas experiências que você teve até agora da bondade de Deus. Lembre-se dos anos da mão direita do Altíssimo. Você agora está temendo a ira Dele; mas não consegue se lembrar do tempo em que o amor Dele era o seu

consolo e deleite diário? Você agora está se queixando de que Ele não ouve o seu clamor; mas quantas orações Ele já enviou de volta com uma resposta graciosa? Quantas vezes você se prostrou aos pés Dele, em humilhação e lágrimas, e a mão Dele enxugou suas lágrimas? Quantas vezes, quando você estava desfalecendo, a Palavra Dele reviveu sua pobre alma atribulada? E embora a Palavra Dele seja agora amarga ao seu paladar e o encha de fel e absinto, contudo ela ainda é capaz de revivê-lo. Aquelas passagens da Escritura que o reviveram até agora ainda são capazes de refrescá-lo; aqueles seios ainda estão tão cheios de consolação quanto sempre estiveram. É apenas porque você está, no momento, sob um declínio de espírito e perdeu o apetite, que não consegue extrair aquela consolação dali como costumava fazer. Não se esqueça das muitas misericórdias de sua infância, sua meninice, sua juventude e sua idade madura — quão oportunas, quão inesperadas, quão necessárias suas misericórdias foram, tanto para seus corpos quanto para suas almas. E embora eu saiba que é o abuso que você fez delas que o entristece e perturba, lembre-se de que Aquele que uma vez o perdoou pode perdoá-lo ainda; e que Aquele que uma vez lhe fez tanto bem ainda é capaz de lhe fazer o bem.

(Jz 13:23): *Se o Senhor nos quisesse matar, não aceitaria da nossa mão o holocausto... nem nos teria mostrado todas estas coisas.* Desconfiaremos, abandonaremos, limitaremos um Deus que até agora tem sido tão misericordioso e tão gracioso? Não é consolo para um homem pobre pensar que ele já foi rico; ou para um homem doente pensar que ele já teve saúde. Pois a amargura de seus males presentes tira o sabor de seus confortos passados. E quando um homem perdeu Deus em suas terríveis apreensões, isso o torna mais intolerável do que se ele nunca O tivesse desfrutado. No entanto, ter tido uma vez comunhão com Ele por

Sua graça e por Seu Espírito pode nos dar alguma razão para esperar que a raiz da questão esteja em nós, e que Deus a fará brotar e florescer novamente — embora agora jazça debaixo d'água e esteja coberta por muitas tempestades e tribulações; e eu também posso acrescentar, por muitos pecados e corrupções com os quais não éramos perturbados antes.

O 14º ALÍVIO GERAL

Lembre-se de que Deus não o julgará de acordo com o que você é em uma enfermidade tão triste como a Melancolia; mas Ele o considerará conforme você era no tempo de sua saúde. É altamente necessário considerar isto. Pois muitas pessoas boas, quando estão sob a doença da Melancolia — que não pode ser mais evitada do que uma tísica ou uma febre — são muito propensas a se expressarem desta ou de maneira semelhante: “Eu pensei que um dia tivesse sido sério; mas agora vejo que tudo foi um engano. Vejo que ouvi, orei e recebi o sacramento em vão; pois, se eu fosse um verdadeiro crente, isso nunca teria me acontecido”. Esta é uma forma de raciocinar muito falsa. Pois, se você tivesse sido o mais sincero possível, essa sinceridade não teria afastado as doenças, nem esta doença em particular.

Pois, na Melancolia, pensamos e falamos de acordo com nossas apreensões e medos presentes. E estes são grandemente causados pela desordem de nossas imaginações, devido à confusão e pressa de nossos pensamentos. E essa confusão é o produto de uma grande e incomum estagnação ou fixação dos espíritos, quando o sangue está corrompido e o corpo indisposto. E, por sua vez, isso é mais frequentemente ocasionado pela falta de repouso ou sono. É comumente dito por outros que não sabem o que é a Melancolia: “Por que você pensa e se detém tanto nisso? Distraia-se; pense em outra coisa”. Mas não é mais

possível para as pessoas desviarem seus pensamentos, quando esta doença vem com tal violência, do que é possível para um homem estar desperto em uma apoplexia, ou calmo em uma febre delirante — não mais do que um homem que tem um braço ou perna quebrada pode andar e agir como costumava fazer antes.

E, de fato, métodos racionais e espirituais não bastarão para a cura disto. Pois você pode esperar tanto que um bom sermão ou palavras confortáveis curem a epilepsia, ou a paralisia, ou uma cabeça ferida — apenas porque esta doença trabalha nos espíritos e na fantasia, sobre os quais as palavras de conselho também trabalham. Portanto, tais palavras, a Escritura e a razão podem resistir um pouco a ela, ou podem paliar ou atenuar alguns de seus efeitos no presente. Mas, assim que o tempo desgasta a força e os efeitos dessas razões, a enfermidade retorna imediatamente.

É tão natural para uma pessoa melancólica temer e meditar no terror quanto é para um homem doente gemer, ou para alguém com saúde respirar. É certo que enfermidades tenazes e obstinadas, como a Melancolia, não serão aliviadas por meras palavras ou sentenças. De fato, essas pessoas não podem expulsar seus pensamentos atribulados; não podem desviar suas mentes; não podem pensar em nada exceto no que pensam — não mais do que um homem com dor de dente pode deixar de pensar em sua dor. E não pensar é, de fato, estar curado, o que eles desejariam muito estar. Embora outros nos instem a governar nossos pensamentos, isso não nos dá alívio; apenas aumenta nossa miséria sermos frequentemente instados a fazer o que não podemos fazer.

Mas meu conselho a tais pessoas melancólicas é este: que, no uso daquelas coisas que consideram que podem render um refrigério natural aos seus espíritos, olhem para Deus, que pode fazer cessar os ventos e as tempestades, e fazer com que aquela agitação inquieta que está no sangue e nos humores se aquiete novamente. E quando Ele se agrada em lhe dar descanso à noite, e a clareza e atividade de seus espíritos naturais, então seus pensamentos perturbadores e inquietos — pela ajuda que receberão então pela leitura ou conselho — desaparecerão. Não digo nada além do que eu mesmo experimentei ser verdade; pois esta doença amplia nossas tristezas.

O que pretendo é isto: que quando alguém estiver em profunda melancolia, tanto quanto lhe reste de razão, não deve aumentar seu próprio terror pensando que todas as suas orações e esforços anteriores foram inúteis, apenas porque não percebe então que efeito tiveram. Deus é certamente mais gracioso do que para considerar como pecado os acompanhantes inevitáveis de uma doença que ninguém pode curar senão o próprio Deus. Os homens não devem ser julgados por quaisquer ações ou expressões estranhas de que sejam culpados em uma enfermidade violenta. E entre todas as que são assim, penso que esta é a mais violenta.

CAPÍTULO 12

Os fins de Deus em longas aflições

Sobre os diversos fins que Deus tem ao permitir que seus servos estejam sob longas aflições, e angústia e aflição espiritual.

O 15º ALÍVIO GERAL

Considere quais fins Deus pode ter ao permitir que as apreensões de Sua ira continuem por um tempo. E aqui sei que entro em algo sobre o qual não podemos ter um conhecimento certo e abrangente. Pois os juízos de Deus e as grandes, longas e severas provações são profundos demais para que possamos sondar facilmente, ou dizer particularmente qual é o desígnio de Deus nisto ou naquilo. As *arcana* [segredos] de seu governo não são óbvias para todos os que desejam espreitá-las. E há uma abundância de providências muito sombrias e misteriosas neste mundo, cujas razões nunca saberemos até o Grande Dia.

Quem pode dizer a causa exata pela qual Deus permite que um homem religioso sofra aflição por vários anos, e outro que talvez não seja melhor do que ele mal saiba o que significa aflição? Um será contrariado e decepcionado em tudo o que empreende, e encontrará perdas em seus bens e em sua família, e será prejudicado em sua saúde; enquanto outro prospera, está bem e morre uma morte tranquila. Que caminho suave algumas pessoas boas trilham para o céu, enquanto outras são dilaceradas por espinhos e abrolhos, e andam lamentando e chorando por todo o caminho! Quem ousa presumir dizer por que é assim, e não de outra forma?

Uma grande modéstia convém às nossas investigações quando nos esforçamos para penetrar nos desígnios do Grande Deus, cujo trono está estabelecido em justiça, mas cercado de nuvens e escuridão. *É a glória de Deus encobrir as coisas* (Pv 25:2). Sua majestade infinita não nos prestará contas do que faz. Há um véu espesso sobre as razões de seus juízos e decretos, para que Ele possa obter uma maior veneração de suas criaturas. (Sl 77:19): *O teu caminho é no mar, e as tuas veredas nas águas grandes, e os teus passos não são conhecidos*. Portanto, quando dizemos que Deus faz isto ou aquilo por tal ou tal razão,

devemos fazê-lo com grande humildade, e apenas na medida em que a Escritura for nosso guia. E dela podemos aprender que Deus permite que seu povo esteja sob as apreensões de sua ira, e sob longas aflições, para fins como estes:

I. É certamente bom para o universo, pois Deus nada faz em vão. E quando qualquer parte sofre, é para o bem do todo — embora talvez não possamos discernir como é assim, até que sua mão tenha terminado todo o seu desígnio.

II. Para que outros possam ser convencidos por seus próprios sentidos de quão terrível Deus Ele é, e quão terrível é pecar. Quando o leão ruge, quem não temerá? (Am 3:8). Quando os homens veem aqueles que outrora eram tão alegres quanto eles mesmos, derramando lágrimas e clamando na amargura de suas almas que estão arruinados e miseráveis — seus olhares tristes e suas expressões lamentosas dão testemunho da existência, da severidade e da justiça de Deus. Às vezes, nas alegrias extraordinárias que seu amor produz nos corações de seu povo, Ele mostra o céu na terra; e às vezes, nos medos, espantos e terrores das consciências despertadas, Ele mostra o inferno na terra; e ambos, por sua sábia e santa Providência, são projetados para o bem dos outros. A linguagem de seus gemidos fala assim a todos os que contemplam sua dor: “Oh, não pequem contra um Deus tão grande e tão terrível, para que as chamas não comecem a queimar vocês, as quais quase nos consumiram. Nós não pensamos mais em cair em suas mãos do que vocês. Não pensamos mais do que vocês que nosso pecado nos custaria tão caro. Mas vocês veem o que sentimos, e o que podem esperar se não se arrependem e se converterem, e fizerem as pazes com um Deus tão santo como Ele. O poder Dele os espantará. O braço Dele os esmagará se algum dia O provocarem a enviar sobre

vocês um golpe como o nosso”. Esforcem-se, portanto, para lucrar com tais exemplos dolorosos.

III. Deus o faz para nos livrar da segurança carnal durante toda a nossa vida. (Sl 9:20): *Põe-nos em medo, Senhor, para que as nações saibam que não passam de homens*. Quando nosso pecado caiu sobre nós, como um gigante recém-refeito com vinho, certamente a lembrança daquele horror, dor e aguilhão nos guardará para que não ousemos dormir no pecado, nem sejamos mais descuidados e presunçosos para sempre. Certamente isso extinguirá todos os desejos irregulares e nos fará desejar apenas mais a Deus, de cujo favor tanto necessitamos. Isso certamente nos mostrou quão grande é nossa fraqueza e nossa loucura, e quão baixo afundamos quando Ele nos deixa. Isso nos tornará humildes e nos fará andar com cautela todos os nossos dias, lembrando que não somos, a cada hora, nada mais do que o que Deus nos faz ser. Se Ele nos deixar por apenas um pobre momento, onde estaremos? Nós, que provamos tanto de seu desagrado, temos causa para nos alegrar com tremor; cada lembrança daquele tempo lúgubre deve ser para nós um novo motivo para a obediência e uma poderosa restrição ao pecado. (Hb 12:10): *Ele nos corrige para nosso proveito, para sermos participantes da sua santidade*. Oh, que abundância de loucura deve ter estado alojada em nossos corações, para que Deus seja forçado a usar um método tão agudo e severo para chicoteá-la para fora! Quão entorpecidos estávamos, que nada mais poderia nos despertar! Quão doentes, que nada além de uma poção tão amarga poderia promover nossa cura! Quão grande era nosso orgulho, que Ele foi forçado a abatê-lo com um golpe tão violento! (Dt 8:15-16): *Que te guiou por aquele grande e terrível deserto de serpentes ardentes, e de escorpiões, e de secura, em que não havia água... para te*

humilhar e para te provar, para no fim te fazer bem. Assim Paulo teve um espinho na carne (2Co 12:7).

IV. Ele o faz para nos convencer de Sua própria autossuficiência, e da nulidade de nós mesmos e de todas as outras criaturas. Ele nos deixou cair para nos mostrar quão pequena é nossa força, e que, se quisermos que nossos passos sejam estabelecidos, devemos depender somente Dele. Em nossa prosperidade, somos propensos a pensar que esta ou aquela criatura, esta ou aquela pessoa nos dará alívio. Mas em tribulações espirituais, Deus nos mostra que todos os homens, até os melhores homens, são vaidade; e aqueles de quem esperamos a maior ajuda são os que nos fazem o menor bem. De fato, aqueles vigias de cuja habilidade e bondade temos a maior opinião, frequentemente recebem permissão para nos ferir por seus discursos e censuras imprudentes ou duros. Para que não olhemos para aquelas cisternas que descobrimos serem rotas, mas para aquele céu de onde flui toda a nossa consolação. Quando vamos às criaturas com as expectativas mais elevadas, encontramos a decepção mais inesperada. E, de fato, enquanto olhamos apenas para elas, somos como pessoas que vão mendigar às portas dos pobres. Nossas companheiras criaturas são todas dependentes de esmolas, pois nada têm senão o que recebem. A menos que Deus nos ajude, elas não podem ajudar. A menos que o vento sopra, toda a habilidade do piloto e toda a indústria do marinheiro não podem fazer o navio navegar para o porto.

Nós, de fato, pensamos que, se nosso amigo estivesse doente, correríamos em sua ajuda e o aliviaríamos imediatamente. Mas nosso melhor Amigo espera muito tempo antes de nos livrar. Isso não é por qualquer prazer que Ele sinta em nossas tristezas, mas para que Ele possa tornar Seu poder e sabedoria mais ilustres. Como quando Cristo ouviu que Lázaro estava doente, Ele ficou

dois dias no lugar onde estava, para que a glória de Deus fosse mais conspícua em sua ressurreição (Jo 11:6). E quando chegar a estação que é mais bela, discerniremos a razão de Seu atraso. Ele nos deixa cair maravilhosamente baixo, para que possa exhibir Seu poder que é onipotente e Sua sabedoria que nunca se perde; para que saibamos que, quando todos os outros métodos foram tentados em vão, é somente Ele quem pode fazer nossos ossos quebrados se regozijarem (Sl 51:8); que quando estamos cercados por dificuldades que pensamos serem insuperáveis, possamos ficar quietos e ver quão gloriosa, quão adequada e quão rápida é a salvação, a graça e a ajuda de Deus; que somente Ele é o Deus de todo o Conforto (2Co 1:3); que todas as outras coisas são insignificantes, mas que Ele é autossuficiente.

E é uma excelente lição que Ele nos ensina por meio de nossas cruces mais pesadas: ninguém senão Ele sozinho pode acalmar os tumultos e a inquietação de uma alma atribulada. Nossos espíritos são tão remotos das observações humanas, nossas doenças são tão internas e tão grandes, que os homens não podem alcançá-las. Mas nada é difícil demais para Aquele que é o Pai dos Espíritos; e Ele nos chama peculiarmente a considerar esta Sua obra poderosa. (Is 57:17-19): *Por causa da iniquidade da sua avareza me indignei, e o feri; escondi-me, e indignei-me; mas ele, rebelde, seguiu o caminho do seu coração. Eu vejo os seus caminhos, e o sararei; também o guiarei, e lhe tornarei a dar consolações, a ele e aos seus pranteadores. Eu crio os frutos dos lábios: paz, paz, para o que está longe, e para o que está perto, diz o Senhor, e eu o sararei.*

Ele a cria; Ele não apenas traz a paz, mas a traz do nada por Sua eficácia todo-poderosa à qual nada pode resistir. Digo novamente, creio que esta é uma das principais lições que Deus planeja nos ensinar por meio de nossas tribulações internas e

espirituais: que nossa ajuda reside somente Nele, e que todos, até os melhores homens, são vaidade. Não devemos esperar muito deles, pois, se o fizermos, seremos mui certamente decepcionados. Eles não têm paciência para ouvir nossas queixas e entender as particularidades de nosso caso; ou, se alguém tem tamanha paciência e tanta ternura a ponto de ouvir nossa triste história, talvez suspire ou balance a cabeça, mas, infelizmente, não pode nos dar alívio.

V. Outro fim que Deus pode ter na continuação de longas e dolorosas aflições, e grandes tribulações internas, é revelar mais claramente para nós a corrupção e a contaminação de nossa natureza. Em calma, as águas do mar parecem ser suficientemente claras; mas quando vem a tempestade, ela lança para cima o lodo e a sujeira. Na prosperidade e na saúde, pensamos que temos corações muito bons e graus consideráveis de santificação; mas quando o pecado é levado ao nosso íntimo, a lei espiritual de Deus começa a mostrar sua pureza. Oh, que multidões de iniquidades aparecem então! Que incredulidade, que impaciência, que murmuração, que pensamentos impróprios de Deus, pensamentos tão hediondos e estranhos como nunca tivemos antes! Na saúde, na força e na paz, há mil assuntos seculares e artimanhas que ocupam nosso tempo, desviam nossas mentes e nos voltam para a visão das coisas externas. Mas na tribulação de nossas consciências, nossos olhos são voltados para outro lado, para contemplar com atenção nossas próprias almas, e ver quais concupiscências, quais impurezas, quais criaturas venenosas, quais víboras foram entretidas ali. E oh! que visão fantasmagórica e formidável é esta, ver uma ninhada tão numerosa de transgressões, quando imaginávamos que tudo estava muito bem conosco! É até um milagre que Deus, que viu tanto mal em nós, nos tenha deixado em paz por tanto tempo.

Estas aflições espirituais nos mostram que criatura lamentável e desprezível o homem é; que causa ele tem para ser humilhado quando é mais orgulhoso; e que causa tem para ser coberto de vergonha e rubor quando é mais destemido e intrépido. Quando Deus não sopra sobre nosso jardim, em vez daquelas especiarias, daquelas graças soprando para fora que poderiam ser para Sua glória e nosso conforto, não há nada senão ervas daninhas e cardos — nada senão espinhos e abrolhos que nos dilaceram e ferem. Nossa Alma é então como um cadáver cheio de putrefação — sem movimentos vivazes em direção ao céu, sem desejos espirituais ou calorosos. É como as regiões frias do norte que o Sol apenas visita com seus raios mais pálidos e fracos; e não como aqueles países orientais, onde seu maior calor produz especiarias e flores fragrantas.

VI. Outro fim que Deus tem na continuação das tribulações e aflições espirituais, e no senso de sua ira por muito tempo sobre nós, é para que, a partir de nossa própria experiência, Cristo possa ser para sempre muito precioso para nós. Quando estamos à vontade e pensamos que estamos sãos, raramente pensamos Nele. Mas nossa dor e nossa ferida, nossa culpa e nossos medos — a visão de nosso perigo presente e da ira que se aproxima — nos fazem correr para este médico e implorar Sua ajuda quando estamos afundando. Isso nos faz estender as mãos e dizer: *Mestre, salva-nos, ou pereceremos*. Nunca um homem pobre implorou esmolas com mais fervor do que nós imploraremos por Sua ajuda; nunca uma pessoa doente, após uma dor violenta e torturante, ansiou tanto por descanso e cura quanto nós ansiaremos por Cristo. E tendo caído entre leões, tendo sido escravos do medo e mantidos em cativeiro pelas tentações de Satanás, de muito bom grado sacudiremos nossas

correntes e abraçaremos a liberdade e a salvação quando nosso Senhor vier para nos libertar!

A visão de que Ele é nosso Salvador nos fará correr para encontrá-Lo e dizer: “Bem-vindo, tu, único amigo de nossas almas; bem-vindo, tu, caro médico e curador de nossas almas. Hosana ao Filho de Davi, bendito é o que vem a nós em nome do Senhor”. Oh! como nossos próprios corações se derreterão de amor, quando lembrarmos que, assim como fomos angustiados por nossos pecados contra Ele, assim Ele esteve em agonias maiores por nós! Nós tivemos fel e absinto, mas Ele provou um cálice mais amargo. A ira de Deus secou nossos espíritos, mas Ele foi abrasado por uma ira mais flamejante. Ele esteve sob dor violenta no jardim e na Cruz. Inefável foi a tristeza que sentiu, sendo desamparado por seu Pai, abandonado por seus discípulos, afrontado e reprochado por seus inimigos, e sob maldição por nós. Este Sol esteve sob um eclipse lúgubre. Este Senhor Vivo agradou-se em morrer; e em sua morte esteve sob o franzir de testa de um Deus irado. Aquele rosto foi então escondido Dele, aquele que sempre sorria antes; e sua alma sentiu aquele horror e aquela escuridão que nunca sentira antes.

De modo que, embora não houvesse separação entre a natureza divina e a humana, contudo Ele sofreu dores iguais àquelas que nós merecíamos sofrer no inferno para sempre. Deus suspendeu de tal modo as eficácias de sua graça que, naquela hora, ela não exibiu nenhuma de sua força e virtude sobre Ele. Ele não teve conforto do céu, nenhum de seus anjos, nenhum de seus amigos, mesmo naquela hora dolorosa em que mais precisava de conforto. Como um leão que é ferido na floresta, assim Ele rugiu e clamou, embora não houvesse desespero Nele. E quando foi desamparado, havia ainda confiança e esperança naquelas palavras: *Meu Deus, Meu Deus*. Fomos abandonados por Deus?

Ele o foi muito mais, e foi desamparado por um tempo, para que nós não o fôssemos para sempre. Oh! com que frequência deveríamos nos lembrar de tal Salvador? Quão deleitoso deveríamos pensar e falar Daquele que não considerou nada excessivo por nós? Ao sentirmos a ira de Deus, bebemos, em certa medida, do cálice do qual Ele bebeu. Nós bebemos justamente por nossos pecados, mas Ele por amor e bondade, para que pudesse fazer expiação e propiciação. E se o que sentimos foi tão terrível, quanto mais pavoroso foi o que Ele suportou? Se as gotas menores que puseram nossas almas em chamas nos encheram de angústia, que tormento sofreu Aquele que foi mergulhado como em um mar de ira? Certamente tal amigo, tal médico como Ele tem sido para nós, deve ser sempre valorizado. Não podemos orar senão em Seu nome; não podemos ser justificados senão com Sua justiça; não podemos esperar nada senão por Seus méritos e intercessão — não podemos viver, não podemos morrer sem Ele. Que esta seja a linguagem constante de nossas almas: *Ninguém senão Cristo, ninguém senão Cristo* (Ct 3:1-4).

VII. Para que possamos dar um alto valor à Escritura, para que possamos pesquisar e olhar para ela com mais fervor e frequência, para ver se há nela promessas que sejam revivificantes, qualquer lugar nela que possa oferecer esperança e conforto a almas tão miseráveis e tão culpadas. Pois quando nossas consciências são despertadas e traspassadas com o senso da ira de Deus, se Sua Palavra falasse paz para nós, poderíamos ter alívio. Mas as terríveis ameaças de Sua Palavra são as coisas que nos ferem profundamente e nos causam maior dor. E então sabemos, e cremos plenamente, além de qualquer dúvida, que esta é a Palavra pela qual seremos julgados no grande e solene Dia.

VIII. Outro fim de Deus em continuar as aflições, e em um longo senso remanescente de sua ira sobre nós, é para que possamos ser eternos admiradores da gratuidade de sua graça quando formos libertos. Oh! com que espanto deveríamos contemplar sua condescendência e sua cura de nós, que quando nossas feridas eram muito profundas, Ele derramou vinho e óleo; quando estávamos sangrando internamente e nenhuma criatura, nenhum amigo na terra podia nos ajudar, Ele não nos deixou sangrar até a morte. Quaisquer dons que tenhamos, qualquer vantagem acima de alguns outros em conhecimento e entendimento, quaisquer oportunidades que tenhamos de fazer o bem, e qualquer zelo que usemos em fazer o que essa oportunidade nos oferece, devemos dizer com Paulo (1Co 15:10): *Pela graça de Deus sou o que sou; e a sua graça para comigo não foi vã, antes trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus, que está comigo.*

A mão de Deus é tão forte, sua sabedoria é tão admirável, que Ele reverte para nosso proveito e vantagem não apenas os males que são causados por eventos adversos, ou pelo mundo, mas aqueles que nós mesmos cometemos — aqueles que parecem contrários à nossa salvação, até mesmo aqueles pecados de que somos culpados. Ele transforma esses venenos em remédio, esses escândalos em edificação. E da escuridão mais espessa Ele traz a nossa luz. Assim como, pelo adultério e assassinato cometidos por Davi, Deus abriu os olhos de seu servo para considerar o horror de sua falta. Aquilo que provavelmente o teria lançado na perdição, em vez disso o confirmou, pela Divina Providência, no caminho da salvação. Por sua queda, ele foi levado a saber quão frágil era sua natureza; e, por outro lado, quão admirável era a graça de Deus. Isso o obrigou a abandonar toda alta opinião de si mesmo e a não buscar sua felicidade em

nenhum outro lugar senão na misericórdia e graça de Deus. E quanto a outras pessoas fiéis, este exemplo doloroso dele foi benéfico para mortificar a vaidade e o orgulho delas, e para ensiná-las a depositar toda a sua confiança em Deus.

Com que espanto deveríamos clamar diariamente: *Será que Deus de fato habitará familiarmente com os homens?* Terá Ele piedade, perdoará Ele pecadores tão impacientes, tão murmuradores, tão incrédulos como temos sido? Fará Ele com que ouçamos novamente a voz alegre, nós que por tanto tempo tivemos a voz da ruína e da destruição em nossos ouvidos? Voltará Ele e será meu Deus novamente, quando tantas vezes pensei que Ele era meu inimigo? Dar-me-á Ele a esperança do céu, quando estive por tanto tempo à própria porta do inferno? Estenderá Ele a mão e me levará para Sua Arca, quando minha pobre alma inquieta andou errante de um lado para outro buscando descanso e não encontrou nenhum?

O fim de Deus nestas aflições e duras provações é que o cristão liberto possa estar sempre ocupado em maravilhar-se com Seu Amor. E quando ele se perder em admiração e alegria transportadora, possa dizer: *Oh, a profundidade das riquezas!* etc. (Rm 11:33). O quê, será Ele tão gracioso comigo, que tive pensamentos tão duros Dele? Abraçar-me-á em Seus braços, a um príndigo como eu? Oh, por que Ele me deixou viver, quando outros que foram menos pecadores do que eu estão mortos e pereceram? Por que seria Ele bondoso comigo, quando fui tão desobediente a Ele? O quê, dar-me-á Ele permissão para orar ainda novamente a Ele, quando em minha incredulidade tantas vezes eu disse que era em vão orar? Permitirá Ele a mim, que falei tão imprudentemente com meus lábios, que escureci o conselho com palavras sem conhecimento (Jó 38:2), tomar Seu

nome em minha boca? Permitirá Ele a um homem mortal, e a um vil pecador, dizer: *Meu Senhor e meu Deus?* Sim, Ele o fará!

Vejo, sinto que com Ele há abundante redenção; e devo para sempre admirar as riquezas e a gratuidade de Sua graça. Que outros falem de mérito, do poder de sua própria vontade, da luz de seus próprios entendimentos, da força e vigor de sua razão. Quanto a mim, sei que não tenho nenhuma dessas coisas de que me gloriar. Fui lançado no chão, nas profundezas da miséria e desolação, e ali ainda estaria por tudo o que eu fosse capaz de fazer. Eu estava sem esperança, e Ele encheu minha alma desesperada de esperança. Eu era muito culpado, e Ele me perdoou. Eu estava perto do inferno; vi as chamas e a fumaça daquele poço infernal; senti o cheiro de fogo e enxofre; e Aquele que somente podia me ajudar trouxe-me de volta. Eu estava desfalecendo, e Ele me reviveu — morrendo, e Ele me fez viver. Quantos Ele passou adiante e permitiu que definhassem em suas iniquidades? E, contudo, Ele me disse: *Vive!* Se Ele aceitar minhas pobres orações, meus fracos esforços — meu coração e minha alma — então meus pensamentos, meus afetos, serão todos empregados para Ele e para Sua glória. Quando por tanto tempo ouvi o rumor e o barulho da guerra, Ele me enviou as notícias de paz e alegria. Oh, por que é assim, se não por Sua própria graça, que eu, que estava tão longe Dele, fosse trazido para perto; que eu, que O odiava tanto, fosse tão grandemente amado! *Volta, ó minha alma, ao teu repouso, porque o Senhor te fez bem.*

IX. Outro fim pelo qual Deus permite que seus servos permaneçam tanto tempo sob as impressões de sua ira é para que aprendam a ser misericordiosos e prestativos para com os outros.

(1) Para com aqueles que estão no mesmo caso.

(2) Para com aqueles que estão pecando e ainda não sentiram o desagrado de Deus por seus pecados.

Primeiro, para com aqueles que estão sob uma consciência atribulada e as apreensões da ira de Deus, veja (2Co 1:3-4) e (Lc 22:32). Assim como nosso Pai celestial foi misericordioso para conosco, assim devemos ser misericordiosos para com eles. E tendo encontrado uma Fonte que saciou nossa sede, levemo-los também à Fonte de Águas Vivas. Conceba-se como José, portanto, enviado adiante e vendido para o Egito de uma consciência ferida. Ali seus pés foram feridos nos troncos, e os ferros entraram em sua alma, para que você pudesse prover mantimento para a fome de outros e, especialmente, ser um fornecedor de conforto para aqueles de seus irmãos que o seguirão na mesma condição lúgubre. Não devemos entristecê-los com discursos duros ou inoportunos. Quando eles estiverem na fornalha, não devemos, por amargura imprudente, torná-la mais quente. Eles estão feridos em suas almas, e essas feridas requerem uma mão gentil, habilidosa e terna. Cada um de nós deveria dizer:

“Eles estão atribulados de todos os lados, e eu também estive. Eles temem que Deus tenha partido, e eu também temi. Aquelas setas do Todo-Poderoso que estão cravadas neles, há pouco tempo estavam cravadas em mim. Aquele cálice que está agora na mão deles, há pouco tempo estava na minha. Assim como eles suspiram, reclamam, gemem e temem, exatamente assim fiz eu. Portanto, deixe-me visitar estes enfermos; guiar estes errantes que perderam o caminho e ver se estes prisioneiros, pela visão da minha liberdade, se tornarão prisioneiros de esperança. Devo levá-los ao meu Médico e contar-lhes a natureza da minha cura”.

Quando outros caíram no poço do qual fomos recém-libertados, esforcemo-nos para retirá-los. Revistamo-nos de um coração de compaixão; ouçamos pacientemente o que dizem e não os repreendamos por se queixarem. Não nos cansemos de seu discurso porque é lúgubre e incômodo. Não sorriamos daquilo que os faz chorar; nem chamemos simplesmente de fantasia aquilo que é a angústia e a tribulação de suas almas. Lembremo-nos de todas as falas e tratamentos que nos fizeram piorar quando estávamos doentes, e evitemos todas essas falas para com eles. Lembremo-nos do que foi que nos deu algum suporte e ministremos o mesmo a eles. Quando algum de nossos amigos está muito doente, se conhecemos algum cordial, qualquer receita que tenha sido benéfica para nós em caso semelhante, corremos o máximo que podemos para buscá-lo. E não podemos vê-los desfalecer sem sentir, ao mesmo tempo, uma comoção muito sensível em nossos próprios corações.

Nenhuma aflição externa, por mais dolorosa que seja, é tão terrível quanto estas tribulações espirituais. Portanto, estejamos mais afetuosamente preocupados com tais pessoas angustiadas do que com qualquer outra, quando vemos a ira de Deus começando a se acender em suas consciências. Usemos todos os métodos que têm mais probabilidade de extinguir a chama inicial. Pois, assim como Deus ordenou aos israelitas que fossem gentis com os estrangeiros porque eles mesmos o foram na terra do Egito, assim sejamos muito gentis e piedosos com todos os que estão em angústia, tendo passado por isso nós mesmos. Aproveitemos todas as oportunidades para visitá-los, exortá-los e orientá-los. Lutemos com o Deus de Jacó em favor deles. Que vejam que simpatizamos cordialmente com eles; e que, embora a graça de Deus tenha enxugado nossas lágrimas, ainda podemos chorar com os que choram.

Usemos todos os meios que pudermos para fazê-los crer que estamos aflitos com sua aflição e sinceramente preocupados com a tristeza de seu caso. E, por este meio, eles refletirão mais no que dizemos, nós que já fomos como eles são agora, e darão mais importância ao que lhes dizemos do que darão a outros que podem falar bem, de fato, mas não a partir de sua própria experiência. Se um homem tivesse uma doença corporal, ele preferiria recorrer a um médico que tivesse sido recentemente curado dela do que a qualquer outro que talvez possa falar mais eruditamente sobre ela, mas não sabe, por informação ou estudo, metade do que sabe alguém que a sente. O conhecimento de um é apenas especulativo, mas o do outro é mais distinto e prático; e ele sabe como fazer aplicações adequadas ao seu paciente, a partir da lembrança do que sentiu em seu próprio corpo (Hb 2:17-18; 2Co 1:6).

Em segundo lugar, Deus prolonga o senso de Sua ira por muito tempo sobre as almas de Seu povo para que aprendam a ter piedade dos homens ímpios e a instruí-los no caminho da felicidade (Sl 51:11-13). Assim, podem ensiná-los por suas palavras, suas exortações sérias e suas reprovações fiéis — por sua conduta santa e por cada ação que realizam. Há muitas lições que nós mesmos não aprendemos senão pela vara e pelo franzir de testa de um Deus irado — por uma disciplina muito dolorosa e severa. Não vemos, senão após um longo ensino, o real mal do pecado e o verdadeiro valor de Cristo. Uma vez que tenhamos chegado ao conhecimento disso, devemos comunicar algumas medidas desse saber aos outros; embora a miséria disso seja que a maioria dificilmente acreditará em nosso relato até que eles mesmos venham a sentir o que sentimos. Aquele que escapou, pela misericórdia de Deus, de uma consciência há muito atribulada, pode dizer aos pecadores:

“Paguei caro por todo o deleite que outrora tive no pecado, por toda a minha indiferença e mornidão, por minhas orações frias e preguiçosas, por meu tempo perdido e mal aproveitado. Cuidado para não O provocar, pois Ele é um Deus zeloso. Pois, se o fizerem, também descobrirão que aqueles pecados que vocês consideram algo sem importância os despedaçarão no futuro. Descobrirão, quando suas consciências forem despertadas, que eles são um fardo pesado e intolerável. Eles os pressionarão até o próprio inferno. Eu não poderia imaginar que o desagrado de Deus seria tão amargo e tão terrível. É coisa terrível cair nas mãos do Deus vivo, pois Ele é um fogo consumidor. Se Sua ira se acender apenas um pouco, vocês não conseguirão fixar suas mentes em nenhum objeto agradável, nem ter um único pensamento tranquilo. Não poderão cuidar de seus negócios, de seus ofícios ou de seus assuntos seculares, pois suas almas ficarão tão espantadas que vocês estarão cheios de horror e consternação.

Aqueles de nós que sentiram os terrores do Senhor, mui encarecidamente os persuadiriam a abandonar todo pecado. Pois, se vocês mimarem e amarem suas iniquidades, elas os incendiarão ao redor. Oh, se soubessem o que fazem quando pecam! Estão se opondo àquela Autoridade que se vingará de todos os seus obstinados opositores. Estão amontoando combustível para sua própria destruição. Estão afiando aquela espada que entrará em suas entranhas. Estão se preparando para a amargura e a tribulação. E embora Deus seja paciente por um tempo, Ele não o será para sempre. As sombras da noite se aproximam, e o tempo lúgubre virá quando toda a sua alegria terminará em lágrimas, e toda a sua falsa confiança e suas esperanças tolas expirarão e renderão o espírito. E qual de vocês viverá quando Deus entrar em Juízo com vocês? O que farão?

Para onde irão em busca de ajuda, quando Aquele que é o seu Criador, Aquele que pesou suas ações e observou seus desvios, chamá-los a prestar contas de todas estas coisas?”

Se nosso bendito Senhor, ao se aproximar de Jerusalém, levantou Sua voz e chorou, dizendo: *Oh! se tu conhecesses, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence!*, então que causa temos para chorar por nossos semelhantes que vemos estarem em perigo de miséria e, infelizmente, não o sabem! Podemos vê-los dormindo na própria borda da ruína e não ficarmos grandemente perturbados por eles? Oh, pobres pecadores! Vocês estão agora dormindo, mas o Juiz está à porta. Vocês estão rolando o bocado agradável debaixo da língua, mas ele será uma grande vexação para vocês no fim. Como podem descansar? Como podem estar quietos quando não têm nenhum de seus pecados perdoados; nenhuma relação confortável com Deus; nenhuma esperança do céu bem fundamentada? Como podem, com qualquer segurança, cuidar daquelas coisas que concernem ao seu comprar, ao seu vender e à vida presente, enquanto suas pobres almas, que são mil vezes mais valiosas, são negligenciadas o tempo todo! Sentimos grandes terrores, tristezas inexpressíveis de um Deus irado, e de boa vontade os persuadiríamos a não correr contra os umbos espessos do Seu escudo, a não desafiar Sua justiça, a não desprezar Suas ameaças, como outrora foi nossa loucura. Mas não sabíamos o que fazíamos. Viemos de uma grande tribulação e de uma fornalha ardente, e de boa vontade os persuadiríamos a evitar o mesmo perigo. Que o que sentimos sirva de cautela para vocês.

Foi o desejo do rico [Dives] em sua miséria que ele pudesse deixá-la, para ir dali avisar seus irmãos, para que não viessem ao mesmo lugar de tormento. Mas isso não lhe foi concedido. Alguns de nós aqui viemos das próprias portas do inferno para

avisá-los, para que não fossem para lá — não, para avisá-los para que nunca chegassem tão perto dele quanto nós chegamos. Desejamos-lhes tão bem que não gostaríamos que nenhum de vocês sentisse tanta tristeza e dor quanto nós sentimos. Estávamos outrora adormecidos como vocês estão. Não imaginávamos que o terror e a desolação estivessem tão próximos quando vieram sobre nós. E agora, tendo sido alcançados por uma tempestade de ira, viemos avisá-los de que vemos as nuvens se acumularem, que há um som de muita chuva e de grande miséria — embora seus olhos estejam tão fixos nas coisas de baixo que vocês não o veem. Devem levantar-se rapidamente e buscar um abrigo, conforme prezam a salvação de suas almas. Não devem adiar pensamentos sérios para sua própria segurança — nem por um dia, nem por uma hora a mais — para que não seja tarde demais.

Estávamos viajando com tão pouco pensamento de perigo quanto alguns de vocês, e caímos entre ladrões. Eles nos saquearam de nossa paz e de nosso conforto. E estávamos até prontos a morrer, quando aquele Deus, cujo justo desagrado nos abateu, agradou-se em ter piedade de nós e enviar Seu Filho, como o bondoso Samaritano, para enfaixar nossas feridas e alegrar nossos corações. E não podemos ser tão pouco caridosos a ponto de não lhes dizer, quando os vemos seguindo pelo mesmo caminho, que há salteadores na estrada; e que, se vocês não voltarem ou mudarem seu curso, sofrerão por sua segurança tanto quanto nós sofremos. Se de fato fomos salvos, por fim, de nossos medos, foi como que através do fogo (1Co 3:15). Mas sofremos uma perda muito grande enquanto esses medos permaneceram. Alguns talvez digam para si mesmos:

“Não verei mal algum, ainda que ande nas imaginações do meu próprio coração. Estas coisas de que você fala são o mero

produto de um temperamento melancólico que sempre pressagia o pior, que sempre amedronta a si mesmo e aos outros com ideias negras e formidáveis. E visto que não sou de modo algum inclinado a essa enfermidade, não preciso temer tais pensamentos perplexos.”

Mas saiba disto: que nenhuma vivacidade de temperamento, nenhuma esperança sanguínea e corajosa, nenhum júbilo ou diversão pode protegê-lo da ira de Deus. Se você continuar no pecado, deverá sentir a amargura dele, seja neste mundo ou no próximo. E não obstante toda a força de sua constituição e todos os prazeres de sua juventude destemida, aquele dia pode vir de repente. O cálice que está cheio de vinho espumante tem borras e veneno no fundo. Suas almas estão sempre nuas e abertas diante de Deus, e Ele pode causar ali impressões terríveis de ira quando quiser — não obstante o fato de que, por sua alegria e hilaridade, você pareça estar à maior distância disso.

CAPÍTULO 13

O Dever daqueles libertos da Melancolia

Mostrando qual é o dever daquelas pessoas a quem Deus libertou da Melancolia e da angústia de suas consciências sob o senso de Sua ira; e também, que maravilhoso ato da providência é o que permite que um mundo muito pecador esteja em tão grande paz! E que causa há para que todas as pessoas orem contra tais doenças, das quais o próprio diabo se serve para seu grande tormento e vexação. E, como conclusão desta primeira parte, o que se deve pensar daqueles que estão transtornados com a dor por seus pecados; e daqueles

que morrem em grande escuridão quanto ao seu estado espiritual.

Eu procederia agora para mostrar como aquelas pessoas que estiveram por muito tempo sob o senso do desagrado de Deus, e que agora chegaram a alguma boa esperança pela graça, devem se comportar após uma visita tão terrível. Mas meus discursos sobre os versículos anteriores deste Salmo (que publiquei há algum tempo) — onde mencionei o que devemos fazer após a recuperação de uma enfermidade — impediram-me, em grande medida, de insistir mais neste assunto, e também de insistir naqueles fins que mencionei agora, os quais Deus visa nestas dispensações. E se fizermos do nosso grande cuidado o conformar-nos a eles, encontraremos os Seus desígnios; então, até mesmo aquelas aflições dolorosas serão uma misericórdia muito grande para nós. O que julgo ser necessário dizer adiante, compreenderei nos seguintes pontos:

I. Que em toda a parte seguinte de nossas vidas, valorizemos muito pouco este mundo. Nossos afetos não mortificados foram os abrolhos e os espinhos que nos traspassaram e multiplicaram nossas tristezas. Olhemos para este mundo e suas glórias mais admiradas como uma coisa pobre, desprezível e vazia; pois assim ele é de fato. Pelas preocupações e variedade de pensamentos aos quais o mundo naturalmente nos leva, ele facilmente nos inquieta e nos derruba; mas não pode, com todos os seus encantos, nos levantar novamente. Todas as suas riquezas não podem comprar uma hora de paz e conforto; todas as suas honras não podem nos salvar do desprezo de Deus; todos os seus prazeres não podem adoçar nosso cálice, nem todos os seus sorrisos nos alegrar quando Ele franze a testa. Quanto mais estivermos elevados acima de todas as coisas terrenas, mais seremos libertos da tempestade e do vendaval. E pode ser

verdade o que alguns nos dizem, que os cumes daquelas montanhas que estão acima da região média são tão quietos que as coisas mais leves ali permanecem imóveis e não são deslocadas. Este mundo foi outrora, e ainda é, um lugar de vaidade e aflição de espírito. Descobrimos que é assim; sempre encontramos tribulação. Quando amamos qualquer coisa aqui com um amor excessivo, infelizmente! ela foi incapaz de fazer qualquer coisa por nós em nossa dolorosa aflição. Quando nossas consciências estavam em chamas, não havia nada nele que pudesse saciar nossa sede. Estimemos em baixo preço um mundo tão vazio como este. Seus confortos são duvidosos, mas suas misérias são certas; suas dores são longevas, mas seus prazeres são muito curtos.

II. Quando o senso da ira de Deus é removido, devemos, pela lembrança dele, ser fortificados contra as tentações de Satanás. Quando formos tentados à desconfiança, devemos dizer: “Não entretereis mais pensamentos duros de um Deus que descobri ser fiel”. Quando formos tentados à impaciência sob alguma cruz nova ou recorrente, devemos replicar e dizer: “Não me irritarei nem murmurarei mais contra o meu Deus gracioso e amoroso que, estou certo, ainda se lembrará de mim em meu estado abatido, como fez até agora”. Quando Satanás quiser nos persuadir de que não somos filhos de Deus porque somos afligidos, ou porque somos afligidos por tanto tempo, devemos apagar também este dardo, lembrando-nos de nosso querido Redentor, que nunca foi mais amado do que quando foi mais duramente provado. Não há nada que nos preserve tanto quanto a lembrança da bondade e da misericórdia de Deus. Sua paz, que excede todo o entendimento, guardará nossos corações (Fp 4:7).

III. Que nosso escape de aflições tão longas e dolorosas nos estimule ao dever. Não me refiro com isso apenas à oração, mas

à prática de todos aqueles atos de religião pelos quais podemos glorificar a Deus e fazer o bem aos homens. Que nossas orações sejam mais ferventes, nossas meditações sobre Ele mais doces, e nossos pensamentos sobre Ele mais constantes e permanentes. Tomemos cuidado com toda formalidade e falta de afeto de espírito em todo o nosso serviço a Deus. Acautelemo-nos contra os declínios internos e espirituais, e sufoquemos e resistamos às primeiras reduções e declínios de nosso amor a Deus, visto que Ele retirou Sua mão de sobre nós, e o Seu terror não nos amedronta (Jó 9:34). Aproximemo-nos Dele e busquemos Sua face, e façamo-lo agora com mais deleite. Pois assim como a terra (conforme observa alguém) é fechada e amarrada pela geada e pelo frio, e não produz seus frutos até que o calor e o ardor do verão os chamem para fora, assim o coração, sob os afetos frios do medo e da culpa, sob as sombrias apreensões da ira e do julgamento, fica tão contraído que não sabe como se aproximar de Deus. Mas quando o Seu amor é derramado em nosso coração, então ele é alargado para a prática do seu dever. E o senso da misericórdia, e a esperança dela, dá-nos grande encorajamento para orar — pois a oração é filha da fé. Que o amor de Deus para conosco nos estimule à vigilância e ao cuidado diário de nossos próprios corações, que são tão traiçoeiros e enganosos. Outrora foi noite, uma noite lúgubre para nós; mas, visto que o dia começou a raiar, apliquemo-nos ao nosso trabalho com maior diligência.

IV. Nossa libertação de apreensões tão tristes e terríveis da ira de Deus, e de provações longas e dolorosas, deve nos ensinar a andar humildemente com Ele. Nós O vimos na terribilidade de Sua majestade, vimos o Senhor dos Exércitos em Sua glória. E tal visão não pode senão nos fazer saber que somos impuros (Is 6:5). O que temos de que nos orgulhar? Os flecheiros atiraram

severamente contra nós, e não pudemos manter nosso arco em força. Deus nos moeu, provou e nos abateu para nos mostrar o que havia em nossos corações. E, infelizmente! não vimos nada ali senão o que era muito mau. Foi tal visão que pode nos fazer maravilhar com Sua paciência e Sua graça curadora, e abominar e detestar a nós mesmos para sempre. O tempo de nossa escuridão foi um tempo de provocação. Quando estávamos no deserto, murmuramos. E que misericórdia é que nossos cadáveres não tenham caído, e nossas almas não estejam arruinadas; mas que o Deus a quem tanto provocamos nos tenha dado a perspectiva e a esperança de Canaã depois de tudo isso!

Se outros tivessem nos dito, quando estávamos em saúde e paz, que falaríamos tão duramente de Deus quando estivéssemos em nossa angústia — que censuraríamos Suas dispensações e pecaríamos tanto quando Sua vara e Seu golpe estivessem sobre nós — teríamos pensado que eram pessoas muito censuriosas e pouco caridosas. Mas não há homem que saiba quão mau é o seu coração até que seja provado por aflições longas e dolorosas. Nossa angústia, nossa dor e nossos medos desesperados nos levaram a fazer mil coisas das quais tremeríamos em outra estação. E tais tolos somos que, mesmo quando somos moídos no almofariz, nossa estultícia não se afasta de nós. Embora Deus nos tenha perdoado, devemos nos lembrar de nossa murmuração, de nossa incredulidade e pecados semelhantes, com uma grande autoabominação todos os nossos dias. (Is 38:15): *Que direi? Como mo prometeu, assim o fez; passarei mansamente por todos os meus anos, por causa da amargura da minha alma.*

Causamos o desânimo de muitos, o desfalecimento de muitos, e fizemos muitos refletirem negativamente sobre a religião por causa de nossa tristeza. E a desonra que possa ter vindo a Deus

por isso deve ser motivo de grande humilhação para nós, ainda que nos afetos espirituais dos religiosos haja algo que é muito *tremulous* [trêmulo/inquietante] para os ímpios. É como um juízo para endurecê-los, e para a queda de muitos, que por este meio ficam mais fixos em seus preconceitos contra toda religião. E ao verem que aqueles que há muito pretendem abraçá-la são muito tristes, são tentados a acreditar que não há nada de real nela; e assim prosseguem, pecam e morrem. Temos grande causa para sermos humilhados e não nos gloriarmos em nossa força, pois descobrimos que ela decai — não nos gloriarmos em nosso conhecimento, pois conhecemos tais enfermidades que lançaram uma nuvem sobre nosso entendimento. Fomos esbofeteados por Satanás para nos ensinar que precisamos de mais ajuda para nos preservar do que a nossa própria. Oh! O que é o homem quando deixado por Deus? Nada além de fraqueza e vaidade. Ele afasta o homem de seu propósito [seu trabalho], para que possa esconder [guardar] do homem o orgulho (Jó 33:17).

V. Devemos nos acautelar contra uma recaída. Assim como devemos ser cuidadosos em evitar todas aquelas coisas que podem trazer sobre nós as mesmas doenças corporais das quais fomos libertos, assim devemos ser tão cuidadosos em prevenir tudo o que possa trazer uma nova indisposição e terror sobre nossas almas, quando acabamos de sair da fornalha. Acautelemo-nos para não cairmos novamente em provações tão quentes e ardentes como aquelas que sentimos. Sejam para sempre muito cautelosos em evitar tudo o que tenha a aparência ou mostra de pecado. E sejam para sempre zelosos de nossos próprios corações, e vigilantes sobre suas moções mais secretas, visto que eles frequentemente (infelizmente! com muita frequência) nos traíram. Neguemos para sempre, de modo

absoluto, todas as tentações mais agradáveis do diabo, lembrando que ele é o inimigo de Deus; e lembrando com que crueldade e orgulho esse inimigo de nossa salvação nos insultou quando aprovou a Deus deixar-nos por uma temporada. Lembremo-nos de como o diabo nos sugeriu apreensões pavorosas e espantosas; e não cheguemos mais perto da cova dos leões, nem brinquemos sobre a toca das áspides. Sentimos as setas do Todo-Poderoso; não O provoquemos novamente a armar Seu arco e a nos colocar como alvo de Seu desagrado. Não faz muito tempo que Suas ondas e Suas vagas passaram sobre nós. Oh! não nos mergulhemos novamente nas águas profundas, nem O façamos franzir a testa, cujos franzires descobrimos serem tão terríveis. (Sl 85:8): *Escutarei o que Deus, o Senhor, falar; porque falará de paz ao seu povo, e aos seus santos; mas não voltem à estultícia.*

Foi de fato nossa estultícia provocar um Deus tão gracioso; foi nossa estultícia ser indiferentes e descuidados em nossos deveres santos. Que a vara que nos fez estremecer afaste para sempre aquela estultícia que outrora estava ligada em nossos corações. A experiência lúgubre, a angústia e a tribulação nos disseram que coisa pavorosa é pecar. Pelos juízos sob os quais gememos, aprendamos a justiça. Saímos do suplício com ossos quebrados e com muitas feridas, que nosso bom Médico se agradou em ajustar e curar novamente. Não nos rebelemos contra Suas leis, para que não sejamos colocados no suplício novamente. Não são, de fato, as corrupções que estão dentro de nós que nos levarão a isso, a menos que as acalentemos e aproveamos quando elas nos seduzem a fazer o que é mau. Embora guerreiem, se for contra a permissão de nossa mente, elas não interromperão nossa paz com Deus. Não estejamos seguros. Embora o diabo tenha nos deixado, pode ser apenas por um tempo, e ele pode voltar

novamente com maior fúria. Durante a quietude confortável que agora desfrutamos, preparemo-nos para resistir e opor-nos a todos os seus assaltos no tempo vindouro. Embora triunfemos pela graça de Deus, lembremo-nos de que nossos inimigos ainda não foram totalmente derrotados. Eles não se envergonham com uma derrota, mas reunirão suas forças dispersas e voltarão. O que pensamos do pecado quando ele fez com que o Sol da Justiça fosse coberto de nuvens, de modo que não pudemos vê-Lo, nem sentir Seus raios vitais e vivificantes por muitos dias? O que pensamos dele quando ele nos incendiou ao redor e nos trouxe às próprias portas do inferno — quando nos afundou, sobrecarregou e aterrorizou a cada momento? De agora em diante, nunca comecemos a parlamentar com um inimigo que nos tratou de maneira tão bárbara e cruel.

VI. Após sermos libertos das apreensões pavorosas da ira de Deus, é nosso dever sermos publicamente gratos. (Sl 66:16): *Vinde, e ouvi, todos os que temeis a Deus, e eu contarei o que ele tem feito à minha alma.* É para a glória de nosso Curador contar sobre as feridas miseráveis que outrora nos doíam, e falar daquela mão bondosa que nos salvou quando fomos abatidos mui baixo. É para a glória de nosso Piloto contar sobre as rochas e as areias, sobre os muitos perigos e calamidades ameaçadoras de que, por Sua sábia conduta, Ele nos fez escapar. E ver-nos em segurança na praia pode fazer com que outros, que ainda estão aflitos e fustigados por tempestades, olhem para Ele em busca de ajuda. Pois Ele é capaz e está pronto a salvá-los tanto quanto a nós. Como soldados quando uma guerra tediosa termina, devemos relatar com deleite nossos combates, nossos medos e nossos perigos — e tornar nossas experiências conhecidas aos cristãos duvidosos e atribulados, e

àqueles que ainda não passaram por provações tão longas e severas como nós passamos.

VII. Os medos que tivemos de Deus e de Sua ira devem nos ensinar a não temer desordenadamente nenhum daqueles males que são de natureza inferior. Outros que todos os seus dias estiveram em facilidade e quietude — que não tiveram consciência atribulada, ou não a tiveram por muito tempo — podem ter medo de males e inconveniências temporais. Mas para nós, que por muito tempo tivemos medo do próprio Deus, quão pequena coisa deve parecer a ira do homem! Quando estivemos sob o Seu desagrado, Daquele que pode matar a alma, que pouca causa temos de temer aqueles que só podem matar o corpo! Outros podem ter medo de uma pequena angústia, de um pouco de mau tempo. Mas não nos convém temer, a nós que estivemos em tantas tempestades separadas por muitos meses seguidos. Quando tivemos medo do inferno, não há nada na terra que pareça ter um aspecto tão formidável. E se Deus nos livrou dos maiores perigos, devemos crer que Ele nos salvará dos problemas menores de nossa vida. Nossa experiência de tantas coisas terríveis deve fortificar nossas mentes contra todas as aflições futuras que não sejam do mesmo tipo. Fecharei esta parte do versículo com estes dois conselhos:

1. Se os servos de Deus estão sujeitos a tais apreensões tristes de Sua ira, então vocês têm grande causa para admirar a paz que há no mundo. Muitos entre o Seu povo estão clamando: *O Senhor me abandonou; Sua ira pesa sobre mim*. E se todo o Seu povo, se todos aqueles cujos pecados merecem Sua ira, estivessem todos tão sensíveis a ela, e se queixassem e clamassem da mesma maneira, então Oh! que clamor lúgubre seria esse! — como o clamor que houve em Sodoma quando choveu fogo e

enxofre; como o clamor que houve no Egito quando encontraram todos os seus primogênitos mortos! Oh, que mudança apareceria no mundo se Deus deixasse sair o senso de Seu desagrado sobre todos os que o merecessem! Este mundo seria como o próprio inferno. Todo comércio e negócio falhariam imediatamente. Pois que coração teriam os homens para negociar, comprar ou vender, se não soubessem se no momento seguinte poderiam estar no inferno! É um dos atos poderosos da Providência o fato de manter uma calma tão grande em um mundo muito pecador. Pois se Ele não fosse infinitamente paciente, se abrisse os olhos de todos os homens para verem Sua indizível majestade, santidade e glória — e para verem suas ofensas, e seus desertos, e sua proximidade da destruição — e então permitisse que eles, como justamente poderia, fossem torturados com seus pensamentos culpados, fossem tentados e vencidos, e caíssem no desespero — então Oh! que leões e tigres os homens seriam! Eles se despedaçariam uns aos outros e a si mesmos. Toda a quietude desta terra se transformaria em fúria; todas as suas alegrias se transformariam em tristezas sombrias; e todo o seu riso em choro, lamento e ranger de dentes. E todos os seus habitantes estariam em angústia, e amaldiçoariam seu Deus e Rei. A maioria, no presente, está sob insensibilidade. Não veem para onde estão indo, nem sentem os horrores de que são capazes. Estão entesourando ira, e é a Sua bondade que ela não caia imediatamente sobre suas cabeças em gotas ardentes. Há apenas uma divisória fina entre este mundo, que tem tantos objetos agradáveis variados, e aquele mundo de tortura flamejante, onde tudo é lúgubre e desconfortável.

Se a cortina fosse puxada de lado, e os homens pudessem olhar para dentro daquela fornalha ardente, e os ímpios apreendessem que estavam indo para lá, Oh que consternação, que espanto, que palidez se veria em cada testa que agora é mais orgulhosa e altiva.

2. Ore a Deus para que você não caia naquelas doenças das quais Satanás costuma tirar grande vantagem. E também ore para que Satanás não receba permissão para trazer sobre você tal enfermidade que o indisponha para o serviço de seu Criador. É das aflições longas e severas que o diabo faz grande uso; e em sua própria natureza elas levam à impaciência, à murmuração e a pensamentos duros sobre Deus. E, portanto, pode-se orar fervorosamente contra elas, mas sempre com submissão. E se você é naturalmente melancólico, todas as orações do mundo não mudarão seu temperamento. No entanto, por meio de orações, aquele humor negro pode ser impedido de tiranizá-lo como tem feito com muitos milhares. Ore contra todas aquelas doenças que não são comuns aos homens; e que, sendo desconhecidas, não podem ser aliviadas. E ao afetarem seus espíritos naturais, estas podem fazer com que você pense continuamente, e o faça com pensamentos ansiosos e atormentados, de modo que você será um terror para si mesmo e incapaz de seguir sua vocação. E contudo, por não o afetarem tão visivelmente como outras doenças fazem, elas o expõem às censuras pouco caridosas de seus amigos e ao seu reproche. E podemos também orar contra aquelas aflições que perturbam nossa razão, de modo que não possamos pensar ou exercitar nossas faculdades como costumávamos fazer. Assim como é

lícito orar pela remoção das aflições (Jó 9:34); também o é desejar que Seus golpes não sejam excessivamente pesados sobre nós; e que Ele se lembre de nossa estrutura, e de como somos apenas pó. Se estivemos em doenças que nos sobrecarregaram, é nosso dever orar e usar todo o cuidado imaginável para não cairmos na mesma doença novamente; e orar pelos outros, para que nunca caiam em tal doença — pois de todas as outras enfermidades, não há nenhuma tão insuportável e tão terrível. Quando imploramos novos favores de Deus para nós mesmos, devemos nos lembrar dos outros e desejar que eles nunca sintam o que sentimos.

Os mendigos (conforme observa alguém), quando imploram esmolas, frequentemente usam isto como motivo: que a pessoa a quem imploram possa ser preservada daquela miséria da qual eles mesmos tiveram uma experiência lúgubre. Se são cegos, dizem: “Deus abençoe sua visão”; se coxos: “Deus abençoe seus membros”; se arruinados por incêndio accidental: “Deus guarde você e os seus do fogo”. Assim podemos dizer ao nosso Redentor:

“Senhor, que nunca sejas submetido a novas agonias pelas profundas angústias e agonias de teus pobres servos que sangram.”

E a você que é bom, podemos dizer:

“O Senhor preserve sua paz; o Senhor o abençoe e faça resplandecer o Seu rosto sobre você; a alegria do seu Senhor seja a sua força; o Senhor lhe dê as doces esperanças e o antegozo do céu; e desejamos que você nunca beba tanto absinto e fel como nós bebemos; que você nunca veja, conheça e sinta tais terrores, e tanto do inferno quanto nós sentimos.”

É nosso dever, como eu disse, orar contra tais doenças que têm influência, em sua maior parte, sobre a mente — embora fosse um pensamento muito ateu imaginar que todo horror interno de consciência provém de sofrimento corporal. Pois Deus, para quem todas as coisas estão nuas e abertas, pode causar impressões imediatas de Sua ira sobre a alma, que a encherão de súbito espanto e tribulação. Contudo, creio verdadeiramente que de todos os cristãos que estão sob medos pavorosos da ira, e em longo terror, não há um em vinte cuja tribulação interna não tenha vindo ou de um temperamento melancólico, ou de uma multiplicação de aflições externas agudas e severas. E o diabo aproveita a oportunidade destas para lançar seus dardos inflamados e pôr tudo em chamas. Aqueles que sabem quão grandes são as tentações que acompanham as aflições continuadas por longo tempo, orarão de coração contra elas. A isto acrescentarei apenas duas perguntas e assim concluirei esta Primeira Parte.

Perg. 1. Se a ira de Deus é apenas por um momento, o que devemos pensar daqueles com quem Ele está irado até o dia da morte, e que morrem na apreensão de Seu desagrado?

Resp. É muito verdade, Seus servos podem morrer nestas circunstâncias. E para suas pobres almas, é uma passagem muito desconfortável. É muito triste para os servos de Deus, para aqueles de quem falo, irem para o céu falando, em certo sentido, a linguagem do inferno. É uma transação misteriosa e mui profunda da Providência, que é sábia e boa, mesmo que não seja compreendida. Mas muitos crentes, em suas apreensões abatidas, mesmo no fim, pensam ser herdeiros da Maldição, mas descobrem ser herdeiros da Glória. Muitas vezes, conforme disse certa vez uma pessoa morrendo em tribulação, o sol se põe em uma nuvem e, contudo, nasce em uma luz maravilhosa. Um

ministro perguntou certa vez ao Sr. Dod o que ele poderia dizer a alguém que estava saindo do mundo e não tinha consolo. Ele respondeu: “O que você diria ao próprio Filho de Deus que, quando estava morrendo, queixou-se de que fora abandonado?”. Como mencionei antes, é triste para a própria pessoa e para os seus parentes de quem ela se despede em tais expressões lamentosas. Sua partida dolorosa pode levar alguns deles também à sepultura em tristeza. Contudo, após todo o seu luto, eles podem encontrar alegria no Grande Dia; e suas tristezas mútuas em sua partida podem aumentar sua alegria quando se encontrarem novamente. Muitos crentes morrem com um som pavoroso nos ouvidos, como se fossem reprovados e rejeitados — a quem Deus, no entanto, abençoará, e que ouvirão uma sentença confortável imediatamente após sua dissolução.

Satanás persegue e caça muitos crentes como uma ave nos montes, os quais chegarão em segurança ao seu lar eterno, onde nem a malícia de Satanás nem seu rancor jamais entrarão. Muitos andam errantes aqui, como a pomba de Noé, não encontrando descanso, os quais Deus recolherá em Sua Arca. E embora pareçam ter caído no próprio ventre do inferno, contudo ressurgirão em uma imortalidade abençoada. E aqueles olhos que foram fechados com lágrimas verão o Senhor em paz. Não devemos julgar tais pessoas cujas tribulações continuam até o último momento de suas vidas. Pois, se foram santas em sua conduta, entrarão no repouso, ainda que por um caminho que é muito escuro e assustador. Moisés, pelo desagrado de Deus contra ele por sua provocação, morreu e não alcançou aquela Canaã que mui desejava possuir. Mas quando estava no céu, ficou plenamente satisfeito; e em seu Deus encontrou tudo o que podia desejar antes.

Perg. 2. Mas suponha que uma pessoa esteja transtornada [distrainda] com os terrores do Senhor e morra nessa condição lúgubre. A ira de Deus para com tal pessoa parece ser muito grande. Como isso é consistente com Sua promessa de que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que O amam? Uma pessoa transtornada não pode exercitar nenhuma graça, não pode pensar em Deus corretamente, não pode confiar-se a Jesus Cristo, nem colocar sua alma em qualquer postura adequada, pela fé e paciência, para a vinda de seu Senhor.

Resp. Isto está relacionado com a pergunta anterior. E o que eu disse então pode dar alguma resposta a esta. E, de fato, todo terror prolongado em um senso do desagrado de Deus é acompanhado de transtorno [distrainção]. Que homem pode ter seus olhos abertos para ver Deus contra ele (pensa ele), e ver o inferno preparando-se para ele (pensa ele), e contudo ter pensamentos calmos e quietos? Isso deve enchê-lo de horror e confusão. Deve eclipsar sua razão e colocar todas as suas apreensões em um fermento inexpressível, ao ver-se tão propenso a perecer. Ele não consegue cuidar de nada mais, nem pensar em nada mais senão em seu perigo e sua miséria. Isso sempre retorna; isso sempre o perplexa e o sobrecarrega.

Encontrei apenas um autor que tratou desta questão. E por causa de seu julgamento, seu aprendizado e o bom relato que ele tem nas Igrejas de Cristo, dar-lhes-ei a substância de sua resposta:

1. Isso pode ser para o bem dos outros. Não há muitas lições que aqueles que não são tão afligidos podem aprender de uma providência tão triste? Não podem aprender a admirar mais a bondade e a misericórdia de Deus para com eles, por não estarem no mesmo caso? E é um bem

para a própria pessoa, ainda que ela não o perceba, que ela seja usada como um instrumento para promover a glória de Deus.

2. Pode fazer-lhe o mesmo bem que a morte; isto é, livrá-la do mal vindouro, de contemplar tais tristezas sobre a Igreja, ou sobre seus amigos, que teriam sido um tormento diário para ela, e sobre as quais, estando privada do uso de sua razão, ela não pode refletir com uma dor tão grande como teria feito de outra forma. Ou,
3. Por este meio, o Deus sábio pode ter impedido sua queda em muitos pecados e tentações que poderiam ter sido mui prejudiciais aos outros e ter contaminado mais sua própria alma. E quem sabe se este não pode ser o caso da pessoa transtornada?

Assim, Leitor, estivemos viajando como que através de um deserto de serpentes ardentes. Você, se me permite dizer, fez-me companhia enquanto eu lhe mostrava como Deus guia Seus filhos através de um Deserto e da Casa da Servidão. Espero que não tenha sido sem algum proveito para algumas pobres almas atribuladas, por amor das quais especialmente insisti por tanto tempo neste assunto.

Na Parte seguinte, com a assistência de Deus, guiá-lo-ei para o lado mais brilhante da nuvem, onde você não encontrará coisas mui lamentosas, mas mui agradáveis.

PARTE II

(Sl 30:5)

No seu favor está a vida.

CAPÍTULO 1

A vida que desfrutamos pelo favor de Deus

Sobre os diversos tipos de vida que desfrutamos pelo favor de Deus; e em quais condições de nossa peregrinação atual ele nos revigora mais especialmente.

Nossa vida natural está no favor de Deus. Somos a obra de suas mãos, e sua bondade e generosidade mantêm continuamente o que ele criou a princípio. Sua Providência nos protege de inúmeros perigos. Ele nos dá comida e bebida, saúde e força; mas o seu desagrado rapidamente nos priva de tudo isso. Diz-se de todas as criaturas (Sl 104:28-29): *Dando-lhes tu, elas o recolhem; abres a tua mão, e se enchem de bens. Escondes o teu rosto, e ficam perturbadas; se lhes tiras o fôlego, morrem, e voltam para o seu pó.* É a este grande Deus que devemos nossa paz e abundância, nossas liberdades e todos os confortos que desfrutamos. Ele salva nossos corpos da peste e de longas enfermidades, e de tristezas que nos consomem e definham. Todo o deleite que temos em nossos amigos, em nossas famílias ou em nossos relacionamentos flui de sua bondade e de sua mera misericórdia. E é ele quem salva nossas casas do fogo, nossos bens dos ladrões e nosso país de guerras desoladoras. (Sl 30:7): *Senhor, pelo teu favor fizeste forte a minha montanha.*

Sendo o homem a criatura mais nobre e a mais dignificada em todo este mundo inferior, Deus designou as criaturas inferiores para servirem ao seu uso e ao seu deleite. O ar, como observa alguém, é o seu aviário; o mar e os rios, os seus tanques de peixes; os vales, o seu celeiro; as montanhas, o seu depósito. O primeiro oferece ao homem criaturas para nutrição, o outro, metais para aperfeiçoamento. Os animais foram criados para o sustento da vida do homem; as ervas, os orvalhos e as chuvas, para o mesmo propósito. Não há a coisa mais desprezível em toda a criação que não seja dotada de uma natureza para contribuir com algo para o nosso bem-estar, seja como alimento para nos nutrir quando estamos saudáveis, ou como remédio para nos curar quando estamos enfermos; ou como uma veste para nos vestir quando estamos nus e para nos armar contra o frio da estação; ou como um refrigerio quando estamos cansados; ou como um deleite quando estamos tristes. Tudo serve para a necessidade ou para o ornamento — seja para preparar nossa mesa, embelezar nossas habitações, mobiliar nossos gabinetes ou abastecer nossos guarda-roupas. *A terra está cheia das tuas riquezas* (Sl 104:24).

A vida espiritual está no Seu favor. É ele quem desenha os primeiros traços da nova criatura, e sua mão é que a leva à perfeição. Ele primeiro infunde um princípio vital na alma que está morta no pecado, e que a mantém depois contra todos os poderosos movimentos do pecado, e contra todos os estratégias e tentações do diabo. Por Sua própria graça, Ele elegeu o Seu povo para a salvação e, no tempo devido, dá-lhes Sua palavra e Seu espírito para vivificá-los, juntamente com todas as outras bênçãos da Adoção, Justificação e Santificação, que são o produto e o fruto de Seu Amor eletivo. A primeira vivificação e, posteriormente, aqueles exercícios de vida que os

Seus escolhidos realizam — o primeiro movimento e a força renovada que recebem para capacitá-los a andar em Seus caminhos — é dom Dele.

É o Seu perdão que concede uma nova vida aos Seus servos, quando eles estavam mortos perante a Lei e não podiam ver nada a seguir senão uma execução terrível. É o Seu favor que arquitetou o caminho de nossa fuga da morte através do sangue de Cristo, e que se agradou em aceitar os sofrimentos daquela Pessoa santa em nosso lugar. Aquela fé é de Sua própria operação, a qual nos une ao Seu Filho, a Fonte da Vida, e nos comunica influências vivificantes. (Jo 5:24): *Quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida.* Esta fé é de Sua concessão, a qual nos capacita a sermos moderados em nossa prosperidade e a carregarmos a cruz quando somos afligidos. Todos os atos que são fruto do novo nascimento, bem como o próprio novo nascimento, são obra de Suas próprias mãos. Pois ele dá tanto o querer quanto o realizar. Ele nos ensina a lutar contra nossos inimigos espirituais; e sendo Seu poder empregado por nós, ele nos faz obter a vitória.

Quando estamos desorientados, Sua Palavra é o nosso guia para nos dirigir. E quando estamos desfalecendo, temos muitas e grandes e preciosas promessas para reviver nossos espíritos. Quando estamos em trevas e quando estamos em perigo, ele é tanto o nosso sol quanto o nosso escudo. Seu vento sopra sobre nossos jardins e faz com que os aromas exalem. Ele excita e aviva nossas graças quando elas começam a definhar; e quando estamos mornos e frios, ele nos torna vivos e fervorosos na prática de nossos deveres santos. Pois (como alguém diz) o que a alma é para o corpo — para movê-lo às coisas naturais, para respirar, comer, andar e coisas semelhantes — o Espírito de Deus

é o mesmo em nossas almas — para nos mover às ações espirituais, tais como o temor de Deus, o amor para com ele e a confiança nele; e todas as obras de justiça, caridade, humildade, paciência e sobriedade, que são os movimentos da nova criatura. De modo que podemos dizer deste Espírito que ele é a Alma de nossas almas. Tire este Espírito, e a alma se assemelha a um corpo morto: não tem zelo por Deus, nem compunção, nem ternura.

Quando estamos desconsolados, um olhar bondoso de Deus nos faz ter bom ânimo. Quando nossos corações estão entorpecidos e nossos olhos estão secos, ele os derrete em lágrimas com o seu amor. Quando somos infrutíferos, ele envia o seu orvalho sobre nossos ramos para nos fazer florescer em seus átrios e parecer frescos e verdejantes. E quando estamos sob declínios espirituais, ele nos faz prosperar. Quando apostatamos, ele cura nossas apostasias. Através do Grande Mediador, Ele nos traz para perto e para uma comunhão consigo mesmo. Pois, quão distantes estivermos dele, tanto estaremos removidos da vida verdadeira e real. Quando erramos, ele nos chama de volta. Ele nos envia influências frescas e estabelece nossos passos quando nossos movimentos são como os de um corpo ferido, muito fracos e vacilantes.

A vida eterna está no Seu favor. Por isso se diz que a vida eterna é dom de Deus (Rm 6:23). (Sl 16:11): *Far-me-ás saber a vereda da vida; na tua presença há fartura de alegrias; à tua mão direita há delícias para sempre.* É ali que se diz que eles veem a Deus — pois a visão de seu rosto é o que torna o lugar tão glorioso e deleitoso. Sua ira é o que acende o inferno; a retenção de seu favor é o que o torna um calabouço tão escuro e sombrio — e a manifestação clara dele é o que compõe todas as glórias do Paraíso Celestial. Portanto, Jacó, quando teve uma visão do

favor de Deus para com ele, disse: *Este lugar não é outro senão a porta do céu*. Não concebam para si mesmos uma felicidade grosseira e material; ela está toda no amor e no favor de Deus. Vê-Lo enche todas as almas lá no alto de um deleite inefável; e ser privado deste privilégio bendito enche todas as almas em miséria de luto e lamentação. Para os seus santos, Deus será tudo em todos. Suas comunicações serão inteiras e plenas ali.

Como as criaturas são de ordens diversas, cada uma recebe sua porção do favor divino, diferente da de outras. Ele se comunica aos céus de modo diverso do que faz à terra; a um anjo de modo diverso do que a um homem. A terra tem uma imagem de Sua firmeza; o sol tem uma imagem de Sua beleza; os céus uma imagem de Sua imensidade; e assim por diante em outros. Mas não há criatura que tenha reunido em si mesma todos os raios das comunicações de Deus. Será diferente no Paraíso. Ali Deus será todas as coisas nos santos, e eles serão cheios de seu favor. E como ele (o Sr. Claude) diz adiante:

“Deus não é assim tudo em todos nos fiéis aqui. As perturbações de nossa consciência, a fraqueza de nossa fé, os desfalecimentos de nossa devoção, as sombras de nosso conhecimento — nossos pecados, nossas misérias, nossa enfermidade e nossa morte — são os frutos da queda e da malícia do diabo. Mas naquela felicidade lá no alto, não haverá nada de nós em nós; nada da impressão do diabo. Tudo será de Deus. Nossas sombras serão engolidas por sua luz, e nossa fraqueza por seu poder. É um estado de glória; e a glória é uma mistura de todas as bênçãos de Deus, em um grau soberanamente perfeito.”

Aquele país lá no alto é, de fato, a terra dos viventes. Eles vivem e nunca morrerão. Mas esta terra é uma região e um lugar de morte. Pois, além daquela morte que é natural, a maioria dos

homens está morta no pecado. E, verdadeiramente, mesmo aqueles que estão vivos têm apenas uma vida fraca e desfalecente. Ali os santos serão admiradores da graça e do favor de Deus: que, após várias dificuldades, inúmeras tentações e medos esmagadores, Ele finalmente os trouxe àquele lugar feliz. Para o pobre santo trêmulo que se pensava rejeitado e abandonado por Deus, encontrar-se em Seus braços, em Sua presença, em Seu céu, quão grande será sua alegria e louvor! Como ele atribuirá toda a sua vida ali ao mero favor e graça de Deus, que o libertará, quando por seus muitos pecados ele merecia estar atado em correntes eternas! Isso o fará cantar aleluias, enquanto outros choram e lamentam para sempre! Como ele admirará aquela graça que o colocou no céu, quando tantos outros estão no inferno! E admirará ainda mais quando considerar que esta distinção de estados foi feita livremente; que a coroa que adornará sua cabeça foi dada gratuitamente!

Como cada olhar para Deus encherá sua alma com uma alegria maravilhada, porque Ele deu livremente o seu Filho! Como cada visão de Cristo aumentará seu espanto, quando considerar que Ele assumiu livremente a obra bondosa de sua redenção; que ele livremente derramou seu sangue e pagou a dívida que o próprio pecador nunca poderia pagar; e que ele livremente deu o Espírito e ofereceu aquela salvação em termos fáceis, sem dinheiro e sem preço, a qual lhe custou mui caro! Todos os santos lá no alto adorarão continuamente as riquezas de Sua graça que os admitiu na glória, quando mereciam ser excluídos como outros foram; que eles eram deformados, até que ele colocasse sua beleza sobre eles; que estavam sujeitos à morte, até que ele os justificasse; que estavam poluídos em suas naturezas, até que ele os renovasse; e morrendo, até que ele os fizesse viver! Nada aprenderam senão o que Ele lhes ensinou; nada tiveram senão o

que Ele lhes deu; nada fizeram senão o que Ele os capacitou a fazer. Assim, tudo isso deve ser maravilhoso aos seus olhos, desde o início do desígnio de Deus para sua salvação até a conclusão da mesma. E quando tudo estiver terminado, devem com altos louvores cantar: *Graça, Graça. Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus* (Ef 2:8).

O que o favor de Deus produz?

Primeiro, nenhuma misericórdia comum produz qualquer conforto sem o favor e o amor de Deus. *A tua benignidade é melhor do que a vida* (Sl 63:3). Se um homem tem tudo o que pode desejar — tudo o que é esplêndido e deleitoso, tudo o que pode agradar aos seus olhos ou satisfazer o seu apetite — mas não tem com isso o amor de Deus, então ele é um homem miserável. Pois isso misturará absinto e fel com todos os seus entretenimentos: pensar que Deus é seu inimigo; que essas bênçãos comuns podem terminar no inferno; e que por tudo o que come e tudo o que bebe, ele pode estar apenas sendo engordado para o dia da matança.

Ao permitir-se todas as gratificações carnavais com apenas um pouco mais de consideração, ele pode discernir uma espada de dois gumes que pende sobre sua cabeça, e ver um abismo abaixo que está pronto para engoli-lo e devorar todas as suas esperanças e alegrias; e que todos os seus confortos dependem do fio delgado da vida; e que há apenas uma pequena divisória entre ele e os ardores eternos. Como isso o enche de choque e consternação! Com medo e horror! E enquanto ele está mais jovial, pode ver uma escrita terrível na parede, que pode fazer seus joelhos tremerem e derrubar toda a sua alegria e prazer. Infelizmente! O que significa para um homem se todo o mundo

sorri para ele, mas ele está sob a ira e os franzires de testa de Deus? O mundo não pode protegê-lo da tempestade que se aproxima, nem livrá-lo do fogo consumidor.

Que pequena satisfação é para um malfeitor condenado que os participantes de sua maldade o aplaudam e o acariciem quando sua execução se aproxima, e o dia de sua morte põe fim a todas as suas esperanças? Que paz pode ter um pecador que tem o Senhor dos Exércitos contra ele? Como pode ele deitar-se com conforto quando não sabe se poderá acordar em chamas? Com que facilidade pode ele olhar para qualquer coisa que desfrutava, quando não sabe se no momento seguinte poderá ser destruído e perdido para sempre; e que seu próximo passo pode ser para a sepultura e para um lugar cheio de tormento? Que conforto pode ele encontrar no riso alto, na companhia alegre e nos esportes vãos, quando no momento seguinte pode estar em um lugar onde há choro, lamento e ranger de dentes?

Sem o favor de Deus, tudo o que há no mundo — todas as suas promessas, todos os seus prazeres, todas as suas amizades, todos os seus entretenimentos — são mera vaidade e aflição de espírito. Se um homem se banqueteia deliciosamente todos os dias, se bebe o vinho mais espumante, se obtém todas as especiarias do oriente e todas as riquezas do ocidente, isso não guardará seu coração das tristezas, nem o protegerá da ira vindoura. Essas coisas são muito gratificantes enquanto ele tem um corpo, enquanto pode ouvir, cheirar e saborear. Mas o que fará um homem que é estranho a Deus quando for transformado em um espírito? O que fará uma alma imortal quando todos esses bens corporais tiverem passado? Onde estará sua provisão? Qual será o seu entretenimento quando estiver alojado no mundo eterno; quando não mais ouvir a música que outrora encantava e gratificava seus sentidos; quando não mais vir aquelas belezas

que outrora admirava e pelas quais se apaixonava? Como sua alma, que não buscou nada além de uma felicidade temporal e carnal aqui, deve ser preenchida de inquietação e arrependimento, de angústia e desespero naquele estado de separação — ao ver-se despojada de todos os seus antigos confortos e não ter nada que reste que seja confortável! Estar cheia de desejos flamejantes e não ter nada com que apagar a chama furiosa!

Tudo o que é presente sem o favor de Deus é como a erva nos telhados; ilude-nos com uma falsa opinião de sua alta posição. Parece bela e verde, mas o ceifeiro não tem nada com que encher sua mão. Rapidamente murcha e desaparece. Mas com Deus está a Fonte da Vida (Sl 36:9), uma Fonte que nos supre com correntes vitais e não cessa de refrescar até que se misture com o rio de leite que alegra a Cidade de Deus (Sl 46:4). As glórias deste mundo logo são cobertas pela noite e pelas trevas; mas ele é um Sol que sempre brilha, e do qual não emana nada senão luz animadora e vivificante. É por isso que o pouco que o justo tem é melhor do que a receita de muitos ímpios (Sl 37:16). *Melhor é o pouco com o temor do Senhor, do que um grande tesouro onde há inquietação* (Pv 15:16). O seu pouco lhe é dado com uma bênção; e a multidão de coisas deles é acompanhada de uma maldição. Suas misericórdias temporais são as precursoras das eternas; ele prova uma doçura no que tem porque está certo de que flui do amor de Deus. Ele pode comer o seu pão com alegria e beber o seu vinho com um coração alegre, porque as suas obras são aceitas (Ec 9:7).

O favor de Deus é vida em todas as necessidades e aflições temporais. Nenhuma aflição pode ser suportada se um homem não vê que a bondade paternal de Deus ordena e dirige o cálice mais agudo e amargo. Como pode um homem aguentar na

tribulação, quando não sabe se ela pode ser o início das dores para ele? Com que pesar deve chorar um homem que não sabe se suas lágrimas serão algum dia enxugadas? Quão profundamente deve suspirar um homem que olha para o seu golpe como o golpe de um inimigo e o castigo de alguém cruel? (Jr 30:14-15). Mas agora o favor de Deus reconcilia a alma com Suas dispensações mais severas e misteriosas; e a ensina a silenciar sob Sua mão; e a crer que, embora ele esteja irado agora, não o será para sempre.

Quando uma pobre alma olha ao redor e vê vexação e tribulação em todo o mundo, este favor de Deus a encoraja a olhar para cima, onde encontra calma e repouso. Quando os homens em quem mais confiava se mostram traiçoeiros, e quando encontra as maiores decepções daqueles de quem esperava a maior bondade, então ele pode recorrer àquele Deus que nunca mudará. Quando é deixado sozinho e abandonado, a Presença Divina lhe dá mel no deserto e transforma seu calabouço em um paraíso. O que lhe falta nas criaturas é abundantemente suprido em seu bendito e glorioso Criador. E embora seja pobre no mundo, contudo é rico na fé (Tg 2:5). Embora não tenha nada na terra que possa chamar de seu, contudo que doce suporte é pensar que Deus é seu. Por que ele precisa se importar se for rejeitado por todo o mundo, quando Deus o recebe? Por que precisa se importar se o condenarem, quando o Soberano Juiz de todos o absolve e lhe ordena que tenha bom ânimo, pois seus pecados estão perdoados? Ele não precisa temer todas as ameaças ousadas, a insolência e o orgulho deles, quando pode olhar para cima com Estêvão e ver Jesus à direita de Deus para pleitear sua causa.

Embora perca seus amigos e seus confortos terrenos, contudo tem um amigo Onipotente que nunca poderá perder. Cada

correção é gratificante para uma alma assim privilegiada, pois, por mais desagradável que seja no presente, ele sabe que promoverá seu bem final (Rm 8:28). Ele sabe que seu Pai celestial o educa por uma disciplina tão aguda para o Seu próprio Reino glorioso; e ele confia em Sua promessa fiel de levá-lo até lá. Ele sabe, quando está mais dolorido, que está sob a conduta de um Médico terno e habilidoso; que, embora examine sua ferida, não deixará de avançar e completar sua cura. E, portanto, encoraja-se a confiar Naquele a quem louvará como a saúde do seu rosto e o seu Deus. Ele sabe que, quando for derrubado pela enfermidade, os braços eternos estarão por baixo; e que será fortalecido com vigor em sua alma quando seu corpo começar a definhar. Mas agora, sem o favor de Deus, cada pequena cruz prova ser um fardo pesado demais para carregarmos. Quando um homem pensa consigo mesmo: “Estas dores que sinto são as feridas de um inimigo”; quando um homem vê apenas o que é lúgubre, escuro e perturbador, e não tem perspectiva de um alvorecer ou de uma luz que se aproxima, quão triste e quão sobrecarregado ele deve estar? Que pequena coisa nos afundará quando o Consolador, que deveria aliviar nossas almas, se retirou? (Lm 1:16).

Este favor de Deus é vida para nós nas perturbações de nossa consciência; e não há perturbações no mundo como estas (Sl 88:3-4). Em todas as outras tribulações, nossos amigos podem mitigar nossa dor por seus discursos bondosos e suas expressões de piedade; mas como podem eles falar paz, quando Deus declarou guerra contra nós? (Jó 34:29): *Se ele dá quietude, quem então a inquietará? Se encobre o rosto, quem então o poderá contemplar?* Quando Ele, em seu justo desagrado, levanta uma tempestade, quem pode tornar a água mansa novamente? Uma vez que o sol se pôs, pode todo o poder da natureza fazê-lo

nascer de novo? Outras tribulações fazem o corpo definhar, mas estas fazem a própria alma esmorecer e consumir-se.

O que, senão o favor de Deus, pode nos reviver quando, sob o senso do pecado e da culpa, nossos corações começam a morrer dentro de nós? Quando nossos pecados são postos em ordem diante de nós, quem pode nos livrar da visão formidável? Quem senão Ele pode ensinar nossas mãos a lutar e a obter a vitória? Quando somos despertados com o senso de Sua ira, com o medo do inferno e da destruição, quem pode fechar nossos olhos novamente? Quando estamos sob estas feridas internas, quem pode derramar óleo, quem pode enfaixá-las ou curá-las, senão Ele sozinho? Quando nossas consciências nos acusam por nossos pecados antigos e recentes, quem então pode pleitear nossa causa? Quem pode estar do nosso lado quando o próprio Deus nos derrubou? Quando a Lei espiritual e santa nos mata, quem pode nos dar vida? Quando a Palavra pronuncia uma sentença terrível contra nós, quem é capaz de revertê-la? Quem no céu ou na terra pode ser nosso ajudador, se não encontrarmos ajuda em Deus? Quem nos dará qualquer conforto quando, através dos terrores de nossas almas, estamos olhando para a ira vindoura? Quem nos dará descanso quando nos deitamos e levantamos novamente com o senso da fúria e do desagrado do Senhor? (Dt 28:66-67). Quando uma alma desabafa continuamente seus medos pressagiadores e diz: “Agora estou perturbada, mas em breve estarei em tribulação muito maior. Agora estou com meus amigos, mas pode ser que em breve estarei com demônios. Agora estou na terra, mas pode ser que em breve estarei no inferno”.

Agora o favor de Deus traz vida à alma agonizante. Um raio de seu favor faz o pranteador desconsolado deixar de lado suas vestes de luto e se alegrar. Após longos terrores, quão doce é a

voz de Deus que traz a notícia de um perdão? Quão bem-vindas são as notícias de um perdão para um malfeitor no próprio local da execução. E quando Deus nos tirou das águas profundas e do poço de lodo, nossos próprios ossos começam a se regozijar. Espalha-se uma alegria sobre cada parte ao pensar que Aquele a quem tínhamos tão altamente ofendido ainda se reconciliará novamente; isso nos eleva até ao transporte e ao espanto. O quê, será Ele gracioso e misericordioso para com tais como nós? Não é agradável, após uma longa guerra, estar em paz; após o trabalho duro, descansar; após uma longa jornada, chegar ao nosso lar? Assim será, após uma longa escuridão, ver o rosto de Deus brilhar sobre nós novamente. Como disse uma vez uma devota Senhora:

“Encontrei aquele a quem buscava; o amor da minha alma e a alegria do meu coração; Meu Senhor e meu Deus. Agora minhas alegrias retornam; agora contemplo o rosto de Deus e sinto Seus confortos no serviço e adoração a Ele. E, portanto, cada hora parece cinco até que a hora da oração chegue; até que, por contemplações e meditações, eu traga o meu Deus para a minha alma. Eu desejaria que cada um dos dias para a adoração solene de Deus fosse um dia de Josué. O mais longo é curto demais para mim; e minhas horas habituais de devoção e meditação são um confinamento estreito demais para elas. E quando sou revigorada com os confortos de Deus, meu coração se dilata ainda mais ao olhar para as alegrias do céu. Pois se há tal alegria durante o tempo da sementeira, quão infinita é a alegria da colheita.”

O que pode ser maior, mais delicioso e mais confortável do que descobrir que o Sol da Justiça brilhará sobre nós com Seus raios curadores, assegurando-nos de Sua graça aqui e de Sua glória no mundo vindouro? Ver que o inferno e aquela maldição da Lei em

que pensávamos estar envolvidos estão sob nossos pés! Ver o jugo do pecado quebrado e o poder da morte abolido! Ver o santuário celestial aberto e Cristo, nossa salvação, no trono, estendendo Sua mão para nós e nos guardando para aquela felicidade que Ele comprou com Seu sangue! Oh! quão frios e quão miseráveis são todos os deleites do mundo diante de uma visão tão deleitosa como esta? E quão feliz é o povo cujo Deus é o Senhor! nenhuns prazeres, nenhuns confortos das criaturas, nenhuma canções alegres podem dar quietude a uma alma atribulada sem o favor e o amor de Deus. Até que Ele venha, todos os outros métodos apenas tornam as nuvens mais negras e aumentam nossas tristezas.

Seu favor é vida nos veementes assaltos e tentações do diabo. Quando o homem forte e armado vem contra nós, quando ele lança seus dardos inflamados, o que pode nos ferir se Deus nos cercar com sua benignidade como com um escudo? (Sl 5:12). Ele pode desarmar o tentador, restringir sua malícia e esmagá-lo sob nossos pés. Se Deus não estiver conosco, se ele não nos der graça suficiente, então um inimigo tão sutil, tão poderoso, tão astuto será forte demais para nós. Quão certamente somos derrotados e levamos a pior quando pretendemos lutar com ele em nossa própria força. Quantas quedas, e quantos ferimentos por essas quedas, sofremos por confiar demais em nossa própria habilidade? Quantas vezes tivemos a ajuda de Deus quando a pedimos humildemente! E quão certos estamos de obter a vitória se Cristo rogar por nós para que nossa fé não desfaleça! (Lc 22:31). Para onde podemos ir em busca de abrigo, senão para Deus, nosso Criador! Quando este leão da floresta começa a rugir, como ele nos aterrorizará e afligirá até que Aquele que lhe permite nos perturbar por um tempo se agrade em acorrentá-lo novamente!

O favor de Deus é vida, mesmo na própria morte. Ele cura todas as desordens da alma. Ele a desmama do corpo e torna a passagem para outro mundo doce e fácil. Ele pode tirar o aspecto pavoroso e fantasmagórico da morte e conceder-lhe um olhar agradável e amável. É por isso que se ouve frequentemente pessoas doentes dizerem: “Oh! Se eu tivesse apenas o favor e o amor de Deus, eu poderia estar livremente disposto a morrer mesmo neste momento! Se eu tivesse apenas o Seu amor, eu poderia suportar todas estas dores e submeter-me tranquilamente, embora tenha noites inquietas e dias cansativos. Pois então eu estaria certo do descanso eterno”.

É o nosso distanciamento de Deus que nos faz viver em servidão todos os nossos dias. E quando chega o nosso tempo de morrer, isso nos torna tão relutantes em partir. Este senso do desagrado de Deus torna o leito de morte um leito de dor; e faz da morte, de fato, o Rei dos Terrores. Quem pode deixar de tremer quando se vê deixando este mundo e não sabe qual será sua porção no próximo — quem se vê indo para o Tribunal, mas não sabe se será absolvido ou condenado ali! Quantas vezes em nossa enfermidade os próprios pensamentos da morte nos cortam até a alma, porque nossos espíritos estão nublados e nossa evidência de salvação partiu antes mesmo de partirmos — de modo que ficamos tremendo nas fronteiras da eternidade e de bom grado ficaríamos na terra, embora não possamos?

O que, senão o favor de Deus, nos ajudará? Quando o nosso coração e a nossa carne falham, Ele será a fortaleza do nosso coração e a nossa porção para sempre (Sl 73:26). O que, senão isto, nos acompanhará pelo vale das sombras? Como podemos nos separar de nossos amigos, se Deus não for nosso Amigo? Como podemos deixar este tabernáculo terreno se não tivermos uma casa não feita por mãos? (2Co 5:1). Como olharemos para

uma mudança tão vasta como a do tempo para a eternidade, se não formos trocar esta vida mortal por uma melhor? Mas um sorriso do rosto de Deus naquela grande e conclusiva obra nos guardará, de modo que não teremos medo de morrer. Um antegozo do céu nos fará, com corações destemidos, dizer adeus a este mundo pecaminoso. Nós então, como Moisés, nos despiremos e morreremos. Desceremos à sepultura com a mesma alegria com que Jacó foi para o Egito — porque o nosso Mediador e nosso Irmão mais velho vive, e Ele fez boa provisão para nós. Não teremos medo de nos deitar no pó, uma vez que tenhamos a esperança de uma ressurreição bendita e gloriosa. E o dia de nossa morte será um dia confortável, se o nosso bendito Senhor se agradar então em nos dizer que, no mesmo dia, estaremos com ele no Paraíso.

CAPÍTULO 2

Sobre o céu e o inferno

Inferências do Favor de Deus.

Sobre o céu e o inferno, e sobre aquela morte espiritual que se apoderou da maior parte do mundo. E também a razão pela qual as pessoas boas estão muitas vezes mui dispostas a morrer; e sobre a inescusabilidade e miséria daqueles que estão sem o favor de Deus. E por que alguns crescem na graça mais do que outros e são mais fervorosos por uma parte no amor de Deus.

Inferência 1. Que lugar bendito e glorioso é o céu, que está cheio do favor de Deus! *A cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem iluminado, e o Cordeiro é a sua lâmpada* (Ap 21:23; 22:2-5). É a terra dos vivos, e por isso não é de admirar que a morte

nunca entre ali. Mas aqui Ele é um Deus que se esconde. Ele está escondido sob o véu das criaturas, sob uma abundância de providências misteriosas. Pois, embora o Seu trono esteja estabelecido em justiça, contudo nuvens e trevas o rodeiam (Sl 97:2). “Raios de Sua glória irrompem por toda parte através de cada criatura, providência, lei e ordenança Sua. No entanto, muito de Sua glória que brilha na criação está escondido por um trem de causas secundárias, através das quais poucos olham para a Causa Primeira”. Sua obra no mundo é realizada em mistério. Seu interesse vive, mas é oprimido. Aqueles que Lhe são devotados são sustentados, de fato, por Sua mão invisível. Mas, entretanto, eles estão abatidos, na maior parte, e aflitos.

Mas naquele estado eterno, o véu será rasgado. Ele se mostrará de uma maneira mais brilhante. Sua glória brilhará com raios diretos e agradáveis para todos os olhos que contemplam e admiram. Ali Ele dará as comunicações plenas e satisfatórias de Seu amor que alegrarão, satisfarão e refrescarão uma vasta multidão de espíritos gratos e adoradores. Aqui as almas dos homens bons são abatidas pelas deturpações de Satanás e pelos frequentes ciúmes e suspeitas de suas próprias almas culpadas. Mas ali o verão como Ele é; e o que aumentará sua alegria é ver que Ele é o seu próprio Deus para sempre. Nenhuma tempestade molestará sua paz ali; nada interromperá sua calma eterna. Nem um pensamento vão, tumultuado, queixoso ou inquieto assaltará seus corações pacíficos e quietos para sempre. Não mais clamarão: *Acabou-se para sempre a sua misericórdia? Esqueceu-se Deus de ter graça?* (Sl 77:8-9). Pois estarão com Ele em Sua própria presença.

Aqui Sua família é composta de várias crianças angustiadas e pranteadoras. E quando alguns O louvam, seus louvores são perturbados pelos gemidos de outros, ou por seus próprios

pecados. Mas ali todos estarão revestidos de louvor, e ninguém ficará doente ou morrerá. Se soubéssemos apenas que havia um lugar no mundo onde as pessoas nunca morrem, o amor que todos têm pela vida os levaria a inquirir como poderiam chegar lá. Este país é o céu. Ali a morte, o medo e a consternação são banidos para sempre; para lá deveríamos levantar nossos olhos; para lá deveríamos dirigir nossos corações. No céu, o favor de Deus brilha com um brilho sem nuvens. Aqueles que são habitantes daquele lugar santo estão empregados em uma assistência honrosa ao seu poderoso Rei. Não precisam, não desejam nenhum daqueles prazeres que estão aqui embaixo, não mais do que os favoritos de um Príncipe desejam uma posição inferior, ou uma cabana mais pobre, ou algum retiro obscuro e desamparado.

E infelizmente! o que são todos os nossos prazeres e nossos entretenimentos mais esplêndidos comparados àquele Pão e àqueles alegrias espirituais e intelectuais de que se alimentam os anjos e as almas glorificadas! A primeira hora, o primeiro dia de alegria ali é melhor do que uma era de alegrias aqui embaixo. Se um dia passado em Seus átrios, em Seu amor e louvores aqui, é melhor do que mil em outro lugar, o que será um dia no céu! Ali não viveremos de coisas inferiores a nós mesmos; não teremos contentamentos parcos ali, nem preocupações desonrosas. No favor e na visão de Deus teremos o gosto de todas as excelências e deleites, sem a mínima mistura de mal. E que transportes teremos quando chegarmos à visão plena Daquele cuja visão, mesmo a esta distância, nos era tão doce e confortável! — quando, após todas as nossas dúvidas, nossos medos e nossos pensamentos tristes, descobriremos que, através de muitos perigos, ganhamos o nosso porto.

Inferência 2. Se o favor de Deus é vida, então Oh! que lugar lúgubre é o inferno, onde este favor nunca chega! (Jó 10:22). Quão negra é a escuridão deles, e quão longa e tediosa é a sua noite que nunca terá o alvorecer do dia! Oh! quão terrível e quão pavorosa é a segunda morte! Uma morte que atormenta a alma separada! Uma morte que a bane da presença do Senhor! Uma morte que a exclui de toda visão confortável de Deus! Ali os condenados O veem como um Juiz, sentem Seus terrores pavorosos. Mas, se pudessem, eles de bom grado se envolveriam em trevas e nunca veriam um Deus tão franzino e terrível. Há angústia, e ai, e tribulação; e o gemido e clamor contínuo daquele lugar é: “Deus se afastou de nós para sempre. Seu rosto e Sua luz alegam Seus santos; mas a nós nos abrasa e nos põe a todos em chamas”. Esta é a linguagem de sua miséria: que Deus não lhes mostrará nenhuma piedade; que Ele é surdo aos seus clamores, e em Sua ira eterna fechou Suas compaixões que outrora se moviam por eles; que outrora Ele de fato se reconciliaria, e eles não quiseram. E agora nunca mais terão uma oferta de Seu favor. Oh! pobres almas abandonadas! O que farão aqueles que não têm Deus para lhes dar ajuda, nenhum Mediador para pleitear sua causa, nenhum Médico para enfaixar suas feridas, nenhuma mão bondosa para lhes dar o menor conforto! — nada senão ira, e nenhum amor; nada senão vingança e destruição, e nenhuma misericórdia com isso!

Os servos de Deus nunca provam tanto do inferno quanto quando Sua face está escondida. Isso traz sobre eles desolação, terror e as próprias agonias da morte. Vez ou outra eles têm algum suporte aqui, alguns pequenos raios de luz; mas naquele lugar lúgubre, não há nada senão tristeza e desespero. Aqui, Cristo Se interessa por todas as tentações de Seus servos; Ele

simpatiza com eles e, no tempo devido, envia-lhes alívio. Mas Ele nunca Se interessará pelos condenados, nem lançará sobre eles um único olhar gracioso. Eles caíram, e Ele não os levantará; pereceram, e devem perecer; eles têm sede, de fato, mas nunca terão uma gota de água para refrescar suas línguas.

O que farão as pobres criaturas quando forem sobrecarregadas com a ira Daquele que é Onipotente! Oh! quão altos serão os seus clamores! E quão pavorosas as suas queixas quando, após milhões de anos terem passado, ainda tiverem outros tantos por vir! Quando tiverem sido por muito tempo fustigados no lago de fogo, nunca estarão mais perto da margem; nunca ouvirão uma palavra de conforto da boca de Deus! Oh! quão alegres ficariam se tivessem um único sorriso de Seu rosto, um único dia de refrigério! Mas não pode ser; o abismo está fixado, e a sentença é irrevogável. (Is 27:11): *Aquele que os fez não se compadecerá deles, e aquele que os formou não lhes fará nenhum favor.* Oh! o que se pode pensar de mais desolado do que ser abandonado por Deus! — ser abandonado por Deus, em quem somente está a vida, e ser lançado nas trevas exteriores! E qual será a consternação do Grande Dia, quando Ele disser aos ímpios: *Apartai-vos de mim!* etc. Ouvir aquela voz e aquela palavra, *Apartai-vos de mim*, será o inferno deles. Eles não serão capazes de desviar seus pensamentos da contemplação de suas próprias misérias, nem seus olhos da visão daqueles objetos que os encherão de dor e horror, e eles mesmos serão abomináveis. Pois que coisa desprezível e deformada, mesmo agora, é um anjo apóstata que está despojado da vida de Deus!

Inferência 3. Se a vida está no favor de Deus, então a maior parte do mundo está morta. Pois a maioria está alienada Dele por suas más obras; a maioria está estúpida e insensível, em um sono profundo, e são Seus inimigos. *A que vive em prazeres, embora*

vivendo, está morta (1Tm 5:6). E se este é um sintoma e uma marca de morte, então quantos mortos temos entre nós! Quantos que encontram tempo suficiente para seus jogos, seus esportes e suas recreações, e não encontram tempo para invocar o Senhor e buscar o Seu favor! Quantos comem, bebem e se alegram, mesmo quando suas almas estão no maior perigo e o seu Criador é o seu inimigo! É um sinal de que, quando são tão pouco sensíveis ao seu maior interesse, e têm tão pouco gosto e apreço pelas alegrias divinas, estão espiritualmente mortos.

Quão maior é o número dos mortos do que o dos vivos! Quantas famílias estão sem oração, sem qualquer senso de Deus, e nas quais toda a família está morta! E naquelas famílias onde alguns estão vivos, quantos ainda não foram vivificados! Quantos pais piedosos estão pranteando por seus filhos moribundos, aos quais não podem trazer à vida! Eles os veem caminhando para a sepultura, e todas as suas súplicas, todas as suas lágrimas, todas as suas orações não podem trazê-los de volta! E em nossas congregações, quantos há que têm, de fato, nome de que vivem, mas estão mortos! (Ap 3:1). Que nunca estiveram seriamente empenhados em sua salvação! Que deixam dias e anos rolarem sobre suas cabeças sem preocupação, e nunca estão mais perto do céu na conclusão do ano do que estavam no início dele! Podem, de fato, ter levantado cedo e se deitado tarde; mas todos os seus cuidados foram para o corpo, como se não tivessem alma. Eles se tornaram curvados de tanto olhar para baixo, e são tão terrenos e sensuais como se não tivessem um céu com que se ocupar. E que coisa desanimadora é para os ministros descobrir que gastam seu trabalho falando aos mortos, e que estes, em grande medida, permanecem mortos! Embora os ministros não o façam sem esperança de que, em algum momento ou outro, seu

Mestre lhes dirá, como disse ao Profeta sobre os ossos secos (Ez 37:1-4).

Oh! que peste há entre nós, e não a sentimos! Cabelos brancos se espalham aqui e ali sobre nós, e não o percebemos! Quantos cativos o príncipe das trevas possui, que de modo algum se entristecem com seu próprio cativo! Quantos são estranhos ao favor de Deus, que nunca viram Seu rosto reconciliado, nunca sentiram as influências vivificantes de Seu Espírito até o dia de hoje! E contudo se alegram como se tudo estivesse seguro e bem! Assentam-se para comer e beber, e levantam-se para folgar; e no meio dessas diversões, a morte se apodera de seus corpos. E quando seus corpos morrem, suas almas morrem e estão além de nossa ajuda. Oh! meus amigos, se vocês têm alguma vida, alguma compaixão, revistam-se das simpatias de Cristo e levantem uma lamentação pelos mortos.

Inferência 4. Por que os bons cristãos estão tão dispostos a partir deste world. É porque o favor de Deus é a vida deles; e quando morrem, vivem novamente. Porque não podem ver a Deus e viver, contentam-se em morrer para que possam desfrutar da visão bendita. Lembram-se muito bem de que são estrangeiros e peregrinos na terra; que a aflição é tão própria deste mundo quanto o calor no verão e as tempestades e a neve no inverno. Sabem que, por mais grosseira que seja sua comida, por mais duro que seja o tratamento que encontrem, estão viajando para sua pátria mais querida; e cada um daqueles Santos Peregrinos no caminho para Sião está continuamente clamando (como diz alguém) desta ou de maneira semelhante:

“Quanto a ti, ó Cidade de Deus, quão grande e quão transcendente é a tua beleza! Nada além de ti eu desejo. Não penso em nada além de ti. Anseio, tenho sede, suspiro por tua

felicidade. Como anseio por ti, tu, herança certa de prazeres que nunca fenecem! Ó! Paraíso, tu és a recompensa de minhas viagens e o único alvo de todas as minhas esperanças. Com que alegria eu deixaria estas habitações de barro para habitar em tuas mansões eternas e deleitosas! O que eu não daria para desfrutar da liberdade de teus cidadãos! Ó! Jerusalém, Jerusalém, quando deixarei esta Casa ruínosa e abalada! Oh! quem me dera asas como de pomba! Pois então voaria e estaria em descanso. Oh! quando, quando chegarei ali? Quanto tempo passará antes que eu entre no átrio do céu!”

Oh! quantos sobre quem o rosto de Deus brilhou confortavelmente ansiaram por partir e estar com Ele? Eles suportam todas as decepções e vexações na esperança disso. E a dor e a enfermidade são bem-vindas porque são como as rodas de seus carros, conduzindo-os para mais perto de seu lar. Tais como estes são como um navio bem carregado que está pronto para zarpar e espera apenas que um vento favorável se apresente. Eles não morrem de surpresa. Pois estes felizes viajantes rumo à glória estão sempre na estrada que leva ao lugar bendito lá no alto. A morte não lhes é pavorosa, porque muitas vezes meditaram no que significa morrer e no que é exigido para uma mudança tão vasta. Há, de fato, uma grande quantidade de coisas formidáveis na morte — a separação da alma, as muitas dores precedentes e um exército inumerável de tristezas e dores que marcham diante do Rei dos Terrores — tudo o que estas pessoas santas superam pela fé. Elas sabem que Cristo tirou da morte todas as suas qualidades venenosas e prejudiciais.

A distância de Deus é a tribulação de todas as pessoas boas. E quando Ele Se mostra, elas se alegram; assim como quando Ele Se esconde, elas pranteiam. E por isso muitas pessoas religiosas, ao morrerem, foram ouvidas dizer:

“Eu não desejaria agora, por todo o mundo, estar sem um interesse em Cristo. Sempre o achei um bom Mestre, e ainda o acho. Ele tirou o agulhão da morte, e estou disposto a ir para a Casa preparada para todos os vivos. Pois o meu Senhor esteve lá antes, e perfumou e santificou a sepultura. Ó Sepultura, tu pareces ter um aspecto terrível para a carne e o sangue, mas não para a fé; e eu te dou as boas-vindas como o caminho para a Glória. Entrego-te o meu Corpo, para que o guardes seguro até a ressurreição, quando minha alma, que agora entrego nas mãos do meu Salvador, virá buscá-lo de volta.”

Com o senso deste favor de Deus, os mártires perseveraram tão alegremente e olharam para o dia de sua morte como o dia de sua coroa. Este favor os fez desprezar as ameaças e os frangimentos de testa dos tiranos, e toda a sua raiva e fúria. Por isso foram para a fogueira ardente como para um leito de rosas, porque sabiam que Deus estaria com eles ali. Na esperança de Sua aceitação, velhos e jovens, matronas graves e virgens ternas abraçaram as estacas, beijaram as chamas e morreram livremente. E se alegraram e olharam com um semblante imóvel para todas as preparações da morte, enquanto aqueles que eram espectadores de sua paciência não podiam olhar para eles sem que os olhos transbordassem. A eles disseram:

“A morte seria pavorosa se não olhássemos além; mas ela nos conforta quando vemos as coroas, os aleluias e as glórias que nos esperam do outro lado. Isso nos livrará de um mundo mau, de nossos corações corruptos e de todos aqueles pecados sob os quais há muito gememos. Isso nos levará Àquele a quem todos os nossos dias ansiamos ver. Nossos amigos nos pranteiam aqui, mas os anjos estão esperando por nossas almas e ficarão alegres em conduzi-las ao seu Senhor Cristo e nosso.”

E em conformidade com isto, aqueles Quarenta Mártires que Basílio e tantos dos Padres celebram, encorajavam uns aos outros. Quando nem promessas nem ameaças prevaleciam para fazê-los abandonar o seu Deus, foram condenados a serem expostos sobre o gelo, para serem mortos pelo frio. Quando contemplaram o lugar, lançando fora suas vestes, correram para ele com deleite, não como se estivessem indo para a morte, mas para colher os despojos da vitória. “Junto com nossas vestes”, disseram aquelas almas felizes, “despiremos o nosso velho homem, o nosso pecado e todas as corrupções de nossa natureza. Que grande coisa é se o servo sofre o que o seu Senhor suportou antes! Nós fomos a causa de Ele ter sido despido e afligido. O frio”, diziam, “é incômodo, mas o Paraíso é doce. Este gelo nos aflige; mas o descanso ali nos deleitará. Suportemos este frio um pouco mais, e o calor do Seio de Abraão nos refrescará para sempre. Trocaremos esta noite amarga e tempestuosa por um dia eterno. Voltemos as costas para o mundo; e visto que temos de morrer uma vez, morramos agora para que possamos viver. E ó Senhor, sejamos aceitáveis a Ti quando formos oferecidos a Ti por esta morte dolorosa”. Assim suportaram na noite fria, regozijando-se na esperança da Glória. Que prodígios de coragem e de zelo foram produzidos pelo senso do favor e do amor de Deus!

Inferência 5. Quão inescusáveis são aqueles que recusam este favor de Deus, no qual somente está a vida! Quem escolheria ser um mendigo, quando poderia ser o favorito do Rei? Quem escolheria abraçar um monturo, quando poderia ser tratado com abundância e todas as acomodações adequadas? Quem escolheria estar doente ou cego, quando poderia receber a visão? E contudo este é o triste caso dos pecadores! Deus seria o amigo deles, e eles não O querem como tal; Ele os salvaria, e eles não

querem ser salvos; Ele os abençoaria, e eles escolhem ser amaldiçoados.

Quantos há que preferem uma concupiscência a um Salvador, e a terra ao céu, e o aplauso de seus companheiros vãos e embrutecidos à aprovação do Juiz que tudo vê? Ó pecadores cegos! Por que lançam as mãos sobre vocês mesmos e fazem tudo o que podem para privar suas almas da vida? “Que coisa triste é”, como diz alguém, “negar sustento à sua própria vida! O fôlego de Deus está em você; o que será feito daquele que mata de fome o filho de um Príncipe?”. O que temos de valor comparável ao vigor espiritual, agilidade, coragem e paz de alma? E haveremos nós, que temos uma porta de vida, de oferecer ao mesmo tempo desprezo à bondade divina e violência à nossa própria vida, por não usarmos o que Deus colocou em nossas mãos para o nosso alívio? Há tanto atrativo na destruição e tanta beleza nas chamas eternas que vocês não conseguem deixar de ir para lá? Por que deixam suas almas morrerem de fome enquanto planejam gratificar a carne? Por que continuam a servir ao diabo e aos seus próprios pecados? São eles tão bons mestres, pagarão tão bem no final? Estão contentes em ter os prazeres do pecado por uma temporada, embora percam sua parte no Paraíso?

Oh, que reflexões amargas isso causará no futuro, sobre uma escolha tão má — quando você levantar seus olhos em miséria e vir o Reino do céu ao longe, e disser:

“Uma vez me foi oferecido aquele Reino e aquelas alegrias, e eu não os quis. Estive uma vez perto da salvação, mas a desprezei. Eu poderia ter tido o favor de Deus, e não o quis. Ó meus malditos pecados! Como vocês me enganaram! Prometeram-me deleite e trouxeram-me amargura e ai. Prometeram-me

segurança e fizeram-me perecer. Oh, que algum anjo, ou algum santo, fosse enviado para me trazer algum alívio! A palavra de Deus me falou daquela Glória; Seus ministros me imploraram encarecidamente que me preparasse para ela; meus Amigos estavam sempre me pedindo para deixar meu caminho ímpio; minha consciência me repreendia por isso. E contudo eu rompi todas essas exortações e repreensões; e assim vim carregado de culpa para a miséria eterna. Eu estava em meus jogos e esportes quando deveria estar de joelhos. Eu de fato tive tempo, força, saúde e muitas ajudas e vantagens. Oh, se todos os meus dias eu tivesse vigiado, lutado e negado a mim mesmo; então não teria vindo para este lugar de tormento! Oh, que o meu sol nascesse de novo! Oh, que eu pudesse ter outra prova e mais tempo! Mas infelizmente! o Juiz é meu inimigo. Ouvi minha sentença, e Ele não mudará Seu propósito! Estou condenado, estou perdido para sempre!”

Ó pecadores! Se vocês não querem cair em tal estado desesperador, agora, sim agora, busquem a face de Deus. Já não gastaram tempo suficiente no pecado, andando na imaginação de seus próprios corações e à vista de seus próprios olhos? Já não amaram seus prazeres tolos por tempo suficiente? Ó! Venham! Deixem as tendas da impiedade; venham e amem o seu Deus, pois Ele está pronto a recebê-los; venham a Ele, e todos os seus pecados serão perdoados! Ó, não permitam que a própria misericórdia, que fala aos seus corações, seja negada. Quem será um amigo tão bom quanto Deus? Quem permanecerá com vocês quando a própria vida se for? E agora, certamente, o coração de algum pecador ou outro começa a ceder. Alguém está dizendo para si mesmo:

“Embora eu nunca tenha orado em segredo antes, agora começarei a orar. Embora tenha perdido uma abundância de

minha juventude e de minha saúde, lutarei para não perder mais nada. Adiei Deus e minha consciência com desculpas vãs e demoras, mas não os adiarei mais. Aquele que me deu a vida terá meus pensamentos, meu coração e meus esforços. E sempre admirarei as riquezas de Seu amor, se Ele perdoar tal malfeitor, e condescender com tal verme, e acolher tal pródigo como eu tenho sido.”

Inferência 6. Em que condição lúgubre estão aqueles pobres pecadores que estão sem este favor de Deus! A quão grande perigo estão expostos todos os dias! E não o sabem, o que é parte de sua miséria. A morte espiritual fechou seus olhos, e eles não veem para onde estão indo. Que objeto triste é um pobre pecador que ainda é um estranho a este Deus; que está a cada hora sujeito à Sua ira eterna; que busca a amizade e o favor dos homens e não tem pensamentos sobre o seu Criador, nenhum pavor de Seu desagrado, nenhum gosto ou apreço pelo Seu amor! Certamente devem ter caído em um sono profundo, aqueles a quem todos os terrores do Senhor, todas as ameaças de Sua palavra e todos os chamados de Seus ministros não despertam!

Com que paz você pode comer e beber, ou trabalhar, ou descansar, enquanto um Deus tão grande é seu inimigo? Será a Sua ira, que faz os demônios rugirem e tremerem em suas agonias infernais, tolerável para você? Quando Sua vingança o perseguir, para onde você correrá em busca de ajuda? Quando Ele franzir a testa, de que lhe valerá se todo o mundo sorrir para você? Quando Ele o rejeitar, quem lhe mostrará piedade? Quando Ele o condenar, quem pleiteará sua causa? Não sabe que sua vida é curta, que sua mudança está próxima, que o Juiz está à porta? Não sabe que este mundo o deixará, para que você possa ir rapidamente para outro? E pode você habitar com ardores eternos? Pode aventurar-se a ir ao Tribunal antes de ter um

interesse em Cristo? É você infrutífero e estéril aqui, e pensa em florescer no Paraíso Celestial? Permanece você morto aqui sob todos os meios da graça, e contudo espera viver para sempre? Que prazeres são esses que o encantam, que você não vem provar as alegrias de Deus? Quem será um amigo melhor do que Ele? Se você rir da destruição, ela não estará mais longe. Oh, não deixe o diabo ser seu mestre, nem o mundo o seu Deus. Não deixe o pecado enganá-lo e impor-se sobre você com seus deleites falsos e falsificados.

Outros estão pranteando após o Senhor em segredo; e você não tem tanta causa para prantear quanto eles? Outros estão lutando com orações e súplicas fervorosas, e esforços santos, para entrar pela porta estreita; e ela se abrirá para você por si mesma? Ou não tem você, tanto quanto eles, almas para salvar? Outros leem, ouvem e oram, e fazem tudo o que podem pela salvação, tendo medo de cair sob o poder da morte eterna; e você não tem causa para temer? Por que é que, quando eles estão correndo tão rápido no caminho do céu, você corre mais rápido no caminho do inferno? Por que, com tão grande cuidado, você cuida e atende aos seus corpos para preservá-los da dor, e contudo permite que suas almas esmoreçam e se consumam? Se você soubesse quão miserável é sem o favor de Deus, isso criaria um vasto horror em seus pensamentos. Quão profundamente você gemeria se estivesse apenas sensível à vasta carga de culpa que está sobre você! Quão encarecidamente você claria por ajuda se visse apenas para onde está afundando, e onde provavelmente estará para sempre! Quão sobressaltado ficaria se percebesse que o diabo o lisonjeia para poder destruí-lo! É a obra dele que você faz, as concupiscências dele que você abraça, os desígnios dele com que você concorda! Não há calabouço tão lúgubre, nenhum lugar tão cheio de tormento, nenhum fogo tão quente quanto

aquele para o qual ele o conduz — e que será ainda mais insuportável para você, porque você permitiu que ele o levasse cativo ao seu bel-prazer. Se recebemos qualquer vida de Deus, choremos pelos nossos mortos; tenhamos piedade daqueles que não têm piedade de si mesmos; que nossos olhos e nossos corações se derretam e se perturbem por eles, ainda que eles não derramem lágrimas pela tristeza de seu próprio caso.

Inferência 7. Daqui vemos a razão pela qual alguns crescem mais na graça do que outros, e são também mais úteis no mundo. O medo e a tristeza amortecem e contraem nossos espíritos; mas a alegria e o conforto os dilatam e os fazem agir com vivacidade e vigor. O desagrado de Deus enfraquece as faculdades e poderes da alma, pelas apreensões terríveis de que ela é então preenchida. Mas o Seu favor-que-traz-vida a enche de deleite. E a fé é forte e imóvel quando pode contemplar Deus, Seu Filho e as Promessas, tudo como sua própria porção. O amor é então genuíno e durável, quando tem um senso caloroso do amor de Deus. E sob o poder e força constrangedores disto, o coração é dissolvido em tristeza terna e um verdadeiro arrependimento.

É o brilho do rosto de Deus que nos torna ativos para Sua Glória e incansáveis em Seu serviço. E sob Seus raios agradáveis e vivificantes, o cristão viaja com deleite e pressa para o seu lar mui amado. Mas quando este favor é eclipsado, quando este Sol é coberto por uma nuvem, então o pobre cristão é como quem viaja nas trevas da noite e perdeu o caminho. Ele está cheio de medo e perplexidade; e assim está a alma desamparada. Mas o primeiro raio do dia o faz prosseguir e terminar sua carreira. E então aquela promessa em (Is 35:1-2) é cumprida: *O deserto e os lugares solitários se alegrarão com eles; e o ermo exultará e florescerá como a rosa. Florescerá abundantemente, e também exultará com alegria e cantando*, etc. O favor de Deus é como o

orvalho sobre a erva; ele produz fruto onde antes não havia nada senão definhamento e decadência. Conforme Deus Se agrada em nos favorecer, ou em estar descontente, assim há ou grande facilidade, ou então inquietação e indisposição em nossos espíritos. Seu favor excita admiração e louvor, amor e alegria; e com estes afetos alegres, um homem pode fazer muito para Deus. Ao passo que nossa força geralmente parte com nossos confortos que partem. O que podemos fazer pela salvação dos outros, se estamos sob grande medo de que nós mesmos não seremos salvos? Como podemos trabalhar na Vinha, se tememos que o nosso Mestre nos expulsará em ira? (Sl 51:11-12): *Não me lances fora da tua presença, e não retires de mim o teu Espírito Santo. Torna a dar-me a alegria da tua salvação, e sustém-me com um espírito voluntário.*

E assim é, conforme o favor de Deus:

1. Livra-nos daquelas concupiscências e corrupções que nos acorrentam, de modo que não podemos correr no caminho dos mandamentos de Deus.
2. Mantém-nos de sermos emaranhados com os assuntos do mundo, que subjagam e escravizam nossas mentes.
3. Atua como um Espírito de Adoção em nós, e livra-nos daqueles medos escravos da justiça, soberania, santidade e poder de Deus, que sobrecarregam nossos corações.

(Jó 22:26): *Porque então te deleitarás no Todo-Poderoso, e levantarás o teu rosto para Deus. Orarás a ele, e ele te ouvirá.* O favor de Deus nos dá acesso ao Trono da Graça. Ele tira nossa relutância e nossa restrição nos deveres santos. Dá uma liberdade e alargamento de alma. E então é como a flor que se abre ao Sol que brilha. Mesmo que um homem não permita

alteração em sua constituição ou aparência externa, contudo, se Deus Se retira dele, então tudo por dentro decai grandemente. Quando o espírito veio sobre Saul (1Sm 10:6), ele profetizou e foi transformado em outro homem. Ele foi inspirado com maior coragem e teve uma disposição que era mais heroica e melhor qualificada. Mas quando este espírito foi retirado, um espírito maligno o sucedeu em seu lugar. Então Saul não foi mais o mesmo — nada senão medo, horror, desespero e vexação rugiam em seu peito. Ele era em todos os aspectos um homem mui miserável. Tinha o título de Rei, mas foi despojado de todas as qualidades reais quando foi deixado pelo Deus de Israel e foi pedir conselho à feiticeira de Endor. Veja sua própria queixa em (1Sm 28:15): *Estou mui angustiado, porque os filisteus guerreiam contra mim, e Deus se tem desviado de mim, e não me responde mais, nem pelo ministério dos profetas, nem por sonhos.*

Não descobre todo cristão por sua experiência que ele não é o mesmo em seus deveres em um tempo do que é em outro? Às vezes seu coração se derrete sob um senso do amor de Deus, e ele sente tal influência vital do Espírito que parece um antegozo do céu. Ele parece estar até engolido pela alegria; parece estar dentro dos átrios de Deus e colocar o pé dentro da Terra da Promessa. Oh, quem pode expressar a doçura que se espalha por toda a alma ofegante quando vê o rosto de Deus! Ela então vive de fato, mas mal sabe se está no corpo ou fora dele, tantos prodígios de graça e misericórdia ela contempla! (2Co 12:2). E contudo esta mesma pessoa que está agora em triunfo à porta do céu, pode em outro tempo prantear seu próprio caso e estar em profundas tristezas, como se estivesse à própria porta do inferno.

Quando o orvalho de Deus cessa de cair sobre a alma, ela não parece mais tão fresca e tão bela, mas suspira e geme pelo seu

Salvador, embora há pouco tempo pudesse dizer: *Eu sou do meu Amado, e ele é meu*. A mesma pessoa pode olhar para Deus como um Juiz, que antes pensava Nele como um Pai.

“A vida (diz alguém) que Deus dá aos Seus servos pode ser enfraquecida; mas nunca é extinguida; há muitas vezes sobre eles um desfalecimento espiritual (embora não uma morte total), quando o Espírito não produz nenhuma moção alegre, nem exhibe nenhum de Seus raios habituais de luz — de modo que eles são fustigados entre o medo e a esperança, entre os sentimentos de vida e as apreensões de morte.”

Que secura, que dureza vem sobre nossos corações? Quão pouca vida, ou alargamento, ou conforto temos no dever, quando o Espírito de Deus Se retira de nós? Todos os nossos esforços, todas as nossas lutas conosco mesmos não aquecem nossos espíritos como Ele costumava fazer. Quão pouco deleite temos na oração? E quão relutantes somos em orar? Sabemos quão mancas e defeituosas são nossas petições e desejos. E estamos em tão grande perda quanto Jó, quando disse (23:3-4): *Ah, se eu soubesse onde o poderia achar! então me chegaria ao seu tribunal*. E versículo 8: *Eis que se me adianta, ali não está; se torno para trás, não o percebo*, etc.

Inferência 8, e última. Disto vocês veem a razão pela qual os servos de Deus tão encarecidamente imploram este favor e ficam tão profundamente perturbados quando ele é removido. É a vida deles, a porção deles, o seu tudo. Tudo muda estranhamente; toda a sua atratividade, beleza e glória desaparecem quando a vida se vai. A vida é a coisa agradável; é doce e confortável. Mas a morte, com seus acompanhantes pálidos, levanta um horror e aversão a ela em toda parte. Os santos de Deus temem a remoção de Seu favor e o esconder de Seu rosto. E quando ele está

escondido, um desfalecimento e um espanto frio e medo se apoderam de cada parte. Eles sentem uma amargura estranha, angústia e tribulação, que faz suas juntas tremerem; é como as próprias agonias da morte para eles.

(Sl 22:14-15): *Derramei-me como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram; o meu coração é como cera, derreteu-se no meio das minhas entranhas. A minha força se secou como um caco, e a língua se me pega ao paladar; e me puseste no pó da morte.*

Também (Sl 38:2-10; Jó 23:8-9; Sl 13:1-4).

(Sl 27:9): *Não escondas de mim a tua face, não rejeites ao teu servo com ira; tu foste a minha ajuda, não me deixes nem me desampares, ó Deus.*

(Sl 69:17): *E não escondas o teu rosto do teu servo, porque estou angustiado; ouve-me depressa.*

(Sl 4:6): *Muitos dizem: Quem nos mostrará o bem? Senhor, levanta sobre nós a luz do teu rosto.*

CAPÍTULO 3

O Favor de Deus deve ser Buscado Diligentemente

Demonstrando que o favor de Deus deve ser buscado diligentemente; e o que deve ser feito para obtê-lo.

I. Visto que a vida está no favor de Deus, busque-o fervorosamente. Se eu lhe ordenasse que cuidasse de sua vida ou de seus bens, você rapidamente consideraria isso um pedido

desnecessário, pois sua própria segurança e interesse o instariam a fazê-lo. Mas se lhe pedimos que cuide de sua alma, ali, de fato, você pode ouvir um sermão após o outro, uma exortação após a outra, e ainda assim permanecer tão seguro e descuidado como antes. Ouvimos muitas pessoas desejando outras coisas, e muito poucas desejando esta. Ouvimos o pobre dizer: “Oh, se eu fosse rico!”; o doente: “Oh, se eu estivesse bem!”; e o prisioneiro suspirando por sua liberdade; o comerciante ocupado com seu lucro; e o mercador por bons retornos. Mas Oh, quão poucos dizem: “Oh, se eu pudesse achar graça aos olhos de Deus! Oh, se eu pudesse ser Dele, e Ele ser meu!”. Muitos têm seus olhos fixos no mundo, admirando-o e apaixonando-se por ele, embora vejam diariamente quão vão ele é e como sua aparência passa. Mas Oh! quão poucos são aqueles cujos olhos estão fixos no céu e cujos corações anseiam pelo Deus Vivo!

Se eu pudesse lhe ensinar um caminho para ser o favorito do Rei, ou de alguns homens poderosos ou grandes, você pensaria em derivar grandes vantagens de tal privilégio e rapidamente se esforçaria para obtê-lo. Mas aqui está um maior do que eles, sim, o Rei dos reis, cujo favor é oferecido para sua aceitação e escolha. O trono Dele é acessível. Embora Sua majestade pudesse confundi-lo, contudo Sua bondade lhe dá as boas-vindas à Sua presença. *Buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á.* E penso que toda alma aqui deveria se alegrar até mesmo por saber que lhe é possível ter Deus como seu próprio Deus. Que, por mais abjeto, por mais pecador que tenha sido, contudo pode ser elevado e honrado pelo Senhor da Glória, se apenas retornar. E quando Ele nos ordena buscar Sua face, deveríamos responder: *A tua face, Senhor, buscarei* (Sl 27:8), e buscá-la rapidamente enquanto Ele pode ser achado, para que a enfermidade, a morte e o julgamento não nos impeçam. E para

que, entristecido por nossas demoras, Ele não Se cubra de nós por uma separação eterna; e quando O buscarmos, não O achemos. E porque não ouvimos Seus chamados, Ele poderia fechar os ouvidos a todos os nossos clamores e rir quando nossa calamidade vier como um homem armado (Pv 1:28).

Se você não tem necessidade de que Ele perdoe seus pecados, cure sua alma, proteja-o do perigo ou o leve à salvação, então deixe este trabalho de lado — não se importe se busca o Seu favor ou se o despreza; se Ele é seu amigo ou seu inimigo. Mas se você precisa de Deus, como estou certo de que precisa, então derrame suas súplicas a Ele por Sua Graça; e diga: “Ó Senhor, estive morto no pecado, mas sei que nada é impossível para Ti. Tu abres as sepulturas e fazes até os mortos viverem. Que minha alma sinta o Teu poder onipotente e tenha parte na primeira ressurreição, para que a segunda morte não prevaleça sobre mim. Ó, permite que eu seja um de Teus filhos; um de Tua família bendita; um a quem Tu amas e a quem amarás para sempre. Tu perdoaste a muitos que outrora foram tão culpados quanto eu fui. Ó, magnifica as riquezas de Tua graça apagando minhas iniquidades. Tu vivificaste a muitos que outrora estavam mortos. Que eu também seja vivificado pelas influências vitais de Teu Espírito. Tu recebeste muitos pródigos; não permitas que eu seja rejeitado. Tu abençoaste a muitos; e tens muitas bênçãos guardadas. Portanto, abençoa-me, sim, a mim também, rogo-Te, ó meu Deus”.

II. Junte esforços às suas orações e use todos os meios da graça com diligência conscienciosa. (2Co 5:9): *Pelo que muito desejamos também ser-lhe agradáveis, quer presentes, quer ausentes.* (Sl 119:58): *Implorei o teu favor de todo o meu coração.* Oh, não zombe Dele com uma mera forma de palavras! Mas que seus afetos e suas palavras estejam unidos. Seja como

o cervo que, quando anseia pelas correntes de águas, corre para lá com toda a velocidade que pode. Uma vez que suas almas estejam aquecidas com o senso de Deus, use todo o cuidado que puder para manter essa chama sagrada e confortável, para que, por sua negligência, ela não se extinga e se apague novamente.

Para um homem desejar ter o favor de Deus e não usar todos os Seus meios prescritos, é algo tolo e ineficaz. É como se um viajante se sentasse na estrada em uma postura preguiçosa, sem qualquer movimento, e ainda assim desejasse estar no fim de sua jornada. É como se um homem desejasse ser instruído e, no entanto, nunca lesse ou estudasse; como se um soldado desejasse a vitória, mas nunca lutasse; ou um agricultor desejasse uma colheita farta, mas nem arasse nem semeasse. Não é um desejo descuidado pelo favor de Deus que servirá ao propósito. Você deve orar constantemente e recorrer àqueles lugares de adoração onde Ele costuma manifestar Sua presença em Suas próprias ordenanças. E ler Sua palavra com reverência, humildade e frequência. Você deve buscá-Lo de todo o seu coração. Deve esperar e aguardar por uma resposta graciosa às suas orações, mesmo que ela demore. Quantos dias os homens dedicam sua assistência para algum cargo ou posição elevada na corte de um Príncipe! Não deveria nos entristecer esperar pelo favor e pelo amor de Deus. Pois, uma vez concedido, ele recompensará todas as suas dores e trabalho (1Co 15:58).

Na busca por isto, você encontrará múltiplas provações e grandes oposições. Sua natureza carnal e seus velhos pecados apresentarão motivos aos seus sentidos para atraí-lo de volta. Satanás o perplexará com mil dúvidas e tribulações. Pois você pode estar certo de que este leão rugirá quando estiver prestes a perder sua presa. Mas nada disso deve desencorajá-lo. O favor de Deus é uma misericórdia tão grande que você pode

justamente ser importuno e inquieto até obtê-lo, não obstante todos os perigos que encontrar. Nenhuma coisa grandiosa é obtida sem dificuldade. Você verá futuramente que valeu a pena esforçar-se em uma questão de tão grande consequência. Você agora descobre que, após passar todo o prazer do pecado, ele deixa um aguilhão e enche sua mente de amargura e tribulação. Mas futuramente você não encontrará nada senão conforto, nada senão um prazer transbordante no amor de Deus. E você o achará tão agradável que desejará ter feito mais por Ele do que fez. Não há uma alma no céu que se arrependa do esforço que fez para chegar lá.

III. Você deve estar profundamente sensível ao seu próprio estado miserável e arruinado sem ele. (Lc 5:31): *Não necessitam de médico os que estão sãos, mas, sim, os que estão enfermos.* (Mt 18:11): *Porque o Filho do homem veio salvar o que se tinha perdido.* (Jó 33:27-28): *Olhará para os homens; e se alguém disser: Pequei, e perverti o direito, e não me aproveitou, Deus livrará a sua alma de ir para a cova, e a sua vida verá a luz.*

Uma vez que você esteja convencido de que seus pecados O deixaram irado, que Sua ira é mui justa e, contudo, é tão severa que, se continuar, será intolerável — uma vez que esteja sensível a quão grande Deus você provocou, que lei santa você quebrou, que inferno você mereceu — você considerará uma grande misericórdia o fato de não estar já lá, de onde não há retorno. Se sua consciência foi despertada com uma profunda impressão de Sua ira, então todas as riquezas, as honras e os prazeres deste mundo lhe parecerão coisas mui pobres e vazias. A visão do pecado que o enganou, que o contaminou, que o expôs a tão grande perigo, enchê-lo-á de vergonha e tristeza, de medo e tribulação. De todos os seus desejos, este será o principal e o seu

único desejo: “Que eu tenha o favor de Deus, não importa o que mais me falte; que eu tenha o Seu favor ou morrerei para sempre”. Você ficará inquieto e insatisfeito até ter a esperança disto. A razão pela qual os homens são tão industriosos por todas as outras coisas, e tão pouco preocupados com o favor de Deus, é porque estão cegados pelo diabo e por suas próprias concupiscências, e estão sob uma insensibilidade espiritual.

Mas uma vez que você descubra que o pecado é amargo, este favor será mui doce. Se esse pecado o lançou em agonias dolorosas e profunda angústia de alma, este favor o confortará e reviverá grandemente. Você verá então grande causa para se humilhar e se abominar, e não encontrará causa alguma para o orgulho ou para a jactância do fariseu. Mas na melhor postura e temperamento do publicano, você dirá: *Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador*. Nunca um viajante, após uma jornada tediosa, desejou mais o seu lar, ou um marinheiro, por muito tempo fustigado por tempestades, desejou mais ver a praia tranquila, do que você desejará este favor de Deus. Quando você tiver sido abrasado por uma sede interna, ansiará por esta fonte de amor na qual poderá saciar sua sede. Quando você tiver estado em uma longa guerra com Deus e, por fim, chegar a ver o perigo disso, então Oh quão belos serão os pés daqueles que são embaixadores da paz! Você dirá então, como em (Lc 1:53): *Encheu de bens os famintos, e despediu vazios os ricos*.

IV. O favor de Deus só pode ser obtido em e através de Jesus Cristo; e assim você deve aplicar-se a Ele para obtê-lo. Não é todo o seu zelo, seu arrependimento, sua abnegação ou suas mortificações que, por si mesmos, serão suficientes para trazê-lo ao favor de Deus. Embora você trabalhe em Seu serviço o dia todo e lamente por suas falhas a noite toda, que satisfação isso dará à Sua Justiça ofendida e à honra de Sua Lei violada?

Estávamos felizes, de fato, em nossa primeira criação em Seu amor; e seríamos felizes ainda, se tivéssemos perseverado. Mas nossa primeira apostasia, pela queda daquela condição inocente, abriu uma grande brecha entre Deus e nós. E não se achou ninguém no céu ou na terra que pudesse repará-la, exceto Seu único Filho. A perda da justiça original nos fez perder o Seu favor e ocasionou uma vasta distância entre Ele e nós.

Isso produziu todas as misérias do mundo: estações irregulares, inundações transbordantes e guerras terríveis; toda a enfermidade e dor de nossos corpos, e toda a culpa, inquietação e desordem de nossas almas. Em Adão todos morremos; tanto a morte natural quanto a espiritual vieram sobre todos, porque todos pecaram. Mas Deus, em Sua misericórdia, não nos deixou sem esperança. Assim que Adão caiu, Deus agradou-se em providenciar seu levantamento; e assim que Adão se feriu, Deus preparou um bálsamo para sanar e curar suas feridas. E quando Adão foi picado e envenenado pelo veneno da serpente, Deus preparou um antídoto. A pobre criatura culpada não poderia ter esperado nada além de uma maldição; e contudo Deus lhe deu a promessa de redenção e de uma bênção pela Semente da mulher, que esmagaria a cabeça da serpente.

Ao expulsar Adão do Paraíso, Ele poderia tê-lo colocado fora do céu e de Sua presença para sempre, e ter dito: “Vá e habite com aquele diabo que o tentou a pecar”. Com a Queda, Ele de fato retirou Seu favor habitual. Isso levantou uma nuvem que obscureceu a beleza de Sua glória matinal e que interceptou os raios que, pouco antes, brilhavam sobre sua cabeça. Mas, embora tivéssemos nos destruído, em Deus estava nossa ajuda. Ele enviou Seu próprio Filho para morrer por nós, para dar satisfação à Sua justiça, que de outro modo teria se fechado contra nós. E embora sejamos inimigos, contudo Ele está

disposto a nos reconciliar pela morte de Seu Filho (Rm 5:10). É por meio de Seu Filho que Deus lidará conosco. Devemos nos dirigir a Ele, como sendo ordenado por Deus para fazer nossa paz.

Devemos olhar para a justiça Dele, estando mui sensíveis de que, na melhor das hipóteses, a nossa é miseravelmente defeituosa. Se nossas pessoas e nossos serviços são aceitos, deve ser através de Seu Amado; Ele é o principal e o grande favorito do céu. Toda a misericórdia de que necessitamos será concedida apenas por amor Dele. Todas as misérias que merecemos, Ele as afastará de nós. Apraz a Deus contemplar o que Cristo fez. Ele Se agrada de nós, se estivermos Nele. É o sangue de Jesus, e o mérito de Sua morte, e nossa aplicação destes pela fé, que nos reintegrará em Seu favor. E é o poder e a virtude de Sua intercessão que nos preservará nele. Cristo é o caminho, a verdade e a vida. É Ele quem nos conduzirá e levará ao Seu Pai, e fará Aquele que era nosso inimigo por causa do nosso pecado ser nosso amigo novamente. É Seu ofício como Mediador e Salvador curar os feridos, reduzir os errantes, chamar para casa os banidos, fazer o coxo andar e o cego ver (Is 61:1). E nosso bendito Senhor está disposto a pleitear nossa causa e a socorrer nossas necessidades; pois aqueles que vêm a Ele, de maneira alguma os lançará fora.

Se você crer, então o Pai Dele será seu Pai; e o Deus Dele, seu Deus. Pois Deus resolveu que toda a comunicação de Sua graça será feita através de Seu Filho mui amado. E se você buscar sinceramente o Seu favor por amor de Cristo, não lhe será negado. *Quem tem o Filho tem a vida.* Você de fato florescerá quando estiver unido a esta Cabeça grande e gloriosa; e a morte que você encontrou pelo primeiro Adão será removida pelo segundo. (1Co 15:22): *Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo.* O ofício

de nosso Redentor no céu é ainda o de ser um reconciliador; e nem todos os anjos ou santos ali podem fazer por nós o que Ele faz.

Quando você estiver se queixando da contaminação e do poder do pecado que ainda permanecem, e disser com o grande Apóstolo: *Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?*, lembre-se de que há socorro posto sobre Um que é poderoso — Um que é compassivo e tem um senso terno de todas as suas dores e misérias. E, portanto, quando você estiver espantado com a visão de sua própria culpa, aterrorizado com as acusações de sua própria consciência e perplexo com os assaltos violentos e tentações do diabo; quando temer ser o restolho para a ira devoradora de Deus; então apegue-se à Sua força (Is 27:5). Isto é, apegue-se a Cristo, que é o poder de Deus e a sabedoria de Deus (1Co 1:24). E então se poderá dizer de você, como em (Ef 2:12-14): *Que naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo. Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto. Porque ele é a nossa paz.*

V. Para que você possa ter um interesse no favor de Deus, que é vida, suas naturezas devem ser renovadas. Não basta que suas consciências sejam libertas da culpa e da sujeição à punição; mas devem também ser libertas do domínio e poder do pecado. Se suas concupiscências não forem subjugadas, por seus movimentos inquietos e desordenados elas criarão um inferno interior; e então você não pode esperar um céu exterior. Se você aprecia apenas alegrias temporárias e carnavais, não deve esperar provar a alegria de Deus; nem pense que, se você se revolver no lodo, Ele o colocará em Seu trono. Embora o Seu sol dê

refrigério com seus raios alegres a todo o mundo, tanto ao mau quanto ao bom; contudo os raios de Seu favor especial não brilharão sobre um monturo, nem visitarão aqueles corações que estão cheios de todo tipo de poluição. Sua natureza pura e santa não Lhe permitirá contemplar a iniquidade com aprovação.

Não pense em ver os sorrisos revivificantes de Sua face enquanto você Lhe volta as costas; enquanto ama o que Ele abomina; enquanto, sem qualquer remorso ou pesar, despreza o Seu governo e viola Suas leis. Até que você nasça de novo pelo Espírito de Deus, você está em um estado de morte e é inapto para as comunicações do favor Divino; você está nessa condição e não é membro do Corpo de Cristo. Pois todos os que estão unidos àquela Cabeça gloriosa têm vida e força Dele para mortificar suas concupiscências. *Que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial?* (2Co 6:14-15). Não há comunhão entre Deus e você até que suas naturezas, suas inclinações, seus princípios e seus desígnios sejam todos mudados do que outrora foram. O Senhor justo ama a justiça (Sl 11:7). Até que você tenha a imagem Dele, e uma semelhança Dele seja operada em você pelo Espírito Santo, você não é um de Seus favoritos, nem alguém em quem Ele possa ter um deleite peculiar. Sem santidade, a presença Dele não lhe parecerá amável; ou, pelo menos, sem ela você não poderá ver a Sua face. (Is 59:2): *Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós.* E, portanto, eles são comparados a uma nuvem espessa; eles obstruem e obscurecem a luz que, de outro modo, brilharia sobre suas cabeças. Portanto Davi ora: *Cria em mim, ó Deus, um coração puro; e então, torna a dar-me a alegria da tua salvação* (Sl 51:10, 12). Enquanto o pecado está alojado e

entretido na alma, ele é como o vento nas entranhas da terra: causará convulsões e agitações perturbadoras ali. Foi o pecado de Adão que causou tantos franzires de testa na face de Deus; que causou a primeira erupção de Sua ira; que a faz tão frequentemente flamejar com terror contra os filhos culpados dos homens. Até que você nasça de novo, terá uma aversão a Deus. Como pode esperar que o favor Dele lhe seja dado, enquanto não se importa em pensar Nele? Até que sua escuridão seja removida e você se familiarize com Ele, não poderá estar em paz.

VI. Para que você possa ter o favor de Deus, você deve — em conformidade com a nova natureza e aquelas santas disposições que recebe pela Sua graça — render-Lhe uma obediência sincera e constante por toda a sua vida. *O seu rosto contempla os retos* (Sl 11:7). Ele encoraja a fraqueza daquela alma que é terna e teme o pecado. Ele não o tratará com a bondade que mostra aos Seus súditos honrados se você tomar o partido de Seus inimigos declarados. *Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando* (Jo 15:14). A obediência é o efeito genuíno de uma aliança tão excelente e tão próxima; e é a prova e evidência dela. (Jo 14:21): *Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei*. E ver. 23: *Viremos para ele, e faremos nele morada*. Essa é uma promessa cheia de misericórdia, e palavras que têm nelas tudo o que é desejável, que estão grávidas de consolação! O que pode uma alma desejar mais do que ter Deus o Pai e o Filho — tê-los como Seus amigos, como Seus hóspedes! — e não apenas para pousar por uma noite ou um dia, mas para sempre! — não para confortá-la com uma visita passageira, que seria um grande privilégio, mas para habitar com ela! Oh! bendita é a casa que tem tais habitantes; e bendita é a

alma que é assim honrada e estimada. Ao obedecer aos Seus mandamentos, você se mostra como um vaso de honra. E quando você o for, Ele, em um momento ou outro, enchê-lo-á transbordante de alegria.

Se você serve ao diabo, não pode de modo algum ter aquela satisfação que flui da esperança de ser um filho de Deus e um herdeiro do céu. E embora as chuvas de Deus caiam sobre as areias, bem como sobre a terra adubada e cultivada, contudo, até que você seja frutífero, não pode esperar ser refrescado com Seus orvalhos suaves e confortáveis. Há influências peculiares de Sua graça que caem sobre Seus jardins fechados, e não sobre os desertos. *Ainda que se mostre favor ao ímpio, ele não aprende a justiça* (Is 26:10). Brilha como o sol sobre uma rocha; ele não é mais frutífero, nem mais terno de coração do que era antes. Se você abraça seus pecados antigos, se mantém sua correspondência com suas concupiscências anteriores, Deus não derramará o óleo da alegria em corações tão velhos e depravados. Se prosseguimos no pecado, violamos nossa própria serenidade e levantamos dentro de nossos peitos uma multidão de tempestades. Ao passo que o (Sl 119:165) diz: *Muita paz têm os que amam a tua lei, e para eles não há tropeço*. E assim, (Gl 6:16): *E a todos quantos andarem conforme esta regra, paz e misericórdia sobre eles*. (Is 64:5): *Saíste ao encontro daquele que se alegrava e praticava justiça*.

Por estes meios você obterá o favor de Deus, e quando o tiver assim obtido...

CAPÍTULO 4

Acautele-se para não perder o favor de Deus.

Mostrando que devemos tomar muito cuidado para não perdermos o favor de Deus depois de o termos desfrutado; e o que devemos fazer para não cairmos em uma condição tão miserável como esta seria.

VII. Tome muito cuidado para não perder o favor de Deus novamente. É verdade, de fato, que aqueles a quem Deus uma vez ama, Ele ama até o fim. Não se permite que sejam totalmente miseráveis; contudo, podem perder o senso de Seu favor e todo o conforto que outrora fluía do pensamento agradável de que Ele era o seu Deus. Aqueles que navegaram com um vento mui próspero podem, por sua negligência, ser fustigados por muitas tempestades e ser aterrorizados por mil perigos e calamidades enquanto não veem o sol, a lua e as estrelas por muitos dias e noites seguidos. E embora não venham, ao final, a perder o céu, contudo podem viajar como que através de um deserto em seu caminho para lá, e não encontrar aqueles cachos da terra prometida, com aquelas alegrias e confortos que outros encontram.

O Espírito pode suspender Suas influências e deixar a consciência em um estado mui lamentável, e retirar a paz que outrora deu. De modo que a pobre alma naquela condição não pode deixar de olhar para si mesma com um olhar tão triste como se fosse um reprovado. E há grandes dificuldades e perigos antes que o Espírito retorne novamente para reparar as brechas que o nosso pecado abriu. As desordens de nossas almas permanecem depois por muito tempo, e custar-nos-á um vasto trabalho removê-las — como quando algum rio que está mui lamacento transbordou os campos vizinhos, mesmo que retorne ao seu canal comum, contudo deixa aqueles lugares todos cobertos de lodo e sujeira. O menor eclipse da face de Deus é algo mui

formidável. Abalará todos os poderes de suas almas e o colocará em tal terror que parecerá o próprio inferno.

Se você for tão tolo a ponto de perder o favor Dele por causa de tentações leves, pagará caro por essa loucura. Você pode fazer em um momento aquilo que pode enchê-lo de espanto e tristezas por todos os seus dias, e fazê-lo ir, por fim, lamentando para a sepultura. Você pode, por uma queda súbita, ter seus ossos quebrados; e pode ser que nunca mais recupere sua facilidade e força anteriores. Portanto, não se fira nem se machuque. Se você não for mui cuidadoso, aquela lâmpada do Senhor que brilha sobre o seu tabernáculo pode ser removida, e então você saberá por triste experiência que é uma coisa má e amarga pecar contra Ele. Embora agora você não questione seu título para a salvação, contudo estará então cheio de dúvidas e medos; embora esteja agora olhando para Deus como para um amigo, contudo será então forçado a olhar para Ele como para um inimigo, e a pensar que suas aflições não são as repreensões de um Pai, mas de um Juiz irado. Ele de fato será o mesmo Deus ainda, tão cheio de bondade e de amor; mas para você Ele será como uma fonte selada. Suas pobres almas pranteadoras serão como os montes de Gilboa, amaldiçoadas e estéreis; não haverá orvalho nem chuva sobre elas (2Sm 1:21). Embora você seja tão florescente agora, contudo então o rigor do inverno destruirá todo o seu fruto, de modo que a figueira não florescerá, nem haverá fruto na vide, e o produto da oliveira mentirá.

Considere quão grande foi a tristeza de Davi quando Deus Se retirou dele por uma temporada! Quantas foram suas lágrimas, quão pesadas suas queixas e quão tristes seus pensamentos! Embora ele fosse (conforme se julga habitualmente) de um temperamento sanguíneo e alegre, e tivesse uma habilidade peculiar na música (que é o mitigador e encanto habitual da dor),

contudo, no senso do desagrado de Deus, sua alegria transformou-se em lamentação. Sua harpa e aquelas canções com as quais ele havia afugentado a melancolia de Saul não puderam sufocar ou afastar a tribulação de sua própria alma. A tempestade era alta demais para ouvir aqueles ares mais suaves; a ferida era profunda demais para ser curada por aqueles métodos gentis e fáceis.

Acautele-se para não perder o senso do favor e do amor de Deus; para não fazer seu Pai celestial visitá-lo com varas dolorosas e aflições severas. Tome cuidado para não se enfraquecer; pois a alegria do Senhor é a sua força (Ne 8:10). Não é motivo suficiente dizer que o favor Dele é a sua vida e o Seu desagrado é a sua morte? Esforcemo-nos tanto por nossa vida espiritual quanto pela natural, e tudo irá mui bem. Quando encontramos os menores declínios da natureza, somos mui industriosos em repará-los. Quando encontramos o menor desfalecimento ou indisposição em nossos espíritos, recorremos a cordiais, ou a algo que seja mui confortável e revificante, para refrescá-los. Quando estamos doentes, queixamo-nos de nossa enfermidade; fazemos abundantes indagações e usamos muito cuidado para saber o que é que nos fará bem. Temos um grande valor por nossa querida vida e temos medo de tudo o que possa nos privar dela. E quando temos saúde, o que não intentamos para nossa própria preservação! Que artes usamos! Que provisões fazemos de comida, bebida, roupas, casas, jardins e outras acomodações, para que possamos viver à vontade!

E (meus amigos), não é nossa alma de mais valor do que o corpo? Não são seus declínios e sua morte mais dolorosos e mais intoleráveis do que todo o definhamento e declínios de nosso homem exterior? Tenhamos, portanto, assim como temos um grande horror da morte natural, não menos horror por aquela que

é espiritual. Guardemos o favor de Deus com maior cuidado; essa é nossa vida espiritual e eterna. E para que não o percamos:

(1) Não entristecemos o Seu Espírito Santo (Ef 4:30). Não somos tão felizes a ponto de ter uma conversa familiar com Cristo, como tiveram aqueles que desfrutaram de Sua presença aqui na terra. Embora Ele esteja retirado de nossos olhos, e não O vejamos em Seu estado exaltado e glorificado, contudo Ele enviou Seu Espírito para habitar em nossos corações. E devemos tratar e entreter um hóspede tão divino com todo tipo de obediência e respeito: não fazer nada que seja impróprio para uma Presença tão grande; não nos poluirmos nem contaminarmos o Seu templo com qualquer tipo de pecado, para não O entristecermos e vexarmos. A Natureza Divina é, de fato, incapaz de nossas paixões — está acima de nossas alegrias e de nossas tristezas. Diz-se daqueles no Monte Olimpo que veem as nuvens se acumularem abaixo de seus pés; veem o granizo e o trovão perturbarem e relampejarem na planície, enquanto se regozijam na luz pura do sol. De tal maneira, a Essência Divina vê todas as tribulações e agitações das criaturas, permanecendo sempre em Sua própria paz e tranquilidade.

Esta expressão é emprestada das afeições humanas. E quando o Espírito Santo faz em nós o que nossa natureza faz quando é acometida pela tristeza, então se diz que Ele está entristecido. E se O entristecermos, não podemos esperar que Ele nos faça regozijar; se O afrontarmos e abusarmos Dele, Ele não será o nosso conforto; se Ele Se retirar, todas as nossas evidências serão cobertas de trevas e seremos mergulhados nas profundezas mais baixas. Portanto, obedeçamos a todas as Suas sugestões. Tudo o que Ele nos ordenar fazer, façamos. Que nossas mentes estejam sempre cedendo às Suas moções boas e proveitosas. Não desprezemos a revelação que Ele fez, nem sejamos descuidados

em crescer em todas as graças que Lhe são agradáveis. Lembremo-nos da bondade que Ele nos faz, como afasta nossa escuridão; e quando estamos desfalecendo, quão oportunamente Ele aplica as promessas e traz à nossa lembrança aquelas verdades que são mais adequadas e refrescantes para nós. Não O entristecemos negligenciando ler ou meditar na palavra que Ele inspirou [ditou], ou por nossas comunicações tolas, por iras precipitadas, ou malícia, ou amargura, ou cólera, ou contenda (Ef 4:31). Mas que Ele seja o Mestre absoluto de nossas almas.

Quando formos afligidos, não O entristecemos por nossas murmurações ou queixas impacientes em nossas aflições; nem pela segurança e dureza de coração em nossa prosperidade. E quando Ele quiser nos conduzir em direção ao céu nas asas do desejo espiritual e do amor, não nos permitamos ser seduzidos pelo mundo, pelo diabo ou pela carne. E se Lhe obedecermos, Ele manterá um senso do favor divino em nossas almas. E a vida que Ele nos dará não será como a do doente, do fraco e do moribundo, mas como a vida do mais forte e saudável.

(2) Acautelemo-nos contra o orgulho espiritual. Os contritos e humildes são aqueles que Ele considera. O orgulhoso Ele olha de longe. (Sl 138:6): *Ainda que o Senhor é excelso, atenta todavia para o humilde; mas ao soberbo conhece-o de longe* — isto é, com desdém e desprezo. Não é nada senão nossa ignorância que nos torna orgulhosos. Somos ignorantes de Deus e da multidão e grandeza de nossos pecados. Seria impossível sermos orgulhosos se considerássemos frequentemente a grande Majestade de Deus e nossa própria vileza! Sua Santidade e nossa poluição! Seu Poder Onipotente e nossa fraqueza! Sua Glória e nossa escuridão! Sua Eternidade e nosso próprio ser que fenece! Que comparação se pode fazer entre o Grande Governante do mundo e nós, que habitamos em casas de barro? Foi uma

condescendência imensa em nosso bendito Senhor, e uma das maiores partes de Sua humilhação, ser revestido com nossa natureza, que é em si mesma tão mesquinha e baixa. E como diz alguém:

“Todo o mundo, de leste a oeste, jaz mui doente. Mas para curar este mundo mui doente, desce um Médico onipotente, que Se humilhou até a assunção de um corpo mortal, como se tivesse entrado no leito do enfermo.”

É uma ignorância de nós mesmos que é a causa do nosso orgulho. Não nos lembramos de quão frequente é ofendernos em pensamento, palavra e ação. Como somos por natureza filhos da ira! E como nos tornamos mais ainda, por atos repetidos de pecado. Deus resiste ao soberbo, mas atenta para a alma contrita e humilde (Is 57:15). Ele enche de bens os famintos, mas despede vazios os ricos (Lc 1:53). Todos aqueles sobre quem Ele concede Seu favor, Ele primeiro os convence de sua própria miséria; mostra-lhes a maldição, o inferno, a condenação que mereceram. E quando são perdoados após tal visão, esse perdão os enche de pensamentos baixos e de auto-humilhação. E quando Ele vem para abraçá-los, encontra-os na postura do pobre pródigo (Lc 15:18-19): *Pai, pequei contra o céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho.*

Uma visão da face de Deus derrubará toda a nossa confiança e baixará todo o nosso orgulho. E quanto mais isto é revelado, e revelado às almas dos fiéis, mais eles veem causa para se abominarem e detestarem no pó e na cinza. É por isso que nosso Apóstolo, que conhecia tanto de Deus, era tão mui humilde ao dizer (1Co 15:10): *Pela graça de Deus sou o que sou — trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus, que está comigo.* Ele chama a si mesmo de o

principal dos pecadores e admira a graça de nosso Senhor, que foi superabundante para com ele (1Tm 1:14-15). E em outro lugar ele denomina as misericórdias do Evangelho como as *riquezas supremas da graça de Cristo* (Ef 2:7). Se você quer que o favor de Deus continue, lute contra todo orgulho. Um homem é orgulhoso:

1. Quando atribui a si mesmo, à sua própria indústria, sabedoria ou prudência, aquilo que recebeu de Deus; ou,
2. Quando atribui a, ou espera por mérito, aquilo que é um dom gratuito; ou,
3. Quando pensa que tem aquilo que não tem; ou,
4. Quando despreza os outros e busca preeminência.

É comum tomarmos a medida do orgulho pelo traje ou vestimenta, pelo comportamento externo, gesto ou uso de algumas modas menos graves ou decentes. E, de fato, pode haver um excesso nessas coisas que pode ser mui justamente censurável. Mas, meus amigos, há um orgulho pior do que tudo isso, sim, o orgulho espiritual, que tem em si a própria imagem do espírito apóstata e é verdadeiramente diabólico. Quando um homem se orgulha das graças ou dos dons de Deus, isso o aliena do favor Divino, para o qual estamos mais preparados quando estamos cobertos de vergonha e tristeza. E quando somos pobres de espírito, então podemos esperar que Ele nos enriqueça com o Seu amor. Quando estamos esvaziados de toda presunção, ou de uma opinião lisonjeira de nossas próprias ações, então podemos esperar que Ele nos encha tanto de graça quanto de glória. Que coisa lamentável e imprópria é para um homem, mesmo o melhor dos homens, ser orgulhoso! Infelizmente! Quão cedo pode o Grande Deus fazer toda a sua glória murchar e

desaparecer! Que coisa vã é para um homem orgulhar-se de coisas que se referem ao corpo, quando este é suscetível a sezões [febres], febres, tísicas, convulsões e muitos dias e anos tediosos de enfermidade definhante, e deve ser, por fim, a presa da morte e apodrecer na sepultura!

E é igualmente mau e tolo o homem orgulhar-se de qualquer coisa que se refira à sua alma — em seu conhecimento, em sua fé, em sua utilidade. Pois, sobre este pecado, pode vir uma hora de tentação que será uma hora de trevas, que fará com que a luz de todas essas coisas desapareça. E o que é o homem quando sua consciência é despertada com um senso de culpa, quando seus pecados são postos em ordem diante dele, quando o diabo recebe permissão para peneirá-lo e vexá-lo, para perturbá-lo com terrores traumáticos e com a visão constante do inferno? Se Deus Se afasta de nós, aquele espírito invejoso e furioso, que possui grande poder e malícia, insulta-nos com facilidade e nos esmaga sob seus pés. Oh! quão vão é sermos orgulhosos, nós que vivemos uma vida miserável e podemos morrer uma morte mui dolorosa! Todos os desígnios de Deus são para exaltar a Si mesmo e abater a criatura. A consciência que os santos têm de sua própria indignidade produzirá uma admiração eterna do amor de Deus; e todos lançarão suas coroas diante do trono (Ap 4:10). (1Co 4:7): *Pois, quem te faz diferente? E que tens tu que não tenhas recebido?* (1Pe 5:5-6): *Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que a seu tempo vos exalte.*

(3) Para que você não perca o favor de Deus, deve acautelar-se contra o formalismo e toda leviandade de espírito na prática dos deveres santos. Também nos será mui prejudicial quando pudermos omiti-los e não tivermos grande tribulação ou arrependimento por um pecado tão grande. Ao passo que, se

fôssemos devidamente cuidadosos com o bem-estar de nossas almas, nós as refrescaríamos com pensamentos e meditações frequentes, assim como refrescamos nossos corpos com duas ou três refeições por dia. Quando trazemos sacrifícios mortos ao altar de Deus, não precisamos nos maravilhar de termos tão pouca vida espiritual e celestial — não precisamos nos maravilhar de não termos mais senso de Seu favor quando oramos frequentemente por ele, do que se não tivéssemos orado de todo. A frieza e a indiferença de nossas petições mostram que não nos importamos muito se elas são concedidas ou negadas.

Deus não empurrará Suas misericórdias sobre nós, quer as queiramos ou não. Ninguém desfrutará de Sua presença graciosa e confortável, exceto aqueles que lutam e batalham; e aqueles que têm o zelo de Jacó — que não O deixarão ir até que Ele os abençoe. Todos nós gostaríamos de ter o céu e a salvação, mas Deus sabe que imploramos por isso de uma maneira mui pobre. E assim Ele pode justamente nos expelir de Sua visão, porque nos aproximamos Dele com tão pouco fervor. Damos-Lhe causa para Se queixar de nós, como fez daqueles em (Is 29:13).

Somos culpados de leviandade e formalismo nos deveres santos nos seguintes casos:

1. Quando os realizamos como uma tarefa, e não com deleite e amor.
2. Quando não nos excitamos e estimulamos a invocar o Senhor.
3. Quando ficamos satisfeitos com a mera execução externa e não temos aqueles exercícios internos de contrição, fé, tristeza santa e desejos vigorosos, que são a vida e a alma da oração.

4. Quando permitimos que nossos pensamentos vagueiem, ou quando corremos para tais deveres a partir da pressa e da multidão de negócios mundanos, não considerando a grandeza de nossas necessidades e daquela majestade que enche o trono diante do qual oramos, e como Ele será santificado por todos os que se aproximam Dele.
5. Quando não buscamos a resposta para nossas orações; e quando, tendo feito nosso dever, somos despreocupados se ele produz algum bom efeito ou não.
6. Quando somos mais estudiosos em nos aprovarmos aos olhos dos homens do que aos olhos de Deus.

Poderia acrescentar que, se não quisermos perder o favor de Deus, devemos aproveitar devidamente todas as Suas outras ordenanças. Devemos ouvir como se fosse por nossas vidas e tomar cuidado para que Sua palavra não escape de nossas mentes em tempo algum. Devemos receber as boas novas da salvação com corações obedientes e alegres. E em todas as ocasiões adequadas, na celebração da Ceia do Senhor, com afetos santos e um zelo que derrete, manter a lembrança do amor de Cristo até que Ele venha novamente; e com grande constância e seriedade, ler as Escrituras que nos dirigem sobre como obter este favor de Deus que é a nossa vida. Mas se qualquer pessoa tem tão pouco valor pelo favor de Deus que não ora fervorosamente por ele, então ela deve ficar sem ele; e sofrerá por sua recusa de uma bênção tão excelente quando for tarde demais para se arrepender.

(4) Para que você não perca o favor de Deus que é a sua vida, deve evitar toda a preguiça. Que dores Deus tomou, que exortações, que promessas Ele usou para trazê-lo para perto de Si mesmo? Que dificuldades e sofrimentos Cristo suportou para ganhar o seu amor? E você não fará nada em resposta àquele

favor Dele que é tão graciosamente concedido e tão caro comprado? Seja circunspecto e ande de perto com o seu Deus. Acautele-se de tudo o que possa despertar a ira de seu Pai. Pois, embora Ele não rejeite uma relação tão bondosa, contudo Sua ira é mui terrível. Rogo-lhe que tenha mui medo de todos os retrocessos internos e dos declínios espirituais. E para que o calor de seu primeiro amor ardente por Deus não se desvaneça novamente, tome cuidado para que a morte que está no Seu desagrado não se aproxime de você por graus; e para que, de um grau menor de zelo, não venha uma indisposição total sobre seus corações.

Pois, uma vez que você começa a deslizar, a descida é fácil. Assim que estiver sonolento, desperte-se por aqueles motivos poderosos que você pode buscar na palavra de Deus, em Suas promessas e em Suas ameaças. Servos preguiçosos nunca terão a aprovação de seu mestre; você tem bom encorajamento, auxílios múltiplos e a perspectiva de uma grande recompensa. Vale nada a sua alegria, a sua paz, a sua consolação presente e a sua esperança? Se não, então não permita que nenhuns perigos, nenhuma dificuldades quaisquer o façam separar-se delas, sabendo que, uma vez perdidas, podem custar-lhe caro antes de as obter. Tome cuidado para não começar a perder o seu senso pavoroso de Deus, para não se tornar audacioso com o pecado. Tome cuidado para não concordar com o diabo, que, sendo abandonado por Deus, gostaria que você também o fosse; e que, sendo excluído do céu, impediria sua chegada lá, ou pelo menos faria com que você fosse para lá desconfortavelmente. Se ele não pode impedir seu caminhar em direção àquela Jerusalém, ele se esforçará para fazê-lo mancar e ir para lá com dor. Mas para evitar isto, e todos os outros desígnios maliciosos dele, *sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor* (Rm 12:11). E à

primeira retirada do Senhor, fique inquieto até encontrar Aquele a quem sua alma ama.

Ao florescer agora nos átrios de Deus, tome cuidado para não destruir seu próprio fruto. Visto que você está fixado na Rocha das Eras, tome cuidado para não levantar sua própria âncora, e assim sua embarcação ser levada para as areias e sua esperança naufragar. Não dê desculpas para não trabalhar arduamente. Não use demoras; aplique-se aos esforços mais ativos e zelosos, para que possa prevenir sua própria tristeza. Pois o campo do preguiçoso estará todo coberto de espinhos, e as urtigas cobrirão a face dele, e o seu muro de pedra será derrubado (Pv 24:31). Estes espinhos são desejos malignos que brotarão por conta própria, sem sementeira. Eles aumentarão por si mesmos; e então você estará exposto sem defesa a todo invasor e a todas as aves de rapina.

E considere que (como diz alguém), os deveres da piedade não são apenas uma dívida para com Deus, mas uma recompensa para nós. E em nossa preguiça, não há apenas infidelidade, mas ingratidão: tanto a majestade quanto a misericórdia de Deus são desprezadas. Lembre-se do que a Igreja diz (Ct 3:1): *De noite, na minha cama, busquei aquele a quem ama a minha alma; busquei-o, mas não o achei*, etc. Ela não o achou, pois buscou erradamente. Não é de admirar que ela não tenha sido abençoada com a presença dele, quando a buscou de uma maneira tão preguiçosa. E, portanto, embora tenha tido trabalho depois, contudo não se encontrou com ele. Ele castigou a negligência anterior dela com uma ausência mais longa — embora não houvesse lugar que ela não frequentasse, nem pessoa a quem não perguntasse, contudo não ouviu notícias dele. Aquele que sofreu na cruz por ela poderia justamente esperar que ela deixasse sua cama e abandonasse seu descanso por Ele (Ct 5:2-9).

(5) Para que você não perca o favor de Deus, que é a sua vida, tome cuidado com um afeto desordenado por este mundo e pelos deleites sensuais. Se o cuidado e os negócios, as riquezas e os projetos deste mundo tomarem o seu coração e a flor do seu tempo, você terá apenas poucos pensamentos Dele e, conseqüentemente, apenas pouco amor. Quanto mais você avançar na mortificação de seus apetites e de suas concupiscências mais queridas, mais influências alegres encontrará de Sua graça. Acautele-se para não amar nada neste mundo excessivamente — nenhum filho, nenhum parente, nenhum conforto da criatura — para que Ele não arranque esses ídolos de você, e a perda de um prazer supervalorizado vexa suas almas. Ele quer seus corações inteiros. Não pense que Ele lhe mostrará o Seu favor se você der a Ele apenas uma metade e dividir o resto entre os diversos objetos pelos quais seus afetos equivocados se apaixonam.

Se você preza este favor de Deus como deve, não desejará mui veementemente nenhum bem presente, nem lamentará mui dolorosamente sua partida. Sua vida estará em Deus, e não ligada a nenhum de seus amigos, para que, quando eles morrerem, sua paz e conforto não morram ao mesmo tempo. Se o mundo for colocado no trono, a desordem que com isso se oferece a Deus fará com que Ele franza a testa e vá buscar o rebelde e usurpador ali, embora seja com sua dor e pesar. Os prazeres sensuais obstruirão e viciarão seu apetite, de modo que você não provará nem apreenderá tão bem a doçura que há em Deus. Se você viu a face Dele, as belezas e as glórias dela farão todo o mundo parecer para você como uma coisa mesquinha e desprezível, como a mulher que estava vestida do sun e tinha a lua debaixo de seus pés (Ap 12:1). Você verá tal excelência atrativa em Cristo que O estimará como o principal entre dez

mil. E o mundo tentador e de fala mansa não será capaz de levar cativo aquele coração que você já deu a um Senhor melhor. Enquanto outros se alimentam de alfarrobas, você será tratado com o pão da casa de seu Pai; enquanto outros perseguem os prazeres escuros e efêmeros dos sentidos, você terá os deleites dos anjos e de um céu eterno para se alimentar. E sua satisfação esplêndida o impedirá de invejar aqueles cuja ignorância os faz contentes com uma comida inferior; e que, quando poderiam voar como com asas de águias, escolhem rastejar no pó.

A lua é eclipsada quando a terra a sombreia e impede sua admissão da luz do sol que a torna visível. Em tal eclipse, quanto mais perto aquele planeta está da terra, mais duradoura é sua escuridão. Assim também, se sofremos um eclipse do favor de Deus, é porque esta terra se interpôs entre Ele e nós. Seus falsos atrativos e promessas desviam nossos olhos para baixo, os quais deveriam estar sempre levantados para aquele Sol glorioso por cuja luz vemos. Este mundo é um inimigo mais perigoso do que costumamos considerar. E, portanto, o Apóstolo diz: *Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele* (1Jo 2:15). Suas alegrias são como aqueles fogos falsos que vagam de um lado para outro em uma noite espessa e nebulosa, e que levam o viajante enganado para algum poço ou abismo. Mas as alegrias de Deus são como o brilho de um dia de verão. Sua clareza, seu conforto e sua continuidade as tornam dignas de nossa mais alta admiração. Os sorrisos do mundo muitas vezes cobrem um mal planejado; mas os sorrisos de Deus são para nos fazer felizes. Qual, então, deveríamos mais prezar: a fonte ou as correntes poluídas? O oceano rico ou os riachos menores? Por que deveríamos amar as criaturas, quando temos um Deus para amar? Por que deveríamos nos apaixonar por uma bolha que cada pequena tempestade leva embora, e não abraçar aquela

salvação que é oferecida, que é tanto adequada às nossas faculdades quanto não sujeita a perecer?

Com os anjos e com os santos glorificados, façamos de Deus o nosso tudo, nossa porção e o desejo de nosso coração. Pois nosso grande Criador é muito mais amável do que Sua própria obra. Deixemos os homens que não conhecem a Deus prostrarem-se diante de seus ídolos de barro e sujeira. Mas nós, com a mais alta reverência, com a mais cordial submissão, adoremos Aquele de cujo favor temos vida. Deixemo-los cavar nas entranhas desta terra por uma felicidade sórdida; mas nós, levantemo-nos e saiamos daqui. Vamos e busquemos a Deus. Vamos e busquemos até O encontrarmos. E quando O tivermos encontrado, que nada neste mundo — nenhum prazer, nenhuma dor, nenhuma promessa, nenhuma ameaça, nem vida, nem morte — nos faça separar de nosso querido Deus novamente. Nunca cessemos de suspirar e ansiar por Ele. Nunca nos cansemos de Sua obra, nem pensemos jamais que podemos fazer demais por um Mestre tão bom. Banqueteemo-nos com a expectativa alegre de Seu amor eterno e assim tomemos a boa resolução da igreja (Ct 4:6): *Até que refresque o dia, e fujam as sombras, irei ao monte da mirra, e ao outeiro do incenso.*

(6) Para que você busque e se esforce para obter o favor de Deus com mais cuidado, aproveite suas experiências para este propósito. Não descobriu quão agradável é estar perto Dele? Ter acesso ao Seu trono e ver Sua face? E, pelo contrário, não soube que estado lúgubre e desconfortável é estar sem Ele? Há dois tipos de experiências que podem ser mui úteis para você nesta grande questão.

1. Aquelas experiências que você tem de todas as outras coisas em comum com o resto dos homens. Não

descobriu que as promessas e amizades deste mundo são mui mutáveis? Não abraçou uma nuvem muitas vezes, quando prometeu a si mesmo uma felicidade real e sólida? Deu-lhe o mundo aquele entretenimento agradável, aquela satisfação cordial que você propôs a si mesmo quando primeiro deixou sua mente correr sobre ele? Não o chamou mil vezes de um mundo mui vão? Não descobriu mil vezes que ele é assim? Não feriu suas mãos e vexou suas almas, quando pensou ter colhido a flor agradável pela qual se apaixonou? Não viu que a rosa mais bela é acompanhada por um espinho vizinho? Cheirou ela tão doce e durou tanto quanto você pensou que duraria? Não teve todo o seu vinho algum absinto e fel misturados? Não teve cada conforto uma mistura de uma cruz? E onde você esperava os maiores prazeres, não encontrou uma triste mistura de dor? Não foi você ávido, importuno e inquieto por este ou aquele bem da criatura? E quando o obteve, foi ele tão adequado, deleitoso e em todos os sentidos tão amável como parecia ser à distância? Ele deve ser um homem jovem de fato, quem não descobriu que este mundo é um engano. E deve ser um tolo quem, uma vez enganado, permitiria ser iludido novamente. A experiência de alguns anos nos fará a todos dizer com o sábio que *tudo é vaidade e aflição de espírito* (Ec 2:17). E se esperamos extrair dele mais do que um observador da natureza tão grande como Salomão extraiu, seremos miseravelmente enganados. Em nossos primeiros desejos precipitados, lisonjeamos-nos com algo aqui na terra que é grande, plausível e encantador. Mas em nossos pensamentos mais serenos e segundos, descobrimos que tudo o que está debaixo do Sun não passa de um show e uma mera aparência. E

quando descobrimos que é assim — como muitos já descobriram, e todos descobrirão em pouco tempo — convém que nos apliquemos a algo mais duradouro e satisfatório. E isso só pode ser o favor e o amor de Deus.

2. Aproveite não apenas suas experiências comuns, mas suas experiências espirituais para este fim e propósito. Suponho que haja muitas pessoas aqui que estiveram sob angústia de alma e que, em tal angústia, foram abatidas mui baixo. Ora, o que foi, rogo-lhe, que lhe deu alívio em caso tão triste? Foi o fato de você ter muitos amigos, e grandes propriedades, e um comércio florescente, e uma abundância de acomodações externas? Estou certo de que você responderá: “Não, não; nenhuma dessas coisas nos deu a menor ajuda”. Creio ouvir você dizendo: “Tentamos vários métodos para uma cura, tentamos diversas diversões e prazeres, as conversas de nossos amigos e qualquer recreação inocente que pensamos que pudesse nos dar alívio. Ouvimos sermões, lemos bons livros, perguntamos aos nossos ministros, mas descobrimos que todos eram médicos de nenhum valor. Eles não abriram nossos olhos, nem curaram nossas feridas, nem responderam às nossas dúvidas, nem refrescaram nossas almas cansadas e fatigadas, até que o próprio Deus Se agradou em fazê-lo. Nada em todo o mundo nos valeu; nem puderam todos os meios que usamos arrancar o agulhão com que o senso de nossa culpa e condenação nos traspassou. Abana e Farfar, todos os rios de Damasco (2Rs 5:12), e todas as correntes de deleites sensuais, não foram capazes de mitigar ou saciar nossa sede. Tudo era desolação, e terror, e espanto, até que Sua face Se agradou em brilhar através da nuvem

ameaçadora. Vivemos em trevas e nas mais profundas tristezas, até que Ele Se tornou nossa luz e alegria. Estávamos afundando, até que Ele nos sustentou; e morrendo, até que Ele Se agradou em nos reviver. Todo o deleite e alegria que o mundo já nos deu não passaram de um relâmpago comparado àquele dia claro e sereno que Sua graça criou em nossos corações. O Seu amor de fato mitigou nossas dores e removeu nossas feridas; e um raio Dele foi como o alvorecer do céu. Ele nos alimentou, como a João Batista, com mel no deserto; Sua benignidade de fato saciou nossa sede”.

Isto eu sei que é o senso de suas almas, que provaram quão bom é o Senhor. E tendo tido um sabor tão agradável de Sua misericórdia, rogo-lhes, não deixem que a lembrança disso se desvaneça. Oh! lembrem-se com deleite dos transportes, da doçura e da satisfação que encontraram em Deus; do estabelecimento e da quietude que tiveram quando lançaram sua âncora na Rocha das Eras; que visões tiveram então da Nova Jerusalém; e que perspectiva agradável viram quando estavam no Monte. Oh! lembrem-se de quantas vezes caíram, e Sua mão bondosa os levantou; quantas vezes estiveram às próprias portas da sepultura, e Ele foi a sua vida; quantas vezes Suas simpatias se derreteram sobre vocês, quando eram rebeldes; quantas vezes Ele os abraçou, quando eram pródigos; quantas vezes Ele os perdoou e lhes ordenou que tivessem bom conforto, quando vocês mesmos se condenavam.

Vocês descobriram que todas as criaturas são como uma gota em um balde; e quão incapaz uma gota tão pequena era de satisfazer seus anseios fervorosos, seus suspiros e desejos. E que, após muitos passos cansativos, não encontraram descanso até que Ele Se manifestasse e lhes desse aquela compostura e quietude que

em vão buscaram em coisas inferiores. Não encontraram mais consolo em uma hora de conversa com Deus, em orações e meditação, do que em muitos dias de discursos com os melhores dos homens? Ouso dizer que vocês descobriram que este mundo é cada vez pior, quanto mais o tentaram. Mas as visões mais claras que tiveram de Deus mostraram-lhes algo Nele cada vez mais excelente.

Quantas vezes vocês vieram ouvir Sua palavra com pensamentos emaranhados e perplexos, e Ele os enviou embora refrescados e satisfeitos? Quantas vezes vocês, com corações tristes e olhares lamentosos, ajoelharam-se em seus quartos de oração e se levantaram novamente com grande calma e serenidade após terem tido comunhão com Ele? De modo que clamaram: “Oh! que eu O tivesse conhecido antes, e O tivesse amado com meus primeiros afetos, pois Ele mui bem merece todas as minhas faculdades e todos os poderes de minha alma”. Lembrem-se das grandes experiências que tiveram da bondade de Deus! Com que bondade Ele os atraiu no início! Com que promessas graciosas Ele acalentou suas esperanças desfalecentes e fracas! Quão oportunamente Ele os despertou do sono da morte, com Suas ameaças, chamados e castigos oportunos! Como Ele fez seus ossos quebrados se regozijarem! Quantas vezes Ele alargou seus corações no dever, e vocês sentiram tanto do Seu poder e presença, e de uma maneira tão confortável e tão doce! É como se vocês não apenas tivessem ouvido falar Dele pelo ouvir do ouvido, mas também O tivessem visto com o ver do olho! (Jó 42:5).

Quantas vezes Ele renovou Sua misericórdia quando vocês pensavam que Ele nunca mais seria favorável! E quantas vezes, quando sua incredulidade os fez dizer que Ele havia partido, Ele retornou novamente! Quantas vezes Ele escutou seus clamores

lamentosos e lhes deu muitas provas de Seu amor na resposta graciosa de suas orações! Quantas vezes o seu coração e a sua carne falharam, e Ele lhes deu suporte! Quantas vezes vocês foram duramente tentados, e Ele derrotou o Tentador! Quantas tempestades os colocaram em consternação, e Ele apareceu em seu auxílio e disse: *Sou eu, não temais!* Pode ser que Ele os tenha colocado na fornalha ardente; mas Ele esteve com vocês ali e fez até as provações mais severas purificarem sua escória. Ele os corrigiu com uma mão mui terna e habilidosa, e ordenou com uma sabedoria mui exata todas as suas tribulações, tanto quanto à natureza delas quanto à sua duração. Elas não foram pesadas demais, nem ficaram tempo demais (Sl 119:75).

Falo como a homens sábios: julguem o que digo. Estas experiências bem lembradas serão um meio de preservá-los de perder o favor de Deus, que é a sua vida. Assim como é útil para sua saúde lembrar o que o feriu e o que lhe fez bem até agora, assim estas experiências espirituais serão mui benéficas. Pois você pode mui bem dizer com Davi: *Tenho visto fim a toda perfeição, mas o teu mandamento é amplíssimo* (Sl 119:96).

CAPÍTULO 5

Sobre a Segurança

Sobre a Convicção. E também sobre as bases falsas nas quais muitos são propensos a concluir que são favoritos de Deus, quando não o são.

I. Esforce-se para ter a convicção de que desfruta do favor de Deus. Essa é a sua vida: não apenas crer que é assim, mas sentir esta convicção animando suas faculdades e espalhando-se por cada parte. De modo que você possa não apenas ter o Seu

semblante, mas a luz dele; e que não ande em trevas sem contemplar agradavelmente este Sol glorioso e revificante. O favor Dele para com você, mesmo que não seja discernido, o tornará bendito; mas nada além do senso dele o fará regozijar. Embora você esteja seguro, contudo é mui desejável saber que está — não apenas estar indo em direção ao céu, mas ver a Coroa da Glória brilhando diante de seus olhos enquanto você caminha. É mui terrível, embora Deus seja seu Pai, se você não puder pensar Nele exceto como um Juiz. Medos e dúvidas são coisas inquietantes e incômodas. A inquietação e o tormento que eles lhe dão deveriam excitá-lo a tentar todos os meios pelos quais possam ser removidos.

É muito melhor ter uma vida vigorosa e ativa do que os movimentos doentios e fracos dela que mal são discernidos, como em apoplexias e outras doenças, onde a alma está retirada para dentro e os espíritos têm um movimento tão frio que mal fazem o pulso bater. Que paz você pode ter sem uma evidência de seu interesse em Deus? Que conforto de Suas promessas, se não sabe se elas pertencem a você ou não? Enriquecê-lo-á ver grandes tesouros, se você não tem parte neles? Que bem há em fontes abundantes de consolação, se você provavelmente perecerá e morrerá de sede? Você deve se esforçar para ter sua esperança como uma âncora que é tanto segura quanto firme (Hb 6:19). E você tem encorajamentos dados para uma esperança tão segura. Como diz alguém: “A esperança seria apenas uma âncora pobre, se deixasse a alma à cortesia de uma onda, à clemência de uma rocha, à disposição de uma tempestade”. A esperança seria apenas uma âncora fraca se deixasse a alma perder-se com incertezas, ou a deixasse em perigo de naufrágio.

Não se satisfaça com o fato de pensar que o favor de Deus é a sua vida, até que possa dizer com Davi: *Ele é a saúde do meu*

semblante e o meu Deus (Sl 43:5). E estes dois, reunidos, produzirão uma alegria mui sólida e confortável quando você puder dizer com o êxtase de Tomé: *Senhor meu, e Deus meu!* (Jo 20:28) ou com a Igreja: *Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu* (Ct 6:3). Use todas as ordenanças, a Palavra e os sacramentos para este propósito: para que possa encontrar Aquele a quem sua alma ama (Ct 3:3-4). Oh, qual será o seu prazer quando vir que o grande Deus do céu é o seu próprio Deus! Ver aquele Salvador de quem os profetas, e apóstolos, e mártires, e todos os seus ministros, e seus amigos cristãos falaram tanto, ser finalmente o seu próprio Salvador! Como você estará à vontade quando vir que as excelências Dele são suas, e que você está entre a multidão jubilosa e adoradora que O serve! Amá-Lo, e ter o Seu amor mostrado a você, e ter estes deleites mútuos aumentando mas nunca decaindo — possuírem-se um ao outro para sempre com êxtases renovados e repetidos — isso é um céu começado, que nenhuns pensamentos podem apreender plenamente, nem palavras declarar.

Para isso, você deve dar toda a diligência para fazer firme a sua vocação e eleição (2Pe 1:10). Você deve frequentemente provar seu coração e suas ações pela Palavra de Deus, e implorar o Seu Espírito, e obedecer às Suas moções, e excitar suas graças, e vigiar contra o pecado, e negar a si mesmo. O comerciante esforça-se ao máximo para ter um comércio farto, e gostaria de ter muitos negócios e dinheiro fluindo para ele. O mercador luta para ter todos os retornos abundantes imagináveis. Oh! lutemos para que nossas almas não apenas estejam seguras, mas que também prosperem; não apenas que possamos orar, mas orar com ousadia a Deus, como filhos a um Pai. E quando formos capazes de olhar para Ele como nosso Pai e nosso Amigo, então nosso serviço será mais fervoroso; e toda a nossa obra será feita

com maior vida e coração; nossos medos escravos e desânimo darão lugar ao amor e à esperança. E então tudo o que nos concerne passará por uma mudança mui confortável. Seremos capazes de ouvir os trovões, e as maldições, e as ameaças da Lei, sem espanto e terror, porque habitaremos como no Pavilhão de Deus. Seremos capazes de pensar no inferno e não seremos sobrecarregados, porque olharemos para ele como um calabouço do qual fomos salvos pela graça de Deus. Atenderemos às mensagens do Evangelho, pois ele nos trará boas novas. Os anjos benditos serão seus guardiões, os ministros da Igreja serão seus diretores e ajudadores; a malícia dos ímpios e a fúria dos demônios cairão abaixo de nós e não alcançarão nossa felicidade.

II. Tome cuidado para não concluir, a partir das misericórdias comuns que desfruta, que o favor especial de Deus é seu.

Você não deve concluir de nenhum de seus privilégios externos que possui este favor. Deus pode habitar por muito tempo entre um povo pelos testemunhos externos de Sua presença, por Sua Palavra e pelos meios da graça, e contudo deixá-los por fim. Quem foi outrora mais feliz do que os judeus em Sua proteção? E contudo nenhum é mais miserável do que eles pela partida Dele. Jerusalém, onde Ele havia colocado o Seu Nome, e que outrora fora a glória de todas as cidades, não é mais notável por seu templo glorioso e suas torres majestosas; por suas riquezas, grandeza e esplendor com que brilhara anteriormente. A Terra Santa, o país da Judeia, que nosso Salvador abençoou com Sua presença, que instruiu com Seus sermões celestiais e honrou com Seus milagres, não é mais a mesma Judeia que outrora foi. Está agora gemendo sob o domínio cruel dos turcos. E as sete igrejas perderam seus castiçais de ouro e o Hóspede bendito que outrora andava no meio delas. As estrelas que brilhavam ali estão agora

eclipsadas, e sua glória se foi. É uma grande misericórdia, de fato, ter o Evangelho, mas no resultado final não será uma misericórdia para você, a menos que ele brilhe em seu coração. Se não prevalecer para a conversão de sua alma, agravará sua ruína. Pois você irá da luz mais clara para a escuridão mais espessa, do dia mais brilhante para a noite mais lúgubre.

Você não pode concluir que possui este favor a partir de quaisquer dons comuns de conhecimento ou entendimento, a menos que seja santificado por completo. Quando nosso Senhor ascendeu, deu dons aos homens. É como aquelas liberalidades que os reis espalham indiferentemente entre seus súditos no dia de sua coroação, sem fazer distinção entre o bom e o mau. Vários participam daquelas peças de ouro e prata que menos as merecem. Mas eles reservam suas grandes honras e os principais cargos da coroa para seus favoritos peculiares, e para aqueles que pertencem à casa e servem às suas pessoas. Assim Cristo distribui muitos favores a todos os que desfrutam de Seu Evangelho. Mas há alguns que são peculiares à Sua própria família, como distintos do resto dos homens. Tais são os dons da fé, da regeneração e da adoção. *Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos que amamentaste*, e contudo mais bem-aventurados são aqueles que guardam as Suas palavras (Lc 11:27-28). Nem a circuncisão nem a incircuncisão valem coisa alguma, mas sim a nova criatura (Gl 6:15).

Você não pode concluir de sua prosperidade externa, de suas riquezas ou abundância no mundo, que possui este favor de Deus, no qual está a vida. Nosso Senhor, que por Seu próprio exemplo pretendeu mostrar aos homens coisas melhores do que os bens deste mundo, primeiro fez Seus anjos aparecerem aos pastores pobres — não às cortes de príncipes e às escolas de filósofos. Ele poderia ter tido reis servindo-O, se quisesse, e

lançando suas coroas e cetros aos Seus pés. Mas Ele escolheu um trem de seguidores pobres a quem enriqueceu com tesouros celestiais, não com os desta terra, embora toda a criação e todas as suas glórias estivessem ao Seu comando. Os pobres foram aqueles que receberam o Evangelho; e *não muitos nobres são chamados* (1Co 1:26-27). Os pobres do mundo são ricos na fé e herdeiros do Reino (Tg 2:5).

Embora, assim como as riquezas não são sinal da eleição de Deus, também a pobreza não é marca da graça. Contudo, Deus muitas vezes edifica Sua Igreja com o tipo mais baixo de pessoas e aquelas que muitas vezes não são mui sábias para este mundo. Aflições e cruces não são marca do Seu desagrado, nem a prosperidade contínua é o caráter do Seu amor. Pois muitas vezes Deus deixa o Seu sol brilhar sobre os ímpios até o dia de sua morte; sua força é firme; a vara não está sobre eles; não temem mal algum; não conhecem tristeza. Não há lágrimas em seus olhos, nenhuma tristeza em seus corações, nenhuma queixa em suas famílias (veja Jó 21:7-13).

As riquezas em si mesmas são, de fato, grandes bênçãos. Um homem pode fazer abundantes boas obras com elas, o que o tipo mais pobre de pessoas não pode por causa daquelas aperturas e dificuldades com que têm de lutar. São grandes talentos e úteis para grandes propósitos (Mt 25:15-17). Proporcionam aos homens grande lazer para os assuntos de suas almas. E não sendo perplexos com cuidados ansiosos sobre como obter o sustento, podem ler, meditar e orar com mais devoção. Mas então estas bênçãos suaves e fáceis, encontrando-se com as corrupções que estão na natureza humana, frequentemente provam ser uma armadilha. Frequentemente servem ao orgulho, à vaidade, ao luxo e ao excesso; às sensualidades e concupiscências mundanas. E por essa razão, nosso Salvador diz: *Um rico*

difficilmente entrará no reino do céu (Mt 19:23). Poucos encontram um céu aqui e um céu futuramente.

Em (Lc 16:19-21), o homem rico tinha todo tipo de acomodações — uma habitação majestosa, uma multidão de admiradores, vestes suaves e entretenimentos curiosos compostos de tudo o que pudesse ser buscado na terra, no mar ou no ar. E no meio de toda essa abundância, tinha a maldição de um espírito sem caridade. O pobre Lázaro estava coberto de trapos, enquanto o rico se pavoneava em suas sedas. Enquanto este tinha seus excessos e sua fartura, o pobre homem não tinha o que era necessário para a vida. Era um mendigo modesto; pedia apenas as migalhas que caíam da mesa do rico, as varreduras de sua casa; e contudo lhe foram negadas. E a toda essa carência, acrescentou-se um aumento de misérias por suas feridas dolorosas. O pobre homem não tinha amigos para visitá-lo, nenhum médico para enfaixar suas feridas, nenhum cordial para sustentar seus espíritos. Nesta postura dolorosa jazia o pobre Lázaro; e seu cadáver estava apodrecendo antes mesmo de ele chegar a morrer. Os cães eram as únicas criaturas bondosas para com ele; lambiam suas feridas e mitigavam a veemência da dor com suas línguas curadoras. Como alguém expressa: “Eles foram humanos, embora o mestre deles fosse um bruto”. E contudo este homem pobre era mui feliz.

Quando suas dores finalmente o levaram à morte, anjos foram enviados para conduzir sua alma recém-liberta — para levar aquele que passava fome na terra ao banquete da glória, onde nunca mais estaria em aflição ou tribulação. O homem pobre teve uma jornada mui cansativa, mas um refrigério mui doce ao chegar ao fim de sua viagem. Ele esteve exposto às injúrias do tempo e ao rigor do frio; mas no seio de Abraão foi inexpressivelmente confortado. Ele tinha fartura suficiente na

casa de seu Pai; embora aqui, com todas as suas súplicas, não pudesse obter sequer uma migalha.

E o homem rico, pouco depois, teve sua alma poluída e despreparada arrancada, e foi condenado a uma destruição maior por ter sido tão cruel com este homem pobre. Esse miserável orgulhoso e desdenhoso, com seus olhos flamejantes, viu Lázaro em descanso enquanto ele estava em seu tormento. Dives tornara-se então o mendigo e, de bom grado, teria recebido uma gota para refrescar sua língua ardente; mas isso lhe foi negado. Aquele que não mostrou misericórdia, não a encontrou (Lc 16:23-24). E o seu inferno era mais quente para ele por ter vivido tão à vontade aqui na terra. E aumentava suas chamas lembrar-se de quantos estavam se apressando para o mesmo lugar pelo seu mau exemplo — e que, quando chegassem lá, aumentariam o seu tormento.

De modo que podemos dizer aos homens ricos o que um bom e velho ministro disse a um lorde, depois que o homem lhe mostrou sua casa majestosa, seus jardins, seus tanques de peixes e suas outras conveniências para uma vida agradável e fácil: “Meu Lorde”, disse ele, “o senhor precisa ter certeza do céu, pois será ruim ir para o inferno vindo de um lugar como este”. Muitas pessoas pensam que, porque seus esforços sucedem bem, seus negócios prosperam e sua riqueza aumenta, certamente são amadas por Deus e que essas coisas são as marcas de Seu favor peculiar. Você pode viver em prazeres e, no entanto, estar morto enquanto vive. Seus corpos podem não carecer de nada e, no entanto, suas almas negligenciadas sofrerem sob declínios miseráveis. Você pode ser elevado ao céu com prazeres externos e, no entanto, eles podem apenas expô-lo a uma queda maior e a um perigo mais espantoso.

Pode ser que você tenha saúde enquanto outros estão doentes; mas sua saúde não é senão um talento maior que lhe é dado, e do qual você deve prestar um relato mui estrito. Pode ser que seus caminhos sejam suaves, mas eles o levam à ruína e à sepultura? Não há nada mais formidável do que os juízos espirituais; e de todos os juízos espirituais, nenhum é tão grande quanto Deus deixá-lo sozinho para escolher seu próprio caminho, seguir seu próprio curso e os desígnios de seu próprio coração. E é um sinal de Sua ira acesa em um grau fora do comum quando Ele diz em (Os 4:14): *Eu não castigarei vossas filhas... nem vossas noras*. Portanto, não descanse nisso, mas busque a graça santificadora e o perdão de seus pecados de todo o seu coração.

Não pense que, porque sua consciência não está perturbada, por esta mesma razão você tem o favor de Deus. A facilidade que muitos pecadores têm é doentia e desaparecerá. É como a facilidade de uma apoplexia que entorpece o sentido e enfraquece a vida; é como os sonos do doente causados por opiáceos e poções entorpecentes. Assim como muitas vezes os verdadeiros crentes temem onde não há causa para temer, os pecadores esperam onde não há causa alguma para esperar. Muitos santos choram enquanto vão para Jerusalém, porque não veem o lugar bendito que está diante deles. E muitas almas seguras estão adormecidas à própria porta do inferno, porque não percebem o perigo que está por baixo. Se percebessem, isso as aterrorizaria ver que a inundação está chegando e sua casa está construída apenas sobre a areia; ver que a espada está desembainhada, seu adversário está a caminho e elas não se prepararam para encontrá-lo.

Alguns, de fato, questionaram qual é o pecado maior: a presunção ou o desespero? Não há dúvida de que ambos são mui

ruins. Ambos são rochas. Se um homem naufraga, pouco importa em qual rocha ele se despedaça ao ser lançado fora. E, contudo, Deus fará concessões até mesmo para as expressões e pensamentos desesperados de Seus servos em grandes e longas deserções. Ele foi gracioso com Davi, embora este tenha dito desesperadamente: *Algum dia cairei pela mão de Saul* (1Sm 27:1). E gracioso com Sião, embora ela tenha dito: *O Senhor se esqueceu de mim. Pereceu a minha força e a minha esperança no Senhor* (Lm 3:18). Mas, ainda assim, é um pecado contra o qual devemos resistir e lutar — e não menos contra a presunção, que mata seus milhares todos os dias. Oh, quantos existem! Há muitos que comem e bebem, e se alegram, e no entanto não sabem se Deus é seu amigo ou seu inimigo. (Sl 55:19): *Porque neles não há mudanças, e por isso não temem a Deus*. Mas se um arrependimento rápido, sério e sincero não o impedir, eles sentirão em breve uma mudança que estragará e destruirá todas as suas esperanças. Sentirão uma mudança que, ao mesmo tempo, concluirá sua vida, enviá-los-á ao julgamento e alojará suas almas na miséria. E onde estarão suas esperanças então?

Meus amigos, o caminho da vida é estreito; há abundantes erros sobre ele; há abundantes curvas e voltas, labirintos e perigos, pelos quais você pode ser impedido em sua peregrinação se não tomar grande cuidado. Há vários caminhos que são parecidos com este caminho, que têm uma semelhança com ele, e contudo diferem vastamente dele. Há a paz de Deus e há a paz de Satanás. É o desígnio daquele espírito malicioso deixar que você fique quieto em seus pecados para que não veja o mal deles, nem sinta sua amargura. E então você poupa a ele o trabalho de torná-lo miserável, pois você mesmo se torna assim. Não permita que ele cegue seus olhos, nem o leve à destruição, enquanto você nunca faz sequer uma parada, nem se assusta com isso.

Você ouve outros se queixando de seus pecados e clamando que estão abandonados, arruinados e miseráveis, e você agradece a Deus por não ter tribulação; sua consciência está calma e quieta. Rogo-lhe, tome cuidado para que isso esteja fundamentado em boas razões; que não prove ser apenas um curto sono, em vez de uma paz duradoura. Pode ser que você nunca tenha duvidado do amor de Deus por você; e é mui bom se você não tem causa para duvidar. Você pensa, talvez, que aqueles que estão angustiados na alma o estão porque cometeram pecados maiores do que outros homens; e, portanto, como a víbora na mão de Paulo, que a vingança se apega a eles porque foram culpados de algum pecado mui grande e monstruoso. Mas você deve saber que os Juízos de Deus são um abismo profundo demais para você sondar. Ele tem fins sábios nessas dispensações severas, embora aqueles que estão à vontade possam ter cometido pecados tão grandes quanto aqueles que estão em tribulação. Muitas vezes uma grande calma precede um terremoto. Muitas vezes o céu está mui claro pouco antes de as nuvens se acumularem e o relâmpago e o trovão virem. Acautele-se para não estar inseguro enquanto está mais confiante. Acautele-se para não descer à sepultura, como milhares fazem, com uma esperança tola e sem fundamento. Lembre-se das virgens loucas (Mt 25:1-13) e daquele aviso do Apóstolo em (1Ts 5:3).

CAPÍTULO 6

Como podemos saber que temos o Favor de Deus

Mostrando por quais meios podemos saber se temos o favor de Deus ou não. E primeiro, pelas graças de Seu Espírito, embora a atuação delas não seja tão forte nem

tão confortável em um tempo quanto em outro. E segundo, pelo nosso ódio ao pecado; e pelo nosso estar satisfeitos com todas as Suas providências.

O próximo passo é examinar e testar se você de fato tem este favor de Deus, no qual está a vida. Há uma grande quantidade de pessoas que pensam que Deus é seu Amigo, quando de fato Ele é seu Inimigo; e muitos cristãos atribulados e angustiados pensam que Ele é seu Inimigo, quando Ele é seu Amigo. Sejamos, rogo-lhes, mui cuidadosos em uma coisa que tão de perto concerne tanto à nossa paz presente quanto à futura. Tomemos cuidado para que nem o diabo nem nossos próprios corações nos enganem em uma questão de tão vasta consequência. E precisamos de um cuidado ainda maior porque, se nos lisonjeássemos com uma esperança tola de que somos favoritos de Deus, quando não o somos verdadeiramente — então, assim como nossas vãs expectativas nos deixariam ao final, a ruína que isso produziria viria com um peso dobrado sobre nós. Pois cair de grandes esperanças é pior do que nunca ter esperado de todo. Ser miserável depois de nos termos julgado felizes dá um aguilhão mais agudo e amargo a essa miséria.

Há muitos no inferno, agora gemendo sob a ira eterna de Deus, que pensaram que veriam os sorrisos de Sua face e não seriam aterrorizados com Seus franzires de testa; que pensaram que caminhariam nas ruas da Nova Jerusalém, em liberdade, luz e paz, ao passo que estão agora em cadeias de trevas e angústia inexpressível. Com que ternura, com que cautela e com que temor santo deveríamos gerir um assunto como este! Com que solenidade eu deveria proceder ao inquirir se sou um favorito de Deus ou não; se pertenço aos vivos ou ainda permaneço entre os mortos; se sou um herdeiro do céu ou um total estranho ao lugar bendito e ao Deus que o torna tão bendito como é? E não há uma

única pessoa que leia isto que não tenha causa para fazer tal inquérito e dizer a si mesma: “Sinto pelo calor e movimento vigoroso de meus espíritos que tenho uma vida natural. Como, bebo, durmo e tomo cuidado abundante, e uso mil projetos para manter esta mesma vida querida e agradável. Mas enquanto meu corpo é mimado e prospera, está minha pobre alma negligenciada em um estado de morte? E enquanto os homens me mostram favor e são amigáveis comigo, tenho eu o favor daquele Deus que há de ser o meu Juiz, e que é ou o melhor amigo, ou o pior inimigo?”.

Ora, podemos proceder nesta questão por regras como estas:

I. Você possui aquelas graças do Espírito operadas em você, que são os penhores e sinais certos de Seu favor? Você é rico na fé e, no entanto, pobre de espírito? Está faminto e sedento de justiça? E quando descobre que suas próprias melhores ações ficam vastamente aquém das exigências estritas e puras da Lei Divina, você preza e busca a justiça que está em Cristo? É esse pecado agora amargo ao seu paladar e penoso aos seus pensamentos, o qual outrora era mui estimado e prezado? Você odeia e lamenta com um espírito arrependido aquilo que outrora era seu mui amado e sua alegria? Está você mortificado para este mundo e anda humildemente, como quem considera sabiamente quão fraco é e quão propenso a ser surpreendido e a cair — considerando sempre que você é mui pecador e mui frágil?

Estas graças da fé, mortificação, humildade e afins são sinais certos do amor de Deus. Ele Se deleita em fixar Sua habitação em uma alma assim qualificada (Is 57:15). Em tal alma, um céu começou. E ela não apenas vive, mas alcançará nova força e procederá a novos graus de vida. Embora ela floresça agora nos átrios do Senhor, Sua Luz brilhando sobre ela fará com que lance

raízes mais profundas e pareça mais amável e fresca — como aquelas chuvas que deslizam dos cumes das montanhas, descem aos vales e os tornam mais frutíferos. Os presunçosos perderão refrigérios abundantes que uma alma tão humilde encontrará. *Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade* (2Co 3:17). Ele não dá isto para permanecer apenas por um pequeno espaço, mas para permanecer com Seus servos até que o trabalho deles esteja terminado.

É chamado o *penhor da nossa herança* (Ef 1:14). Um penhor, você sabe, é parte do pagamento que não deve ser devolvido; e diz-se que somos *selados com este Espírito para o dia da redenção* (Ef 4:30). Como alguém explica: “Por esse selo Deus distingue os crentes dos outros homens, assim como selos são empregados para diferenciar algumas coisas de outras que não devem ser tão consideradas — como selamos nossos próprios bens, ou papéis, ou alguma coisa particular que é mui preciosa”. Esta expressão nos chama a meditar na infinita ternura do amor de Deus pelos homens. Pois um homem não ama nada tanto quanto aquilo que é seu; ele olha para outras coisas nas quais não tem propriedade com um olhar indiferente e despreocupado. Mesmo as glórias majestosas de um palácio não o afetam com uma alegria tão grande quanto as pequenas conveniências de sua própria cabana inobservada, porque é sua.

E, além disso, um selo muitas vezes carrega o brasão de armas daquele de quem é o selo; ou a imagem de alguma grande pessoa. Assim, a obra do Espírito é gravar fé, esperança e amor em nossos corações. Estes são as insígnias da Nova Aliança; e formam em nós a imagem de Deus, que consiste em justiça, paz e santidade. Deus não coloca esta marca em ninguém senão naqueles que são de fato Seus favoritos, que pela ternura e suavidade de seus corações estão preparados para receber essas

impressões. Mas, em grande medida, somos passivos nesta questão, como a cera recebe passivamente as marcas que o selo estampa nela. Estas são obras salvíficas do Espírito que mencionei; ao passo que uma grande quantidade de dons comuns é concedida àqueles a quem Deus abomina. Muitos homens podem ter luz suficiente para mostrar aos outros o caminho do céu e, no entanto, nunca caminhar nele eles mesmos. Aquele que foi uma estrela no firmamento da Igreja na terra pode sentar-se em trevas.

(1Co 13:1-2): Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

Você deve, sob este tópico, observar estas duas coisas:

1. Não esperar ser forte em cada graça da mesma forma.
2. Não ter os mesmos confortos em todos os momentos.
3. Você não deve esperar ser forte em cada graça da mesma forma. Devemos nos esforçar para sermos completos, para termos todas as peças de nossa armadura cristã polidas e prontas para a ação, e bem ajustadas e postas sobre nós. Mas devemos principalmente segurar e guardar aquelas partes onde há o maior perigo de um ferimento; aquelas partes onde está o assento da vida. Assim, devemos antes de tudo cuidar e cultivar aquelas graças que produzem e mantêm as demais em vigor, tais como a fé, o arrependimento e a humildade. Embora seja

mui certo que nem todos os homens, mesmo aqueles que são favoritos de Deus, têm a mesma estatura, nem a mesma força; nem têm tanta habilidade em cada dever como talvez tenham em um ou dois. É assim ordenado pela santa providência de Deus que todos em Cristo tenham tribulações. Mas muitas vezes elas são mui diferentes umas das outras, para que a graça diferente que devem exercitar sob suas diversas provações brilhe com uma glória mais radiante.

Assim, antigamente, Abraão foi peculiarmente eminente por sua fé, Moisés por sua mansidão; Jó por sua paciência. Todos os crentes, pelos privilégios de que são investidos, são estrelas; contudo, mesmo aqui uma estrela difere de outra em glória. Como há diversos dons do mesmo Espírito, que são todos úteis ao todo, assim as graças que são operadas por Ele, segundo o Seu soberano prazer, produzem diversos efeitos segundo os sujeitos em que estão. E muitas vezes elas são mui avançadas ou obstruídas por um bom ou mau temperamento do corpo. Por isso, aqueles que têm um temperamento irascível, a ferosidade de seus espíritos naturais que tendem a se inflamar em cada pequena ocasião, dificulta mui essa mansidão e calma que é uma das graças do Espírito Santo. E assim outros que são naturalmente tenazes, estritos e de mente estreita, muitas vezes cheiram demais a essas más qualidades, mesmo quando são convertidos. Mas não deveria ser assim; pois se há algum pecado particular ao qual somos mais inclinados por nossa constituição do que a outro, deveríamos nos opor mais industriosamente a esse pecado.

Você não deve esperar uma continuidade dos mesmos confortos em todos os momentos. Pois o Espírito sopra onde quer, e quando quer (Jo 3:8). Embora a nova criatura seja formada em

você pela graça de Deus, contudo você não pode perceber seus movimentos com um sentido tão distinto em um tempo quanto em outro. Embora pela intercessão de Cristo Seus favoritos estejam seguros de uma apostasia total e final, contudo podem cair vez ou outra, e sua vida parecer declinar, e um desfalecimento espiritual vir sobre ela, e uma tristeza mui profunda pode cobrir e, por assim dizer, sepultar suas esperanças e suas alegrias. Há ainda aquele princípio vital que não verá corrupção; aquela semente de Graça que vez ou outra florescerá com fruto aceitável. Sua fé pode, em tentações violentas, ser como o movimento fraco e imperceptível da alma. Quando o corpo está em um desmaio, a alma parece por um tempo ter partido. Mas depois que os espíritos são refrescados, ela anima todo o corpo e exercita todas as funções e ofícios da vida como costumava fazer.

Quando o navio estava sendo mui violentamente fustigado por uma tempestade, contudo nosso Senhor estava lá; mesmo que os pobres discípulos trêmulos pensassem que Ele não Se importava se eles se perdiam ou se salvavam. Assim Maria estava afogada em lágrimas após Sua ressurreição. Não O encontrando onde esperava, nem tão cedo, ela deu lugar à tristeza. *Levaram o meu Senhor*, diz ela, *e não sei onde o puseram* (Jo 20:13) — quando a própria pessoa que ela tinha então à vista era o mesmo querido Salvador e amigo que ela ansiava ver. E quando com grande ternura e familiaridade Ele Se revelou e a chamou de *Maria*, então ela soube mui bem que era o seu Mestre. Seu pobre coração abatido encheu-se de alegria e transporte; ela caiu aos Seus pés e os beijou.

Deus não manifesta igualmente Seu favor, não, nem mesmo à mesma pessoa, que às vezes triunfa e às vezes está mui desolada. É como o navio que às vezes é levantado, até como que ao

próprio céu, pelas ondas que sobem e incham. No minuto seguinte, esse mesmo navio está afundando no fundo do mar e pronto para ser engolido nas profundezas formidáveis. Embora, se estivéssemos devidamente preparados, a face do nosso Deus apareceria com um aspecto tão amável em um tempo quanto em outro. Pois, se há ali quaisquer franzires de testa, nossos pecados são a causa. E porque somos pecadores, é tão necessário para nós chorarmos vez ou outra quanto estarmos sempre alegres. As nuvens e as chuvas são tão necessárias para a terra quanto o sol constante e o tempo mais limpo. Nossas graças não nos rendem deleite até que o Espírito as atue e as vivifique. Até que Ele sobre o jardim, os aromas não exalam (Ct 4:16); nem as flores mais doces cheiram com tal perfume e tal fragrância como fazem então.

Se queremos ter um senso caloroso do amor de Cristo derramado em nossos corações, isso deve ser feito pela eficácia e influência do Espírito Santo. Ele traz à lembrança as verdades mais adequadas e aplica oportunamente aquelas promessas que são mais confortáveis e revivificantes. Ele levanta em nós coragem e esperança santas, e enche nossas velas com Seus sopros favoráveis. Ele bane aquele medo e aquelas dúvidas perplexas que nos escravizam, e coloca diante de nós a misericórdia e a benignidade de Deus. E Ele derrama em nossas feridas doloridas e sangrentas as consolações do Evangelho.

Há, de fato, alguns momentos particulares em que Deus Se agrada em dar à alma manifestações claras de Seu favor. E costumam ser ditos pelos teólogos como sendo em tais circunstâncias particulares como estas:

1. Ele Se agrada em condescender com os novos convertidos, que são subitamente alegrados com alegrias

poderosas e cheios de uma admiração por Sua graça. Ele considera a fraqueza desses peregrinos tenros, e a Sua alegria torna-se a força deles. Ele os alimenta como com comida de anjos, pois sabe que têm um longo caminho a percorrer. E, portanto, Ele os carrega em Seus braços e os guia gentilmente; e eles não se encontram com aquelas provações agudas e pesadas com que os cristãos mais experientes se encontram. A mudança súbita que percebem, quando passam de trevas densas para uma luz maravilhosa, quando suas cadeias são quebradas e as portas de sua prisão abertas, faz com que se maravilhem e adorem. É por isso que têm afetos vigorosos e são mui ativos para a glória de seu Salvador. É por isso que o zelo deles é tão fervoroso e a chama de seu amor queima tão clara e brilhante.

2. Outra estação em que Deus comunica aos Seus servos manifestações peculiares de Seu favor é na Ceia do Senhor, quando veem seu Redentor crucificado diante de seus olhos; quando veem os tormentos de Seu corpo e as agonias de Sua alma; quando veem quão dolorido, quão vencido Ele foi; e que toda essa dor foi por eles e para a salvação deles. E tão certamente quanto recebem o pão e o vinho, assim mui certamente recebem este Jesus e todos os Seus benefícios — direção para o presente e um título para a glória eterna. Isso os leva ao topo do Monte. Isso os faz provar da Árvore da Vida. Esta visão de um Salvador moribundo, e do céu que Ele comprou, faz com que O adorem com louvor e até pensem em si mesmos como se já estivessem lá onde Ele está. A alma que crê vai a esta mesa do Senhor faminta e sedenta; e da mesma mesa retorna grandemente satisfeita com um banquete

tão divino — embora não sem os desejos mais fervorosos por aquele entretenimento que lhe está reservado lá no alto.

3. Deus Se agrada em dar aos Seus servos uma manifestação mais clara de Seu amor quando tenciona empregá-los em algum serviço notável ou extraordinário, como encorajou Josué, que encontrou grandes dificuldades, dizendo-lhe: *Não temas, mas sê de bom ânimo, porque eu sou contigo* (Js 1:9). Quando coloca diante deles os trabalhos e perigos do combate, exhibe ao mesmo tempo a grandeza da recompensa e a glória da vitória. Assim Ele anima Seus soldados para lutarem Suas batalhas; assim prepara Seus mártires para testemunharem de Sua verdade, e com tal senso de Seu favor que nenhum cálice parece amargo demais para beberem, nenhum perigo grande demais para conquistarem. Por isso Moisés disse: *Se a tua presença não for conosco, não nos faças subir daqui* (Êx 33:15). Mas com ela, ele estava contente em ir para qualquer lugar de dificuldade para o qual fosse chamado. “Ele preferiria (como diz alguém) estar em um deserto desolado e uivante, do que em uma terra agradável e frutífera sem a presença de seu Deus. Ele sabia que não havia doçura em Canaã sem Ele — há mais agulhão do que mel na Terra da Promessa, a menos que Ele esteja lá”. E a própria Canaã provará ser um deserto se Ele Se retirar. “Assim Deus”, como diz essa mesma pessoa, “quando chamou Abraão para aquela grande expressão de obediência ao sacrificar seu filho Isaque, primeiro aquece seu coração com Seu amor e sela o Pacto da Graça para ele. Estende diante dele promessas amplas e

abrangentes: *Eu sou o teu Deus Todo-Suficiente, eu sou o teu escudo, e o teu galardão será mui grande* (Gn 17:1; 15:1). E isto sustentará e suportará Abraão, embora o bordão de sua velhice lhe seja tirado e lançado ao fogo por suas próprias mãos”. Ou,

4. Na Oração. Muitas vezes Deus Se agrada em mostrar Seu favor à alma, dando-lhe uma certeza secreta de Sua misericórdia, dizendo: “Eu sou o seu Deus e porção”; e assim Ele envia a alma embora, cheia de bens. Ou,
5. Em grandes aperturas e necessidades prementes. Quando há menos da criatura, costuma haver mais do Criador todo-suficiente. Quando todas as cisternas de confortos terrenos estão quebradas, então esta Fonte transborda e envia Suas correntes confortáveis. Ele leva Seu povo para um deserto e ali fala confortavelmente a eles (Os 2:14). E Ele é então mui bondoso, quando o mundo não lhes mostra nenhuma bondade. Ou,
6. Depois de terem obtido a vitória sobre algumas concupiscências e corrupções que eram tanto desonrosas para Ele quanto incômodas para eles. Tal conquista é acompanhada de Sua aprovação. E isso lhes dá uma alegria imensa, como a alegria que os pobres israelitas tiveram quando viram seus inimigos afogados no Mar Vermelho. Ou,
7. No dia da morte. Quando todo o brilho dos deleites terrenos está nublado e o sol deles está prestes a se pôr, eles levantam seus olhos fracos e ansiosos em direção ao céu. Ele retira o véu e eles veem o Filho de Deus em pé à Sua direita, como seu advogado e mediador. E é então que uma pobre alma cansada diz com Paulo: *Desejo*

partir e estar com Cristo. Como diz o Sr. Flavel sobre o velho Sr. Lyford, que pouco antes de sua morte desejou deixar seus amigos saberem em que condição sua alma estava e quais eram seus pensamentos sobre aquela eternidade de que parecia mui perto. Ele respondeu com uma alegria adequada a um crente e a um ministro: “Eu lhes farei saber como as coisas estão comigo”. E então, estendendo uma mão que estava murcha e consumida pela idade e pela enfermidade, diz: “Aqui está a sepultura, a ira de Deus e as chamas devoradoras, o justo castigo do pecado de um lado; e aqui estou eu, uma pobre alma pecadora, do outro lado. Mas este é o meu conforto: o Pacto da Graça, que está estabelecido sobre tantas promessas seguras, sanou tudo. Há um ato de esquecimento passado no céu: Perdoarei as suas iniquidades e não me lembrarei mais dos seus pecados. Este é o privilégio bendito de todos os que estão dentro do Pacto, entre os quais eu sou um”. Que alma quieta e bendita era esta! Quão cheia de alegria em um tempo de espanto e terror habitual! Com que força foi munida para lutar com seu último inimigo! Deus conceda que você e eu tenhamos tal força e tal conforto quando for o nosso tempo de morrer.

II. Para que você saiba se tem o favor de Deus, no qual está a vida, deve examinar se O estima mais do que ao mundo. Há duas qualificações para esta estima:

1. Que ela seja séria e deliberada; e
2. Que ela seja prevalecente.
3. Que ela seja séria. Deve ser o produto de muitos pensamentos solenes e repetidos; um vê-Lo investido de

muitas glórias e perfeições, como Ele é representado em Sua Palavra e como brilha na face de Jesus Cristo — uma consideração devida tanto do que Ele é em Si mesmo quanto do que será para você. Esta estima não é operada por um olhar apressado ou uma visão passageira, mas por uma reflexão profunda, acompanhada de reflexões calmas e serenas sobre nossa própria culpabilidade e a misericórdia Dele; sobre nossa própria vacuidade e misérias, e a *onissuficiência* Dele. E então um balanço de todas as coisas que pretendem uma parte em nossos afetos, e uma submissão, por fim, à reivindicação mais justa de Deus. É dizer desta ou de maneira semelhante:

“Senhor, eu me rendo a Ti como Teu próprio. Fiquei ofuscado por um pouco de tempo com os prazeres joviais de um mundo vão. Mas agora digo adeus a todos eles, para que possa vir e provar as Tuas alegrias. Servi ao pecado e a Satanás, mas eles me enganaram e iludiram — deram-me vexação em vez de descanso, e alfarrobas em vez de pão. Portanto agora, ó meu Pai no céu, pobre pródigo que sou, retorno a Ti para viver em Tua Família, para fazer a Tua obra e nunca mais vagar ou ser extravagante. Oh! não me dês toda a minha porção neste mundo, mas permite que eu tenha uma herança naquele mundo que há de vir. Que outros persigam seus diversos projetos e obtenham o que perseguem; que tenham sucesso em seus negócios e se banhem nos prazeres mais suaves. É a Deus que eu busco; é a Ele que mais valorizarei.”

É um sinal de que um raio de luz celestial brilhou em suas almas, se este é o seu estado.

Sua estima deve ser prevalecente. Os piores homens têm alguma estima de Deus como um Ser glorioso, poderoso, bom e feliz. E

pensam que aqueles que desfrutam de Seu favor são as pessoas mais seguras e honradas. Mas então há mil ninharias que eles mais estimam e pelas quais trabalham — tais como riquezas, ou facilidade, ou lucro, ou aplauso. Mas pode você dizer verdadeiramente: “Eu não desejaria, se pudesse, ter todo o mundo sem o próprio Deus? Eu preferiria tê-Lo, embora em pobreza, desonra e tribulação, do que estar cercado por multidões de alegrias fluentes sem o Seu amor?”. Se você tem este favor de Deus, olhará facilmente através de todo o verniz pintado do mundo e verá sua real vaidade. Deus e as coisas divinas não apenas ganharão seus corações, mas os ganharão em um grau soberano e poderoso. E até que O prezemos e valorizemos assim, Ele não é o nosso Deus, nem o Seu favor é a nossa porção. Se você tem isto, dirá com Davi: *Senhor, levanta sobre nós a luz do teu rosto* (Sl 4:6). Não é a prosperidade externa, ou a grandeza, ou o favor dos homens, ou a facilidade da carne que eu busco, mas a Ti mesmo. Tu és a minha exaltação, a minha alegria, o meu todo bem — tudo o que eu desejo e tudo o que anseio.

III. Se você tem este favor de Deus, sabê-lo-á pelo ódio que tem pelo pecado. Onde quer que isto chegue, banirá esse pecado, enfraquecê-lo-á e expulsá-lo-á. E mesmo que não o destrua totalmente, contudo tirará dele toda a sua amabilidade e beleza anteriores. Você não pecará com tal audácia como costumava fazer. De fato, estará tão longe disso que não ousaria cometer a menor iniquidade. E se houver fixado em suas almas um ódio real e permanente pelo pecado, e se você usar todos os bons esforços contra ele, é uma marca mui certa de que passou da morte para a vida. Você não pode deixar de lembrar de que amargura a lembrança de suas iniquidades anteriores encheu suas almas; que consternação se apoderou então de seus pobres

espíritos quando pensavam que Deus era seu inimigo e o inferno sua porção! O que você não daria então pelo menor raio daquele Sol que agora brilha com Seus raios suaves sobre suas cabeças! Quão bem-vinda foi a voz daquele mensageiro que lhe trouxe boas novas e assegurou-lhe que havia misericórdia e esperança até para você! Antes de obter este favor de Deus, você teve muitas noites inquietas e muitos dias cansativos em um inquérito solícito: o que seria de sua alma imortal para sempre?

IV. Se você tem este favor de Deus, no qual está a vida, estará satisfeito com todas as Suas dispensações que o tragam para mais perto de Si mesmo. É uma observação não isenta de verdade que, onde quer que Deus dê graça, enviará aflições para exercitar essa graça. E aqueles que têm a graça mais forte devem esperar tais conflitos, tais tentações e aqueles assaltos do diabo em seu caminho para o céu, que colocarão toda a sua graça no máximo e maior esforço. Ninguém chegará ao céu sem sofrimento; ninguém pode dizer quantos milhões de sofrimentos poderá suportar antes que o dia da salvação raie sobre ele. Mas ele é uma pessoa mui feliz quem não é sobrecarregado por estas inúmeras calamidades; quem, enquanto nada como em um mar de dor, pode levantar a cabeça, exercitar sua fé e dizer: “Senhor, seja feita a Tua vontade”. Se Tu fores comigo na fornalha ardente e nas águas profundas, então não temerei, embora aquelas chamas sejam mui quentes e estas ondas rolem rápidas umas sobre as outras.

Embora seja nosso dever depreciar provações longas, severas e pesadas, é uma coisa comum em nossas orações dizer: “Senhor, se me salvars por fim, traze qualquer tipo de aflição sobre mim, não recusarei nada”. Mas infelizmente! infelizmente! geralmente não sabemos o que estamos dizendo. Há aquelas setas na aljava de Deus que, se fossem atiradas contra nós,

cortar-nos-iam até a alma e far-nos-iam mudar rapidamente de linguagem. Há aquele peso indizível em Sua mão que, quando Ele o coloca pesadamente sobre nós, não podemos suportar. Há aquelas dores à Sua disposição, e que nossos pecados merecem, que são em todas as coisas (exceto sua duração) como as próprias dores do inferno.

Ele é o homem bom que não deseja a aflição; pois ele terá a certeza de tê-la, quer a deseje ou não. Mas quem pode submeter-se a ela quando ela vem sobre ele? Quem faz para si uma cruz e não a toma quando a encontra caída no caminho? Quem pode dizer: “Senhor, se devo ser pobre para ter riquezas eternas, então estou mui satisfeito? Se devo ser mui baixo, desprezível e desprezado antes de chegar a Ti, então essa baixeza e esse desprezo serão a minha real glória. Se durante todos os dias de minha peregrinação devo semear em lágrimas, ainda assim prosseguirei, pois sei que colherei com alegria. Se o meu corpo corruptível deve definhar em dor e minha alma pecadora ter também suas tribulações, então esperarei com esperança e não me irritarei nem me queixarei do Teu decreto. Se devo estar sem amigos aqui, ainda assim Te prezarei como meu melhor e eterno Amigo. Mesmo quando for duramente oprimido, manter-me-ei perto de Ti. Apegar-me-ei às Tuas perfeições, ao Teu pacto e às Tuas promessas; e não Te deixarei ir até que eu seja abençoado”.

Este favor de Deus faz com que uma pessoa se regozije Nele, ainda que a figueira não floresça. E quando qualquer conforto querido, qualquer parente é levado pela morte, fá-la-á dizer: “O meu Deus é melhor para mim do que dez desses confortos — não, melhor do que muitos milhares deles juntos. E embora Ele arranque de meus abraços o que eu mais valorizava neste mundo, contudo Ele terá os meus melhores afetos, o meu desejo, o meu amor, o meu deleite tanto quanto sempre”. Uma alma assim

preparada para estar quieta sob as dispensações mais severas tem vida no favor de Deus; ela tem aquela vida que nunca expirará, mas terminará na vida eterna.

CAPÍTULO 7

Como preservar o senso do favor de Deus

Sobre diversas outras formas pelas quais o senso do favor de Deus pode ser preservado em nossas almas; e como podemos saber com certeza que estamos nesse estado feliz.

V. Se você tem este favor de Deus, desejará a continuidade dele acima de todas as outras coisas. E isto será tanto uma evidência de sua sinceridade presente, quanto um meio de comunicar-lhe um senso mais agradável deste favor. Em todas as ações externas, tais como a oração, o ouvir a Palavra, o dar aos pobres e afins, pode haver uma semelhança mui grande entre um verdadeiro cristão e um hipócrita. Mas os desejos espirituais, sendo a prole imediata da alma, não estão sujeitos a tantos enganos. E seus desejos por Deus serão mui fortes e fervorosos, e produzirão efeitos poderosos e sensíveis, pois serão o fruto de uma fé viva e de um entendimento iluminado que vê o valor de um Deus. E isto tornará mais fortes os movimentos de suas almas; pois a ignorância de Deus é a mãe de todos os desejos débeis e desfalecentes. Seus suspiros por Ele serão como a fome e a sede, que são mui incômodas à nossa natureza e nos dão os apetites mais furiosos e ávidos. Eles nos fazem não estarmos satisfeitos até que encontrem suas devidas gratificações.

(Sl 42:1-2): *Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus! A minha alma tem*

sede de Deus, do Deus vivo; quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus? Exatamente como aquela pobre criatura, quando perseguida por caçadores e mui aquecida por sua fuga, anseia por ser refrescada pelas correntes de águas frias, assim você, quando fustigado pelas tentações do diabo e suas sugestões maliciosas e mui cruéis, voará com pressa para os abraços e braços de Deus, ansiando e ofegando por Ele. De fato, o calor de seus desejos pode ser tão grande que você até mesmo, por assim dizer, se derreterá em zelo flamejante. (Sl 84:2): *A minha alma está desejosa, e desfalece pelos átrios do Senhor; o meu coração e a minha carne clamam pelo Deus vivo.* E (Sl 119:20): *Quebrantada está a minha alma de desejar os teus juízos em todo o tempo.* (Pv 13:12): *A esperança adiada faz adoecer o coração.*

Um desejo ávido por um bem amável ausente desperta uma sensação agradável e algo de desordem nos espíritos naturais. Eles são aquecidos e agitados com mais vigor através da veemência com que se movem — embora isto abata mui a força deles e ocasione o que chamamos de desfalecimento. Tal é a simpatia que a alma tem com o seu corpo querido que, quando a alma encontra um objeto adequado, ela se enche de afetos calorosos. E isto enche o corpo ou de espíritos mais tristes, ou mais alegres, conforme encontra razões para tristeza ou para alegria. Contudo, estes desejos por Deus, por parte dos homens santos, nem sempre queimam com uma chama igual. Pois em deserções, em alguma dificuldade mui perplexa, ou em grande indisposição corporal e enfermidade, eles são amortecidos e geralmente não podem ser tão rápidos, tão alegres e tão sensíveis como em outros tempos — embora, mesmo então, possam ser mui sinceros e aceitáveis. Pois em um tempo tão sombrio, um gemido que vem de um coração humilde pode subir a Deus de

maneira tão grata quanto muitas orações longas em outra estação.

Em seus desejos pelo favor de Deus, você considerará estas duas coisas:

1. Você se lembrará do que foi que outrora aumentou seus desejos e se esforçará, pelos mesmos meios, para despertá-los quando começarem a definhar. Você frequentemente considerará qual perfeição em Deus foi que aqueceu seu coração (se Sua bondade, Sua misericórdia, Sua verdade, Sua fidelidade imutável ou afins), ou qual promessa na Escritura, ou qual ato da providência para com você foi — e aplicar-se-á novamente aos mesmos métodos proveitosos. Você frequentemente recordará quais passagens foram aquelas em sermões que ouviu, ou nos bons livros que leu, que lhe deram o primeiro senso amável de Deus.
2. Você observará cuidadosamente o que é que esfria e amortece seus desejos — qual paixão, qual prazer mundano, qual companhia vã, quais esperanças tolas, quais cuidados atormentadores, quais medos escravizadores — e evitará tudo isto, tanto quanto lhe for possível. Você evitará aquelas armadilhas que o emaranharam, aquelas tentações que cortaram suas asas e o fizeram cair de volta a esta terra quando você estava voando alto. Qualquer que tenha sido o pecado secreto que enfraqueceu seu suspiro santo por Deus, ou qualquer que tenha sido a omissão de dever que O distanciou de você, você começará imediatamente a mortificar esse pecado e a aplicar-se a esse dever. Embora, quando tivermos feito tudo o que pudermos, haverá uma vasta

diferença entre o que somos e o que deveríamos ser — entre o nosso anseio e o objeto mui glorioso pelo qual devemos ansiar.

Mas não encontramos mais prazer em nossas velhas concupiscências? Encontramos nossos corações mortos para este mundo enganoso e para aqueles objetos que outrora chamávamos de amáveis, e aos quais sacrificávamos nosso tempo, nossos esforços, nossos pensamentos matinais e vespertinos? As coisas que mais admirávamos antes parecem agora menos desejáveis? Tudo o que chamávamos de belo parece deformado quando comparado com o próprio Deus? Pode cada um de nós dizer sinceramente aos nossos pecados mui amados, e aos prazeres deste mundo: “Eu outrora, de fato, admirei-os excessivamente; mas nunca mais o farei, para sempre. Digo adeus a todos vocês. Nunca pretendam uma parte em meus afetos, pois agora encontrei um bem melhor. Por muito tempo os persegui sem propósito. Agora, ao encontrar Deus, encontrei um caminho seguro, suave e próximo para o descanso. Vocês me enganaram com vãs ilusões muitas vezes; mas não me enganarão mais. Pois é a Deus que ofereço meu coração, embora com pesar por não O ter amado antes, sendo Ele tão infinitamente bom e amável”.

VI. Se você tem este favor de Deus, sendo vida para você no presente, então:

Você sentiu por experiência que coisa miserável é estar sem Ele. Embora, assim como há uma variedade maravilhosa nas obras de Deus na natureza, também não há menos variedade naquelas da graça. Seu favor não é comunicado da mesma forma em todos os aspectos. Embora todos sejam remidos pelo sangue do mesmo Redentor, contudo alguns gemem sob o senso doloroso de suas

cadeias e cativo por muito mais tempo do que outros. Em alguns, o novo nascimento é produzido por Sua mão gentil em pouco tempo; e outros não o têm senão após muitas agonias e dores pavorosas. Alguns chegam ao céu com muito menos conflitos do que outros que viajam para o mesmo lugar. Esta variedade é admirável e mui sábia, embora não percebamos as razões para ela.

Contudo, todos os que são abençoados com o favor de Deus não podem, sem espanto, examinar a treva hedionda e o perigo lúgubre em que jaziam antes que este Sol glorioso Se agradasse em brilhar. “Oh! o que teria sido de mim para sempre”, diz tal pessoa, “se Ele me tivesse permitido seguir minha própria escolha, e seguir meu próprio curso, e ter meus próprios desejos, quando eu estava correndo até os portões do inferno. Eu agora, de fato, vejo meu triste estado como era então. Mas Oh! o que teria sido de mim, se Ele me tivesse permitido continuar em meus sonos fatais na borda da ruína? Se eu tivesse continuado a sonhar, e não tivesse despertado antes do golpe pavoroso da morte, onde estaria meu quinhão então? Sob quantas mil misérias eu estava, e não percebia meu cativo, nem sentia minha miséria? A morte estava se rastejando sobre mim, o inferno estava bocejando para me receber, a Lei me amaldiçoava, o diabo me levava cativo, e eu não o sabia — e nesta postura lúgubre Ele me encontrou. Eu estava poluído, e rejeitado, e desamparado, e em meu próprio sangue; então Ele me disse: *Vive!* (Ez 16:6). Ele fez do tempo do meu perigo e da minha provocação um tempo de amor”.

Uma mudança tão grande e uma revolução tão feliz merecem, de fato, uma lembrança frequente e agradecida. Dá um prazer imenso à alma encontrar-se segura, quando estava até nas mandíbulas do leão que rugia, pronta para ser despedaçada —

quando o braço do Todo-Poderoso resgatou a presa em perigo e trêmula. Um homem doente que esteve por muito tempo confinado com dor inexpressível, e à própria porta da sepultura, não pensa em sua saúde e vida presentes com maior prazer. Um marinheiro que escapou do naufrágio e dos perigos do mar, que se apoia sobre uma tábua ou pedaço quebrado do navio, e com grande dificuldade e esforço chegou à terra, não olha com maior calma para as ondas e para aquele mar que provavelmente o teria engolido, do que tal pecador olha para suas misérias anteriores e seu privilégio presente — para sua inimizade anterior com Deus e sua reconciliação presente com Ele.

Pode ser que você tenha experimentado que nada em todo o mundo é tão mui terrível quanto a retirada de Deus de você. Não descobriu ser isto um castigo muito maior do que a dor corporal, ou a enfermidade, ou qualquer calamidade temporal? Que a perda de seu amigo mui querido, de seu parente mui bondoso e confortável, foi muito mais tolerável do que uma perda como esta: perder o senso do favor Dele depois de o ter desfrutado? Não foi esta perda para você como o próprio inferno; ou como a partida de Adão do Paraíso, depois de ter contemplado as belezas e provado o prazer daquele lugar amável? Que medo, que ansiedade e que consternação se apoderaram dele quando deveria ser mantido longe dali — para nunca mais ver a Árvore da Vida, nunca mais caminhar naquele Jardim mui deleitoso, nem ver anjos visitando sua doce habitação como outrora costumavam? E não foi você possuído por um medo tão grande, quando pensou que, por suas iniquidades, Deus Se tornara seu inimigo?

“Eu poderia suportar qualquer outra aflição”, diz a pobre alma desamparada, “mas ser abandonado por Deus é tão terrível que não posso suportar. Como posso ver franzires de testa em Seu

rosto e viver? Tive muitas decepções, vexações e cruzes, e em todas elas pude levantar minha cabeça e ter esperança. Mas agora sou destruído de todos os lados, e minha esperança se foi. Até agora, quando o mundo me tratava mal, eu podia ir ao Trono da Graça, e meu Pai celestial dava à minha alma cansada um entretenimento agradável e falava confortavelmente comigo. Mas agora Ele não me visita nem me refresca como costumava; e Seu rosto bendito que outrora vi com paz está agora escondido e coberto por uma nuvem. Tenho meus confortos mundanos anteriores, meus amigos e meus bens. Mas infelizmente, meu Deus Se foi, e de que valem estes? Outrora li Sua Palavra com alegria; agora ela me enche de fel e absinto. Outrora me assentei debaixo de Sua sombra com grande deleite e o Seu fruto era agradável ao meu paladar; mas agora tenho sede e não tenho nada com que saciá-la. Estou agora abrasado pelo calor e não tenho abrigo, nenhum retiro fresco e sombreado para onde possa fugir em busca de alívio”.

(Jó 23:8-9): *Eis que se me adianto, ali não está; se torno para trás, não o percebo; se opera à esquerda, não o vejo; encobre-se à direita, e não o diviso.* Você orará mui fervorosamente contra um estado tão triste como este, se alguma vez experimentou o favor de Deus como sendo a sua vida. “Ó Senhor! Não Te escondas da minha pobre alma. O que quer que eu perca, não permitas que eu perca a Ti e ao Teu amor. Não me tomes por Teu inimigo, nem permitas que Teus terrores caiam sobre mim. Não me rejeites, ó meu Pai, embora eu tenha sido mui desobediente”.

E se Deus Se retira, seu luto por Sua ausência será como o luto de uma mãe pela morte de um filho único, ou como a tristeza de tantas crianças pobres que pranteiam um pai perdido. Elas são deixadas desamparadas e nada podem fazer sem o conselho e

ajuda dele. Você seguirá o seu Deus com lágrimas e súplicas, e dirá com Cristo em grande agonia, mas com grande fé: *Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste? Por que Te esqueces da obra de Tuas próprias mãos? Tem misericórdia de mim, ó Senhor, pois sou fraco. Por que me deixas neste deserto lúgubre onde não há água, para ser presa de Satanás e de meus próprios medos? Eu de fato andei errante, buscando descanso, e não o encontro. Estende Tua mão amorosa e guia-me a Ti mesmo. Eu de fato mereci este tratamento, pois Tu estavas comigo e eu não valorizei Tua presença; Tu chamaste, mas eu não obedeci à Tua voz; Tu estiveste à minha porta, mas eu Te fechei fora.*

“Ai, ai de mim que pequei; ai de mim que não aproveitei Tua graça, Tua presença e Teu amor como deveria ter feito. Mas embora eu tenha sido um pródigo, Tu ainda és um Pai. E embora eu não tenha agido como convém a um filho, contudo retornarei a Ti, porque não rejeitarás o nome confortável de um Pai”. Isto, digo eu, é como aqueles que experimentaram o favor de Deus pranteiam por Sua ausência! Seus espíritos são como as flores tenras que pendem suas cabeças quando o sol se põe, e eles caminham mais desconsolados do que se pode supor que qualquer súdito o faça. Alguém que outrora compartilhou das graças especiais de seu Príncipe pode, por fim, vê-lo; mas por causa de seus crimes, ele é olhado com um olhar severo ou menos favorável.

VII. Se você desfruta do favor de Deus, terá um grande valor por Sua Palavra, pelo Espírito e pelo sangue de Cristo. Você valoriza Sua Palavra como revelando este Deus a você, e persuadindo-o por muitas promessas confortáveis e súplicas a aceitá-Lo; e não apenas isso, mas comunicando-lhe luz e conhecimento salvadores, com sua grande e poderosa eficácia. Você amará a

Palavra por causa dos muitos suportes e consolações que recebeu dela. Você a amará como a regra do seu dever; e todos os seus preceitos lhe serão caros, como comunicando vida e força a você. Você a amará a ponto de lê-la frequentemente, a ponto de meditar nela e de guardá-la em seu coração. Você a amará como o instrumento de sua regeneração e se regozijará nela não apenas por uma temporada, mas para sempre.

Você valorizará e obedecerá ao Espírito que aplica as verdades reveladas aos seus corações. E quando você estava destituído desta vida, Ele o convenceu de seu estado miserável. E Ele restaurou o vigor e o movimento àquelas suas faculdades que estavam entorpecidas e paralisadas — afugentando a treva antiga delas e guiando-as aos seus devidos objetos; e fazendo com que esses objetos assim revelados produzissem efeitos gloriosos em suas almas outrora estéreis.

Você também prezará todas as ordenanças de Deus nas quais pode ter comunhão com Ele, tais como a oração, o ouvir, a meditação e afins. Deixará um pesar sensível em suas mentes quando você perder estas ordenanças por sua própria culpa.

VIII. Você será mui humilde e terá a mente voltada para as coisas celestiais. O favor Dele enche todos os Seus servos com os pensamentos mais baixos e de maior auto-humilhação. Você nunca falará Dele senão em termos cheios de respeito; nunca orará a Ele senão com grande reverência e veneração. Quanto mais próximo acesso você tiver a Ele, mais perceberá de Sua infinita santidade e pureza, e quão vil você é quando comparado a Ele. Você se maravilhará com Suas condescendências e lançará suas coroas diante do trono. Você imitará a linguagem humilde de (2Sm 9:7-8). Quando Davi disse a Mefibosete: *Comerás pão*

à minha mesa continuamente, ele se inclinou e disse: Quem é o teu servo, para teres olhado para um cão morto tal como eu?

Isto o levará a admirar a graça de Deus que o distingue, a qual lhe é concedida mais do que a muitos outros no mundo — grandes números dos quais estão sepultados na ignorância ou na idolatria aberta, e o resto na profanidade ou hipocrisia. Muitos, pode ser, são passados adiante nas mesmas famílias onde você vive; enquanto você está vivo, seu vizinho mais próximo está talvez morto. E então, se você obteve este favor, terá a mente voltada para as coisas celestiais. Seu tesouro e seus corações estarão lá no alto. Você provará e apreciará as coisas espirituais e divinas, e nunca estará mais satisfeito do que quando for menos terreno e carnal. E este temperamento santo será seu conforto e segurança contra as tentações de Satanás e os males deste mundo inferior — como aquelas aves que voam alto estão fora do perigo das armas e da armadilha do passarinho, mas ele apanha aquelas que voam mais perto do chão.

IX. Você poderá saber então que tem o favor de Deus, se for industrioso e zeloso na prática de todos os deveres santos. Se você os realiza não apenas pela força de convicções que o despertam, mas por amor e deleite. Se você não recusa nenhum serviço que possa glorificá-Lo, mesmo que pareça contrariar seu interesse mundano e ser doloroso para a carne. E é impossível não encontrar um progresso mui calmo e alegre em sua obediência, quando você sabe que Deus aceita o que você faz. Exatamente como é um encorajamento imenso para o trabalho de um servo quando ele vê que seu Mestre está mui bem satisfeito com seu trabalho. A escuridão, você sabe, com seus muitos inconvenientes, põe mui termo à diligência; contudo, esta é revigorada e excitada pelo retorno da luz. Assim, se o semblante de Deus brilha sobre você, isso o fará não apenas

andar retamente, mas até correr no caminho de Seus mandamentos, com corações alargados (Sl 119:32). E você se associará com aqueles que são pessoas sérias e santas; pois os vivos não costumam ter prazer em estar entre os mortos.

X. E por último, se este favor de Deus é a sua vida, isso o fará ansiar pacientemente pelo céu. Este favor será mais doce ao seu paladar do que o mel ou o favo de mel. Renderá um sabor mais deleitoso ao seu apetite renovado do que todas as alegrias deste mundo. As pequenas gotas que vez ou outra refrescam seu coração o farão suspirar por aqueles rios de prazer que estão à Sua mão direita para todo o sempre. Você está cansado de pecar, cansado de sua fé, esperança e amor imperfeitos? A perspectiva que você tem de Deus a esta distância torna-O tão amável para sua alma que você de bom grado estaria com Ele onde Ele está? Está você tão sensível ao mal de seu pecado que de bom grado estaria naquele lugar onde não pecará mais para sempre — onde sua alma ofegante terá todos os seus anseios transformados em contentamento e deleite eternos?

Você frequentemente levantará para o céu seus olhos ansiosos e enviará para lá muitos desejos fervorosos, dizendo com Davi: *Oh! quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus?* (Sl 42:2). Quando será que verei Seu rosto glorioso e sentirei, além de qualquer dúvida, que sou amado por Ele, e que O amo melhor do que amo agora? — onde as alegrias da esperança serão transformadas em fruição, e quando aquilo que agora tenho apenas na promessa, terei na posse mui doce e confortável! Quando estarei perto de Seu trono e verei aquela majestade gloriosa que adorei? Quando verei aquele rosto todo sereno e não terei nenhuma nuvem negra ou lúgubre para se interpor entre o meu Deus e eu para sempre? Oh, que eu pudesse me juntar aos Aleluias dos Bem-aventurados! Oh, que eu

estivesse naquela terra de luz e alegria eterna, e naquela sociedade agradável de almas santas que já atravessaram o estreito [abismo] e descansam de todos os seus trabalhos; pois estou cansado de contemplar a vaidade.

Estes e semelhantes serão os movimentos de uma alma santa. Pois sua guerra com o pecado, o mundo e o diabo é tão dolorosa que ela não pode senão desejar ser libertada. Sua ignorância é tão grande que ela não pode senão ansiar por ser coberta de luz pura e eterna. *O exilado cativo se apressa a ser solto, para que não morra na cova, e para que o seu pão não lhe falte* (Is 51:14).

Mas então este anseio deve ser acompanhado de paciência. Pois podemos pecar até mesmo ao desejar o céu, quando o desejamos com demasiada precipitação e pressa. E muitas vezes até homens bons são mui culpáveis nisto. Muitas vezes, quando uma pessoa encontra alguma enfermidade pesada, ou alguma aflição mui incômoda, ela é propensa a dizer: “Oh, que Deus me levasse agora para o céu!”. Há muito amor-próprio nisto. E nossa natureza, quando se vê oprimida, de bom grado estaria à vontade. Mas não devemos esquecer que devemos carregar a cruz e sofrer, antes que chegue o nosso tempo de reinar. Devemos perseverar em nossa carreira, ainda que o tempo esteja ruim e tempestuoso. Muitas milhares de dores podem ser o nosso quinhão antes que Deus nos chame daqui. E assim a primeira coisa que devemos desejar é que tenhamos fé e submissão com que suportar essas dores, e perseverar até que Ele Se agrade em nos chamar. Alguns, de fato, Ele Se agrada em dispensar desta terra para o Seu céu mui subitamente. Mas se você considerar, descobrirá que a maioria de Seus servos tem longas tribulações, múltiplas agonias, conflitos tediosos e dores pesadas antes de chegarem àquela glória. E, neste aspecto, eles descobrem que a porta que leva à vida é mui estreita e apertada. A Terra da

Promessa é de fato uma terra agradável; ela mana leite e mel. Mas há muitos gigantes a conquistar em nosso caminho para lá. Seus desejos pelo céu não podem ser verdadeiramente regulares, a menos que você esteja contente em glorificá-Lo sofrendo, bem como fazendo a Sua vontade.

Mesmo com paciência, pode haver um desejo fervoroso e afetuoso de estar com Deus. E assim alguns dos santos exalaram suas orações:

“Oh tempo! Corre rápido e remove dias e horas do caminho, para que eu possa desfrutar, para sempre desfrutar do amado da minha alma! Adeus todos os meus amigos e parentes, pois vou para amigos melhores. Adeus todas as minhas posses temporais, pois vou agora ser possuído de uma herança incorruptível e imaculada, que não fenece. Adeus comer, beber e dormir, e todos os meus prazeres e recreações; pois vou agora para a Ceia do Cordeiro, e não precisarei mais destes suportes fracos da natureza frágil.”

E outros clamaram:

“Oh, meu Deus! Não me permitas permanecer em trevas, e provocar-Te, e arriscar minha salvação, e agradar ao diabo, e acrescentar pecado a pecado! Oh, por que meu desejo ainda não foi satisfeito? Quando não terei mais nada a desejar? Quando será, por fim, que serei libertado? Oh, vem Senhor, para que eu não me canse da minha obra e dever; para que minhas graças não sejam como pobres soldados cansados que caem em confusões e assim perdem o dia. Feliz é o homem que Te ama acima de tudo. Feliz é o homem cuja esperança e confiança estão em Ti. Mas mui feliz é aquele que está contigo, onde eu também anseio estar.”

Assim terminei a aplicação. E espero que haja vários de meus Leitores cujas consciências, após tal prova, saúdem-nos com notícias felizes e digam: “Vocês são aqueles que têm o favor de Deus”. E oh, que povo feliz todos eles são! Serão felizes na vida, felizes em sua morte e felizes para todo o sempre.

Alguns dirão: felizes são os homens que são ricos e grandes, que têm negócios prósperos, numerosos servos e títulos pomposos; que têm abundância de ouro e prata; que não precisam se preocupar em como viver e estão livres de todas as ansiedades prementes de um estado pobre e baixo (Sl 144:15). Pode-se dizer a cada uma dessas pessoas, na linguagem do anjo Gabriel à bendita Virgem: *Salve, tu que és altamente favorecida! O Senhor é contigo* (Lc 1:28). E no v. 30: *Não temas, Maria, porque achaste favor diante de Deus*. E o que, de fato, podem temer aqueles de quem Ele é amigo, sendo Ele tão bom e tão poderoso!

CAPÍTULO 8

Os privilégios daqueles que têm o favor de Deus

Sobre os diversos privilégios que pertencem àqueles que têm o favor de Deus.

1. Quando você tem este favor, todos os seus pecados são perdoados. Seu Deus não Se lembrará mais de suas iniquidades. Todas as vaidades de sua infância e juventude, todas as suas omissões e suas comissões, não se levantarão contra você para condená-lo. Embora você tenha muitas vezes extinguido o Espírito Santo e sufocado Suas convicções, contudo tudo isto — e muitos milhares de outros pecados que o tornavam morto perante a Lei — será apagado. Todos os seus pecados de

ignorância, e todos aqueles que foram cometidos contra a luz, o amor e o conhecimento, serão cobertos por esta graça de Deus.

2. Todas as suas orações serão ouvidas. Sendo perdoado e removida sua culpa, você terá acesso com ousadia a Deus, que lhe dará ou as próprias coisas que deseja, ou outras de tipo diferente que sejam melhores. Suas pessoas são aceitáveis, e assim serão todos os seus deveres, e portanto bem-sucedidos porque Cristo é o seu intercessor. Como Ele uma vez comprou a vida para você com Seu sangue, Ele a aplicará a você para sua purificação adicional (Hb 9:11-14). De fato, você não apenas prevalecerá por misericórdias para si mesmo, mas sendo favorito na Corte do céu, estará em capacidade de obter muitas bênçãos para outros também. (Mt 18:19): *Também vos digo que, se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus.*

Deus, como diz alguém, às vezes exige um número de vozes para conceder alguma misericórdia pública, porque Ele Se deleita na harmonia de muitas almas que oram. Ele também ama obrigar e gratificar a muitos na resposta e retorno da mesma oração. E, portanto, é nosso dever implorar as orações daqueles que pensamos serem pessoas boas, por causa do interesse delas em Deus. *Muitos buscam o favor do príncipe* (Pv 29:26). Suas necessidades e sua ambição os impulsionam e os tornam mui complacentes e respeitosos para com aqueles em cujo poder está fazer-lhes bondades consideráveis. E eles fazem um apelo peculiar àqueles que são os principais favoritos. Considera-se um passo principal para a promoção ter um amigo na corte. É

para nossa grande vantagem sermos lembrados nas orações daqueles que compartilham do favor de Deus.

1. Quando vocês são os favoritos de Deus, Ele aceitará seus serviços sinceros, embora estejam misturados com muitas falhas. As ofertas mais humildes que você puser sobre o Seu altar serão gratificantes; ao passo que os sacrifícios mais pomposos e caros de outros serão desestimados. Seus gemidos internos moverão o Seu coração terno mais cedo do que os uivos e os clamores mais altos deles (Pv 15:8). Ele cultivará seus suspiros mais débeis por Ele e acrescentará mais força à cana quebrada, e mais chama ao pavio que fumeja. Ele registrará suas boas ações e não o censurará por suas más. *Houve alguma coisa boa em Abias para com o Senhor Deus de Israel, na casa de Jeroboão* (1Rs 14:13), e Ele tomou nota peculiar disso. No último dia, nosso Senhor menciona as caridades e as generosidades de Seu povo, as quais eles mesmos haviam esquecido há muito tempo. Ele não rejeitará sua fé, embora haja muitas dúvidas misturadas com ela; nem desprezará seus desejos, embora tenham muita frieza e careçam de muitos graus adicionais de vida e fervor. Ele Se lembrará de Seu Pacto, embora você se esqueça de seu dever. (Ml 3:17): *E poupá-los-ei, como um homem poupa a seu filho, que o serve.*
2. Deus ou o preservará de perigos externos, ou lhe dará força para suportá-los. Ele será afligido em todas as suas aflições e o guardará ternamente como a menina de Seu olho. O que você pode temer, enquanto tem um Defensor tão grande? O que não pode esperar, quando tem um Benfeitor tão bom? Como disse a Abraão (Gn 15:1): *Não*

temas... eu sou o teu escudo, o teu galardão será mui grande. Um galardão para despertar seu serviço, e um escudo para guardá-lo do dano no dia da batalha. Ou como em (Dn 10:19): *Não temas, homem mui amado, paz seja contigo; esforça-te, sim, esforça-te!* Que segurança ele deve ter tido, quem tinha o Todo-Poderoso por seu ajudador! Que honra ele deve ter tido, a quem um anjo chamou de mui amado!

3. Ele o manterá em Seu favor, de modo que você não será finalmente rejeitado. Embora você seja salvo como que pelo fogo, e com grande dificuldade, contudo será certamente salvo. Ele pode suspender Suas influências, mas não mudará Seu pacto. Ele pode estar irado, mas não o será para sempre. Você pode cair e machucar-se, mas a mão gentil Dele curará suas feridas (Rm 8:39). Aquele que o amou quando você era pródigo, não o fechará fora quando você retornar para casa novamente. Aquele que teve piedade de você em seu sangue, não o rejeitará quando a imagem Dele estiver sobre você, mesmo que manchada por múltiplos defeitos. Sua vida está escondida com Ele em Cristo (Cl 3:3); e embora seja enfraquecida por diversas tentações e tribulações, contudo brotará novamente. Cristo é a Videira, da qual você é o ramo. Embora sua vida esteja exposta a muitas tempestades, contudo Nele ela está mui segura. E você não expirará por uma morte total, porque o próprio Cristo nunca morrerá. A fidelidade de Deus e a vida de Cristo são ambos suportes imutáveis para você. Não precisa temer a raiva de seus inimigos enquanto seu Salvador for seu guia; pois Ele conduzirá o julgamento à vitória (Mt 12:20).

4. Sexta e ultimamente, Deus será o seu Deus. A sabedoria e o poder Dele o dirigirão e salvarão. Se eu pudesse dizer ao comerciante que está se estabelecendo que o ajudaria a ter um comércio farto; se pudesse assegurar ao mercador a chegada bem-sucedida de seus navios; se pudesse dizer ao pobre como ser rico, e ao rico como obter tudo o que deseja, então eu seria um mensageiro mui aceitável. Mas para você que tem o favor de Deus, aqui estão notícias ainda melhores! O Senhor do céu e da terra é seu! E se você puder contar as estrelas, ou as areias do mar, ou as gotas de chuva, então poderá numerar os benefícios que lhe advirão por tal privilégio. Tudo o que for verdadeiramente útil ao seu bem-estar espiritual, tudo o que houver em todos os vastos domínios de Deus que lhe faça bem, você terá a certeza de receber.

Deus o Pai será o seu Pai reconciliado; Deus o Filho o seu Mediador; Deus o Espírito Santo o seu Santificador. Você em nenhuma angústia carecerá de um Amigo onisuficiente e onipotente. Terá todas as suas orações santas ouvidas e concedidas; a vida e a morte serão suas; a misericórdia de Deus o socorrerá quando estiver em miséria. (2Co 6:18): *E eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso.* E Ele dirá, como em (Jr 32:41): *E alegrar-me-ei por causa deles, fazendo-lhes bem; e plantá-los-ei nesta terra com verdade, com todo o meu coração e com toda a minha alma.*

Ser filho de um Rei soa grandioso e carrega consigo um alto grau de honra. Mas ser filho do Rei dos reis é infinitamente mais honroso. Ter um Pai tão grande é um privilégio indizível e imenso. Todas as dignidades que cortesãos ambiciosos buscam com todas as suas artes bajuladoras não passam de pequenas

ninharias quando comparadas a isto. Todo o renome que soldados comprem com seu suor e sangue não passa de uma desonra quando comparado com a glória de ser um filho ou filha do Deus Altíssimo. A Rainha de Sabá, quando contemplou Salomão no esplendor de sua Corte e viu que a sabedoria de suas ações excedia todos os relatos que ouvira, exclamou com espanto: *Bem-aventurados os teus homens, bem-aventurados estes teus servos, que estão sempre diante de ti, e ouvem a tua sabedoria!* (1Rs 10:8).

Quanto mais podemos dizer: Bem-aventurados os servos do Deus Vivo, que O servem dia e noite, que esperam no Seu Templo e que cantam Seus louvores; que veem com que sabedoria Ele gere todos os grandes assuntos de Seu vasto e largo reino. E aquele mesmo olho que está nas rodas (Ez 10:12) vigia por eles. E tudo é conduzido com um respeito peculiar à Sua glória e à salvação deles. O Pai de nosso Senhor Jesus Cristo é o Pai deles; os anjos são sua guarda; o Espírito é seu mestre; as aflições são seu remédio. (1Co 3:21-22): *Tudo é vosso; seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas*. As estrelas na mão direita de Cristo brilham para lhes dar luz. O mundo é deles, tanto quanto for necessário para promover seu bem real. A vida é deles, para nela se prepararem para a felicidade. E a morte é deles, para conduzi-los a ela. Eles são de Cristo: Seus irmãos e Seus súditos. E Cristo é de Deus: que Se deleita em Seu Filho, e neles Nele.

Este é o privilégio de um favorito de Deus. Ele pode agora ser pobre e humilde, afrontado e desonrado. Mas o dia se aproxima em que a mesma pessoa que é desestimada pelos filhos do orgulho será reconhecida pelo seu Grande Senhor: revestida com vestes de louvor e conduzida em triunfo. E anjos aplaudindo dirão, para tristeza dos ímpios: “Assim se fará ao homem a quem o Rei do céu Se agrada em honrar”.

Assim você tem diante de si aquilo que é vida de fato — uma vida que nunca se fechará com a morte. Mantenha sua mente cheia destas ideias agradáveis. Esforce-se para obter uma grandeza de alma que não cesse de aspirar a estes privilégios gloriosos. E olhe com desprezo para toda outra grandeza e magnificência. Tendo visto quão honroso é ser favorecido pelo Senhor dos Exércitos, resolvamos todos que nunca mais admiraremos este mundo vão. Pois agora discernimos um mundo melhor.

FIM DA SEGUNDA PARTE

PARTE III

Sl 30:5

O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã.

CAPÍTULO 1

As muitas misérias desta vida mortal

Sobre as muitas misérias desta vida mortal, que são as ocasiões habituais de tristeza para os filhos dos homens; com respeito tanto aos seus corpos quanto às suas almas.

I. A vida do homem é cheia de tristeza. Contudo, não deve ser entendida como sendo cheia de trevas e calamidade em cada parte. De fato, temos dias tempestuosos, mas também temos tempo bom. Não temos apenas o rigor do inverno que nos atravessa com seu frio, geadas e neve; mas também temos o verão ameno e favorável depois, que faz toda a estrutura da Natureza se regozijar; que nos traz muitas coisas gratas e agradáveis; que nos dá ocasião para louvar a sabedoria do nosso Criador, que fez um mundo tão belo para habitarmos; que providenciou inúmeros confortos para nós, não apenas aqueles que são absolutamente necessários para manter nossa vida, mas aqueles que podem nos dar deleite e recrear nossos sentidos.¹³⁷ Não podemos voltar nossos olhos para direção alguma sem contemplar as maravilhas de sua bondade — seu Sol, sua Lua, suas Estrelas — cujas influências são para nosso benefício, bem como para sua glória; e diariamente nos dão causa para dizer com Davi, Sl 8:4: *Que é o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites?* Ele não aflige de

bom grado os filhos dos homens. Ele não nos faz chorar sempre, mas oferece ocasiões frequentes de regozijo — enquanto todo o nosso tempo poderia ser como um dia chuvoso, do nascer ao pôr do sol. No entanto, sua Providência permite que sejamos carregados de muitas misérias antes de chegarmos a outro mundo. E tomemos uma visão delas; pois será útil para subjugar nosso orgulho, para nos guardar da vanglória, para nos fazer lembrar que não estamos em casa, que nosso descanso não é aqui, e que devemos desejar fervorosamente um estado melhor.

(1) Consideremos o homem em sua primeira chegada ao mundo, ou em seu estado de infância. E ali discernimos que esta mesma criatura que, em seus anos posteriores, faz tanto barulho e agitação no mundo, é um pobre ser indefeso. Ele não é de modo algum capaz de nutrir a vida recém-começada, nem de impedir que a vela que se acendeu se apague no mesmo minuto em que começou a brilhar. O homem vem chorando ao mundo. Esta é uma ação muito adequada a ele em sua entrada em um mundo cujos prazeres são flutuantes e transitórios, mas cujas dores são muito certas. Outras criaturas são dotadas de instintos e inclinações para sua própria preservação. Elas sabem, em certa medida, assim que começam a viver, como manter sua própria vida. Mas o homem, entre todos os outros, é o mais desamparado e indefeso a esse respeito. Ele é tão tenro e tão frágil que o menor frio ou perigo o afeta mais facilmente. Deus colocou esse grande amor nos pais, para que façam o melhor que podem para sustentar, confortar e ajudar seus filhos. E com a bênção de Deus, e seu próprio grande cuidado e trabalho, eles conseguem criar essas plantinhas. Mas então há abundantes doenças que começam a atacar as criaturas recém-nascidas — convulsões e outras dores que as atormentam e afligem grandemente, as quais elas não são capazes de expressar e que nós não conhecemos.

Mas temos certeza de que começam, por vezes, a chorar e a ficar tristes. E suas dores e tristezas também afligem seus pais, e os fazem chorar com eles quando veem suas misérias. Mas, de fato, eles não podem ajudá-los. Esta idade suave e tenra é facilmente perturbada e inquietada. Cada pequena coisa os incomoda e molesta. De modo que a primeira hora da noite em que viajamos, quando começamos a viver, é uma hora de tristeza.

(2) Quando superamos a fraqueza de nosso estado infantil e começamos a ter mais força, e a razão desponta um pouco e nos rende uma pequena luz para nos guiarmos, essa luz está misturada com trevas. Nossa pequena habilidade possui abundantes imprudências, e corremos em mil perigos que não vemos; e esses perigos nos fazem chorar e ficar tristes. Nossa juventude descuidada é cheia de misérias, e a rosa que desabrocha tem muitos espinhos ao seu redor. Quando nossa razão começa a se exhibir com o aumento dos nossos anos, então as diversas tarefas que nos são impostas, as diversas coisas que somos obrigados a aprender para uma educação boa e bem aperfeiçoada, produzem tristeza e dor. Nossa má vontade para o trabalho e as correções que encontramos se não o fizermos, ambos nos afligem. Nossa ignorância é nossa miséria, e as dificuldades que estão plantadas ao redor da Árvore do Conhecimento nos assustam e nos perturbam. Muitos de nossos primeiros dias são gastos cavando em busca deste tesouro escondido que não podemos encontrar sem vasto esforço e suor. E quando o encontramos, ele não satisfaz. É verdade, de fato, que nossa juventude precoce tem muitos prazeres, muitas recreações e diversões para adoçá-la. E estamos então isentos dos muitos cuidados da vida que depois traspassam nossos corações. Mas mesmo assim, somos tão confiantes e tão tolos, tão aptos a confiar em nossos próprios entendimentos e tão

tardios em receber o conselho de outros que são mais experientes, que frequentemente nos ferimos e semeamos aquelas sementes de tristeza que nos rendem uma colheita desconfortável muitos anos depois. E quando, em nosso tempo livre, passamos a refletir sobre o que fizemos, essa reflexão nos faz chorar, ao pensar que fizemos tão pouco para Deus ou para nossas próprias almas; e que perdemos uma parte tão grande de nossa idade em ninharias e vaidades. Pois podemos então dizer por triste experiência: *a infância e a juventude são vaidade*, Ec 11:10.138 As alegrias com as quais nos deleitávamos então já passaram; mas as feridas que recebemos naquela época, muitas vezes doem e sangram novamente.

(3) Quando retiramos o jugo de nossos mestres e instrutores de nossos pescoços e começamos a gerir e guiar a nós mesmos e nossas ações, ainda temos muitas tristezas com referência aos assuntos comuns da vida; e com respeito ao conhecimento e entendimento.

II. Com referência aos assuntos comuns da vida. Eles são geralmente muitos. Trazem consigo um enorme séquito de cuidados, de graves ansiedades e solicitações. Se os homens não têm emprego ou negócio, sofrem pela falta dele. E se estão empregados, são apressados, perturbados, entristecidos e vexados. Encontram muitas pessoas que são falsas e traiçoeiras, com muitos negócios que são intrincados e complexos. E assim suas cabeças pensativas são picadas por cuidados, e seus peitos por tristeza, todos gemendo sob a maldição e provando que a punição é verdadeira: que *no suor do seu rosto o homem comerá o seu pão*, Gn 3:19. Ec 2:23: *Todos os seus dias são dores, e o seu trabalho, aflição; nem de noite o seu coração descansa. Também isso é vaidade*. Todo o seu cansaço e labuta servem a propósitos pequenos. É de fato vaidade quando um homem se

priva do sono, o doce repouso da Natureza e, depois da graça de Deus, a maior bênção do mundo.

Os pobres estão em quase toda parte derramando lágrimas de impaciência e descontentamento pela estreiteza de suas circunstâncias. Estão lamentando porque provavelmente lhes faltará o que custearia suas despesas até a sepultura.¹³⁹ E os ricos estão preocupados em como segurar as riquezas que desfrutam e temem perdê-las, como muitos fizeram antes; pois não podem viver muito tempo. Mas verão muitos a quem poucos dias e alguns acidentes imprevistos trouxeram das maiores alturas à mais baixa pobreza; a quem o Sol nascente encontrou regozijando-se e a quem deixou mergulhados em lágrimas por suas misérias repentinas. Quantas testas você vê cobertas por uma nuvem de dor por suas perdas e decepções! Olhe para os campos do interior, lá você vê o labutar no arado e na foice;¹⁴⁰ olhe para as águas, lá você vê o puxar de remos e cabos; olhe para a cidade, lá você vê uma multidão de cuidados e ouve queixas tristes de tempos ruins e da decadência do comércio; olhe para os gabinetes de estudo, e lá você vê palidez e enfermidades, e olhos fixos; olhe para a corte, e lá estão esperanças frustradas, invejas, conspirações e assistências tediosas. Todas as coisas são cheias de trabalho, e o trabalho é cheio de tristeza; e estes dois estão inseparavelmente unidos à vida miserável do homem.

III. Em seguida, considere as misérias do corpo do homem, que o fazem chorar e lamentar. Pessoas de constituições fracas estão sujeitas a dores tediosas e definhantes que as afligem por muitos meses seguidos; e aquelas que são de temperamento mais forte, a dores que são tão agudas e tão violentas que as despacham, quem sabe, em uma semana ou duas. O homem raramente está sem dor e sempre perto da doença — da doença que o fará gemer

e suspirar, queira ele ou não. E algumas doenças são pura tristeza do início ao fim, como a Melancolia, que é totalmente triste. Ela não tem um lado brilhante ou claro; tudo é desconsolado e penoso, estagnando o sangue, alterando o movimento vívido e alegre dos espíritos e fixando a mente inevitavelmente em objetos chocantes e terríveis. A melancolia de Jó é verificada assim: *Sua carne nele terá dor, e a sua alma nele lamentará*, Jó 14:22. As diversas estações do ano têm seus inconvenientes que incomodam os pobres homens mortais. Não apenas o trimestre de inverno (como alguém expressa) é cheio de tempestades, frio e escuridão, mas a bela primavera tem tempestades e geadas agudas; o verão frutífero e fértil é derretido pelo calor e sufocado pela poeira; e o outono é cheio de doenças. Como podem os olhos deixar de derramar inúmeras lágrimas ao considerar as dores lamentosas às quais eles mesmos e todas as outras partes do corpo estão expostos! Como pode o homem deixar de gemer ao se encontrar presente em tal corpo do qual não pode ser desalojado por muitos anos dolorosos, e no qual não tem deleite ou alívio! Que dor é para ele não ter ajuda ou socorro quando seus espíritos estão quebrantados e seu coração está sobrecarregado? Ter muitas aflições cortantes sobre si e o medo de outras por vir? Ec 8:6-7: *Para todo propósito há tempo e juízo; porquanto a miséria do homem é grande sobre ele. Porque ele não sabe o que há de ser; e, quando há de ser, quem lho operará?* Estar morrendo diariamente em angústia e vexação, e não ser capaz de morrer! Estar cercado por tropas de doenças — de maleitas, febres, tísicas, cólicas, gota, cálculos — e não ser capaz de afastar nenhuma delas, nem de fugir delas quando chegam!

IV. Adicione a todas essas tristezas naturais aquelas que são distribuídas por Deus em Juízo. Tais são os tiranos que Deus

permite que floresçam e triunfem por muito tempo no mundo, que pisam no pescoço de outros para se promoverem; e se fartam com o sangue dos inocentes. Eles ousam fazer o que é mais injusto para satisfazer sua ambição sem lei e seu desejo luxurioso de império. E deles e de seus desígnios arbitrários fluem inúmeras injúrias, danos, roubos e maldades, Ec 4:1.141

E então os outros juízos: pestes e fome, contágios que se espalham ou guerras sangrentas — pestes que ao mesmo tempo agarram e matam; que conquistam por onde passam e enviam milhares de mortais miseráveis à sepultura repentinamente; que arrancam os filhos dos seios das mães; que separam uma parte da família da outra e os fazem ter medo da companhia uns dos outros; ou então os enviam juntos para aquela casa que está preparada para todos os viventes; que transformam cidades florescentes em solidões e interrompem todo o comércio e troca.

Ou a fome, que mata por métodos tão seguros, porém mais lentos; que os faz saber que estão morrendo antes de morrer; que os faz andar de um lado para o outro com olhares pálidos, magros e caídos, e transforma uma terra frutífera em esterilidade; onde as pobres crianças famintas vêm implorar pão às suas mães, e elas não têm nada para dar, mas são forçadas a vê-las morrer diante de seus olhos, como em Lm 4:10.

Ou a Guerra, onde muitos filhos são privados de seus pais, muitas esposas de seus maridos, muitos que viviam em abundância, despojados de todas as suas coisas queridas e agradáveis. A guerra, que enche cada lugar de sangue e violência, de barulho e clamor, de opressão e lamento; que devasta países e os torna desolados; e sacrifica multidões de pessoas inofensivas à sua fúria e raiva cruel. Estas são a voz terrível de Deus, que nos fará chorar e ter medo.

V. Considere os homens associados em suas diversas relações — e assim suas tristezas e sua causa para chorar aumentam. As cortes dos Príncipes têm suas ocasiões de dor e problema; eles também sofrem, embora sua dor seja mais pomposa e vestida com um traje mais solene. Aqueles que têm numerosa e grande parentela e alianças estão mais frequentemente em luto do que outros; pois a morte visita mais frequentemente seus grandes amigos e conhecidos. Há poucas famílias sem tristeza. A casa que agora se regozija é rapidamente transformada em uma casa de luto. E onde hoje não há nada além do som do tamboril, da harpa e da viola, pode ser que no dia seguinte haja a voz de choro e lamentação. Quantos pais que há muito oraram por filhos e finalmente os obtiveram, veem-nos então serem arrancados com um golpe precoce, e a flor murchar no botão que começavam a idolatrar, e seus olhos fechados pela morte assim que apenas espreitaram o mundo? E quantos encontramos em lágrimas porque apenas trazem filhos para a sepultura, e não querem ser consolados porque eles já não existem (Jer 31:15); e encontram uma dor maior em separar-se deles do que em trazê-los ao mundo? Quantos pais existem cujos filhos vivem vários anos — para cuja educação contribuem com tudo o que podem, e esperam tê-los como o bordão e o conforto de sua velhice — e quando começam a florescer, vem uma tempestade e destrói o belo e bom fruto.

E enquanto esperam alegrias duradouras de sua obediência zelosa e conversa santa, são forçados a seguir os jovens promissores e esperançosos até a sepultura. Eles choram como Davi, mesmo por um filho mau: *Meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!* (2Sm 18:33). Mas, novamente, quantos pais existem chorando pela desobediência de seus filhos

que provavelmente serão herdeiros da ira e cairão na destruição? Custa-lhes muitas lágrimas e suspiros pensar que seus filhos são filhos do diabo e achas do inferno! Como afunda suas almas ver que todas as suas orações e exortações, e todo o seu custo e encargo, provavelmente serão em vão! Que tristeza pode ser maior do que pensar que o que fizeram por eles agravará sua condenação; e que devem encontrar seus filhos, seus agora queridos e amados filhos, à mão esquerda de Cristo no grande dia — e pensamentos disso os enviam lamentando para a sepultura! Quantas congregações estão lamentando a morte de seus ministros fiéis, a quem nunca mais ouvirão e com quem nunca mais orarão? Dói-lhes ver aquelas estrelas se porem, as quais lhes davam luz; e ver aqueles embaixadores serem chamados para casa, os quais lhes imploravam que se reconcilhassem! Quantos soldados estão lamentando a morte de seu General, que no meio de todas as suas vitórias e aplausos, foi subitamente arrebatado!

VI. A morte é outra ocasião de choro para os filhos dos homens, assim como são também muitas das abordagens violentas e rápidas da morte. Ec 9:12: *Pois o homem não conhece o seu tempo; como os peixes que se prendem com a rede malvada, e como os passarinhos que se prendem com o laço, assim se enlaçam também os filhos dos homens no mau tempo, quando cai de repente sobre eles.* Ezequias virou o rosto para a parede e chorou quando recebeu sua convocação para partir (2Rs 20:2-3). E se um homem tão bom ficou tão preocupado, quanto mais a maioria deveria ficar! É um pensamento muito melancólico para alguém na carne pensar que ele e seu querido corpo devem em breve se separar; e que o corpo no qual ele comeu, bebeu e dormiu à vontade — que foi tratado tão gentilmente e vestido tão nitidamente — será entregue à sepultura e ali, de uma

maneira muito hedionda, consumido. Como as crianças choram quando vêm ao mundo, elas geralmente choram quando saem dele. Frequentemente, um homem moribundo diz: "Devo deixar vocês, meus queridos amigos, meus filhos confortáveis, meus conhecidos agradáveis, e nunca mais vê-los! Nunca mais devo comer, nem beber, nem falar com vocês! Não devo caminhar em meus jardins agradáveis, nem examinar minha habitação, nem visitar meus amigos, nem eles a mim, nunca mais para sempre! Vou para a sepultura fria e solitária. E devo, por mim mesmo, sem a companhia de vocês, viajar por esse caminho desconhecido e solitário".

A mudança de estado, a grandeza do próximo mundo e a maneira diferente de viver fora do corpo, e as muitas dores terríveis que estão em suas últimas agonias conclusivas, fazem os homens ver o período da vida com olhos chorosos. E quando estão morrendo, isso dissolve seus amigos em lágrimas ao verem seus olhares pálidos e desfalecidos, ao ouvirem seus últimos e terríveis gemidos. E imediatamente após a morte, derrete-os ver a pessoa com quem poucos dias antes conversavam confortavelmente e viviam, agora transformada em um mero monte de terra. Pois aquela alma que a tornava ativa e vigorosa fugiu quando o seguem até a sepultura. Incomoda-os partir. Incomoda-os pensar no que seu amigo é e no que eles mesmos provavelmente serão em breve. E quando chegam em casa, a casa já não é tão agradável quanto era. Eles sentem falta daquele que a tornava assim; e daquele que ela nunca mais deve conhecer, para sempre. Assim, os pranteadores não apenas andam pela rua, mas são encontrados em quase todos os lugares, em cada país e em cada família. Jó 14:1: *O homem, nascido da mulher, é de poucos dias e cheio de inquietação.*

VII. Quanto à sua alma, o homem está exposto a abundantes tristezas. Ele trabalha sob uma escuridão miserável em seu entendimento, e sua ignorância natural cria uma abundância de problemas e vexação em sua alma. Ele tem esperanças tolas, desejos extravagantes e uma curiosidade vã de saber muitas coisas que nunca saberá. E então a luz de seu entendimento está apta a ser eclipsada e confundida com as doenças irresistíveis do corpo, de modo que é impossível para ele pensar na doença da mesma maneira que costumava fazer na saúde.

Sua vontade também contribui para sua tristeza, pois ele deseja e se afeiçoa a uma abundância de coisas que são contrárias ao seu real interesse. Se ele tem as coisas que costuma desejar, elas lhe dão novo tormento e desassossego, e sofrerá inúmeras misérias por suas inclinações precipitadas e ávidas.

O conhecimento é o maior ornamento de uma alma racional; e, no entanto, isso também tem seus problemas. Ec 1:18: *Porque, na muita sabedoria, há muito enfado; e o que aumenta em ciência aumenta em dor.* Não se alcança sem grandes dores e dificuldades, sem busca laboriosa e diligente, e vastas perplexidades — quer consideremos a cegueira de nossos entendimentos ou a intrincada natureza das próprias coisas; os muitos recessos escuros da Natureza, a implicação de causas e efeitos, além daquelas dificuldades incidentais que são ocasionadas pela sutileza e emaranhado do erro. A variedade de opiniões intrincadas, as muitas involuções de controvérsias e disputas, estão aptas a girar um homem com uma vertigem de probabilidades contraditórias. E em vez de estabelecer, elas confundem e distraem a mente, de modo que o muito estudar é enfado para a carne. E, além disso, cria mais problemas para a alma, pois quanto mais um homem sabe, mais ele vê que ainda

há para ser conhecido. E quanto mais alto ele sobe, mais e mais ele vê da jornada que ainda tem a percorrer.

E aquele que é versado no conhecimento do mundo vê uma abundância de erros e desordens que não pode remediar, e que é muito triste contemplar. Ao saber muito, ele está sujeito a uma abundância de contradição e oposição das partes mais ranzinzas, obstinadas e ignorantes da humanidade, que ficam irritadas porque ele não pensa e diz como elas. E elas são muito propensas a censurar e condenar as coisas que não entendem, pois é o mais fácil de se fazer. Ao passo que penetrar nas razões das coisas requer um esforço hercúleo e uma sucessão de pensamentos deliberados e sérios aos quais a natureza do homem é avessa. Mas julgar preguiçosa e apressadamente não requer esforço. E não fosse pelo fato de que é dever do homem saber, e que sua alma (se possui algo de grandeza e amplitude em suas faculdades) não pode ser satisfeita sem isso, seria um curso muito mais seguro e tranquilo ser ignorante.

O estudo e as investigações dolorosas em busca do conhecimento muitas vezes exaurem e quebram nossos espíritos, prejudicam nossa saúde e trazem sobre nós aquelas doenças às quais os descuidados e impensados raramente estão sujeitos. Ec 1:13-15: *Atentei para todas as obras que se fazem debaixo do sol, e eis que tudo era vaidade e aflição de espírito. Aquilo que é torto não se pode endireitar; aquilo que falta não se pode calcular.*

CAPÍTULO 2

A queda de Adão foi a causa de nossas misérias

Mostrando que a queda de Adão foi a causa de todas as nossas misérias; e em quão excelente condição estão os santos anjos; e a tolice daqueles que esperam encontrar no mundo apenas o que é fácil e agradável.

Inferência 1. Visto que a vida do homem é um estado de choro, que pecado deve ter havido na queda de Adão, que tanto provocou Deus a enviar tantas misérias sobre suas próprias criaturas! Se Adão não tivesse caído, teríamos sempre nos regozijado e nunca lamentado; teríamos sempre cantado os louvores de Deus com deleite, e nunca teríamos pendurado nossas harpas nos salgueiros (Sl 137:2). Teríamos sempre vivido do alimento dos anjos, alegrias puras e celestiais, e não teríamos tido esse pão de dores com o qual agora temos de nos alimentar. Podemos justamente clamar: "Ó Adão! O que foi que você fez quando atacou o fruto proibido! Por que arruinou a si mesmo e a nós, sua posteridade indefesa, em um único dia?" Por um ato, você transformou o mundo agradável em um lugar de aflição, e fez de si mesmo e de nós, de homens livres, prisioneiros desta terra. Foi um dia triste, de fato, que abriu uma comporta para aquela vasta inundação de misérias que, desde aquele tempo, sobrecarregou o mundo inferior. Disso vieram tempestades e tormentas, guerras e desolações, e todos os fardos sob os quais gememos e dos quais não podemos escapar. É nesta fonte que podemos rastrear todos os nossos problemas. Oh, quão felizes, quão agradavelmente poderíamos ter vivido, se não tivéssemos apostatado! E agora só podemos dizer: *Ai de nós! porque pecamos!* (Lm 5:16). E quando quaisquer pragas nos molestam, só podemos dizer: "Este é o fruto de nossa própria escolha; este é o produto de nossa própria iniquidade!" Embora, graças sejam dadas a Deus, através do sangue de Jesus Cristo temos um

caminho para escapar, finalmente, de todas essas pragas e pecados.

Inferência 2. Visto que esta vida é cheia de choro, quão mais felizes são os santos anjos do que nós! Ao verem a harmonia e a ordem da criação do mundo, aqueles filhos da alva cantaram juntos. Agradou-lhes ver a glória de seu Criador aparecer assim, e eles ainda continuam a cantar e a louvá-lo. Nem um olhar triste nublou seus rostos daquele tempo até agora; nem um pensamento perturbado possuiu suas mentes. Aqueles espíritos santos estão sempre alegres, serenos e imperturbados. Eles não estão ligados a corpos como os nossos e, conseqüentemente, não estão sujeitos a tantos milhares de misérias. Uma alma na carne é forçada a simpatizar com o corpo, seu vizinho e companheiro. E ela é alterada ou mudada quanto às suas alegrias e tristezas, de acordo com os diversos objetos que são adequados ou desagradáveis a esse corpo. E, no entanto, nossa condição encarnada nos dá alguns privilégios dos quais os anjos, sendo espíritos, não são capazes. Pois, por este meio, podemos glorificar a Deus sofrendo por Ele; e por nossa paciência em nossas diversas provações, podemos converter muitos à fé de Cristo, o que a natureza espiritual dos anjos não lhes dá oportunidade de fazer. Enquanto estivermos unidos ao corpo, devemos esperar ser afligidos. E quando esta união for felizmente dissolvida, então virá o tempo de nossa liberdade e de nosso prazer. Na ressurreição seremos como os anjos de Deus (Mt 22:30). Não estaremos ocupados naqueles assuntos complexos e intrincados que agora nos molestam. Seremos como eles em vigor, atividade e alegria. Teremos corpos, de fato, mesmo então, mas espiritualizados, e não capazes de luto e lamentação. Nem por seu peso, dores e indisposições, serão mais um obstáculo às operações mais ágeis de nossas almas. Deve nos

consolar pensar que um dia teremos companheiros tão excelentes — tão conhecedores, gentis e amorosos como os anjos são — e que então nos regozijaremos tão bem quanto eles, e com nosso louvor comum, daremos ao nosso grande Criador um hino eterno de graças.

Inferência 3. Têm uma noção errada da vida do homem aqueles que esperam encontrar nela nada além do que é agradável! E porque agora seu monte está firme, dizem com Davi que jamais serão abalados! Sl 30:6-7. Por mais claramente que seu sol possa brilhar agora, mais cedo ou mais tarde tempestades e trevas os alcançarão. O dia está chegando que lançará um véu sobre toda a sua glória sorridente e transformará seu riso em luto e lamentação. Pois *o homem nasce para o enfado, como as faíscas das brasas voam para cima*, Jó 5:7. Este mundo é como um hospital ou lazareto,¹⁴⁵ cheio de várias misérias e calamidades. E, portanto, aqueles que nada prometem a si mesmos senão diversão e alegria, e prazeres suaves e fáceis, laboram sob erros múltiplos, que surgem destas duas causas:

1. Falta de experiência e consideração. Daí vem que os jovens, e aqueles que viveram apenas um pouco, fiquem imensamente encantados com a doçura e o deleite da vida. Ao passo que aqueles que a experimentaram por alguns anos a mais, encontram nela diversas cruces, decepções e vexames. E embora a manhã de seu dia tenha sido clara, veem muitas nuvens espessas se formarem enquanto as sombras da noite se aproximam. Não é nada além de ignorância crassa que ocasiona os triunfos ruidosos e loucos de uma parte tão grande do mundo. Pois se eles examinassem apenas um pouco da condição de seus vizinhos sofredores, e a fraqueza de seus próprios corpos — a incerteza de suas esperanças e

a vaidade de seus desejos — sentariam e lamentariam suas misérias; e descobririam que suas maiores alegrias estão confinadas pela dor. Ou,

2. Surge disto: que eles resolvem não perturbar sua facilidade e prazer presentes com quaisquer meditações lamentosas. Fecharão seus ouvidos contra todas as histórias tristes e lúgubres, fugirão da visão de todos aqueles objetos sombrios que os tornariam graves e sóbrios. Não agitarão seus pensamentos com antecipações do mal e de problemas futuros. Estão agora à vontade e esperam que assim fiquem por muito tempo. Esta falsa expectativa não tem outra causa senão sua má vontade e aversão a pensar em uma mudança futura. E porque não sentem dor, doença ou inconveniência, não estragarão sua música com gemidos e suspiros. Comerão, beberão e se alegrarão, e mandarão a tristeza embora, e lançarão fora o cuidado. Mas assim como toda a alegria dos marinheiros não pode impedir os ventos e as tempestades, assim essa insensibilidade e folia não podem manter o dia mau mais longe. Pelo contrário, incham as nuvens e preparam matéria para uma tristeza mais duradoura e intolerável. Podem, em seus humores joviais e com suas taças cheias, afogar seus próprios entendimentos. Mas não podem, por este meio, sobrecarregar suas misérias, as quais, após passarem os vapores daquele vinho gratificante, terão uma ressurreição. Podem dizer, de fato, como em Is 56:12: *Vinde, trarei vinho, e beberemos bebida forte; e o dia de amanhã será como este e ainda muito mais abundante.* Mas talvez nunca vejam esse amanhã; ou, se o virem, ele pode trazer consigo alguma calamidade

grande ou inevitável. Sabemos que Davi disse em sua prosperidade: "Jamais serei abalado". E, no entanto, assim que Deus escondeu seu rosto, Davi ficou perturbado, Sl 30:6-7.

Portanto, é irracional concluir, a partir de nosso deleite presente, que nunca sofreremos. Podemos muito bem argumentar que, porque agora temos saúde, nunca ficaremos doentes; ou porque agora estamos vivos, nunca morreremos. Tais conclusões falsas e tais esperanças vãs apenas aumentam nossos problemas posteriores e os tornam mais pesados. Como se diz da Grande Babilônia, Ap 18:7-8: *Quanto ela se glorificou e em delícias esteve, dai-lhe outro tanto de tormento e pranto, porque diz em seu coração: Estou assentada como rainha, e não sou viúva, e não verei o pranto. Portanto, num dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome.* Nossas misérias são certas, mas nossas alegrias são incertas; nossos prazeres duram apenas um momento, mas nossas tristezas duram muito tempo; nossos prazeres mal começam a viver e já começam a morrer. E quando queremos prolongar sua data com arte, sua continuidade ocasiona ou tormento ou aversão.

A dor (como alguém diz¹⁴⁶) é mais familiar ao homem do que o prazer. Para um contentamento vão, encontramos mil tristezas reais. Estas vêm sem ser chamadas e se apresentam por seu próprio movimento; estão ligadas umas às outras. Mas os prazeres são buscados com dor, e somos forçados a pagar mais por eles do que valem. As tristezas são às vezes inteiramente puras e nos tocam profundamente, tornando-nos incapazes de consolação. Mas os prazeres nunca estão sem alguma mistura de tristeza. Estão sempre mergulhados no amargor. E somos muito mais sensíveis à dor do que ao prazer. Pois uma doença leve perturba todos os nossos contentamentos mais sólidos: uma

febre é capaz de fazer os conquistadores esquecerem suas vitórias e apagar de suas mentes toda a pompa de seus triunfos. Embora, em alguns casos, possamos tornar nossas tristezas maiores em nossa imaginação do que são na realidade. Pois somos mais engenhosos e mais minuciosos no cômputo de nossas dores do que de nossas misericórdias.

Muitos espinhos que nos incomodam são plantados por nós mesmos. E para cada cruz que Deus envia, nossa inquietação e impaciência criam mais mil. Apreendemos algumas coisas como sendo más, as quais não o são verdadeiramente. E às vezes aumentamos nossos males reais além de sua proporção natural; e assim adicionamos novo peso àquele fardo que já nos fazia gemer. Contudo, apesar de tudo isso, e abstraindo de nossas irregularidades desde a queda, o homem é uma criatura muito dolorosa e lamentosa. E o fato de o sermos deve nos incitar a tomar cuidado para não nos ferirmos novamente quando já estamos feridos; nem preparar matéria para novas dores, quando as nossas inevitáveis já podem ser grandes o suficiente.

Há duas maneiras pelas quais agravamos nossas próprias misérias:

1. Ao colocar um valor mais alto nas coisas do que elas realmente merecem, amando-as mais do que deveríamos. E então a separação feita entre elas e nós nos dá uma tristeza mais pesada.
2. Ao buscar fora de nós mesmos muitas coisas para nos fazer felizes; ao passo que deveríamos trabalhar para que nossas almas sejam devidamente ordenadas e nossos desejos mantidos dentro de seus limites justos e lícitos.

Inferência 4. Temos causa para admirar a sabedoria da Divina Providência, que, vendo que a vida do homem é tão miserável, também ordenou que fosse muito curta. Embora nossos dias sejam maus, eles são poucos. E assim como o dia é para o trabalho árduo, há uma sucessão de noites confortáveis nas quais podemos descansar. Achamos um tempo longo e tedioso estar em sofrimento por cinquenta ou sessenta anos. Mas quão altos seriam nossos gemidos se fôssemos condenados a este trabalho e a estes prantos por muitos milhares de anos! Quanto maior nossa miséria (como alguém diz), menos tempo ela provavelmente durará. As tristezas do espírito de um homem sendo como pesos ponderados, a grandeza de seu fardo produz um movimento e descida mais rápidos para a sepultura, para descansar e aliviar nossos membros cansados, e para quebrar nossos grilhões que nos corroem até os ossos.

Assim, mostrei quais tristezas são comuns aos filhos e filhas dos homens. No próximo lugar, mostrarei quais ocasiões peculiares os cristãos têm para chorar, acima de outros homens.

CAPÍTULO 3

Os bons cristãos têm ocasiões únicas para chorar

Sobre as ocasiões peculiares de choro que os bons cristãos têm, mais do que os outros homens.

I. O cristão chora por seus próprios pecados. Ele está convencido de sua própria loucura e a lamenta. Pela iluminação do Espírito, ele tem um coração mais terno que os outros — uma visão mais

distinta da odiosidade e malignidade, da natureza venenosa e das qualidades perigosas do pecado. E o que era agradável na comissão do pecado, ele descobre, por experiência custosa, ser apenas fel e absinto depois. Este choro não é efeito de mera frouxidão ou fraqueza de temperamento, nem de falta de coragem. Não há nada mais razoável, mais justo ou honroso do que lamentar nossas ofensas cometidas contra a Lei de Deus. E para que propósito Ele nos deu paixões inocentes, se não para que fossem movidas quando objetos adequados se apresentam? O cristão diz com Davi, Sl 51:3: *Pois eu confesso as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim.* E tal visão de um objeto que é tão desagradável traspassa e fere sua própria alma, fazendo-a dissolver-se em uma dor e angústia genuínas e naturais. Ele diz:

“Oh! o que fiz eu contra o meu Deus, e o meu Salvador, e o Espírito Santo! Oh! quão baixamente me esqueci de um Deus gracioso e amoroso; um Deus que se lembrou de mim todos os meus dias para o bem! Ele me amou, e eu o odiei; Ele me chamou, e eu desobedeci à sua voz; Ele proveu para mim, e eu me rebelei. Ele tem sido um Pai, mas eu tenho sido indócil, pródigo e desobediente. E agora seu amor e bondade desprezados e esquecidos ferem minha alma até o âmago. Oh! em que eu pensava, quando não pensava n’Ele! O que meu coração vão e tolo amava, quando eu não amava Aquele que é totalmente desejável! Com o que eu me importava, ou em que gastava meu tempo, que não cuidei da minha alma, nem em agradar ao meu Deus, que me poupou e me suportou com admirável paciência! Pequei. Que te farei a ti, ó preservador dos homens? Porei a minha boca no pó, Jó 7:20-21. Abominar-me-ei e arrepender-me-ei por minhas iniquidades, se porventura assim haja esperança. Errei, mas meus erros me custaram caro.

Estive em terra estranha e, com lágrimas, voltarei para casa dizendo: Abençoa-me também a mim, ó meu Pai!”

E então o amor de Jesus constrange o pobre cristão a ser entristecido, dizendo:

Deixou Ele o seu céu por mim, que muitas vezes não deixaria um pecado por Ele; por mim, que era uma ovelha perdida, um malfeitor moribundo, um inimigo por minhas más obras! Veio Ele para me resgatar quando eu estava nas próprias mandíbulas do leão que ruga e à porta do inferno? E não ficarei angustiado ao pensar que o retribui tão mal por todo o seu amor! Foram os meus pecados que o deixaram atônito, perturbado e excessivamente triste até a morte. E ainda assim, infelizmente, fiz o que pude para aumentar suas agonias com meus novos pecados. Foi o meu pecado que encheu o cálice amargo, que traiu, que açoitou, que expôs o Filho de Deus a tal tratamento injurioso — meu pecado que feriu seu peito, que rasgou seus flancos, que o pregou no madeiro e o fez morrer. E posso olhar para o que fiz e não me perturbar? Podem meus olhos contemplá-lo pendurado na cruz e meu coração não ser afetado? Nunca houve dor como a sua dor; nunca houve amor como o seu amor; nunca houve desobediência mais inescusável; nunca o pecado foi mais pecaminoso do que o meu tem sido! Muitas vezes fiz pouco caso daquilo que o pressionou até a sepultura. Regoziquei-me com aquilo que o fez lamentar e chorar. Mas não o farei novamente, nunca mais.

E então perturba o bom cristão pensar quantas vezes ele recusou os movimentos do bendito Espírito; e quantas vezes, quando o

Esprito se moveu em seu coração com o desígnio de lhe fazer bem, ele o enviou embora entristecido e vexado. Tudo isso é ocasião para dor, embora nem sempre se expresse em lágrimas. Pois há uma tristeza racional, bem como uma sensível. E embora esta última possa ser mais apaixonada, a primeira é mais duradoura e persistente. Para aqueles que são convertidos em seus dias de juventude, o calor e o ardor de seu zelo brilhante e inicial mais facilmente os dissolve e derrete em lágrimas, e os rios fluem então mais do que fluem depois. Contudo, quando a inundação cessa, a fertilidade aparece; e quando suas lágrimas secam, seu ódio ao pecado permanece. Pois essas expressões externas de tristeza são muito influenciadas pelo temperamento e constituição do corpo físico, 2Co 7:10-11. Como no primeiro nascimento, assim é no segundo: assim que nascem, choram. Mal são trazidos das trevas para a Sua maravilhosa luz, e já se maravilham com sua loucura e com a graça de Deus que os salvou dela. E esse maravilhamento produz tanto amor quanto dor. Primeiro, seus corações são amolecidos com o Seu amor, e então lamentam por suas provocações — embora o que os bons cristãos usam para lamentar seus pecados não seja uma dor preguiçosa, mas esforços sérios para uma nova obediência. É como o agricultor após chuvas proveitosas: ele se dispõe com uma indústria renovada a cultivar o solo. E é apenas razoável que nossos olhos (que tantas vezes são instrumentos de pecado para nós) nos ajudem a lamentar esse pecado com lágrimas. Is 38:15: *Andarei humildemente todos os meus anos, na amargura da minha alma.*

II. Aqueles que são bons cristãos também choram pelos pecados dos outros. O amor que têm pelo nome de Deus faz com que sofram pelas afrontas e desonras que lhe são lançadas por homens ímpios. Eles não podem, sem tristeza, contemplar ou

ouvir falar dos pecados dos homens em geral — os pecados de reinos, províncias e cidades; os pecados das famílias; os pecados de seus concidadãos, seus irmãos e seus vizinhos. As lágrimas que derramam são lágrimas de compaixão pela condição muito triste e miserável do mundo. Enquanto outros zombam do pecado e, pela cegueira de sua loucura, não sabem o que fazem, os homens piedosos lamentam sua falta de preocupação e insensibilidade ao verem outros brincando na toca da áspide, tocando em tições de fogo e divertindo-se com a morte. Eles não podem ver os homens tratarem seu Pai celestial com insolência e desprezo sem que seus corações, em um zelo justo por Sua glória, se levantem contra eles — não com paixões indecorosas por sua ruína, mas em um desejo sincero por sua reforma. Sl 119:136: *Rios de águas correm dos meus olhos, porque os homens não guardam a tua lei.* Assim diz o Profeta aos seus ouvintes, Jr 13:17: *A minha alma chorará em segredo por causa da vossa soberba; e os meus olhos chorarão amargamente e se desfarão em lágrimas.* Nosso amor pelo próximo e nosso zelo pela glória de Deus nos obrigam a isso. Deve nos entristecer pensar no que os homens estão fazendo quando pecam; quão grande Deus provocam para puni-los; e quão grande miséria estão trazendo sobre suas próprias almas. Deve nos entristecer pensar em quão inseguro é o caminho que trilham e que fim sombrio haverá para esse caminho, Fp 3:19.149

Em Jr 9:1, o Profeta deseja: *Oxalá a minha cabeça se tornasse em águas, e os meus olhos numa fonte de lágrimas! Então choraria de dia e de noite os mortos da filha do meu povo.* E, no entanto, quando ele pronunciou essas palavras tristes, a miséria dos judeus ainda não havia chegado. Jerusalém ainda subsistia em sua magnificência e esplendor: seu templo não havia perdido aquela beleza admirável que o tornava a maravilha do mundo;

seus palácios nada haviam perdido de sua pompa; seus muros e fortalezas estavam intactos; e a filha de Sião era princesa entre as províncias. Mas ele falou assim, prevendo que seus pecados abundantes, sua dureza e obstinação, certamente trariam sobre eles os juízos de Deus.

Devemos considerar o que nós mesmos éramos quando estávamos na casa da servidão e servindo a diversas concupiscências — quão escravizados e quão miseráveis. De modo que a lembrança que temos de nosso perigo anterior pode nos estimular a fazer aos outros todo o bem que pudermos, para que não caiam no inferno enquanto olhamos, sem fazer tudo o que está ao nosso alcance para impedir que vão para lá. Podemos ser excitados a essa tristeza compassiva pelo exemplo bondoso de nosso Senhor, Lc 19:41. Ele chorou por aqueles que se regozijavam; Ele teve piedade daqueles que não tinham piedade de suas próprias almas. Porque os corações deles estavam endurecidos, o d'Ele era muito suave e terno. É motivo de luto e lamentação considerar quão poucos são os que professam a religião em seu rigor; e, entre esses, quantos são escandalosos, ou apóstatas, ou hipócritas. Frequentemente se observa que, entre os ingredientes amargos da paixão de nosso Senhor, este não foi um dos menores: prever que haveria tantos que, por sua impenitência final e perseverança na maldade, não receberiam benefício algum dela. E se pudermos julgar por proporção, os anjos no céu que se regozijam com a conversão de um pecador, também choram e lamentam pela maldade irremediável de tantos milhões no mundo.

Para um magistrado zeloso, é motivo de tristeza ver em seus domínios o grande Rei e Governante do mundo ser tão pouco valorizado. E sua dor o moverá a usar todos os métodos saudáveis que puder, por meio de boas leis e uma severidade

necessária, para impedir que as leis e a autoridade divina sejam desprezadas e pisoteadas por pecadores profanos e blasfemos. Para um bom pai, é motivo de dor ver a desobediência e os erros de seus filhos; e é muito doloroso pensar que ele trouxe ao mundo aqueles que serão seu tormento e agentes do diabo. Para um ministro, é motivo de dor quando encontra um ouvinte descuidado ou um povo infrutífero, vendo que eles provavelmente perecerão sob os meios de salvação; e que ele provavelmente será o acusador deles no Grande Dia; e que provavelmente serão separados para sempre quando o Julgamento chegar. É com o coração pesado e muitas lágrimas que ele pensa no estado desamparado deles, Rm 9:1-2. *Vós sabeis, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, como em todo esse tempo me portei no meio de vós, servindo ao Senhor com toda a humildade, e com muitas lágrimas e tentações*, At 20:18-19. *Portanto, vigiai, lembrando-vos de que durante três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar com lágrimas a cada um de vós*, At 20:31.

III. Os bons cristãos choram pelas múltiplas tribulações e perseguições que encontram, quando Deus se agrada, para castigo deles, de soltar as paixões e a fúria de homens ímpios cujas "ternas misericórdias" são crueldade. Ct 2:2: *Qual o lírio entre os espinhos, tal é a minha amiga entre as filhas*. Ela é bela e gloriosa, mas cercada de dificuldades e tribulações. Sl 84:6: *Passando pelo vale de Baca, fazem dele uma fonte; a chuva também enche os tanques*. Eles estão satisfeitos, de fato, em suportar na esperança do céu; contudo, suas dores e tormentos os fazem ir para lá chorando. Eles têm sentidos tanto quanto religião; e sua natureza sensível, queiram ou não, será afetada. Não podem estar doentes sem gemer e suspirar como os outros; não podem sentir torturas, cavaletes, prisões tediosas e

chamas sem recuar um pouco diante deles. Mesmo os Apóstolos, esses grandes e corajosos crentes, foram perturbados e perplexos, embora não abatidos, 2Co 4:8. Em tempos de perseguição, há uma licença geral para fazer o mal, uma opressão audaciosa dos pobres, um desprezo desdenhoso dos aflitos e desolados. Eles se queixam disso no Sl 123:4: *A nossa alma está extremamente farta do escárnio daqueles que estão à sua vontade e do desprezo dos soberbos*. E o escárnio de homens maus é coisa tão vil que o mais paciente não pode deixar de se sentir um tanto afetado por ele. Sl 42:3-4: *As minhas lágrimas servem-me de mantimento de dia e de noite, enquanto me dizem constantemente: Onde está o teu Deus? Quando me lembro disto, dentro de mim derramo a minha alma*.

É verdade que os servos de Cristo consideram motivo de abundante alegria quando caem em diversas tribulações. Suas mentes estão quietas e muito bem satisfeitas. Eles amam seu Mestre e nunca o deixarão. Eles o seguirão até a Cruz e morrerão com Ele ali. Mas, visto que são compostos de carne e sangue, e têm uma natureza que é tenra, suave e avessa ao sofrimento (como outros têm), e essa natureza tem diversas coisas que a prendem ao mundo — diversos parentes e amigos de quem se separar — eles não podem, com respeito a estes, deixar esta terra sem alguma dor e tristeza. Como os ouvintes de Paulo choraram porque não veriam mais o seu rosto, era até provável que partisse o coração dele ter de deixar amigos tão afetuosos, tão amorosos e tão gentis. E devemos pensar que não se separaram, por fim, sem olhos marejados de ambos os lados, At 21:13.

IV. Os cristãos, por mais fáceis que sejam suas próprias circunstâncias, ainda têm motivo de tristeza pela simpatia que têm com seus irmãos que estão em angústia. O espírito de nosso Senhor compassivo habita em seus corações; e como Ele se

aflige com todas as aflições de seu povo, eles também se afligem. São todos membros do mesmo corpo, e uma parte do corpo não pode se regozijar enquanto outra está com dor. Assim, choram com os que choram, Rm 12:15. Ouvir as desolações de outros é extremamente penoso para eles. Nem podem rir e estar alegres enquanto outros suspiram e gemem (ver Jr 4:31; 8:21-22; 14:17-20). Não podem se animar com música quando as harpas de outros estão penduradas nos salgueiros (Sl 137:2). Veja Lm 1:12, 16; 2:11-12. Este Livro das Lamentações é tão lamentável que bem merece ser lido e considerado por nós, para garantir que as misérias de nossos vizinhos nos afetem como devem. Jó 30:25: *Não chorei eu sobre aquele que estava aflito? Ou não se angustiou a minha alma pelo necessitado?*

Deve ser um temperamento muito infernal aquele que não tem compaixão pelos sofrimentos alheios — tal temperamento diabólico como o que reina na França nestes dias. Pelo encorajamento de um Rei cruel e de um Clero igualmente cruel, os pobres protestantes sofreram severidades bárbaras e mais do que pagãs.¹⁵⁶ Se tivessem algo de humano restante, não poderiam ter tratado aquelas pessoas pobres, inofensivas e inocentes como o fizeram. Mas eles há muito se degeneraram em lobos; e até hoje retêm sua natureza brutal e selvagem, despedaçando as ovelhas de Cristo sem qualquer provocação. Embora alguns tenham tido a impudência descarada de dizer que sempre usaram nada além de métodos doces e gentis com eles, há testemunhas suficientes, e até demais (se aprouver a Deus), em todas as partes da Europa, que nos contam histórias melancólicas de suas crueldades infernais. Se houvesse os menores graus de cristianismo restantes naquele país execrável, eles não poderiam, não ousariam ter procedido a tais barbaridades como fizeram, onde nem os cabelos grisalhos dos

mais idosos e veneráveis, nem as lágrimas das viúvas, nem os suspiros dos prisioneiros puderam jamais prevalecer para a menor mitigação. Eles excederam o pior das eras passadas na crueldade de seus tormentos. Quaisquer outros olhos que não os deles chorariam ao ver o que infligem às suas criaturas semelhantes. Quaisquer outros corações se amoleceriam com os gemidos e os gritos de tantas pessoas miseráveis. Mas nada pode causar impressão neles. Suas masmorras, galés, cavaletes e forcas são as únicas coisas em que podem pensar para atormentar aqueles que são melhores que eles mesmos, aqueles que não foram culpados de crime algum, a menos que fosse um excesso de lealdade a um Rei que é inimigo da humanidade, bem como inimigo deles. Por sua permissão, os mais vis dos homens são autorizados a fazer todas aquelas coisas vilãs e perversas que despertam um horror justo em todos os que têm algum zelo pela glória de Deus. Ver tais homens alimentando seus olhos cruéis com espetáculos lúgubres dos angustiados e tristes, os quais eles mesmos tornaram assim. As expressões mais patéticas e comoventes não foram capazes de extrair a menor piedade dos peitos desses monstros desumanos. Os homens nunca se envergonharão de sua barbárie anticristã?157

Nunca saberão que é a besta nas Revelações de João que se embriaga com o sangue dos santos, devora sua carne, faz guerra contra eles e os vence; e é, portanto, chamada de besta, leão, urso e leopardo? Pois quem quer que se comporte para com os cristãos como a Igreja de Roma se comporta para conosco, deve ter renunciado à razão e à humanidade, e ter sido transformado em uma besta selvagem. Aqueles perseguidores franceses são tão ruins que não podem ser reprovados. Não podemos, mesmo que quiséssemos, manchá-los ou lançar sujeira sobre eles, pois

já estão tão sujos. É impossível criar na mente de outros qualquer ideia deles que seja suficientemente baixa.

E é nossa vergonha, a mancha de nosso país e uma desonra ao nome de inglês, que em nosso país — no nosso, que é naturalmente inclinado à piedade e compaixão pelos miseráveis — se encontrem alguns que desejam o bem a um tirano tão tirânico e a um povo tão nutrido e alimentado com sangue, como são seus soldados e criaturas. É nosso julgamento que estejamos tão cegos, e tão estupefatos, e lançados em um sono tão profundo, que não percebemos nossa própria cegueira. Mas eu lamentaria muito se estivesse falando a tais homens. Espero e creio que não há ninguém aqui que esteja sob tal maldição de Deus — uma maldição que é tanto mais terrível quanto é contrária a todo aquele amor a Deus, ao próximo e ao nosso país que deveríamos ter. E se de algum modo somos amaldiçoados, é porque não tivemos mais compaixão por nossos irmãos que sofreram coisas tão graves, que não choramos mais à vista de suas dores, mas, em vez disso, ainda temos muitos entre nós com a compleição daqueles em Amós 6:6.158 Os homens são geralmente indiferentes às misérias alheias. São como o Sacerdote e o Levita que deixaram a pobre pessoa ferida sem qualquer ajuda (Lc 10:31-32). Eles não fixam seus olhos ou mentes em objetos tristes, pois os acham muito desagradáveis.159

V. Outra ocasião para o choro dos bons cristãos provém tanto dos deveres da religião quanto das providências e dispensas mais do que comuns de Deus que os chamam a isso. Há várias coisas que, embora muito agradáveis na consequência, são em si mesmas muito tristes. Já mencionei a amargura do arrependimento e a angústia pelas aflições alheias. E há também os deveres de negação de si mesmo e mortificação; de crucificar

a carne com suas afeições e concupiscências; de morrer diariamente e de manter nossos corações desapegados de uma afeição desordenada pelos prazeres e confortos do mundo. Todos os bons cristãos devem estar em tristeza por um tempo e semear com lágrimas. E a esses deveres podem ser adicionados os chamados que temos para humilhações mais públicas e solenes pela necessidade de nossos próprios assuntos, os juízos de Deus e o orgulho, a raiva e o sucesso de Seus inimigos e nossos. E este é o dever ao qual somos agora chamados. Cuidemos para que nossos dias de jejum e orações sejam misturados com as lágrimas de verdadeiro arrependimento e contrição, para que Deus, que tem sido por nós até agora, não seja contra nós; e para que não soframos sob os juízos espirituais que são os mais formidáveis e severos de todos, de acordo com aquele ditado em Is 22:12-13.160

Assim, os bons cristãos têm muitos assuntos justos para chorar. Choram por se verem como em exílio e à distância de seu país amado. Choram por se encontrarem cercados de muitas enfermidades e paixões impróprias que os fazem estar engajados em guerra contínua. Choram por estarem expostos a tantos assaltos furiosos do diabo e por terem tão pouca força para resistir a ele. Choram quando consideram que seu bom e gracioso Deus é tão desonrado e esquecido em seu próprio mundo.

Inferência 1. Quanta necessidade todos os bons cristãos têm de fé e paciência. Fé, para concluir que Deus faz tudo muito bem em santidade e sabedoria, mesmo que permita que o mundo e a Igreja gemam sob tantas misérias e tribulações. E paciência, para se submeter ao que Ele designa para nossa sorte, e não se queixar ou murmurar nem um pouco. Sem fé, seremos aptos a tropeçar nessas aparentes desordens e nas distribuições desiguais de sua

Providência. E sem paciência, seremos aptos a lutar sob a cruz necessária; a ficarmos cansados e dizer: "É em vão esperar no Senhor".

Inferência 2. Os bons cristãos têm grande razão para deixar o mundo tranquilamente e morrer quando Deus se agrada de chamá-los. É um mundo de miséria, de tristezas e vexação. Não devemos ser afeiçoados às nossas correntes, nem nos deleitarmos em lágrimas, nem abraçarmos nossas dores; mas lembrar que deixaremos todas essas coisas perturbadoras para trás quando formos nos deitar na sepultura silenciosa. Pois ali *os maus cessam de perturbar, e ali os cansados descansam*, Jó 3:17. Certamente não estimamos esta terra estranha como sendo melhor do que a casa de nosso Pai; não pensamos que o Vale de Lágrimas¹⁶¹ seja melhor do que as alegrias do Céu. Para esse céu, então, levantemos frequentemente nossos olhos chorosos; e com a esperança disso, confortemos nossos corações tristes e lamentosos. Apressemos-nos para lá; desejemos estar lá; dirijamos nossas almas angustiadas e cansadas para aquele porto. Suspiremos por aquele Paraíso que não será molestado com o veneno peçonhento da serpente, e onde não crescem espinhos nem abrolhos. Não sejamos afeiçoados a uma tempestade perpétua, nem sejamos tão tolos a ponto de pensar que nossos suspiros são melhores do que louvores e aleluias. Em nossos desejos, apressemos-nos a sair deste mundo doente que, por sua situação baixa, está apto a sofrer uma inundação de inúmeras misérias; e preparemo-nos para aquele mundo onde há saúde e alegria eternas.

CAPÍTULO 4

Que apreensões terríveis tem uma alma desamparada

Mostrando que apreensões terríveis tem uma alma que está sob desamparo espiritual; e em vários aspectos quão muito triste e lúgubre é sua condição, a partir da própria experiência do autor.

O próximo ponto em que pretendo insistir é mostrar que o tempo em que Deus desampara uma alma é um tempo muito escuro e lúgubre. Não é apenas noite, mas uma noite de choro e tempestade. E pode não ser inútil para vocês, que talvez até agora tenham vivido sob os raios e a luz alegre do dia, saber o que se passa nesta noite triste e lúgubre. E, neste assunto, não tomarei informações de outros, mas lhes darei minha própria experiência.

I. Nesta noite, a alma desamparada é sobrecarregada com pensamentos contínuos da santidade, majestade e glória do Senhor. Nem pensa n'Ele com qualquer tipo de deleite; antes, de acordo com aquele salmo de Asafe, Sl 77:3: *Lembrei-me de Deus e me perturbei; queixei-me, e o meu espírito desfaleceu.* Quão deplorável é o caso de tal alma, que não pode pensar em seu Deus e seu Criador sem dor e tristeza; que se fixa em nada n'Ele senão em seus atributos terríveis e severos! Em outros casos, quando um homem está angustiado na terra e contempla vexação e desassossego ali, ele pode levantar seus olhos para o céu e ver alegria e conforto para si ali. Mas neste caso lastimável, não há nem a luz do sol, da lua, nem das estrelas por muitos dias. A face de Deus está escondida e coberta por uma nuvem terrível. Jó 31:23: *Porque o castigo de Deus era para mim um assombro, e eu não podia suportar a sua majestade.*

II. A alma desamparada nesta noite lúgubre olha para Deus como seu inimigo; e como pretendendo seu dano e ruína pela severidade de Suas dispensas. E isso a torna incapaz de receber qualquer consolação das criaturas. Pois dirá a elas: "Infelizmente! Se Deus é meu inimigo, como eu o percebo ser, qual de vocês pode ser meu amigo? Tenho um som terrível de Seu desagrado em meus ouvidos; e qual de vocês pode me trazer boas novas? Se o seu poder, o seu poder irresistível é contra mim, quem pode desviar o golpe mortal?" Jó 19:6, 8: *Sabei agora que Deus me transtornou e com a sua rede me cercou... O meu caminho ele cercou, e não posso passar; e nas minhas veredas pôs trevas.* Veja também os versículos 9-11. E Sl 88:7: *Sobre mim pesa o teu furor; tu me afligiste com todas as tuas ondas.* Se em tal desamparo, Deus fosse percebido como tendo um desígnio para a felicidade e bem-estar futuro da alma, ela suportaria com coragem ou com esperança. Mas não tendo tal crença, ela deve afundar e definhar. O golpe que nos fere em tal caso é ainda mais doloroso, pois é afiado com um senso de ira. Sl 102:9-10: *Pois tenho comido cinza como pão e misturado a minha bebida com lágrimas, por causa da tua indignação e da tua ira; pois tu me levantaste e me arrojaste.* Assim a pessoa que chora desabafa suas dores: "Deus nunca dá ao seu povo um cálice tão amargo, a menos que misture amor e misericórdia com ele. Mas, infelizmente, não sinto gosto de nada senão fel e absinto, nada senão miséria e vexação. Ele está com o seu povo, mas me desamparou. Ele me lançou em uma fornalha ardente onde sou diariamente queimado e chamuscado, e Ele não está comigo ali. Ele é como um leão que ruge para mim, e quem pode desviar sua ira poderosa?" Rute 1:20: *O Todo-Poderoso me deu grande amargura.* Muitas vezes ouvi que é coisa terrível cair nas mãos do Deus Vivo; e agora descubro que é assim. Toda a ira

dos homens não é nada comparada à d'Ele. Um franzir de testa d'Ele é mais intolerável do que toda a raiva e perseguição deles.

Jó 16:12-13: *Estava eu em descanso, porém ele me quebrantou; e pegou-me pelo pescoço e me despedaçou; pôs-me por seu alvo. Cercam-me os seus flecheiros; fende-me os rins e não me poupa; e o meu fel derrama por terra* (veja também Jó 10:16-17). Oh! que angústia, que desolação é causada na alma por pensamentos como estes! "Não ousou olhar para o céu", diz a pessoa que lamenta, "pois ali vejo quão grande Deus tenho contra mim. Não ousou olhar para a sua palavra, pois ali vejo todas as suas ameaças como tantas setas farpadas para me atingir o coração. Não ousou olhar para a sepultura, porque de lá provavelmente terei uma ressurreição lúgubre. E o que pode fazer uma pobre criatura que percebe o Todo-Poderoso como seu inimigo?" É comum dizerem: "Por que você tanto lamenta e chora? Você ainda tem muitas misericórdias, muitos amigos que oram por você e têm piedade de você". Infelizmente! que ajuda há em tudo isso, se o próprio Deus se foi? Nada é então visto como uma misericórdia. E quanto às orações de outros, a pessoa angustiada dirá: "Elas não podem me fazer bem algum, a menos que eu tenha fé; e descubro que não tenho nenhuma. Pois a fé purificaria e limparia meu coração; mas não faço nada além de pecar. E Deus, como é santo, deve colocar-se contra mim, seu inimigo".

III. Nesta noite lúgubre, a alma não tem evidência alguma de sua graça anterior. De modo que, nesta noite, o Sol não apenas se pôs, mas não há sequer uma estrela que apareça. Tal pessoa olha para si mesma como totalmente desprovida da graça de Deus. Olha para todos os seus deveres anteriores como tendo sido insinceros ou hipócritas. Sente seu coração endurecido no presente e conclui que ele nunca foi terno. Sente-se no presente apática e indisposta, e conclui que nunca teve vida e movimento

verdadeiros. E assim expressa suas dores desta maneira, ou de forma semelhante:

“Pensei que pertencia a Deus, mas agora descubro que não sou d’Ele. Pensei que tinha sido íntegro, mas agora vejo que estava enganado. A tempestade veio, e aquela casa que construí sobre a areia foi agora levada pelas águas. Aqueles que são de Cristo, Ele capacitará a perseverar até o fim — mas eu caí da graça; sou um apóstata. Se eu tivesse qualquer parte na intercessão do grande Redentor, Ele não me deixaria assim triste e desolado. Pensei que tinha sido plantado em sua vinha e que tinha dado fruto; mas agora sou cortado como uma árvore estéril. Oh, quão grandemente fui enganado! Imaginei-me herdeiro do céu, e agora sou tomado pelas dores do inferno! Vejo agora que nunca estive certo, nunca nasci de novo, nunca fui renovado pelo Espírito, nunca mudei da morte para a vida. E oh! o que será de mim, que lisonjeei minha própria alma para a ruína; que me julguei seguro quando não estava; e bem quando estava doente! Chegar à miséria depois de pensar tanto tempo na felicidade é uma miséria dupla. Depois de todas as minhas orações, meus esforços e minhas esperanças, provavelmente serei um réprobo e um rejeitado.”

E tal alma conclui estar em uma condição muito mais perigosa do que aqueles que nunca pronunciaram o nome de Cristo, que nunca pretenderam religião, porque calcula que a miséria deles será muito mais tolerável do que a sua. Julga-se um hipócrita; e então todas as ameaças que são feitas contra tais pessoas a sobrecarregam a cada momento com uma confusão inexprimível.¹⁶² Assim, as graças do Espírito e os frutos anteriores de santidade não são discernidos nesta noite triste e lúgubre.

IV. Durante esta tristeza, a alma não pode pensar no próprio Cristo com qualquer conforto. Pois ela argumenta assim: "Ele será um Salvador para ninguém, exceto para aqueles que creem; eu não tenho fé e, portanto, Ele não será Salvador para mim. Aquele que é como o Cordeiro de Deus para os seus servos, será como o Leão da Tribo de Judá para mim; Aquele que trata gentilmente com eles, me despedaçará. Ouvi falar de seus sofrimentos e de sua morte; mas se o seu sangue não me limpou e purificou, então provavelmente perecerei apesar de tudo isso. Ouvi a sua voz e a desobedeci; ouvi o seu Evangelho e não o aproveitei; e agora mesmo as boas novas de salvação não são tão boas para mim. Não conheci, no longo dia que tive, as coisas que pertenciam à minha paz; e agora elas estão escondidas dos meus olhos. Agora tenho de lidar com o grande e terrível Deus mesmo, e não tenho ninguém para pleitear a minha causa. Oh, como posso resistir ao seu poder ou suportar a sua ira? Cristo de fato me chamou, mas eu não abri para Ele, e agora Ele não chama mais. Ele parece estar zangado e enfurecido contra mim por minha desobediência. E embora às vezes eu tenha clamado: 'Tem misericórdia de mim, Filho de Davi!', Ele passa e não atende aos meus clamores. E oh, o que farei quando Ele vier nas nuvens do céu, quando eu tiver de comparecer perante o seu tribunal e ser punido como um incrédulo! Para outros, esse será um dia de refrigério; mas o que será para mim? Os pensamentos disso são agora assustadores!"

E assim, por um senso de incredulidade, a alma desamparada é mergulhada nas ondas e não vê caminho de escape. E por esta incredulidade, ela pensa em Deus de forma absoluta. Pensamentos d'Ele são tão terríveis como se não houvesse Mediador. Ela diz continuamente: "Tenho todos os meus pecados para responder, e não tenho ninguém para se

responsabilizar por mim. Estou condenado e não tenho ninguém para me obter perdão e salvação”.

V. Nesta noite, a alma está cheia de terror. E como poderia ser de outra forma, quando cada pensamento de Deus e de Cristo a sobrecarrega! Jó 6:4: *Porque as setas do Todo-Poderoso estão em mim, cujo veneno suga o meu espírito; os terrores de Deus se armam contra mim.* Tais setas que são disparadas por um braço Todo-Poderoso com grande poder e força, sendo assim dirigidas, devem penetrar muito fundo; profundas e dolorosas devem ser as feridas que Deus faz. E então, são setas envenenadas também, que, sendo mergulhadas em sua ira, inflamam as feridas que fazem e colocam a pessoa angustiada em inexprimível dor e angústia. A noite é um tempo de terror, especialmente em comoções, alvoroços e males semelhantes (Sl 91:5163). E nesta noite, é muito mais assim quando a própria consciência de um homem descarrega mil acusações contra ele por sua culpa. Pois então cada pecado dá um golpe; e todos estando armados em conjunto, formam uma força formidável. E quando Deus faz impressões peculiares de sua ira, e ela cai sobre a alma nua com suas gotas ardentes e escaldantes, não há então nem um pensamento quieto, nem um momento de alívio. Tudo é espanto, confusão e lamento. Lm 3:3: *Deveras ele virou contra mim a sua mão, o dia todo.*

Uma pessoa que está assim angustiada senta-se e medita sobre sua miséria, e de bom grado encontraria algo que pudesse ser confortante; mas não consegue. O primeiro pensamento que lhe vem é atormentador. Ela troca esse pensamento inquieto por outro; e este é tão atormentador quanto o primeiro. Há uma circulação de pensamentos inquietos e flamejantes, e tal pessoa habita como em uma fornalha ardente, ou como em um emaranhado de espinhos. Para qualquer lado que se vire, sente

dor e feridas. Todas as passagens terríveis da Escritura que são contra os ímpios apresentam-se continuamente à sua consideração, e ela pensa que certamente terá a porção deles. Ao continuar acreditando que Deus é contra ela, tudo na natureza que é assustador a amedronta. De todas as coisas terríveis imagináveis, ela extrai algo que a aflige ainda mais. E imaginará desta forma:

“Suponha que eu fosse serrado ao meio, queimado, esfolado vivo ou despedaçado. Oh, que coisa triste seria! E, no entanto, estou em um caso pior do que tudo isso, pois agora sou continuamente torturado pela culpa e provavelmente estarei no inferno para sempre.”

Podemos, de fato, sentir os terrores do Senhor, mas eles são tão terríveis que não podemos expressá-los. Eles ferem nossa parte mais sensível e tenra; fazem nossas próprias almas definharem e desfalecerem; fixam nossas mentes na contemplação de tudo o que é triste e lúgubre; enchem-nos de confusão. Como diz Hemã, Sl 88:15-17, são terrores que nos cercam; apoderam-se de cada faculdade e nos angustiam em cada parte. Ter Deus contra nós, sua santidade a nos ofuscar, seu poder a nos derrubar, sua Lei a nos condenar, nossas consciências a nos acusar, é a soma dos terrores!

VI. O medo é outra ocasião para a tristeza, e a noite é geralmente um tempo de horror; somos então propensos a ser enganados por perigos falsos, bem como reais. Não conseguimos pensar em nada além de nossa miséria. E pensar nela contínua e inevitavelmente nos torna mais miseráveis, Jó 13:21.164 Esses medos são como tantos grilhões dos quais não podemos fugir; e quando pensamos em sacudi-los, causamos a nós mesmos mais dor. *Se eu disser: Eu me esquecerei da minha queixa, deixarei o*

meu triste aspecto e tomarei alento; receio todas as minhas dores, porque bem sei que não me terás por inocente, Jó 9:27-28. Somos assustados pela grandeza e majestade de Deus, pela glória de seu ser e pelo trovão de seu poder. Somos assustados pela visão de nossos inúmeros pecados e pelos perigos que os acompanham. Pensamentos do céu nos assustam porque pensamos que perdemos aquele lugar abençoado; e pensamentos do inferno não são menos assustadores, porque pensamos que logo estaremos lá. Pensamentos da vida são assustadores, porque vivemos com angústia e horror; nem podemos suportar pensamentos da morte, porque não ousamos morrer.

VII. É uma noite de choro para as almas desamparadas, porque não encontram coração para orar, nem vida na oração. Elas caem de joelhos e cobrem o altar do Senhor com lágrimas, mas Ele parece não lhes dar atenção. Elas imploram, e Ele não lhes dá alívio; clamam, e Ele não responde — e isso as enche de vergonha e dor, Lm 3:7-8. Os pensamentos dessas pobres pessoas estão em uma pressa contínua e, por isso, são cheios de distrações no desempenho de seu dever. A dor, ao entristecer os espíritos, destrói a liberdade de nossa fala, pois a alegria é a mãe da eloquência e da fluência. E quando suas orações tentam subir em direção ao céu, esta tristeza amortece seu vigor e torna suas orações incapazes de voar. E descobrindo que ainda estão perplexas mesmo após a oração, e ainda tão desconfortáveis quanto antes, são propensas a abandoná-la e dizer: "É em vão orar". Assim foi Saul em 1Sm 28:15: *Deus se tem desviado de mim e não me responde mais.*

A tristeza é, por natureza, uma coisa muito enfadonha e lenta. Um homem não tem coração para realizar qualquer trabalho quando está muito triste; e esse desânimo ocasiona um novo problema. Ficamos vexados quando não oramos; e quando

queremos, não conseguimos. As tristezas amortecem nossa fé, nosso amor e nossa esperança; e assim estragam nossos deveres. Pois, sem estes, os deveres são sem vida e sem aceitação. E às vezes nossa dor é tão violenta que não encontra saída; ela nos estrangula e somos vencidos. *Estou tão perturbado, que não posso falar*, Sl 77:4. Em nossos desamparos espirituais, é como um homem que sofre um ferimento leve. A princípio, ele caminha de um lado para o outro; mas, por não cuidar a tempo de evitar um mal crescente, a ferida negligenciada começa a inflamar, ou vira gangrena, e lhe traz maior dor e perda. Assim acontece conosco muitas vezes em nossa tristeza espiritual. Quando somos perturbados pela primeira vez, oramos e derramamos nossas almas diante do Senhor. Mas depois, as águas de nossa dor afogam nossos clamores, e ficamos tão sobrecarregados que, mesmo que pudéssemos ganhar o mundo inteiro, não conseguimos orar — ou, pelo menos, não encontramos expansão, nem vida, nem prazer em nossas orações. E o próprio Deus parece não ter deleite nelas, e isso nos torna ainda mais tristes, Sl 22:1.165

VIII. Tais pessoas não têm paciência para suportar seus males. Oh! quem é aquele que pode suportar a ira de Deus? Um pensamento d'Ele como um Pai reconciliado adoçaria a cruz mais pesada. Mas uma visão d'Ele como um inimigo faz com que toda a nossa força se vá e derrete nossas próprias almas. Nos males corporais, a mente empresta sua assistência e fornece coragem aos espíritos naturais. Mas quando ela mesma está enfraquecida e perturbada, o que é capaz de fazer? A alma ferida é, mais comumente, irritadiça e impaciente. A visão do céu inspira nossos peitos com calor vital e nos torna quietos e submissos sob cada dispensa. Mas a visão e o medo diários do inferno nos enchem de tumulto e desordem. A linguagem das

pessoas desamparadas, em sua maior parte, é feita de gemidos, e em suas orações *gorjeiam como a andorinha ou a garça, e gemem como a pomba*, Is 38:14.

IX. Elas geralmente não veem perspectiva de alívio ou libertação, e isso aumenta as tristezas de sua noite lúgubre. Estão cobertas na cova profunda e não veem caminho para fugir dela, Jó 33:30. Estão feridas e carregam suas feridas consigo por onde quer que vão. Estão continuamente fixando seus olhos lamentosos na destruição e na sepultura, Jó 7:9. De vez em quando, elas de fato têm alguns intervalos. Mas são como os pequenos fôlegos e refrescos de uma pessoa que acaba de ser retirada do cavalete de tortura, apenas para ser levada ao cavalete novamente. As lágrimas dessas pobres pessoas desamparadas não são como as lágrimas de Maria no Jardim; pois, assim que ela começou a chorar, contemplou o Senhor. Ele veio rapidamente em seu auxílio e transformou suas tristezas em consolações. E sua doce voz em um momento percorreu todos os poderes de sua alma, fez seu coração saltar de alegria e espalhou luz sobre ele. Mas, neste caso, Ele permite que seus servos sejam sacudidos por uma noite longa e lúgubre, antes que se agrade em falar e acalmar a tempestade. São como pessoas estreitamente sitiadas, que não têm socorro à mão — como sedentos que não têm água; famintos e não têm pão. Sl 142:4: *Olhei para a minha direita e vi; mas não havia quem me conhecesse. Refúgio me faltou.*

X. Esta noite de choro é ainda mais dolorosa porque é o tempo da crueldade de Satanás. Quando nossos espíritos estão quebrantados com aflições longas e dolorosas, então este espírito covarde nos ataca. Ele sabe que pode facilmente nos deixar perplexos quando já estamos jogados ao chão. Quando o sol se põe, então os animais do campo rastejam para fora.

Quando Deus se retira, o diabo vem. Ele vem e nos atormenta com inúmeros medos. Ele vem e triunfa sobre nós, insulta-nos e diz:

“Onde está o teu Deus agora? O que você pensa do pecado agora? O que aconteceu agora com todo o seu ouvir, seu ler e suas muitas orações? Você pensou ter escapado do meu poder, e agora eu o tenho ao meu alcance. Agora lembre-se que em tal ou tal momento você pecou, e por isso Deus o abandonou. Você chora, e suas lágrimas são justas; pois você é miserável e provavelmente estará comigo para sempre.”

Satanás faz uso de nossas graves aflições para nos representar Deus como tirânico e como alguém que certamente nos destruirá. E é nossa dor, e nossa miséria, que temos tão pouco em nossos desamparos para responder a ele. Quando realmente acreditamos que Deus se afastou de nós, o que podemos dizer? Como este leão que ruge nos molesta cruelmente quando nossa glória e nossa força se foram! Embora em outras estações possamos opor sua malícia e dizer com confiança: *O Senhor, que escolheu a Jerusalém, te repreenda* (Zc 3:2). Satanás é, de fato, um espírito conhecedor e sutil. Ele conhece nossa fraqueza, vê nosso problema e usa até as próprias Escrituras e providências de Deus contra nós, para nossa desvantagem; e faz isso com uma importunação e diligência maravilhosas. Ele atira em nós com dardos inflamados que são extremamente dolorosos. E vem atirá-los quando estamos sob o senso do desagrado de Deus — o que é como enfiar um ferro em brasa em uma ferida que já está muito inflamada. Agrada ao diabo ouvir-nos gemer e ver-nos tristes. E quando já estamos pressionados por nossos males, ele certamente jogará mais peso sobre nós. Nossos gemidos são sua música; e quando nos revolvemos em cinzas, nos afogamos em lágrimas, estendemos nossas mãos por ajuda e rugimos até que

nossa garganta esteja seca, ele farta seu coração cruel olhando para nossas dores. É a visão mais agradável para ele ver Deus escondendo-se de Seu filho, e esse filho quebrantado de medos, despedaçado de dores, tornado *irmão dos chacais, companheiro das avestruzes*¹⁶⁶, sob ansiedades inquietas, lamentações perpétuas, débil e gravemente ferido — sua língua apegada ao paladar, suas entranhas fervendo, seus ossos queimados de calor e sua carne consumida. Ele nos ataca depois de estarmos há muito perturbados e cansados de nossa marcha na noite lúgubre. E a dor de nossas dores é que Deus pode, por um longo tempo, deixar-nos nas mãos de Satanás. E pelo tratamento que deu a Jó, sabemos qual é o seu temperamento, Lc 22:31.¹⁶⁷ É a hora e o poder das trevas.

XI. Às vezes, esta tristeza é misturada com profundo desespero. É uma noite tempestuosa e de tormenta. E como Paulo disse em outro caso: *Fugiu-nos toda a esperança de salvamento* (At 27:20). "Certamente pereirei", diz a alma que lamenta. "Estou condenado; estou perdido para sempre; já estou como que no inferno, sob dores inexprimíveis e insuportáveis e medos espantosos. O Senhor não será mais favorável. Ele encerrou suas simpatias e ternas misericórdias. Ele se foi; Ele se foi de mim; e se foi para sempre. Não mais o chamarei de Pai; não mais contemplarei sua face brilhante; não mais ouvirei sua voz bondosa e amorosa. Ele é meu Juiz e meu Inimigo, e temo que o será para sempre. Ele me rejeitou; Ele me desamparou; Ele me condenou, e estou perdido para sempre. Agora provavelmente terei minha pobre alma colhida com os pecadores e com os homens sanguinários. Agora nunca mais verei aquele céu para onde outrora esperava ir. Não vejo nada além de ruína, nada além de desolação, nada além da negridão das trevas". E essas conclusões incrédulas e desesperadas produzem pensamentos

duros e estranhos de Deus, e uma inimizade contra Ele em nossas mentes.

XII. Elas olham para seus problemas atuais como uma introdução a outros maiores, pensando que estes são apenas o princípio das dores. Is 38:13: *Esperei com paciência até à manhã; como um leão, assim quebrou todos os meus ossos; desde o dia até à noite me acabarás.* Quão frequentemente ouvimos tais pessoas dizendo: "Oh! o que será de mim se eu morrer em tal estado como estou agora, em tal horror e espanto? Para onde irá minha alma culpada então? Infelizmente! não estou de modo algum preparado para prestar minhas contas; e, no entanto, corro o risco de ser chamado a qualquer momento. Se não posso suportar estas dores e esta ira, o que farei para suportar um inferno eterno? Se tremo tanto agora, o que farei quando o golpe for dado e a sentença final proferida? Tenho apenas uma mudança a fazer, e provavelmente será uma mudança triste e lúgubre, Deus o sabe! Não ousou nem viver nem morrer! Oh! o que farei? Para onde irei? Não posso ficar e não ousou partir. Estou agora gravemente atormentado, e devo sê-lo para todo o sempre, e ainda pior! Vejo agora que a porta é estreita e o caminho apertado, e que serão poucos, de fato, os que se salvarão".

As sombras da noite se estenderam sobre mim, e o que farei se ela provar ser uma noite eterna? Pois é a glória da fé mostrar-nos as coisas futuras como se estivessem realmente presentes; e dar-nos alegria a partir delas, assim consideradas. Da mesma forma, é o tormento do desespero fazer as pobres almas angustiadas acreditarem que estão como que no inferno, enquanto ainda estão na terra; e que estão realmente sendo chamuscadas por aquela ira que virá em medidas maiores.

XIII. De tudo isso seguem-se discursos estranhos e expressões de tristeza. Elas são forçadas a se queixar, a clamar e a chorar amargamente. Jó 7:11: *Portanto, não reprimirei a minha boca; falarei na angústia do meu espírito; queixar-me-ei na amargura da minha alma.* Elas dizem (sem qualquer tipo de preocupação ou medo) coisas que tanto as afligem quanto fazem os outros tremer. Mal se importam com o que dizem de Deus ou de si mesmas. *A minha alma tem tédio da minha vida; darei livre curso à minha queixa, falarei na amargura da minha alma,* Jó 10:1. De fato, frequentemente chegam a desejar nunca ter nascido, sabendo que é melhor não ser do que ser miserável, Jó 3:1-3; 10:18-19. Podem até chegar a desejar ser destruídas, para que conheçam o pior. Tal é a tristeza de seus corações, e tão violenta. Jó 6:26: *Acaso pretendeis reprovar as minhas palavras, visto que as palavras do desesperado são como vento?* E há duas coisas que tornam suas tristezas mais dolorosas:

(1) *Comparar seu estado com o de outros.*

(2) *Compará-lo com seu próprio estado anterior.*

(1) Torna-as mais tristes quando consideram o caso de outros — com que paz e alegria vivem, com que esperança e conforto, enquanto elas mesmas estão afogadas em tristezas. "Outros", diz a alma desamparada, "podem cantar os louvores de Deus com deleite, enquanto eu estou sobrecarregado e minha harpa está pendurada nos salgueiros. Outros podem ir às assembleias solenes e ouvir Sua Palavra, mas eu estou confinado em minhas densas trevas e não ousa ir lá. Outros têm a esperança do céu, e eu tenho o medo diário do inferno. Provavelmente verei outros entrarem na glória, e eu mesmo serei excluído. Oh! o que meus pecados fizeram? Se eu não tivesse pecado tanto, poderia ter tido tanta quietude, conforto e paz quanto eles; e eu, que agora sou

cortado por minha falta de frutos, poderia estar servindo a Deus com tanta alegria, luz e esperança quanto eles fazem".

(2) Quando a alma desamparada compara seu estado presente com o anterior. Para uma pessoa na miséria, é um grande aumento de miséria ter sido outrora feliz. Para Davi, foi motivo de novas lágrimas quando se lembrou de suas alegrias anteriores, Sl 42:3-4.168 "Houve um tempo", diz a pobre alma, "em que eu pensava em Deus com conforto, e quando pensava n'Ele como meu próprio Deus. E perder um Deus que outrora desfrutei é a perda de todas as minhas perdas; e de todos os meus terrores, o mais terrível. Houve um tempo em que eu podia ir e orar a Ele, e me aliviar na oração. Mas agora não tenho ousadia, nem esperança, nem sucesso na oração. Não posso mais chamá-lo de meu Pai. Houve um tempo em que eu podia ler a Bíblia, entesourar as promessas e examinar a terra de Canaã como minha própria herança".

“Mas agora não ousou olhar para a Palavra, para não ler ali minha própria condenação. O sábado era anteriormente para mim como um dos dias do céu. Mas agora ele é também, assim como o resto, um dia triste e lúgubre. Eu anteriormente me regozijava no nome de Cristo. Assentava-me sob a sua sombra, Ct 2:3. Eu era aos seus olhos como quem achou favor. Mas agora minha alma é como os desertos da Arábia: estou chamuscado pelo calor ardente. De quão grande altura eu caí! Quão belo eu estava outrora para o céu e para a salvação; e agora provavelmente ficarei aquém disso! Eu estava outrora florescendo nos átrios do Senhor, e agora todo o meu fruto está destruído e murcho. O seu orvalho permanecia toda a noite sobre os meus ramos (Jó 29:19), mas agora sou como os montes de Gilboa: nenhuma chuva cai sobre mim. Se eu nunca tivesse ouvido falar do céu, não poderia ser tão miserável quanto sou agora. Se eu nunca tivesse

conhecido a Deus, a perda d'Ele não teria sido tão terrível quanto provavelmente será agora. Jó 29:2-3: *Ah! quem me dera ser como fui nos meses passados, como nos dias em que Deus me guardava! Quando fazia resplandecer a sua lâmpada sobre a minha cabeça e quando eu pela sua luz caminhava pelas trevas!"*

Estas são algumas das tristezas que as almas desamparadas frequentemente encontram. E, de fato, é apenas uma pequena parte do que sentem nesta noite escura e tempestuosa. Antes de prosseguir, responderei a duas objeções. Pois prevejo que alguns podem objetar ao que eu disse.

CAPÍTULO 5

Respondendo a algumas Objeções

Respondendo a algumas objeções; e mais sobre o estado lúgubre de uma alma desamparada; e por que Deus se agrada em permitir que uma noite muito tempestuosa e de tormenta venha sobre seus servos neste mundo.

Objeção 1. Você faz muito barulho e incômodo sobre desamparos e o abandono da alma por parte de Deus; e isso não é nada no mundo senão fantasia ou imaginação, e os caprichos e vapores da Melancolia.

Resposta. Não é coisa nova para nós ouvirmos tal linguagem de pessoas ateias e profanas — de homens que estão cobertos de ignorância e preguiça: com ignorância, porque não conhecem os caminhos de Deus e Suas dispensas; e preguiça, porque não pesquisarão os métodos de Seu governo. Conceder-lhes, por uma vez, que seja imaginação, não é menos atormentador por

sê-lo. Pois um homem que imagina fortemente ser miserável, é verdadeiramente miserável; se um homem pensa que é infeliz, então, enquanto esse pensamento permanecer, ele é infeliz. Mas eles fariam bem se pudessem, ao menos uma vez, permitir-se considerar um pouco; e então encontrariam razão para suspeitar de suas próprias objeções tolas. Como aparece pelo que lemos dele, quem foi um homem mais angustiado com o senso da ira de Deus do que Davi? No entanto, ele era de um temperamento musical e agradável, de uma constituição corada e sanguínea. Acham eles que um príncipe tão grande como Jó foi levado meramente por humor e fantasia quando se queixa tanto das setas do Todo-Poderoso? Ou que Hemã, Asafe e muitos outros eram homens de entendimentos pouco claros? É o orgulho ignorante deles que faz esses objetores falarem tão audaciosamente sobre os juízos de Deus, os quais não entendem. Mas se suas consciências forem algum dia despertadas com o senso da culpa, encontrarão algo mais terrível do que fantasia ou imaginação naquilo que acabo de discorrer.

Objeção 2. Você cria um caminho para desencorajar os homens de toda religião. Se é um negócio tão lúgubre, é melhor deixá-lo de lado, e regozijar-se e ser alegre, e tomar nossa facilidade e nosso prazer. Ide sozinhos para o céu, se quiserdes; nós nos juntaremos a companheiros mais alegres. Vemos aqueles que são joviais e vivos, que não conhecem tristeza enquanto vivem, e que morrem em paz. E nós nos uniremos à assembleia deles.

Resposta 1. Em resposta a isto, desejo que considerem que não é nossa religião que é a causa de nossas tristezas; mas nossas andanças e nosso desvio dela. Se fôssemos sempre obedientes, teríamos um dia eterno. Nosso Pai celestial nos castiga porque somos indóceis. E Ele não tem prazer em entristecer os filhos dos homens; mesmo nestas correções necessárias, Ele leva

adiante um desígnio proveitoso para o nosso bem futuro e final. É verdade, isto não é nada senão angústia de consciência que instaura um processo contra si mesma, que se apresenta como que perante o tribunal de Deus, sem esperança de perdão ou escape. E o peso de montanhas não seria uma carga tão pesada quanto esta. É uma noite em que somos mantidos acordados pelo nosso perigo, queiramos ou não. Homens perversos, embora tenham uma carga tão grande, não são sensíveis a ela — não sentem — a amargura do pecado. São como peixes criados no mar, que não sentem o gosto salgado da água. São como porcos que encontram algo agradável aos seus apetites mais baixos, mesmo naquilo que é mais nauseante para outras criaturas. Quando homens perversos pecam, não sentem o peso disso, pois é da natureza deles fazer o que é errado. Suas iniquidades são como águas que não são pesadas em seu próprio elemento. Assim como a alegria intelectual é a mais refinada, pura e duradoura, a perturbação da mente é a mais perturbadora de todas as outras.

Jó 6:2-3: Quem dera que a minha mágoa fosse devidamente pesada, e a minha calamidade juntamente posta na balança! Porque agora seria mais pesada do que a areia dos mares; por isso as minhas palavras têm sido engolidas.

Resposta 2. A tristeza é geralmente acompanhada de grande dor física também; e assim um homem é ferido e angustiado em cada parte. *Não há coisa sã na minha carne, por causa da tua ira*, diz Davi (Sl 38:3). *As setas do Todo-Poderoso estão em mim, cujo veneno suga o meu espírito*, Jó 6:4. A tristeza do coração contrai os espíritos naturais, torna todos os seus movimentos lentos e débeis; e o pobre corpo aflito geralmente declina e definha. Portanto, diz Hemã: *A minha alma está cheia de males, e a*

minha vida se aproxima da sepultura, Sl 88:3. Neste sofrimento interior, vemos nossa força decair e derreter como cera diante do fogo. Pois a tristeza, que é um definhamento desagradável da alma¹⁶⁹, escurece os espíritos, obscurece o julgamento, cega a memória quanto a todas as coisas agradáveis e nubla a parte lúcida da mente. Faz com que a lâmpada da vida queime fracamente. Nesta condição perturbada, a pessoa não pode deixar de ter um semblante pálido, desfalecido e abatido, como alguém tomado por forte medo e consternação. Todos os seus movimentos são lentos, e nenhuma vivacidade ou atividade permanece. Pv 17:22: *O coração alegre serve de bom remédio, mas o espírito abatido seca os ossos*. Daí vêm aquelas queixas frequentes na Escritura:

O meu vigor se tornou em sequeidão de estio (Sl 32:4);

Estou como odre na fumaça (Sl 119:83);

A nossa alma está agoniada até ao pó (Sl 44:25);

O meu rosto está todo manchado de chorar, e sobre as minhas pálpebras está a sombra da morte (Jó 16:16);

De noite se me traspassam os meus ossos, e os meus nervos não descansam (Jó 30:17);

Pela grande violência da minha doença se mudou a minha veste... Lançou-me no lamaçal, e fiquei semelhante ao pó e à cinza, Jó 30:18-19.

Muitas vezes, de fato, a perturbação da alma começa a partir da fraqueza e indisposição do corpo. Aflição longa, sem qualquer perspectiva de remédio, no processo do tempo começa a angustiar a própria alma. Davi foi um homem frequentemente exercitado com doenças e com a raiva de inimigos. E em quase todos os casos que encontramos nos Salmos, podemos observar que as ocasiões externas de problema o trouxeram sob uma apreensão da ira de Deus por seu pecado, Sl 6:1-2. 170 E a razão

dada está nos versículos 5-6.¹⁷¹ Todas as suas dores correm para este pensamento mais terrível, de que Deus é seu inimigo — “como pequenos riachos se perdem em um grande rio, e mudam de nome e natureza”.¹⁷² Acontece com frequência que, quando nossa dor é longa, aguda, sem ajuda e inevitável, começamos a questionar a sinceridade de nosso estado perante Deus; mesmo que em seu primeiro ataque tivéssemos poucas dúvidas ou medos sobre isso. A longa fraqueza do corpo torna a alma mais suscetível a problemas e a pensamentos inquietos.

Eu teria insistido mais amplamente nos problemas de uma alma desamparada, exceto que os encontro tão excelentemente descritos pelo Dr. Gilpin na segunda parte de seu erudito e experiencial *Tratado das Tentações de Satanás*. E devo remeter meu Leitor a isso, não conhecendo nenhum outro livro que, com tanta exatidão e verdade, exponha estas aflições interiores e espirituais.

Prossigo agora para inquirir por que Deus permite tal noite, tão tempestuosa e tão assustadora, sobre Seus servos.

I. Para que sejam conformes a Cristo. Assim como eles são tentados e angustiados, Ele também o foi. Assim como é uma estação de trevas para as almas deles, também foi para Sua alma santa, que esteve cheia de espanto sob o senso da ira de Deus — embora Ele nunca tenha, de fato, desesperado, como muitos de Seus servos são propensos a fazer sob a violência da tristeza. Is 53:3: *Era desprezado e o mais indigno entre os homens, homem de dores, e experimentado nos trabalhos*. Quando Ele foi tão entristecido por nossa causa, é razoável pensar que deveríamos às vezes provar do cálice amargo, e não sempre nos regozijar e estar à vontade. Se Deus não poupou Seu único Filho, por que deveríamos esperar sentir nada além do que é muito suave e

gentil? E nosso Senhor nos disse: *O mundo se alegrará, e vós estareis tristes*, Jo 16:20. Os sofrimentos de Cristo foram para dar satisfação à Justiça Divina. Os nossos não devem ser vistos com tal olhar; mas, por estes terrores e desamparos, aprendemos a valorizar e estimar o amor de Cristo, que se agradou em nos remir quando lhe custou tão caro; e que se agradou em não recusar o campo de batalha, mesmo que este não pudesse ser gerido sem vasto trabalho e uma dor imensa. E o Apóstolo diz: *Alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo*, 1Pe 4:13.

II. Outra razão pode ser porque nossa queda e ruína vieram pelo prazer. Foi um deleite, embora muito curto, que fez nosso antepassado Adão apostatar. E é justo que sejamos curados por algo contrário ao que ocasionou nossa doença. Vendo que nossas alegrias são perigosas, Ele torna nossa dor e tristezas saudáveis e medicinais.

III. É uma estação muito apropriada para se estar triste. Entre todos os outros excelentes desígnios da providência, este é um: que deve haver um tempo de chorar, Ec 3:4. Não há nada de estranho ou incomum nesta noite de choro. Todos os nossos pais, em algum aspecto, passaram sob uma nuvem — uma nuvem que se dissolveu em chuva e que deu muito trabalho aos bons peregrinos enquanto caminhavam. 1Pe 1:6: *Em que vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importe, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações*. Não é mais estranho ver luto na Igreja na terra do que ver tempestades ou neve no inverno. Tudo é belo em seu tempo; e assim é esta aflição. A noite é útil ao mundo, embora não tão agradável quanto o dia. Nosso estado doentio não nos permite ter nada além do que é gratificante aos nossos paladares. O Deus sábio, portanto, em vez de coisas muito agradáveis, muitas vezes

nos confere o que é melhor. Devemos permitir que o Grande Mestre da família mantenha sua ordem, prosperidade e bem-estar por seus próprios métodos — castigando-nos quando, como e por quanto tempo Ele quiser. Pois Seus golpes, embora muito dolorosos, são contudo muito justos. E é em vista de algo melhor que Ele projeta para nós que, no presente, somos feitos sofrer. Pois a dor, como alguém observa, é uma paixão imperfeita, não feita para si mesma, mas para algum uso mais elevado; como são todas as outras afeições de declínio, tais como o ódio para o amor, o medo para a confiança, e semelhantes. E assim a tristeza é feita para a alegria, à qual é subserviente — como o lancetar e o cauterizar não são para si mesmos, mas para alívio e remédio; uma poção amarga não é para a doença (que ela pode causar por um tempo), mas para a saúde. Assim, a tristeza é feita para a alegria, e a alegria é o fim da tristeza. E Deus, podemos estar certos, alcançará Seu fim.¹⁷³

IV. Para mostrar Sua própria soberania, tanto ao afligir quanto ao confortar. Ele faz um Príncipe como Jó sentar-se em um monturo, em angústia e aflição, enquanto outro senta-se em glória sem nuvens no Trono. Ele derruba um e levanta outro, e faz tudo o que quer no céu ou na terra. É a retirada de Seu Espírito que é uma ocasião de luto para a alma; e Ele age sobre ela de várias maneiras. Pois, embora não negue o que é absolutamente necessário para o bem-estar do cristão, muitas vezes Ele não concede o que o tornaria muito confortável. Por razões sábias, Ele muitas vezes permite que os corações de Seu povo sejam sobrecarregados de tristeza, quando poderia fazê-los transbordar de alegria — como na natureza Ele deixa a terra fendida de sede, quando poderia imediatamente refrescá-la com chuvas oportunas. Quem, em toda esta misteriosa variedade de Suas administrações, pode dizer-lhe: *Que fazes?* (Jó 9:12).

Alguns países são desertos — são áridos e abandonados, queimados pelo calor abrasador e cheios de feras de rapina. Outros são habitados e frutíferos, e grandemente abençoados. E Ele vê por bem ter as partes de Seus domínios assim qualificadas. Alguns Ele atrai com o suave cheiro de Seus unguentos; eles não percebem nada senão o que é gratificante e refrescante. Mas a outros Ele aterroriza severamente com a grandeza de Seu poder, Sua santidade e majestade; e eles nunca comem ou vivem com prazer. O Capitão de nossa salvação faz com que alguns de Seus soldados encontrem perigos muito mais formidáveis do que outros. Eles têm mais suor, fadiga, labuta e deveres dolorosos, embora Ele certamente os ajudará quando estiverem prestes a ceder. A maneira de Suas dispensas para com Seus servos é variada, tanto na vida quanto na morte. Alguns são castigados o dia todo, e com dor aguda em seus leitos também; enquanto outros não têm dor alguma. Alguns vão cabisbaixos para a sepultura, curvados sob o Seu desagrado, enquanto Seu favor e Seu olhar gracioso fazem outros irem para lá sorrindo.

Enoque e Elias tiveram uma remoção agradável do mundo. Sua passagem daqui foi muito curta e muito gloriosa. Mas a maioria dos homens geme por um longo tempo antes de ser chamada. E Ele então o faz para mostrar Seu próprio poder, que quando a ferida parece ser desesperadora, Ele pode dar a cura com uma palavra. Quando a noite é mais cheia de horror, Ele pode trazer o dia revigorante. Quando as tempestades estão no auge, Ele precisa apenas dizer às ondas, às nossas dúvidas e aos nossos medos: *Aquieta-te*, e imediatamente há bonança. O que Deus, um Deus tão grande e tão bom, não é capaz de fazer? Aquele que produziu a partir do mero caos este mundo belo e agradável, precisa apenas dizer-nos no meio de nossa escuridão lúgubre: *Haja luz*, e assim será. Jó 5:18: *Porque ele faz a ferida,*

e ele mesmo a liga; ele fere, e as suas mãos curam. É em reconhecimento desta habilidade soberana que Davi ora: *Faze-me ouvir júbilo e alegria, para que gozem os ossos que tu quebraste*, Sl 51:8. Por que isso? Natã não lhe tinha dito que seu pecado fora perdoado? Sim; mas todos os testemunhos de homens não são nada sem o testemunho interior do Espírito Santo. Deus confiou aos homens a administração de Sua Palavra; mas Ele reserva o Espírito para Si mesmo — aquele Espírito que dá consolação aos nossos corações e paz às nossas consciências. Quando Maria e Marta estavam em tristeza pela morte de seu irmão, diz-se em Jo 11:19: *Muitos dos judeus tinham ido a Marta e a Maria, para as consolar.* Mas elas não receberam conforto até que o próprio Cristo chegou ali.

CAPÍTULO 6

Por que as pessoas melancólicas e perturbadas amam a solidão

Mostrando por que as pessoas melancólicas e perturbadas amam a solidão; e por que as pessoas sérias não são tão leves e fúteis em suas conversas quanto as outras; com algumas outras inferências dedutíveis da doutrina anterior; com alguns conselhos para aqueles que nunca foram desamparados e para aqueles que se queixam de que o são.

Inferência 1. A partir disto, você vê a razão pela qual as pessoas em dificuldade amam a solidão. Elas estão cheias de tristeza; e a tristeza, se criou raízes profundas, é naturalmente reservada e foge de toda conversa. A dor é algo muito silencioso e privado. Aquelas pessoas que são muito falantes e clamorosas em suas

dores nunca estão muito entristecidas. Alguns tendem a se perguntar por que as pessoas melancólicas deleitam-se tanto em estar sozinhas; e eu lhes direi as razões para isso:

1. Porque os humores desordenados de seus corpos alteram seu temperamento, seus humores e suas inclinações, de tal modo que não são mais os mesmos que costumavam ser. Sua própria enfermidade é avessa ao que é alegre e divertido. E aqueles que se maravilham com elas poderiam, com a mesma sabedoria, maravilhar-se por estarem doentes, o que não estariam se soubessem como evitá-lo. Mas a doença da Melancolia é tão obstinada e tão desconhecida para todos, exceto para aqueles que a têm, que nada além do poder de Deus pode derrubá-la totalmente; e não conheço outra cura para ela.
2. Outra razão pela qual escolhem estar sozinhas é porque as outras pessoas geralmente não se importam com o que dizem, nem acreditam nelas. Antes, zombam delas, o que geralmente não fazem tão cruelmente com aqueles que sofrem de outras enfermidades. Nenhum homem deve ser culpado por evitar a sociedade quando esta não concede o crédito comum às suas palavras que é devido ao restante dos homens. Mas,
3. Outra, e a principal razão pela qual as pessoas em dificuldade e tristeza escolhem estar sozinhas, é porque geralmente se percebem como escolhidas para serem os alvos do desagrado peculiar de Deus. E por suas aflições agudas, são frequentemente um terror para si mesmas e um espanto para os outros. Até lhes parte o coração ver quão baixo caíram, quão oprimidos estão aqueles que outrora foram tão tranquilos, tão agradáveis e tão cheios

de esperança quanto os outros. Jó 6:21: *Vedes a minha queda e temeis*. Sl 71:7: *Sou como um prodígio para muitos*.

E geralmente é desagradável para os outros estar com elas. Sl 88:18: *Apartaste de mim amantes e amigos, e os meus conhecidos estão em trevas*. E embora não tenha sido assim com os amigos de Jó, afetou-os grandemente ver um homem que conheceram como feliz estar agora tão miserável; um que tinham visto tão próspero estar tão pobre e em circunstâncias tão lamentáveis e desamparadas. Esse pobre homem estava mudado — eles não o reconheceram. Jó 2:12-13: *E, levantando de longe os olhos e não o conhecendo, levantaram a voz e choraram; e cada um rasgou o seu manto, e salpicaram pó sobre a cabeça para o céu. E assentaram-se com ele na terra, sete dias e sete noites; e nenhum lhe dizia palavra alguma, porque viam que a dor era muito grande*. O Profeta representa alguém sob grandes aflições espirituais assim: *Assenta-se solitário e fica em silêncio*, Lm 3:28.

Inferência 2. Disto vemos a razão pela qual os servos de Deus não têm espíritos tão leves e fúteis quanto os outros. Eles nem sempre, de fato, lamentam; mas mesmo quando se regozijam, é com uma alegria séria e sólida. Seus próprios pecados, o medo que têm de pecar e a preocupação que têm com os pecados dos outros os fazem andar humildemente. As muitas misérias às quais estão sujeitos, e as muitas misérias sob as quais veem a Igreja de Deus gemer, guardam-nos de inúmeras loucuras, de muitas frivolidades e vaidades na conversa, das quais outros não hesitam — embora frequentemente, quando seus semblantes estão graves, seus corações estejam cheios das mais vivas alegrias.

Inferência 3. Que coisa insignificante e lamentável é um cristão muitas vezes neste mundo, quanto à sua aparência externa. Um pranteador nunca faz um espetáculo tão grande quanto aquele que triunfa. Suas graças e suas excelências são muitas vezes como o solo no inverno: cobertas de chuva e tempestade, o que impede que ele seja muito notado. Porque Cristo foi um homem de dores e experimentado nos trabalhos, os judeus, portanto, não viram beleza ou atrativo n'Ele para que o desejassem; esconderam d'Ele o rosto porque foi ferido, castigado por Deus e aflito, Is 53:2-4. A vida de todos os crentes está escondida com Deus em Cristo, Cl 3 :3. Ela é mantida com alimento adequado, formada pelo Evangelho e preservada pelo Espírito. Mas por causa de inúmeras tentações e fraquezas, a glória de sua graça é muito eclipsada. Está escondida sob mil cruces e enfermidades, e ainda não aparece na luz mais clara. Um cristão neste mundo é como um Rei que viaja incógnito em terra estranha. Ele é tratado rudemente por homens que não conhecem a grandeza de seu nascimento e qualidade. Viaja com o traje de um peregrino, vestido de pesar, e tem lágrimas por sua comida e bebida. Ou ele é como o sol subindo ao seu meridiano, mas obscurecido de nossa vista por muitas nuvens espessas e aquosas. Jó 30:26-28: *Esperando eu o bem, veio-me o mal; e aguardando eu a luz, veio a escuridão. As minhas entranhas fervem e não descansam; os dias da aflição me sobrevieram. Ando enegrecido, mas não do sol; levanto-me na congregação e clamo.* Agora os servos de Deus estão indo para o porto da bem-aventurança, como Jonas foi para a praia, cobertos pelas águas da aflição. Agora, para um olho descuidado, parecem como semente enterrada no solo, totalmente lançada fora; mas ressurgirão com novo brilho.

Inferência 4. Isto nos assegura que há outra vida, e mais feliz, depois desta. *Bem-aventurados os que choram, porque eles*

serão consolados, Mt 5:4. *Aquele que sai chorando, etc.*, Sl 126:6. *Um pouco, e ver-me-eis*, Jo 16:16. Esta tristeza é a precursora da alegria duradoura. Estas lágrimas de pessoas santas são lágrimas frutíferas e proveitosas. E aquelas almas que agora estão aflitas com os pecados dos outros e com os seus próprios, em pouco tempo serão docemente revigoradas. A noite é longa e lúgubre, mas vem a manhã que as fará esquecer todo o seu problema anterior. Deus põe as suas lágrimas no seu odre (Sl 56:8). Embora, na aparência, caiam sobre a terra sem serem notadas e pareçam estar perdidas, mesmo assim caem no colo de Sua Providência, que as fará frutificar por Sua bênção, para sua alegria eterna. Este pequeno grão que é semeado retornará novamente aos seus seios com medida cheia, recalcada e transbordante. E suas torrentes de lágrimas que agora os cercam serão transformadas em rios de prazer para todo o sempre.¹⁷⁴ *Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens*, 1Cor 15:19. Miseráveis de fato, se fôssemos obrigados a carregar tantas cruzes, enfrentar tantos perigos e calamidades tão variadas, e não tivéssemos recompensa. Mas graças sejam dadas a Deus, este não é o nosso caso. Enquanto olhamos para este mundo, para os males múltiplos que aqui existem, choramos. Mas quando levantamos nossos olhos para aquele mundo puro, calmo e abençoado que está no alto, podemos ser alegres e nos regozijar. Aqui somos sacudidos entre rochas e recifes, com ondas ameaçadoras e ventos fortes; mas ali contemplamos nosso descanso. Neste deserto somos perseguidos por leões que rugem e incomodados pela fome, sede e outros inconvenientes. Mas estamos, o tempo todo, em nossa jornada para a Terra Prometida, e em breve estaremos lá. E então receberemos um termo (um fim) abençoado para todos os nossos conflitos e dificuldades.

Inferência 5. Vendo que há tal noite de choro para os servos de Deus, isto verifica e confirma aquela máxima do Evangelho de que *estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida*. Devemos ir para lá através das próprias profundezas e atravessar muitos mares de dor. Embora todos os outros achem difícil por causa das frequentes negações de si mesmos e mortificações às quais são obrigados — por causa dos muitos pecados que os cercam e dos muitos sofrimentos que devem suportar — as almas desamparadas acham que é, de fato, um caminho apertado. Para elas, está coberto de espinhos e abrolhos. Você, cujo monte ainda está firme e cujas esperanças ainda são inabaláveis, pensa que é fácil. Mas se você algum dia chegar a ser severamente tentado e afligido com provações longas e agudas; se chegar a sofrer grandes dores em seu corpo e grande perturbação em sua alma; se for despertado com a visão do inferno e as ameaças da Lei, e quebrantado com os terrores do Todo-Poderoso — então você unirá seu clamor ao nosso e dirá que o caminho é muito apertado. Jó, Hemã, Asafe, Davi e todos os outros descobriram que é assim. Há, de fato, um leão no caminho. Isso não deve ser uma desculpa para a preguiça, mas sim um motivo para nossa coragem. Devemos ter mais cautela e ser mais vigilantes para evitá-lo. O senso do desagrado de Deus é como uma fornalha ardente, na qual muitos de Seus filhos são lançados, embora saiam ilesos. E quando saírem, serão como o ouro. Contudo, é penoso aos sentidos quando devem ser salvos como que pelo fogo; quando devem chegar à sua coroa por cavaletes e tormentos, por angústia e tribulação; e ao céu pelas próprias Portas do Inferno.

Fecharei este capítulo com duas exortações:

1. Com respeito àqueles para quem ainda é dia, e que nunca foram desamparados por Deus.

2. Àquelas almas desconsoladas, para quem ainda é uma noite de choro e lamento.

I. Se você não foi desamparado e sempre teve a luz do semblante de Deus brilhando sobre você, cuidado com a aproximação da noite. Evite, tanto quanto puder, o declínio do dia. Mostrei-lhe em que abismo eu e alguns outros caímos. Tome o aviso pelo nosso perigo e cuide para que você também não chegue ao mesmo caso lúgubre. Você tem os sorrisos de seu Pai celestial; você sempre esteve com Ele. Oh! não o provoque a transformar esses sorrisos revigorantes em franzires de testa mortais. Não esteja seguro, não seja autoconfiante, não seja incrédulo, mas creia, guarde sua fé e seja vigilante. Pois seu inimigo, o diabo, anda ao redor buscando a quem possa devorar. Trabalhe enquanto é dia. Pois quando esta noite chegar, posso assegurar-lhe por triste experiência que você não poderá trabalhar. Ore agora com fervor, pois então você não poderá orar. Leia e ouça a Palavra de Deus agora, pois então você não encontrará gosto nem mesmo pelo Pão da Vida. Cuidado com a indiferença e a mornidão; cuidado em entristecer o Espírito e em desprezar Seus movimentos. Pois todos estes são as sombras desta noite lúgubre. Seu dia é confortável e sua jornada agradável enquanto o sol brilha. Oh! apresse-se para o seu lar eterno, para que seus pés não tropecem nos montes escuros. Se você demorar, a ira o alcançará — ira terrível e espantosa, tal como você não pode agora acreditar, e tal como você então não poderá suportar. Dê crédito ao relato que lhe trazemos da terra das trevas e não siga pelo caminho que o levará para lá. Caímos entre ladrões e salteadores, entre tentações, perigos e provações que nos privaram de todos os nossos confortos. Não pise em uma trilha onde você certamente será atacado e grandemente ferido, mesmo

que escape. Embora talvez você diga com Jó 29:18: *No meu ninho morrerei, e multiplicarei os meus dias como a areia.*

II. Não julgue severamente nem censure pessoas sob perturbação espiritual. É noite para elas, de fato; mas elas podem viver para ver a manhã chegar. Deus as derrubou, mas Ele as edificará novamente. Estão em trevas, mas não se regozije sobre elas, pois Ele será uma luz para elas. Não fale para o dano daqueles que Ele feriu; não olhe com indiferença ou com um prazer secreto no tempo da angústia de seu irmão. Jó 30:11: *Porque Deus desatou a minha corda e me afligiu, por isso eles também sacudiram de si o freio perante o meu rosto.* Não censure estas misteriosas dispensas de Deus e de Sua providência. Espere até ver a bela estrutura que Ele fará surgir destas ruínas. Quando forem tentados pelo diabo, não seja como os amigos de Jó; não faça o papel do diabo para eles, nem os insulte, nem aumente sua miséria. Foi um pecado muito grande naqueles homens bons agravar a angústia de Jó com seus discursos precipitados e por suas interpretações sinistras dela. O próprio Deus decidiu o caso para Seu servo e disse-lhes que não haviam falado por Ele as coisas que eram retas. Não seja apressado em julgar pessoas que estão chorando, até mesmo desesperando por seus pecados. Estão em amargura, mas Deus pode removê-la rapidamente. Ele pode transformar o deserto delas em um paraíso. Ele aperfeiçoará Seu poder na fraqueza delas, transformará seus males em bem e suas trevas em uma luz maravilhosa. E assim, espere até ver o fim (o propósito) do Senhor. Ele tirou os confortos delas para aperfeiçoá-las e para restaurá-los a elas em melhores termos. Ele removeu seus potes de água, mas pode ser que Ele os envie de volta cheios de vinho. Pois (como alguém observa) Deus é propenso a realizar a maioria de Seus maiores fins parecendo olhar para um lado

totalmente oposto àquele que Ele tem o propósito especial de realizar. Ele raramente procede de forma direta para Seus fins; ou de tal forma que a criatura pensaria ser a mais razoável de se tomar. Antes, quando Seu negócio está no leste, Ele faz Sua jornada, por assim dizer, totalmente para o oeste; e quando tem em mente construir, Ele derruba; quando Seu desígnio é a luz, Seu método e Seu caminho é através das maiores trevas.

Que o grande exemplo de Jó reprima para sempre nossas censuras ousadas de pessoas aflitas e miseráveis. Quem teria pensado que um Homem tão angustiado seria algum dia liberto! Que alguém que tinha tantas dores seria curado! Que alguém tão pobre, tão ridicularizado, tão desprezado por bêbados, rapazes e pela gente mais vil seria honrado e estimado novamente! E, no entanto, tudo isso aconteceu com ele. Seu fim foi melhor que seu começo. Ele viveu para ver o funeral de suas dores e a ressurreição de seus confortos. O Senhor que o havia afligido retirou Sua mão pesada e reverteu seu cativo. Restabeleceu-o em todo o seu antigo esplendor e, por sua curta escuridão, fê-lo brilhar com uma glória dupla, e deu-lhe o dobro do que tinha antes. E por um ano ou dois de dificuldade, deu-lhe muitos anos agradáveis e longos de alegria, até que ficou velho e farto de dias; até que ficou satisfeito em viver e calmamente desejou morrer. E o escopo do Livro de Jó é (como o Dr. Patrick cita de Maimônides) estabelecer o grande artigo da Providência e, por meio dele, preservar-nos do erro de pensar que o conhecimento de Deus é como o nosso conhecimento; ou que Sua intenção, providência e governo são como nossa intenção, providência e governo. Sendo lançado este fundamento, nada parecerá difícil a um homem, aconteça o que acontecer. Nem cairá em pensamentos duvidosos a respeito de Deus — se Ele sabe o que nos aconteceu ou não, e se Ele tem algum cuidado por nós.

Antes, ele se inflamará mais veementemente no amor de Deus. Como se diz ao final desta profecia: *Portanto, me abomino e me arrependo no pó e na cinza*. Assim dizem nossos sábios. Aqueles que agem por amor se regozijarão nos castigos (veja Tg 5:11).

Quanto a você, para quem ainda é noite, acrescentarei apenas isto: embora eu mesmo tenha chegado como que à praia tranquila, simpatizo com você que ainda está labutando no abismo. Você está aflito e sacudido por tempestades. Mas como em Is 54:10-11:

Porque as montanhas se retirarão, e os outeiros serão removidos; mas a minha misericórdia não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não será removida, diz o Senhor que se compadece de ti. Tu, aflita, arrojada com a tormenta e desconsolada, eis que eu assentarei as tuas pedras com todo o ornamento e te fundarei sobre safiras.

Eu sei que você pensa que é uma noite longa, e de fato é; mas não é eterna. O dia romperá e as sombras fugirão. Seu sábio Médico está preparando cordiais para seu coração e bálsamo para suas feridas. Entregue-lhe seus desejos; dirija suas orações a Ele. Com seus braços mais fracos, continue estendendo-se para Ele. Você está chamuscado pela ira, mas Ele será um refrigerio para o seu calor. Você está em trevas, mas Ele é o Sol da Justiça, que afugentará todas as nuvens. Fuja para esta Cidade de Refúgio; parta para esta Fonte de Águas Vivas. E enquanto você é condenado em seus próprios pensamentos, olhe para este Advogado e Mediador, e Ele pleiteará sua causa. A ira que o queima pode ser quente como o inferno, mas o sangue d'Ele extinguirá a chama atormentadora. O diabo pode ser forte demais para você, portanto implore ajuda a este Jesus que o

venceu e que o ensinará a obter a vitória. Ele tem prazer em ajudar aqueles que não têm quem os ajude. E quando não houver ninguém para libertá-lo, o próprio braço d'Ele trará a salvação. Ele carregou nossa dor e pelas Suas pisaduras fomos sarados. Confiando em Sua satisfação, você pode livremente implorar a misericórdia de Seu Pai — não, você pode até apelar para Sua Justiça; pois Ele não aceitará dois pagamentos pela mesma dívida. Você pode dizer: “Prometeste perdoar o pecado por amor de Teu Filho bem-amado. Faça-se comigo segundo a Tua palavra”. Você pode em vão queixar-se de seus problemas àqueles que nunca sentiram o mesmo. Eles podem entristecê-lo ainda mais com suas expressões duras. Mas lembre-se de que, quando você vai a Cristo em busca de ajuda, vai a Alguém que é experiente, a Alguém que provou do mesmo cálice amargo; a Alguém que foi Ele mesmo desamparado por Deus por uma temporada e sabe quão triste é para você estar no mesmo caso. E aqueles que vêm a Ele, de modo algum Ele os lançará fora.

CAPÍTULO 7

A alegria que enche a alma quando o favor de Deus retorna

Sobre a grande alegria que enche uma alma quando o favor de Deus retorna a ela, após ter estado por muito tempo em trevas. E essa alegria é grande em vários aspectos: por ser inesperada; por revelar que Deus está reconciliado e dar ao pranteador a posse de Cristo pela fé, através da influência do Espírito Santo; ela revive suas graças, livra-o dos insultos do diabo e mostra à alma seu interesse nas promessas.

A alegria vem pela manhã, Sl 30:5. Mostrei em vários capítulos que noite lúgubre é para uma alma desamparada quando Deus se retira, e o que então se passa. É agora tempo de apressar-nos para o que é mais agradável e revigorante, de acordo com a ordem da Divina Providência, que designa que onde houve choro na noite, deve haver alegria na manhã. Daqui podemos observar:

O retorno do favor de Deus a uma alma é motivo de grande alegria para ela; ou estas palavras podem denotar a prontidão e a presteza das consolações divinas.

Três coisas são as ocasiões habituais de alegria, todas as quais se encontram neste caso:

1. A lembrança de algum perigo do qual escapamos recentemente.
2. A posse de um bem presente.
3. A expectativa sólida de alguma felicidade futura.

I. Primeiro, a lembrança de um perigo passado ocasiona um senso de alegria mais vivo. Assim como as alegrias passadas renovam nossa dor e tornam nossas tristezas mais dolorosas, as dores que passaram nos dão um sabor de alegria mais doce e melhor. Após longa doença e dor aguda, é muito agradável estar à vontade. É agradável descansar quando estivemos cansados o dia todo com trabalho árduo. Os louros¹⁷⁵ de um soldado florescem com um verde mais puro quando foram obtidos com uma dificuldade imensa; o perigo do combate ilumina a glória do triunfo subsequente. É gratificante para o marinheiro estar em terra firme e, de lá, contemplar as ondas nas quais provavelmente teria sido lançado fora. Alguém que esteve por muito tempo em correntes regozija-se ao encontrar-se em liberdade. É agradável, depois que um homem esteve por muito

tempo sedento, ser refrescado com a fonte de águas vivas. Torna a alegria mais completa e mais satisfatória quando o refrigério vem após misérias longas e graves. Após longo desespero, o menor raio de esperança é mais revigorante. Um homem que perdeu o caminho a noite toda tem motivo para se alegrar ao ver o dia. Quanto às pessoas recém-convertidas, sua fé é cheia de alegria quando comparam seu perigo anterior e sua segurança presente — suas trevas anteriores e a luz brilhante que guia seus caminhos.

Da mesma forma, para as almas que estiveram em grande angústia e tribulação pelo pecado, que se perceberam como lançadas fora da presença do Senhor, é muito agradável contemplar Sua face novamente. É agradável para aqueles que, por causa de sua grave aflição, foram companheiros de avestruzes e chacais¹⁷⁶, virem às assembleias religiosas; e, em vez de gemidos e lágrimas solitários, unirem-se às multidões daqueles que celebram festas. A alma é então como a do príncipe que retorna. Encontra-se nos braços e abraços de um Pai amoroso, e bem tratada quando esperava (como justamente poderia) repreensões e ira.

Trovões, relâmpagos e tempestades tornam o tempo calmo e agradável mais gratificante para nós. É agradável, após uma longa ausência, encontrar nosso amigo novamente; encontramos alegria brilhando em nossos olhos e em nossos peitos à vista daqueles que não víamos há muitos anos tristes e lúgubres, e que, no entanto, ansiávamos ver. E o que aumenta nosso prazer é quando chega uma bênção inesperada. Essa misericórdia nos enche da maior alegria, a qual é extremamente adequada para nós e que, no entanto, não esperávamos receber. A coroa assentou-se mais facilmente na cabeça de Davi depois que ele tantas vezes pensou que teria caído pelas mãos de Saul — assim

como saboreamos a vida com um melhor gosto quando houve apenas um passo entre nós e a morte. Com que transportes uma mãe bondosa vê seu filho voltando para casa, a quem ela dera como perdido e morto! Que entrevista alegre Jacó teve com seu filho, depois de tantas vezes pensar que ele fora despedaçado! Assim que se aproximou, Jacó lançou-se ao seu pescoço, e ali a alma revivida do pobre ancião estava pronta, até com um excesso de prazer, para se derreter. Ele nunca pensou em ver seu José, seu querido José, nunca mais. Estava descendo à sepultura, até com tristeza pela morte presumida de José — e a notícia do bem-estar de seu filho tornou-o jovem e vivo novamente. Pois, ao ouvir isso, o espírito de Jacó reviveu, e Israel disse: *Basta; ainda vive meu filho José; eu irei e o verei antes que morra.* (Gn 45:28).

E assim os judeus, tendo liberdade para retornar de Babilônia, ficaram tão surpresos com o favor de sua libertação repentina e a grandeza da misericórdia, que mal podiam acreditar que fosse verdade. Parecia ser o mero efeito da imaginação, que, durante a interrupção de nossos pensamentos habituais pelo sono, pode nos enganar de várias formas. Sl 126:1-2: *Quando o Senhor trouxe do cativeiro os que voltaram a Sião, estávamos como os que sonham.* Foram libertos de uma maneira ilustre e surpreendente, e isso é expresso como um sonho por três razões:

(1) Um homem não prevê o que sonha. Um homem que costuma ser acalentado por um sono profundo e revigorante não sabe se sonhará ou não. Assim, esta libertação veio a eles quando não pensavam nela.

(2) Chegou sem qualquer dor para aqueles que foram libertos; como quando sonhamos que estamos em repouso e não temos problemas. E isto aumenta a glória de uma libertação, e o amor

do libertador, quando a pessoa liberta não teve preocupação com isso.

(3) Esta libertação estava acima de tudo o que podiam esperar; como se um homem sonhasse com algo semelhante, mas que não viu quando estava acordado. Pois tais são as Quimeras que a imaginação então forma, e que não caem sob o aviso de nossos sentidos. Tal coisa nunca fora ouvida ou vista antes.

O retorno do conforto a uma alma que estava até expirando em dor e tristeza é como a ressurreição de Lázaro foi para suas irmãs pranteadoras. Elas pensavam que, se o Senhor estivesse ali, ele não teria morrido. Mas não pensavam minimamente que ele seria ressuscitado. A revisão de nossas misérias anteriores aumenta o senso de nossa felicidade presente. A luz que a graça do Evangelho trouxe ao mundo, e que dissipou as obscuridades que o cercavam, deixou os Apóstolos cheios de admiração e de espanto. Quando pensavam em sua ignorância e erro anteriores, e na luz e conhecimento que Deus lhes dera, estavam sempre maravilhados com as riquezas de Sua graça — que, em vez da corrupção em que estavam mergulhados, deu-lhes santificação, alegria e esperança. Que surpresa foi para os pobres pastores que estavam no campo guardando seu rebanho à noite, Lc 2:9, ver um Anjo e a Glória do Senhor brilhando ao redor deles! Ver tal Glória quando menos pensavam nela, nem esperavam tão grande graça.¹⁸⁰

Mas é comum com Deus conceder os favores mais eminentes quando os homens não estão à espera deles — como quando Cristo veio buscar os pecadores, quando eles não haviam pensado n'Ele. E quando suas mentes estavam cheias de outros objetos, ficaram com medo. Pois grandes objetos, quando se apresentam subitamente a nós, geralmente nos causam grande

espanto. Pois nosso espírito nessas ocasiões não tem a liberdade de usar suas forças e, mui frequentemente, elas são então dissipadas; e essa dissipação causa medo. Quando uma alma esteve por muito tempo sob a sentença de condenação, um perdão de Deus é muito confortável. Nossas trevas anteriores aumentam nosso conforto presente, como as sombras realçam a luz.

II. A alegria surge da posse de um bem presente. Assim, a presença de Deus é indizivelmente doce para uma alma da qual Ele outrora se retirara:

- (1) *Pois ela agora pensa n'Ele como reconciliado.*
 (2) *Pois pela fé ela tem a posse de Cristo, por quem o favor de Deus é restaurado. Assim como nossa tristeza veio pela incredulidade, nossa alegria vem pela fé.*

(1) Quando estava em angústia, cada pensamento de Deus era terrível e espantoso. Mas agora nada é tão revigorante, tão desejável, tão satisfatório quanto pensar n'Ele. Sl 94:19: *Na multidão dos meus pensamentos dentro de mim, as tuas consolações recreiam a minha alma.* Agora o pobre pecador não olha para Ele como um inimigo, mas como um Pai. Não vê mais em Sua mão uma espada flamejante, mas um cetro de graça; não ouve mais Sua voz irada, mas Seus chamados e convites gentis e confortáveis. Isto é de acordo com aquele ditado em Is 66:13: *Como alguém a quem consola sua mãe, assim eu vos consolarei; e em Jerusalém vós sereis consolados. E vós vereis isso, e alegrar-se-á o vosso coração, e os vossos ossos florescerão como a erva.* Oh, que alegria é para a alma descobrir que Deus está com ela! — contemplar as maravilhas de Sua misericórdia perdoadora! Ver que toda a sua incredulidade, toda a sua impaciência, todas as suas murmurações em sua condição

de deserto não obstruirão finalmente sua jornada para a Terra da Promessa. Ser perdoado quando se pensava estar realmente morrendo em sua culpa aumenta a misericórdia do escape.

É verdade: Deus ama Seu povo mesmo quando está zangado com ele. Ele projeta o bem deles pelos golpes mais agudos e severos. E quando se retira, é para que deem uma melhor acolhida a Ele em Seu retorno. Quando nossa região inferior está mais nublada, o sol ainda está cheio de luz; mas é agradável para nós ver as nuvens desaparecerem e o céu clarear, e sermos refrescados com seus raios vivificantes novamente. Deus, de fato, é o mesmo para sempre. Nossas angústias, nossos medos e nossos problemas não alteram Sua bondade. Estas diversas variações em nós não fazem mudança n'Ele — não mais do que as diversas alterações no ar inferem uma diversidade no sol, que é um e o mesmo em si, embora as mudanças se multipliquem aqui embaixo. Contudo, mesmo a ira paternal ainda é ira; e Seu amor é o que deveríamos desejar fervorosamente, em cuja manifestação deveríamos nos regozijar grandemente. Foi outrora o dito do Sr. Peacock, sob grande angústia de consciência: "Ó Deus, reconcilia-me Contigo, para que eu possa provar uma gota de Tua graça, pela qual minha alma miserável possa receber conforto!" Tamanho era o seu anseio por Ele. E depois, quando a tempestade começou a cessar, sendo lembrado da misericórdia de Deus para com ele, disse: "Oh, o mar não é tão cheio de água, nem o sol de luz, como Deus é de bondade; Sua misericórdia é dez mil vezes mais!" O homem bom ansiava por apenas uma gota antes, e Deus lhe dera goles cheios de consolação. Quão longe estão os caminhos de Deus acima dos nossos caminhos, e Seus pensamentos acima dos nossos pensamentos. Em nossas duras provações, pensamos em Deus como um juiz severo; mas quando somos libertos, vemo-lo como

nosso melhor amigo — que Ele é realmente bondoso para conosco, de quem tínhamos tanto medo. Quem pode expressar a alegria de tê-lo em paz conosco? Há um céu nos sorrisos de um Deus reconciliado. Imaginem para vocês mesmos, como alguém expressa¹⁸¹, uma pessoa que é condenada à morte por seus crimes. Ao mesmo tempo que se prepara para sofrê-la, vê um arauto do Rei trazendo seu perdão na mão, que interrompe a execução gritando: "Misericórdia, misericórdia para o homem miserável!" Com que transportes de alegria o pobre malfeitor vê este mensageiro e ouve estas notícias! Tal e tão agradável é a alegria que um cristão desamparado encontra depois de ter ouvido a sentença de ruína e tê-la visto próxima quando a Lei o condenou, e sua consciência ecoou a voz da Lei — descobrir que está absolvido, que a sentença foi revertida e os pecados que o faziam temer foram apagados. Então a alma pranteadora ousa olhar para Deus, não estando mais em guerra com Ele, nem temendo o trovão de Seu poder. Então é refrescada com Seus atributos doces e amáveis. E então as desordens e as dores que sentia interiormente desapareceram, e tudo está quieto. Então não habita mais como na sombra da morte, nem nas fronteiras da dor eterna.

(2) Segundo, como a alma desamparada pela fé obtém a posse de Cristo, assim ela é cheia de alegria; e Cristo é tanto o objeto quanto o autor dela. Ele a comprou por Seu próprio sangue e carregou nossas dores para que não lamentássemos para sempre. Ter a Ele é uma fonte constante e inesgotável de alegria para o crente, ser possuído por este Salvador, que é o brilho da glória e a imagem expressa do Pai: Sua palavra, Sua sabedoria, Seu amor e Sua boa vontade. Ele é o tesouro das graças do Pai, em quem habita Sua plenitude. Este Divino Salvador é nossa luz que afugenta as trevas de nossa noite e que seca nossos olhos com

Sua mão graciosa. Este é aquele Sol Glorioso que nasce com cura em Suas asas, que não apenas alegra nossos corações, mas cura nossas feridas, dissipa a noite e faz a voz do suspiro expirar ao primeiro romper do dia. Esta é a Árvore da Vida, o Maná Celestial, que nos dá imortalidade.¹⁸² Este é o nosso Davi que derrota nossos inimigos; nosso Salomão que estabelece entre nós uma paz doce e inviolável. Ele expia nossos crimes e dá descanso às nossas mentes. Ele nos salva da ira vindoura. Ele nos livra de nossos pecados, do inferno e de nossos medos escravos. Por fim, Ele nos faz, em nossas noites mais escuras e tempestuosas, ouvir Sua voz dizendo: *Sou eu. Não temais.*

Somos primeiro entristecidos pela incredulidade; e a fé primeiro nos revive. E esta fé é acompanhada de alegria e paz quando a pobre alma desamparada começa a perceber seu interesse em Cristo, e como todas as suas apreensões mudaram, dizendo:

“Até agora, em minha terrível angústia, pensei que Ele era meu inimigo certo, que eu não tinha porção em Seu sangue, nem qualquer parte em Sua intercessão; que, como eu estava sob incredulidade, seria vastamente mais miserável do que aqueles que nunca ouviram falar d’Ele — do que os gentios, pagãos e todo o resto dos homens a quem o Evangelho nunca chegou. Eu então pensava, e estava plenamente convencido, de que não ouviria mais falar d’Ele com conforto. Eu então pensava que o veria vindo nas nuvens para o meu terror; que seria colocado à Sua esquerda e de lá receberia a ordem de partir. E agora Ele veio em um caminho de misericórdia e de amor. Ele pleiteou por mim, quando eu nada tinha a dizer por mim mesmo. E Sua Palavra acalmou as tempestades que tanto me faziam temer. Ele lançou um olhar de amor sobre mim, quando eu nada esperava senão Seus franzires de testa. Agora posso ir e orar em Seu nome encorajador — e agora tenho esperança quando oro. Sua

satisfação e Sua intercessão são ambas as fontes constantes de minha alegria.”

III. Esta alegria que vem após uma noite de desamparo triste e lúgubre é obra do bendito Espírito. Ele é chamado, por excelência, o Consolador; e a paz é um dos frutos do Espírito. Ele nos faz aceitar Cristo e abraçar as promessas. Ele ajuda nossa fraqueza e nos ensina a orar. Ele nos convence do pecado e nos abate, para que possa nos levantar novamente. Ele humilha, purifica e prepara nossos corações para alegrias duradouras e permanentes. Esta alegria não é o produto de um temperamento natural, mas uma disposição que tem sua origem no céu e nos guia para lá. Não é o movimento agradável de nossos espíritos naturais a que deve seu nascimento. Antes, como nossa dor estava em nossas almas, esta alegria também está. Como nossas consciências estavam inquietas, o Espírito opera nelas uma quietude e repouso.

IV. Esta alegria revive nossas graças. Nesta noite lúgubre, fomos quase destruídos pela violência e fúria da tempestade. Éramos como o solo no inverno: destituídos e abandonados, e nenhum fruto aparecia. Mas a manifestação do favor de Deus é para nós como o retorno da primavera. Ct 2:11-13: *Porque eis que passou o inverno; a chuva cessou e se foi. Aparecem as flores na terra, o tempo de cantar chega, e a voz da rola ouve-se em nossa terra. A figueira já deu os seus figos verdes, e as vides em flor exalam o seu aroma.* Aquela estação solitária já se foi, na qual nada além de dúvidas, medos, desânimo e acusações sobrecarregavam a alma. As inundações que a mantinham submersa secaram, e há agora uma alteração alegre e agradável. As nuvens desapareceram e o céu está brilhante. Um novo mundo e uma nova face das coisas agora aparecem. Seu retorno às antigas misericórdias de Deus é como a entrada de Noé no mundo depois

de este ter sido limpo e lavado pelo dilúvio. O favor de Deus torna nossas lágrimas como o orvalho suave da noite, que, com os raios quentes e bondosos do sol, faz as plantas e ervas, os jardins e as flores parecerem mais frescos e verdes. Quando Deus se retira, nossa fraqueza para com o que é bom aumenta.¹⁸³ Não nos resta poder algum, mas *a alegria do Senhor é a nossa força*, Ne 8:10. Isto é como o retorno da saúde e da boa digestão para alguém que esteve doente por muito tempo. Causa um novo fermento e movimento no sangue, e faz com que todas as suas ações sejam acompanhadas de mais vida e vigor. Homens sob medos estranhos e espanto são incapazes de serviço; e quando estamos desamparados, nós também o somos. Quando nos percebemos como rejeitados, oferecemos o *pão de pranteadores*, se é que oferecemos algo. Mas nenhum de nossos sacrifícios é feito com alegria e contentamento de coração. Um homem cujos ossos estão quebrados não pode realizar seu trabalho. E quando nossos espíritos estão feridos, se trabalhamos, fazemo-lo de forma claudicante. Podemos mancar um pouco, mas não podemos correr pelo caminho dos mandamentos de Deus. Nossas tristezas nos tornam sérios e pensativos; mas é a alegria que nos torna ativos. É o óleo da alegria que faz nossas rodas girarem e nos faz avançar, como os carros de Aminadabe (Ct 6:12). Alguém que está com fome ou sede usa esforços débeis, comparados ao que faz aquele que acaba de ser revigorado.

V. Esta alegria que vem pela manhã, após uma noite de choro, é muito agradável à alma, pois ela é então liberta dos insultos e triunfos do diabo. Naquela noite lúgubre, aquele espírito maligno nos aterroriza e amedronta continuamente. Mas quando a manhã chega, aquele que teme a luz foge. Então acontece conosco, em certa medida, o que aconteceu com nosso Salvador

no deserto. Quando o diabo o deixou, anjos vieram e o serviram. Contudo, há uma vasta disparidade entre Ele e nós. Ele venceu e de modo algum foi prejudicado; mas nós voltamos sangrando do campo de batalha. Nossas almas estão manchadas com as tentações do diabo. As feridas que recebemos em nossos conflitos, de vez em quando, nos doem; e elas nos trazem lembranças de nosso pecado por sua dor e dano, talvez até o dia de nossa morte. No entanto, é uma alegria para nós pensar que, embora estivéssemos cercados por todos os lados, escapamos *como um pássaro do laço do passarinho*. *O laço quebrou-se, e nós escapamos*, Sl 124:7. Deus tirou nossas almas do calabouço profundo, pois aquele que era nosso carcereiro não teve poder suficiente para nos manter lá. A libertação que tivemos é tão estranha e tão milagrosa que nossa saída é como a de Pedro em At 12:9. Ele saiu e não sabia que o que o anjo fazia era real, mas pensava que via uma visão. Foi maravilhoso para Pedro, que esperava uma execução repentina no dia seguinte, chegar aos seus amigos que oravam em segurança. Assim é para nós, que pensávamos estar condenados a morrer há pouco tempo. O diabo nos cirandou; e oh, quem dera pudéssemos dizer que nossa palha se foi! Este flecheiro atirou severamente contra nós; mas graças sejam dadas a Deus, ele não obteve seu desígnio, que era nossa ruína total. Estivemos em uma fomalha muito ardente. Oh, que fosse conosco como foi com os três jovens que saíram e não sofreram dano algum (Dn 3:26-27). Estivemos em uma cova de leões, em um deserto uivante, mas não perecemos ali. É um prazer que agora tenhamos algo a responder ao grande acusador dos irmãos — que pela fé em nosso grande Capitão, podemos agora desviar os golpes do acusador e apagar seus dardos inflamados.

VI. Esta alegria que vem pela manhã, após o desamparo, provém da posse que temos em Deus e nas promessas do Evangelho. Como diz Davi, Sl 42:11: *Ele é a saúde do meu semblante e o meu Deus*. É agradável saber que Deus é bom; mas é mais agradável para nós quando provamos Sua bondade — quando podemos dizer com a Bem-aventurada Virgem, Lc 1:46-48: *A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador; porque atentou na humildade de sua serva*. É agradável ouvir falar de Cristo, mas é muito mais agradável quando, com o velho Simeão, o abraçamos em nossos braços e dizemos com a Igreja: *Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu*. Então a alma será animada com deleite perpétuo, dizendo: “Tendo a Deus, tenho o suficiente”. *Volta, ó minha alma, para o teu repouso, porque o Senhor te fez bem* (Sl 116:7). Quando a alma pode refletir e pensar n’Ele como sua própria porção, então as tristezas e trevas da noite se foram. Pois ela tem a Deus, que é todo luz, e n’Ele não há treva nenhuma. Ver a luz e possuí-la são a mesma coisa. Há, como alguém observa, uma luz refletida e uma direta. Vejo palácios, montanhas, cidades, campos e árvores com uma luz refletida; e assim os vejo sem possuí-los. Mas vejo a luz do sol e das estrelas por raios diretos; e ao vê-los, eu os possuo. Pois regozijar-se na luz do Sol e possuí-la são a mesma coisa. Vemos agora a Deus, de fato, por uma luz refletida, que nos chega através das criaturas. E assim, nem todos os que O veem, O possuem. Mas no céu, Deus será visto sem véus e reflexos. Sua luz será uma luz direta, que nos preencherá totalmente.¹⁸⁴

Era um conforto para os patriarcas e homens santos de outrora ter a esperança da vinda de Cristo. Eles viram o Seu dia de longe e se regozijaram. Mas quanto mais é um conforto para aquela alma que realmente O viu vir, não apenas espalhando Seus raios

para remover a escuridão geral do mundo, mas brilhando com uma luz e calor peculiares para si mesma. É a particularidade que torna a maioria das coisas queridas para nós: nossos próprios amigos, nossos próprios parentes, nossas próprias alegrias são os mais agradáveis. Não é apenas pelo fato de Cristo ser considerado isoladamente como Mediador que derivamos este conforto; mas da reflexão que somos capazes de fazer de nossa felicidade n'Ele. É isso que cria os movimentos mais doces em nossos corações. Antes desta posse, pode haver uma calma de espírito e graus menores de complacência¹⁸⁵, expressando-se em amor, esperança e desejo. Mas é a posse real de um bem como nosso que é a mãe da verdadeira alegria. O cristão pode encontrar algum conforto ao contemplar a encarnação, os sofrimentos e a promessa da segunda vinda de Cristo. Mas quando a alma pode dizer: “Ele morreu e ressuscitou por mim”, isso a toca com uma satisfação muito viva e faz a alma dizer, como em Hab 3:17-18:

Porque ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; ainda que decepcione o produto da oliveira, e os campos não produzam mantimento; ainda que as ovelhas da malhada sejam arrebatadas, e nos currais não haja gado; todavia eu me alegrarei no Senhor; exultarei no Deus da minha salvação.

CAPÍTULO 8

A alegria que vem após um longo desamparo

Sobre as propriedades adicionais da alegria que vem a uma alma após longo desamparo: ela é irresistível, embora geralmente gradual; ela revive o corpo e os espíritos naturais. Enche o recém-pranteador com a

esperança da glória e o faz expressar seu deleite aos outros. De tudo isso, podemos justamente admirar a sabedoria da Divina Providência.

VII. Esta alegria é irresistível. Toda a escuridão da noite não pode impedir a aproximação do dia bem-vindo. Assim, nem todas as nossas dúvidas, nem nossos medos, nem todos os horrores da noite podem impedir os raios do favor de Deus quando Ele se agrada de brilhar sobre nós. Jó 34:29: *Se ele dá quietude, quem então inquietará?* Apesar de todas as orientações e ajudas que nossos ministros ou nossos amigos nos dão em nossa angústia, podemos recusar ser consolados. Mas quando Deus fala a palavra, devemos obedecer. Ele cria o fruto dos lábios: paz, paz. Não podemos resistir ao Seu poder Todo-Poderoso mais do que o caos original pôde resistir ao Seu comando quando, na linguagem de um Deus, Ele falou e disse: *Haja luz*. Nosso escape de nossos problemas espirituais guarda alguma proporção com a ressurreição de nosso Senhor dentre os mortos. Assim como aquela não se deveu a um poder comum ou criado, a nossa também não — mas a um poder que é celestial e divino. Não foi, como alguém observa¹⁸⁶, o efeito do poder de Deus nos caminhos da natureza, tais como o nascer do sol, o retorno das estações ou a fertilidade da terra; mas o efeito de um poder totalmente infinito e sobrenatural. Não é de acordo com as leis usuais da natureza, nem com o curso da providência comum.

VIII. Esta alegria é geralmente gradual, e não toda de uma vez. Digo “geralmente”, pois às vezes pessoas em grande angústia e agonias de alma foram subitamente aliviadas em sua noite mais escura; e no calabouço mais profundo, uma grande luz brilhou sobre elas. Aqueles que em uma hora clamavam que estavam condenados e perdidos, na hora seguinte triunfavam na

esperança da glória. E do medo do inferno, chegaram a uma visão gloriosa do céu, para seu próprio conforto excessivo e o conforto de todos os que os ouviam. Mas embora Deus possa fazer o que Lhe agrada, este não é o Seu caminho comum. Assim como a noite vem e o sol se põe por graus, a manhã vem e o sol nasce pelos mesmos graus. Como raramente acontece que os sofredores caiam em grande angústia de consciência de repente — algumas aflições menores abrem caminho para golpes maiores. Além disso, raramente alguém é confortado imediatamente. Antes, seu conforto vem como o romper do dia: há alguns traços fracos de luz (alguns pequenos suportes e esperanças silenciosas) antes que o sol nasça. E nisto, Deus Se acomoda à fraqueza de nossa natureza. Pois uma passagem súbita de uma grande aflição para uma grande alegria é algo que nossa natureza tenra dificilmente é capaz de suportar. Geralmente, as consciências daqueles que estiveram por muito tempo aterrorizados e aflitos começam a se acalmar à medida que os humores do corpo que foram desordenados retornam ao seu curso antigo. Pois por quanto tempo os espíritos e o sangue estiverem desordenados, por tanto tempo a alma estará inevitavelmente em alguma agitação desagradável.

IX. Esta alegria tem uma influência agradável sobre o corpo e o revive, juntamente com a mente que revive. Eles adoecem e definham juntos, e se recuperam e se regozijam juntos. Quando Deus é o nosso Deus, isso causa saúde em nossos semblantes, bem como prazer em nossos corações. E embora eu saiba que muitas pessoas pobres que estiveram por muito tempo espantadas com o medo da ira de Deus têm corpos muito débeis e doentios até o dia da morte, contudo esta calma e paz de espírito mitigam grandemente suas dores. Derramam mel e doçura no cálice mais amargo. Pois o que torna a aflição na

perturbação mental tão intolerável, se não o fato de a pessoa aflita olhá-la como o princípio das dores — como algumas gotas antes de uma tempestade mais terrível, uma mera introdução ao inferno e ao lamento? Mas quando o agulhão da culpa é removido e o pecado é perdoado, aquele jugo que costumava feri-los antes assenta-se muito facilmente sobre seus ombros. Pv 15:13: *O coração alegre aformoseia o rosto*. A alegria, assim como a dor, não pode ser fingida, se for real e muito forte. A alegria no coração é como a chuva na raiz da grama; após ser umedecida até o fundo, a grama parece muito mais verde e florescente. Pv 17:22: *O coração alegre serve de bom remédio*. Mesmo aquela alegria que surge de causas naturais e comuns é muito saudável e acrescenta muito à força e ao vigor do corpo. Quanto mais, então, promoverá isso aquela alegria que se funda na Palavra de Deus e na esperança de Sua aceitação. E sem dúvida, Davi referia-se a isso quando disse:

Sl 51:8: *Faze-me ouvir júbilo e alegria, para que gozem os ossos que tu quebraste.*

Sl 35:10: *Todos os meus ossos dirão: Senhor, quem é como tu, que livras o pobre daquele que é mais forte do que ele? Sim, o pobre e o necessitado daquele que o rouba?*

Nenhum problema consome nossos espíritos naturais mais do que nossas dores e medos interiores; nenhuma alegria os refresca e os torna mais vivos do que as alegrias de nossas almas. Veja Jó 33:24-26: *Então terá misericórdia dele, e lhe dirá: Livra-o, para que não desça à cova; já achei resgate. Sua carne se robustecerá mais do que na sua infância; ele tornará aos dias da sua juventude. Deveras orará a Deus, que se agradará dele, e verá a sua face com júbilo*. Aqueles que escreveram sobre a vida

longa e os meios para obtê-la aconselham-nos a manter nossas mentes sempre cheias de objetos esplêndidos e ilustres, de histórias e das contemplações da natureza, e coisas semelhantes. Mas o melhor remédio é uma consciência tranquila. E embora toda a nossa religião não nos salve, de fato, da doença, ela nos capacitará a suportá-la — a não sermos excessivamente preocupados e sobrecarregados com as múltiplas e inevitáveis calamidades desta vida mortal. Isto é alegria de fato, que recreará nossas almas e nossos corpos também — que preparará uma para sua passagem para a glória, e o outro para seu repouso na sepultura. Assim nossa alma, que é nossa glória, se regozijará, e nossa carne também repousará em esperança, Sl 16:9. E por fim, como ambos prantearam, assim se regozijarão juntos, e isso para todo o sempre. Pois quando Deus se apraz em falar e em nos ajudar tanto em nossos corpos quanto em nossas almas, é uma salvação multiplicada e mil curas em uma só.

O terceiro alívio geral, mencionado anteriormente, é que a alegria surge da esperança de algum bem futuro. E este bem deve ser tanto muito agradável à alma quanto muito certo. Pois se não for assim, não pode haver outra senão uma alegria fraca e trêmula. Há grande prazer na expectativa do que está por vir, se for grande, duradouro e alcançável. Ora, para aquele que tem o senso de retorno do favor de Deus, é muito agradável aguardar aquela hora ou dia, ou antes, aquela eternidade alegre, quando terá os mesmos sorrisos revigorantes de seu Pai celestial, de uma maneira mais brilhante e conspícua — quando não apenas a noite de choro se foi, mas aquela manhã chegou que brilhará mais e mais até ser dia perfeito, Pv 4:18.

E assim a pessoa confortada dirá: “Se o gosto que tenho agora de Deus é tão doce, oh! o que será o pleno desfrute d’Ele! Se sou entretido nesta terra estrangeira como que com o pão dos anjos,

que banquetes me refrescarão quando eu estiver em casa! — quando eu tiver passado as tempestades e estiver além da sepultura, e o pecado e as lágrimas não me derem mais moléstia!” As primícias fazem com que a espera pela colheita completa pareça longa. Assim diz o Apóstolo: *Nos gloriamos na esperança da glória de Deus*. E isto fez a Igreja dizer: *Apressa-te, amado meu, e faze-te semelhante ao gamo ou ao filho do veado sobre os montes dos aromas* (Ct 8:14). A expectativa de qualquer evento principal (como alguém diz) é uma grande vantagem para um coração sábio. Se o carro de fogo tivesse buscado Elias sem ser visto, teríamos duvidado do favor de sua trasladação.

X. Esta alegria matinal se expressará. Assim como nossas dores nos fazem gemer e suspirar, esta alegria nos faz manifestar nosso contentamento de uma forma aberta e agradável. O senso revigorante do favor de Deus enche tanto nossos corações que não podemos ocultá-lo ou sufocá-lo sem desonra para Ele e prejuízo para nós mesmos. Quando percebemos que somos felizes, temos um prazer peculiar em comunicar aos outros a notícia dessa felicidade; e ficamos muito mais satisfeitos por tal comunicação. Esta alegria é sempre acompanhada de uma expressão das misericórdias de nosso Libertador, de modo que não podemos deixar de dizer aos nossos irmãos: “Vinde e vede o que Deus operou por nós! Vede que salvação Seu próprio braço e poder realizaram!” Assim está no Sl 51:12-13: *Torna a dar-me a alegria da tua salvação e sustém-me com um espírito voluntário. Então ensinarei aos transgressores os teus caminhos, e os pecadores se converterão a ti*. Então serei capaz de dizer-lhes que Teus caminhos, por mais escabrosos que pareçam por um tempo, ao fim são caminhos planos e agradáveis; que levam à vida e à felicidade. E contemplando os

raios do Teu amor, que me tornam tão agradável e tão alegre, eles, por tal visão, também serão encorajados à religião. Para o mesmo propósito está o Sl 16:9: *Alegrou-se o meu coração e a minha glória se regozijou*. A alegria interior de Davi não era capaz de se conter. Testificamos nosso prazer em ocasiões menores, até na satisfação de nossos sentidos: quando nosso ouvido é preenchido com melodia harmoniosa; quando nosso olho se fixa em objetos admiráveis e belos; quando nosso olfato é revivido com aromas agradáveis; e nosso paladar o é pela delicadeza e raridade das provisões. E muito mais nossa alma mostrará seu deleite quando suas faculdades, que são de uma constituição mais requintada, encontrarem coisas que são em todos os aspectos agradáveis e prazerosas para elas.

E em Deus, elas encontram tudo isso. Com Sua luz, nosso entendimento é refrescado. E assim é nossa vontade refrescada com Sua bondade e Seu amor. Assim, no Sl 126:1-2: *Quando o Senhor trouxe do cativeiro os que voltaram a Sião... então a nossa boca se encheu de riso e a nossa língua de cântico*. Era um sinal de que seus corações estavam muito cheios de alegria, visto que a boca e a língua a derramavam em tão grande abundância. De fato, seus vizinhos não puderam deixar de notar isso: *Dizia-se entre as nações: Grandes coisas fez o Senhor a estes*, muito além dos métodos de uma providência comum. Sua liberdade era estranha e milagrosa; ultrapassava todas as razões imagináveis. E eis que, como as pessoas sentem prazer em repetir uma e outra vez uma coisa agradável, eles ecoam este dito das nações, dizendo no versículo 3: *Grandes coisas fez o Senhor por nós, pelas quais estamos alegres*. Outros o sabiam apenas por ouvir dizer que Deus fora tão bom para eles; mas eles o sabiam por doce experiência. No povo liberto era, de fato, uma jubilação interior, com um forte clamor e cântico de triunfo.

Assim como quando Deus Se retirou fomos forçados a falar na angústia e amargura de nossas almas, quando Ele retorna, o retorno é tão agradável que não podemos segurar nossas línguas. Em nossos problemas há uma dor latente que é tão profunda e tão triste que palavra alguma pode expressá-la. Assim, na boa esperança da aceitação de Deus, há uma doçura que não pode ser declarada. *Vós vos alegrais com gozo inefável e glorioso*, 1Pe 1:8.

Não ousamos relatar especificamente sobre nossos sofrimentos graves, para não desencorajar muitas pessoas pobres, que já são propensas por si mesmas a desfalecer e desanimar. Ou, se quiséssemos, não poderíamos, pois são terríveis demais. Assim, a visão de Deus, após longa escuridão, enche-nos de admiração e de prazeroso espanto. Sentimos que estamos encantados, mas não podemos dizer plenamente o que é estar assim encantado. E às vezes estamos em alegrias tão transportadoras que, como o bendito Apóstolo quando teve a visão do Paraíso, se estamos no corpo ou fora dele, mal sabemos; a pobre alma está tão transportada que está cercada de leite por todos os lados. "Habitará Deus em um coração como o meu, que foi tão cheio de murmurações e tão cheio de incredulidade? Perdoar-me-á e aceitar-me-á? Terei eu, que em meus próprios pensamentos tristes estava condenado a morrer, a esperança da glória e, em vez de meus medos escravos pelo pavor do inferno, terei a visão do céu? Serei eu Seu favorito, de quem tive pensamentos tão duros e impróprios? Oh! que graça é esta! Quão inesperada! Quão imerecida! E contudo, quão adequada! É este o costume dos homens, ó Senhor Deus? É este o Teu tratamento bondoso para com um pobre pecador, e para com um pecador tão grande como eu fui? Isto é graça de fato! Isto é tudo amor livre e misericórdia! Como pode isto ser passado em silêncio?" Tal

pessoa, tendo escapado após tais apreensões de um perigo tão próximo, é como o homem coxo que foi curado:

E, saltando ele, pôs-se em pé, e andou, e entrou com eles no templo, andando, e saltando, e louvando a Deus. E todo o povo o viu andar e louvar a Deus... e ficaram cheios de pasmo e assombro pelo que lhe acontecera. At 3:8-10.

A angústia interior muitas vezes faz os angustiados rugirem veementemente, tão pesada é a carga que os pressiona. Pelo contrário, quando o medo da ira é removido, regozijam-se com gritos e voz forte, como os que vencem ou colhem a colheita. Pois quando um homem está sob angústia e tribulação interior, olha para si mesmo como um farol queimando em um monte, para dar aviso aos outros e mostrar-lhes o perigo do pecado. Assim, quando chega à paz e à esperança novamente, deseja que pudesse ser colocado em uma montanha e capacitado a trombetear para todo o mundo as riquezas da graça de Deus. De modo que, assim como ninguém presuma ao ver sua miséria, ninguém desespere ao ver sua segurança e seu escape daquela miséria.

Inferência 1. A sabedoria e a beleza da divina providência. Assim como no mundo há uma sucessão confortável de noite e dia, assim no luto dos servos de Deus, após as tristezas da noite, vem a alegria da manhã. Esta noite vem, e esta manhã desponta, quando é mais apropriado que o façam. *Tudo fez formoso em seu tempo*, Ec 3:11. As tempestades, a chuva e o frio do inverno são tão benéficos para o universo quanto o calor do verão. Embora, por nosso amor-próprio, julguemos a Deus ou com pensamentos mais admiráveis ou menos apropriados, conforme Ele nos trate bem ou mal. Mas não

são as igrejas particulares ou as pessoas particulares sozinhas que Deus considera, mas toda a Sua criação. Suas providências para conosco contribuem para o bem dessa criação. Não sabemos para que usos Deus nos colocará; mas deve nos sustentar um pouco pensar que, em qualquer estado em que estejamos, estamos servindo ao Seu desígnio. Por mais prementes e por mais violentos que sejam nossos perigos e tribulações, Ele pode nos salvar até por métodos contrários àqueles que nossa razão apreende. Derrubando-nos, Ele pode nos tornar mais estabelecidos; e parecendo destruir-nos, Ele pode promover nosso bem-estar. Ele pode fazer coisas improváveis avançarem Seu propósito. Muitas vezes é mais escuro pouco antes do romper do dia. E a sombra retrocedendo no relógio de sol de Acaz foi para ser um sinal de vida mais longa para Ezequias, Is 38:8.

Portanto (se me permitirem uma pequena digressão), é uma coisa muito má os homens censurarem a Providência de Deus por causa das misérias presentes com que Ele permite que Seus servos sejam afligidos. Há muitos que pensam ser uma peça de lealdade zelosa não culpar seus superiores pelos assuntos mais altos do governo, que estão acima de seu alcance. E contudo ousam citar perante seu tribunal o Governante Supremo do mundo, se o que Ele faz não é de acordo com o modelo de suas fantasias; ou não é adequado às suas imaginações; ou porque, enquanto outros são satisfeitos, suas próprias inclinações são contrariadas e decepcionadas — não considerando que a diferença e variedade de circunstâncias entre homens particulares são necessárias para o bem geral e público. Censurar a Deus e refletir sobre Sua conduta é como se um rústico camponês, que nunca viajou além da fumaça de sua própria cabana, condenasse a proclamação de um Rei ou os votos de um

Parlamento, quando não conhece as grandes razões de estado de que essas ações dependem.

Mas, como observa São Basílio, quando os homens são contrariados em seus assuntos mundanos, por falta de paciência começam a duvidar se Deus de fato considera as coisas deste mundo — se Ele toma nota de homens particulares. Quando não veem fim para suas misérias, mas um mal é continuamente acompanhado por outro, são blasfemamente propensos a pensar que não há Deus. Deus pode trazer aflição para testar e manifestar as graças de Seu povo. As estrelas, que são uma parte principal da glória dos mundos, são mais ilustres e visíveis quando o dia se foi. E então Deus faz o sol nascer novamente, o qual nos exhibe novos objetos.

As varas de Deus muitas vezes são muito agudas. Mas ao fim, descobriremos que foram mergulhadas em mel e geridas com amor. A conduta da providência é sempre sábia e boa, mas mui frequentemente misteriosa e insondável. E em nada isto é mais evidente do que em Ele trazer uma abundância de Seus servos ao céu pelas próprias portas do inferno; e em permitir que Satanás os esbofeteie e vexa para que possam triunfar sobre ele ao fim. Ele os coloca em grandes perplexidades para que as doces maravilhas de Sua libertação sejam mais aparentes. *Passamos pelo fogo e pela água; mas trouxeste-nos a um lugar de abundância*, Sl 66:12. Assim Ele preservou Moisés em um cesto de juncos, e não deixou o grande infante perecer, embora estivesse em perigo manifesto ou de ser levado pela força da água, ou de ser devorado pelos crocodilos com que aquele rio abundava. Assim Noé foi preservado na Arca, não por qualquer arte na navegação, mas pelo governo e conduta do próprio Deus. Ele apressa a libertação, muitas vezes, quando ela parece estar à distância mais remota. *À tarde haverá luz* (Zc

14:7) — em uma estação em que não era de se esperar. Em todas as Suas obras de natureza e de graça, Ele faz as coisas promoverem Seu desígnio, as quais parecem ser contrárias ao que Ele projeta. Assim (observam alguns), a terra está suspensa sobre o nada no meio do ar fluido, embora seja o mais pesado de todos os elementos. Ele a torna frutífera para a produção de todas as coisas necessárias, embora por si mesma seja fria e seca. E assim o mar, que por sua situação está acima da terra e parece ameaçá-la com novos dilúvios, é contudo mantido em seus próprios canais. Pois após ter sido elevado até as nuvens em ondas ameaçadoras, sua fúria morre novamente em uma calmaria, e observa os limites que Deus lhe estabeleceu.

Assim nosso Senhor Jesus também opera. Sendo tentado, Ele venceu o tentador; e morrendo, Ele submeteu a morte. E assim, ao envio do Espírito, primeiro a casa abalou-se e tremeu, e então foi cheia da Glória do Senhor — primeiro, dores profundas, e depois alegrias tão poderosas. Primeiro João ouviu uma voz como a voz de muitas águas, e como a voz de um grande trovão; e depois a voz de harpistas tocando suas harpas, e cantavam um novo cântico diante do trono, Ap 14:2. Uma devida consideração das providências de Deus guardar-nos-á da opinião absurda dos pagãos, de que a Divindade invejava a felicidade dos homens, e que quem quer que fosse mais próspero estava perto de uma queda súbita. Mesmo os homens instruídos entre eles eram tão apreensivos disso que não ousavam reconhecer sua própria renda (mesmo que fosse comum) sem uma desculpa. Por esta conta, o imperador Augusto, em cujos dias nasceu o Salvador do mundo, uma vez por ano tornava-se mendigo e recebia esmolas daqueles do povo comum que lhas davam. Ele desconfiava de sua própria felicidade e temia aquela *invidiam numinis*¹⁸⁸ que era tão assustadora naqueles dias.¹⁸⁹

Os pagãos tinham apenas parcelas (porções) da Escritura, e essas também estavam largamente adulteradas pela tradição. Não admira se faziam um uso contrário dela. E por triste experiência — encontrando os efeitos da queda de Adão e da maldição de Deus, e não estando bem informados sobre todos os particulares — o diabo também estava ocupado com eles, como estivera com Eva, para promover uma má compreensão de Deus, como se o diabo fosse invejoso.¹⁹⁰ Ao passo que, sob devida consideração, o que no julgamento da natureza cega e corrupta parecia inveja e malignidade, aparecerá ser misericórdia, usada por Deus como um remédio proveitoso ou antídoto contra a maior e mais perigosa infecção da alma. Pois as cruces e aflições neste mundo não são os efeitos da inveja no Supremo Dispensador de todas as coisas, mas argumentos para Sua bondade e providência. *Todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus*, Rm 8:28. Doença e saúde, pobreza e riquezas, angústia, medo e horror contribuirão para a sua salvação. E assim, nas fornalhas mais ardentes e nos problemas mais dolorosos, encontrarão os refrigérios de Sua graça. Suas providências trabalham juntas; estão em concerto, e não devem ser tomadas à parte como se compostas de diversos ingredientes. Pois há alguns remédios que, se tomados sozinhos, poderiam matar o paciente. Mas quando são unidos a outros que, por suas qualidades contrárias sendo contrapesados, temperam seu excesso e fazem coisas maravilhosas. Deus muitas vezes deixa nossa escuridão permanecer por muito tempo, para que saibamos quão agradável é ver a luz.

CAPÍTULO 9

Os fins que Deus tem nas Aflições

Sobre os diferentes fins que Deus tem nas aflições dos bons e dos ímpios; e que razão temos para estarmos reconciliados com Sua providência. E que devemos estar satisfeitos que Deus nos leve ao céu em Seu próprio caminho e método.

Inferência 2. Isto nos mostra os diferentes fins que Deus tem nas aflições dos bons e dos ímpios. Para uns, elas são medicinais; para outros, penais. Para uns, são feitas em amor; para outros, em ira. Para uns, são as sombras de uma noite eterna; para outros, as precursoras da manhã. Frequentemente, Seu povo é derrubado por seus medos, por Satanás e pelo mundo. Mas, com a mesma frequência, podem dizer: *Ó inimiga minha, não te alegres a meu respeito*, etc. (Mq 7:8). Podem estar abatidos, mas podem dizer com Davi: *Ó minha alma, espera ainda em Deus*, etc. (Sl 42:5). As aflições (como alguém diz) são comuns aos bons e aos maus, assim como a entrada no fundo do mar foi comum aos israelitas e aos egípcios. Mas os israelitas, conduzidos por uma nuvem e uma coluna de fogo, foram iluminados e assegurados, e passaram em segurança, e saíram louvando a Deus. Mas, para os egípcios, esta nuvem que os separava era cheia de trevas, e eles foram afogados nas ondas, enquanto os outros estavam em terra seca. Assim, Deus conforta Seu povo pela luz de Sua palavra e pelo suporte da esperança de Suas santas promessas; ao passo que os ímpios são finalmente engolidos pela tristeza e pelo desespero. Os justos caem e levantam-se novamente; mas os pés dos ímpios tropeçam nos montes escuros e nunca mais se levantam.

Embora, de fato, como a mesma pessoa observa, os caldeus antigamente medissem seu dia natural de forma diferente dos israelitas. Eles colocavam o dia primeiro e a noite depois; mas os israelitas faziam o contrário, de acordo com a ordem

observada na Criação. Pois, no princípio, as trevas estavam sobre a face do abismo, e de cada um dos seis dias se diz: *E foi a tarde e a manhã o dia primeiro*. Assim, os tempos do mundo e da Igreja são dispostos de forma diferente. Pois o mundo começa o seu pelo dia da prosperidade temporal e termina-o por uma noite de trevas e angústia que é eterna. Mas a Igreja, ao contrário, começa o seu pela noite da adversidade, que sofre por um tempo, e termina-o por um dia de consolação que terá para sempre. O Profeta no Salmo 30 começa com a ira de Deus, mas termina com Seu favor. Como antigamente, quando entravam no Tabernáculo, viam a princípio coisas desagradáveis — tais como as facas dos sacrificadores, o sangue das vítimas e o fogo que ardia no altar, que consumia as ofertas. Mas, quando passavam um pouco mais adiante, havia o Lugar Santo — o Castiçal de Ouro, os Pães da Proposição e o Altar de Ouro sobre o qual ofereciam perfumes. Finalmente, havia o Santo dos Santos — com a Arca da Aliança, e o Propiciatório, e os Querubins — que era chamado de a Face de Deus.

Inferência 3. Isto pode, então, reconciliá-los com Sua Providência. A noite de tribulação faz com que você não veja a beleza da Igreja — embora ela esteja enegrecida, ainda é bela. Aquele que faz o seu sol nascer sobre os ingratos e maus (Mt 5:45), não se cobrirá sempre com nuvens para o Seu próprio povo. Seu cuidado comum proveu para o prazer de Suas criaturas — frutos para deleitar seus paladares; e flores e várias cores para deleitar seus olhos e seu olfato; rios, árvores, prados e bosques, e toda a variedade da natureza, para recreá-los e entretê-los. E se toda esta acomodação é feita para rebeldes, então Ele não deixará de entreter Seus súditos com alegrias de uma espécie melhor. *A luz semeia-se para o justo* (Sl 97:11), e ela surgirá no tempo da colheita; e esse tempo em breve virá. Se

Deus fez tanto para satisfazer os sentidos de Suas criaturas com satisfações adequadas, as almas de Seu povo, que são mais nobres, não serão desapontadas daquelas que são celestiais e divinas. Pois a alegria é aquilo que, com uma doce violência, atrai o coração do homem. Deus considera os angustiados e tem uma piedade peculiar por aqueles que estão em maior dificuldade, assim como as mães cuidam com um zelo peculiar do filho mais fraco. O mundo, de fato, admira, lisonjeia e serve àqueles sobre quem o sol brilha e que estão em uma condição próspera. Como os rios correm para o mar onde não há necessidade de água, assim o mundo amontoa suas amizades e bondades sobre aqueles que menos precisam delas, e abandona os desonrados, os pobres e os necessitados.¹⁹³ Mas Deus, quando Seus servos estão nas maiores tribulações, encoraja-os por Seu Nome, que é o Pai das Misericórdias e o Deus de toda Consolação. Ele é mais zeloso por eles, e os visita mais, e lhes dá Sua presença confortadora mais frequentemente quando estão mais aflitos. *Ele nos consola em toda a nossa tribulação*, 2Cor 1:4. Ele não lhes dará alívio constante — não serão isentos dos inconvenientes comuns da queda, da doença ou da morte — mas Ele mesmo Se dispõe a ser a porção deles. Ele é, em tudo, o próprio Deus deles. Eles trabalharão, mas terão descanso; lutarão, mas Ele coroará suas cabeças com vitória; semearão em lágrimas, mas colherão com alegria (Sl 126:5). As ondas e as torrentes que agora os sobrecarregam serão transformadas em rios de prazer para todo o sempre.

O uso da exortação encontra-se nos seguintes particulares:

Uso 1. Estejam muito bem satisfeitos que Deus os leve ao céu pelo caminho que Ele pensa ser mais adequado. Seria, de fato, uma coisa muito desejável estar à vontade e viajar com Sua luz ao nosso redor. Mas, se devemos ir ao céu através de trevas,

perigo e calamidade, estejamos satisfeitos que Sua vontade seja feita, mesmo que vamos para lá chorando e gemendo. Vocês pensam, talvez, que alguém não merece o nome de cristão se não permitir que Deus o guie de qualquer maneira, desde que seja para a salvação. Mas, infelizmente, quão poucos há que estão satisfeitos com Seus métodos! Quando Sua lâmpada brilha sobre nossa tenda, estamos bastante satisfeitos. Mas, quando Ele começa a nos corrigir e castigar por uma longa temporada, então murmuramos e nos queixamos. E quando encontramos dificuldades, lágrimas e problemas uns sobre os outros, então pensamos que Ele é um Mestre duro. Este é o nosso caso comum e a nossa loucura comum. Todos podemos fazer a oração de Jabez, 1Cr 4:10: *Oxalá que me abençoes e estendas os meus termos, e que a tua mão seja comigo, e faças que do mal não seja afligido*. Mas quão poucos podem dizer sinceramente com nosso bendito Senhor: *Se este cálice não pode passar, faça-se a tua vontade!* Ele poderia trazê-los ao céu sem uma lágrima ou um suspiro; mas, se não o faz, quem pode resistir à Sua ordem ou culpar Sua providência?

Ele conduziu os filhos de Israel por quarenta anos, errantes de um lado para o outro em um *deserto grande e terrível, de serpentes ardentes, e de escorpiões, e de secura, onde não havia água*, Dt 8:15 — quando poderia tê-los levado rapidamente à terra de Canaã. Vocês não devem pensar em chegar ao céu sem muitos corações tristes e muitos olhos chorosos. Devem viajar para o Monte de Deus através do Vale de Baca (Sl 84:6). A Arca que tinha um Noé nela não descansou imediatamente; as grandes águas não minguaram em um dia, nem caíram em seus antigos canais. Sua passagem para a glória pode ser segura, embora seja muito perturbadora; e as varas que parecem ser as mais dolorosas podem ser as mais necessárias para vocês. Pois,

embora os israelitas tenham encontrado vários problemas, contudo *Ele os guiou por caminho direito, para irem a uma cidade de habitação*, Sl 107:7. Pode ser que vocês naufraguem no porto; embora sejam salvos, sê-lo-ão como que pelo fogo. Através de muitas cruzes agudas e muitas tribulações amargas, e no fogo, seus confortos e sua facilidade podem sofrer perda por um tempo — mas tudo será compensado novamente. As aflições não arruinam ninguém que pertença a Deus; e muitos cristãos dirão ao fim: "Eu teria perecido, se não tivesse perecido". "Eu estaria arruinado para sempre, se não tivesse sido afligido".

Das ruínas da carne, Deus levanta a estrutura gloriosa da nova criatura. E da destruição de nossos confortos terrenos, Ele faz brotar alegrias celestiais. Não encontremos falha na providência de Deus, pois Ele transformará nossa água em vinho; nossas lágrimas de dor nas alegrias mais agradáveis. E, como nas bodas de Caná, teremos o melhor ao final. Nossas aflições aumentarão nossa graça. E, em pouco tempo, subiremos do deserto deste mundo, carregados de mirra e incenso, e de todos os pós dos mercadores. Não encontremos falha se encontrarmos as águas amargas de Mara em nossa jornada para a Terra da Promessa.¹⁹⁴ Sede e amargura são a porção dos peregrinos. Basta-nos que teremos descanso ao final. Não devemos esperar que a providência de Deus saia de seu curso comum por nós. Confiemos em Sua bondade, Sua fidelidade e amorosa bondade, Sua palavra e promessa. Este é o porto tranquilo no qual devemos colocar nossas almas trêmulas. Estas são as consolações que tornarão doces nossas águas amargas.

Submetam-se, portanto, a Deus. Derramem seus corações diante d'Ele, mesmo que estejam há muito aflitos, e com uma onda sobre a outra.

CAPÍTULO 10

Conclusão de todo o Tratado

A conclusão de todo o tratado. Com direções para aqueles que estiveram anteriormente nas trevas de uma noite de tristeza e agora desfrutam da luz do dia.

Uso 2. Deixem que nós, para quem outrora foi noite, aproveitemos aquela alegria matinal que agora brilha sobre nós, e façamos isso brevemente nestes particulares:

(1) Sejam admiradores contínuos da graça e misericórdia de Deus para conosco. Ele nos precedeu com Sua bondade quando não via em nós nada além de impaciência e incredulidade. Quando estávamos como Jonas no ventre do inferno, Seu coração se enterneceu por nós e Seu poder nos trouxe em segurança à terra. O que fizemos para apressar Sua libertação ou para obter Sua misericórdia? Se Ele nunca tivesse vindo em nosso auxílio até ver algo em nós para convidá-lo, ainda não teríamos sido aliviados. Não contribuimos mais para nossa restauração do que contribuimos para o nascer do sol ou a aproximação do dia. Éramos como aqueles ossos secos em Ez 37:1, sem movimento e sem força. E também dissemos que estávamos cortados, e nossa esperança se fora; ...e Ele fez entrar em nós o fôlego, e vivemos (Ez 37:11-14). Quem é Deus como o nosso Deus, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado? Que não retém Sua ira para sempre? Que é tardio em irar-se e Se deleita na misericórdia? Que Se indignou conosco por um momento, mas nos dá esperança de Sua eterna bondade? Oh! que amor é devido de nossa parte a Cristo, que pleiteou por

nós quando nós mesmos nada tínhamos a dizer! Que nos tirou de uma cova de leões e das mandíbulas do leão que rugel

Digamos, como a Sra. Sarah Wight:

“Alcançei misericórdia, eu que pensava que meu tempo de misericórdia passara para sempre. Tenho esperança do céu, eu que pensava que já estava condenado pela incredulidade. Disse muitas vezes: 'não há esperança no teu fim', e pensei que o via. Estava tão desesperada que não me importava com o que seria de mim. Frequentemente estive à beira da morte e do inferno, até mesmo às próprias portas de ambos; e então Cristo as fechou. Eu era como Daniel na cova dos leões, e Ele tapou a boca daqueles leões e me libertou. A bondade de Deus é inescrutável. Quão grande é a excelência de Sua majestade, que ainda assim olharia para alguém como eu! Que me deu paz, eu que estava cheia de terror e caminhava continuamente como que entre fogo e enxofre!”

(2) Caminhemos humildemente e sejamos cheios de medo cauteloso, para não ofendermos a um Deus que é tão terrível, e não entristecermos a um Benfeitor que é tão bom. Caminhemos humildemente todos os nossos dias, lembrando que houve apenas um passo entre nós e o inferno. Oh! coloquemos nossas bocas no pó; abominemo-nos e arrependamo-nos pelas múltiplas iniquidades de que fomos culpados durante as trevas da noite. E agora que a manhã chegou, e é uma manhã tal como nunca esperamos ver, caminhemos como filhos do dia; para que, tendo saído da fornalha, sejamos como o ouro refinado.

(3) Embora nos regozijemos, devemos regozijar-nos com tremor — com tremor, para que outra noite tão negra, tão assustadora e

tão lúgubre não venha sobre nós. Que nossa obediência seja mais viva, e como a erva tenra brotando da terra pelo brilho claro após a chuva. Mas lembremo-nos de que nossa alegria ainda não é perfeita, embora seja como a luz da manhã quando o sol nasce. Não é uma manhã sem nuvens, 2Sm 23:4. O sol será nublado por muitos nevoeiros e neblinas, pois ainda é apenas um sol matinal. Ele brilhará com maior glória em sua altura, quando chegar o meio-dia e nossa salvação completa. O diabo que nos tentou nos assaltará novamente. Vigiemos, para que seus desígnios não tenham efeito. Pois pode ser que ele nos tenha deixado apenas por uma temporada. Infelizmente! nossa incredulidade e nossos outros pecados ainda não estão totalmente mortos. Regozijemo-nos de que a face de Deus agora brilha sobre nós. Mas tremamos ao pensar no que seria de nós se ela fosse escondida novamente. Regozijemo-nos de que temos boa esperança pela graça; mas tremamos para que o desespero e as dores do inferno não se apoderem de nós novamente. O medo que temos de sofrimento futuro diminui um pouco agora o brilho de nossa alegria. Contudo, não deveríamos viver sob a escravidão perpétua de tais medos, mas confiar em Deus e esperar que Ele seja nosso guia até a morte (Sl 48:14). Fomos, de fato, tirados de um *lago horrível, de um charco de lodo* (Sl 40:2); contudo, não podemos deixar de tremer diante de nossa miséria anterior. Somos como uma pessoa que, após um naufrágio, com grande dificuldade chegou em segurança à terra sobre uma prancha. Ela se encontra em um lugar seguro e se regozija nele. No entanto, o barulho das ondas e a grande agitação em que esteve tão recentemente a fazem tremer. Ela permanece por um bom tempo atônita com seu perigo anterior e sua segurança presente. Não tenhamos um tremor de desconfiança, mas de vigilância e cuidado santo. Não duvidemos das promessas de Deus, mas mantenhamos sob controle nosso

próprio orgulho e segurança carnal. Oremos para que, assim como Ele pôs nossos pés sobre uma rocha, assim firme nossos passos — lembrando quão baixo caímos, em que profundezas e sob que calamidades temos causa constante de ter medo. Sl 149:6: *Estejam na sua garganta os altos louvores de Deus, e espada de dois fios nas suas mãos*. Sejam como aqueles soldados que, embora tenham acabado de obter a vitória sobre seus inimigos e se regozijem por isso, contudo, em meio a todas as suas aclamações, permanecem de guarda — para que o restante daqueles que não foram submetidos não reúnam suas forças dispersas e os ataquem novamente, para sua desvantagem.

(4) Devemos ser muito ativos no serviço de nosso bom Deus. Devemos começar a viajar enquanto a manhã dura e enquanto temos o dia diante de nós.

(5) Nossas bocas devem estar cheias de louvor Àquele que nos libertou. Não o louvaremos, a quem prometemos louvores quando estávamos em dificuldade? Não o louvaremos, que sozinho operou a salvação para nós? Ninguém além d'Ele poderia nos ajudar, e Ele o fez. Ele nos libertou magnificamente, muito acima de todas as nossas esperanças. Oh, quão mais agradável é para você e para mim chamá-lo de Pai do que temê-lo como um Juiz! Quão mais agradável celebrar Seus louvores do que lamentar Sua partida; afinar nossas harpas após nosso cativeiro do que tê-las penduradas nos salgueiros! Oh, louvemo-lo, pois Ele merece nosso louvor. Louvemo-lo, pois Ele se lembrou de nós em nosso estado de abatimento. Louvemo-lo — pois Seus terrores, Suas repreensões e Seus franzires de testa se foram (Sl 116:1-2; 37:6, etc.). O relâmpago e o trovão, o horror e a escuridão da noite tempestuosa acabaram, e um dia alegre e calmo agora nos revive. Louvemo-lo, pois Ele é infinitamente

excelente. Louvemo-lo, pois Ele espera nosso louvor. Assim escreve Davi:

Sl 116:1-5: Amo ao Senhor; porque ele ouviu a minha voz e a minha súplica. Porque inclinou a mim os seus ouvidos; portanto, o invocarei enquanto viver. Os cordéis da morte me cercaram, e angústias do inferno se apoderaram de mim; encontrei aperto e tristeza. Piedoso é o Senhor e justo; sim, o nosso Deus tem misericórdia.

Sl 27:6: Também agora a minha cabeça será exaltada sobre os meus inimigos que estão ao redor de mim; pelo que oferecerei sacrifício de júbilo no seu tabernáculo; cantarei, sim, cantarei louvores ao Senhor.

Alguma vez esperamos ver a Luz de Deus novamente? Alguma vez esperamos pensar no céu como nossa própria porção e em Cristo como nosso próprio Salvador? Alguma vez esperamos que estaríamos assim à vontade e assim alegres como agora estamos? Deus é nosso ajudador, Deus é nosso refúgio e nossa fortaleza, Sl 46:1. Bendito seja o nome do Senhor.

(6) Chamemos nossos irmãos e nossos amigos para nos ajudarem a louvar ao Senhor (Sl 145:2, 3, 8, 9, 14). Quanto a mim mesmo, faço estes pedidos: Bendigam ao Senhor, ó casa de Arão e Levi. Bendigam-no, vocês ministros do Evangelho que oraram por mim em minha tribulação e tiveram suas orações atendidas. Bendigam ao Senhor, ó Casa de Israel, e todos vocês, pessoas de toda parte, que simpatizaram e também gentilmente se lembraram de mim em minha condição desolada. Bendigam-no, vocês homens idosos, por terem chegado tão longe em direção ao porto sem serem lançados nas ondas e tão ameaçados pelas rochas como eu fui. Bendigam-no por não terem encontrado tentações tão violentas e dores tão grandes como as

que encontrei, embora eu tenha partido muito depois de vocês. Bendigam ao Senhor, vocês jovens, por não terem sido enfraquecidos no caminho com aflição severa e com os terrores do Senhor, sob os quais longamente gemi. Bendigam-no todos, tanto pequenos quanto grandes, contra quem Ele não procede em providências tão dolorosas e severas, e em aflições tão longas e agudas. Bendigam Aquele que vocês veem diante de seus olhos¹⁹⁶, uma pessoa recentemente trazida das fronteiras da sepultura e do inferno para ajudar a fé de vocês; alguém por quem vocês se preocuparam e por quem oraram, e alguém que ainda precisa e implora as orações de vocês para que nunca mais chegue a uma noite tão triste e lúgubre.

É um costume comum congratular a recuperação de nossos amigos de uma doença, ou quando retornam de alguma terra estrangeira. Mas nada merece mais nossos agradecimentos comuns do que quando uma pessoa saiu de sob o senso do desagrado de Deus para um senso de Seu favor e amor novamente. Assim foi com Jó 42:11: *Então, vieram a ele todos os seus irmãos e todas as suas irmãs e todos quantos dantes o conheceram, e comeram com ele pão em sua casa, e se condoeram dele, e o consolaram de todo o mal que o Senhor lhe havia enviado.* E com o desígnio de incitar outros a louvar a Deus com ele, está aquele dito no Sl 66:16: *Vinde e ouvi, todos os que temeis a Deus, e eu contarei o que ele tem feito à minha alma.* Ou como o Pai do pródigo disse ao seu filho obediente, que se queixava do tratamento bondoso que o pai dera ao filho que fora menos zeloso, após seu retorno ao lar: Lc 15:32: *Mas era justo alegrarmo-nos e regozijarmo-nos, porque este teu irmão estava morto e viveu; e tinha-se perdido e foi achado.*

É o desígnio de Deus que as grandes e eminentes libertações que Ele dá a alguns de Seus servos sejam notadas por todos os

demais — para que, como geralmente trazem consigo um benefício comum, assim Ele tenha um retorno comum de louvor. Sl 66:8: *Bendigam, povos, ao nosso Deus; e fazei ouvir a voz do seu louvor; ao que sustenta com vida a nossa alma e não consente que resvalen os nossos pés.* E unir-se a outros que estiveram em grande angústia e escaparam corresponde à obrigação sob a qual estamos naquele preceito de *alegrar-se com os que se alegram*. E é um encorajamento para aqueles que ainda estão em dificuldade. Sl 130:7: *Espere Israel no Senhor, porque no Senhor há misericórdia, e nele há abundante redenção.* E para aqueles que ainda estão à vontade, podemos dizer como Paulo disse a Agripa¹⁹⁷, que desejamos que fossem como nós em alguns aspectos — isto é, exceto por nossas cadeias, angústia e tribulação, que eles também tivessem tais experiências da bondade e misericórdia de Deus (At 26:29).

(7) Esperemos e aguardemos sempre aquela felicidade eterna que finalmente despontará para todo o Seu povo na grande manhã da Ressurreição; e em sua entrada no céu haverá alegria de fato. Não há noite ali. É um lugar que é continuamente abençoado com um dia brilhante e radiante. É verdade (como alguém diz) que, assim como na natureza as noites não são iguais — as do inverno são muito mais longas que as do verão — contudo, por mais longas que sejam, são sempre seguidas pela luz do dia. Assim, qualquer que seja a diversidade entre as aflições dos fiéis — para um elas são muito mais longas que para outro — contudo terão um fim; como Jacó lutou a noite toda, mas pela manhã obteve a vitória. Confesso que os pecadores neste mundo têm seus prazeres. Mas eles são tão cercados de espinhos, tão acompanhados de medos e dores, tão curtos e tão passageiros, que não merecem o nome. Mas no céu, o Sol que nasce na manhã de nossa nova glória nunca mais se porá.

Aqueles prazeres não são como os do pecado, que são por uma temporada, mas são para todo o sempre. Ali, nossa alegria agora imperfeita será completa e plena. Será satisfatória e eterna também. Sentiremos o amor de Deus de uma maneira tão doce e transportadora que nunca mais duvidaremos se Ele nos ama ou não. Contemplaremos sempre a face de nosso Pai. Ele olhará para nós com deleite, e nós olharemos para Ele com louvor e alegria. Este mundo, por causa de sua baixeza, está sujeito a inundações e misérias, e inúmeras vicissitudes de dor e dor. Mas aquele mundo alto e glorioso é o lugar do triunfo e da vitória. Então veremos nosso pecado que nos fez chorar ser ele mesmo totalmente derrotado; então veremos aquele diabo que nos tentou ser pisado sob nossos pés, e nunca mais ser capaz de nos tentar.

Lembre-mo-nos frequentemente daquele dito de nosso Senhor, Jo 16:21-22: *A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza, porque é chegada a sua hora; mas, depois de ter dado à luz a criança, já não se lembra da angústia, pelo prazer de haver nascido um homem no mundo. Assim também vós agora, na verdade, tendes tristeza; mas outra vez vos verei, e o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém vo-la tirará. Oh! que manhã gloriosa será aquela, que não terá nuvem para obscurecer sua luz, e nunca será seguida por uma noite triste ou sombria! Como nossos sofrimentos aqui abundaram, nossas consolações então muito mais abundarão (2Cor 1:5). Esqueceremos todo o nosso trabalho e todo o nosso problema quando virmos para que Reino glorioso nascemos, ainda que tenha sido por dores e tormento. Nossa alegria será como a alegria da colheita — de uma colheita que nos recompensará bem por todo o nosso cuidado e labuta. Nossas esperanças aqui são como os primeiros traços de luz no céu, que mostram a vinda*

do dia; mas nossa posse da bem-aventurança será como o Sol na plenitude de sua glória. Aquele deleite será, de fato, o Sábado de nossos pensamentos e a doce e perpétua calma de nossas mentes, que nunca mais estarão em horror e angústia. Preciosas e admiráveis são aquelas lágrimas que terminam tão bem, e que nos preparam para um estado tão bom. Quem não escolheria chorar assim, para que possa regozijar-se para sempre? Levantem seus olhos para a Jerusalém lá do alto, a Cidade do Deus Vivo, vocês pranteadores e prisioneiros de esperança, pois ela é a Cidade da Paz.

Ap 21:3-4: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.

FINIS.